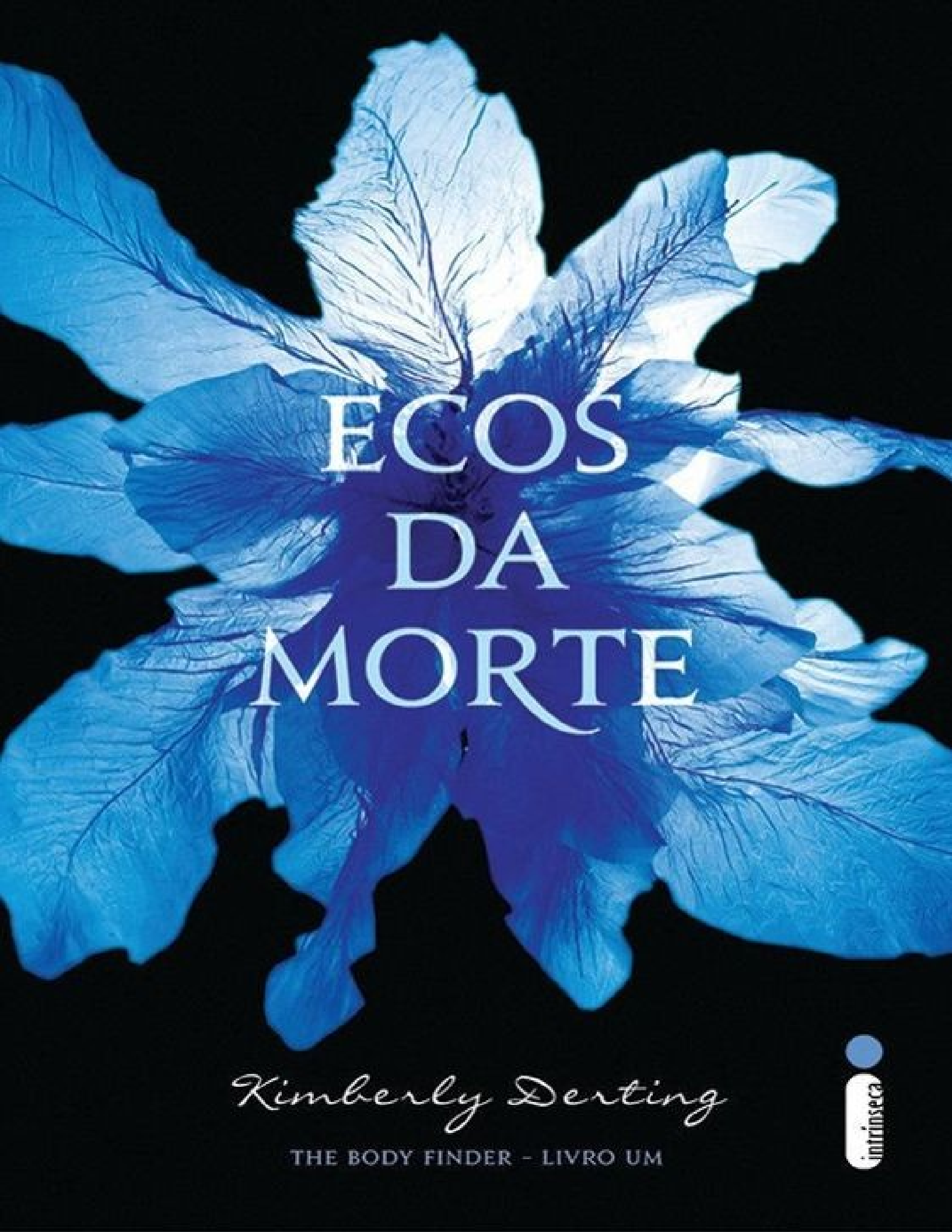


Kimberly Derting

THE BODY FINDER – LIVRO UM

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Kimberly Derting

ECOS DA MORTE

TRADUÇÃO DE RITA SUSSEKIND

intrínseca

Copyright © 2010 Kimberly Derting
Publicado mediante acordo com HarperCollins Children’s Books,
uma divisão de HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL
The Body Finder

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

TRADUÇÃO
Rita Sussekind

PREPARAÇÃO
Isabella Leal

REVISÃO
Viviane Diniz Lopes
Bruno Fiuza

REVISÃO DE EPUB
Cristiane Pacanowski

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-125-7

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br









»

»

»

intrínseca

»

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
PRESA
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
OBSERANDO
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
ADRENALINA
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
INVISÍVEL
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
ACASO
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAÇADO
CAPÍTULO 20
CAÇADOR
CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
À VISTA
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

Sobre a autora
Conheça os livros da autora

Para Amanda, Connor e Abigail,
por permitirem que eu os ame.





PRÓLOGO

Violet Ambrose se afastou da segurança do pai enquanto ouvia a harmonia de sons que se entrelaçava delicadamente a seu redor. Ao farfalhar das folhas misturavam-se, com suavidade, os pios incansáveis dos pássaros e o curso impetuoso das águas geladas do rio que corria distante, além das árvores.

E então, outro som. Algo que ela não conseguia identificar. Ainda.

Era suficientemente familiarizada com o significado desse ruído novo e inapropriado. Ou ao menos com o que ele representava. Ouvia sons, desse modo, ou via cores, ou sentia cheiros havia anos. Desde sempre.

Ecos, era como os chamava.

Olhou para trás, para o pai, querendo ver se ele também tinha escutado, apesar de já saber a resposta. Não tinha, é claro. Só ela podia ouvi-lo. Só ela compreendia o que o ruído assombroso prenunciava.

Ele andava casualmente, no seu passo lento e firme, atrás da filha de oito anos que corria à frente, e mantinha sobre ela um olhar atento.

O ruído passou assobiando por ela outra vez, carregado pela brisa que fazia com que folhas secas douradas rodopiassem pelos calcanhares da menina. Ela parou brevemente para ouvir, mas depois que ele cessou seguiu em frente.

— Não vá longe demais — gritou o pai, zeloso. Não estava verdadeiramente preocupado com ela, ali. Aquele bosque era deles.

Violet fora praticamente criada naquelas matas, e aprendeu muito sobre a região, a distinguir a direção na qual seguia de acordo com o líquen que crescia nos troncos altos das árvores, a saber a hora pela posição do sol… ao menos nos dias em que ele não estava encoberto pelas nuvens. Era um território fácil, até para uma garotinha de oito anos.

Ignorou os avisos do pai e saiu da trilha, ainda ouvindo *aquela coisa* que a instigava a ir adiante. Seus pés seguiam o caminho como se tivessem vontade própria, enquanto ela se esforçava por transformar o ruído em algo coerente, que

pudesse identificar. Passou sobre galhos caídos e atravessou um mar de folhagens de samambaias que crescia do solo úmido.

— Violet! — ouviu a voz do pai, que a desconcentrou.

Ela parou, e então gritou de volta:

— Estou aqui. — Mas não berrou tão alto quanto deveria, antes de recomeçar a andar.

O som se tornava mais forte. Não mais alto, mais forte. Já podia sentir as vibrações praticamente ressoando sob a própria pele.

Era assim que aquelas coisas aconteciam. Era assim que percebia aquelas *sensações*. Eram indescritíveis, ainda que para ela fizessem total sentido.

E quando elas a chamavam, sentia-se compelida a responder.

Ela estava perto agora, tão perto, que podia ouvir uma voz. Era isto o que aquele eco era: uma voz. Sozinha e solitária, em busca de alguém — qualquer pessoa — que respondesse a ela.

Violet era essa pessoa.

Ela parou diante de um pequeno monte de terra úmida coberto por uma espessa camada de folhas em decomposição. Estranhamente, em meio à vegetação rasteira, o solo estava revolvido, e não havia nele nenhuma nova vida brotando. Até Violet sabia que aquela terra tinha sido colocada muito recentemente, de modo que ainda não dera tempo para que nada tivesse crescido ali.

Ajoelhou-se, sentindo o eco pulsante que vinha de baixo. Podia senti-lo repercutindo nas veias, passando quente por seu corpinho. Sem esperar, afastou as folhas e os entulhos, varrendo-os com a manga do casaco, e depois começou a cavar com vontade a terra macia logo abaixo.

Ouviu os passos suaves do pai que a alcançavam, e sua voz gentil que perguntava:

— Achou alguma coisa, Vi?

Estava concentrada demais na própria tarefa, então não respondeu. O pai não interferiu. Estava acostumado àquilo, à que sua garotinha procurasse as almas perdidas do bosque. Sem falar, apoiou-se no elevado tronco de um cedro próximo e esperou, sem de fato prestar muita atenção.

Violet sentiu as pontas dos dedos tocarem algo sólido e liso, frio e rijo. Sentiu-se estremecer diante de uma percepção desnorteante que não conseguia nomear e continuou a cavar.

Afundou mais uma vez os dedos no solo úmido. E de novo eles tocaram algo assustadoramente firme.

Macio demais para ser uma pedra.

E estava de volta, aquela coisa irritante que tentava se comunicar com ela.

Estendeu as mãos até a terra novamente, dessa vez não para cavar, mas para varrer a fina camada de sujeira e enxergar melhor o que havia embaixo. Tinha despertado o interesse do pai, e ele se inclinou sobre ela, olhando para o buraco raso.

Violet trabalhava como uma arqueóloga: analisava e limpava cuidadosamente o terreno sobre sua descoberta, como se não quisesse perturbar o que estivesse enterrado ali.

Ela ouviu o pai ofegar no mesmo instante em que reconheceu o que tinha descoberto. Sentiu que as fortes mãos paternas a alcançavam por trás, puxando-a firmemente pelos ombros para longe da terra recentemente revolvida e envolvendo-a com seus braços firmes e seguros… longe do som que a chamava.

E longe do rosto da garota que, de baixo da terra, erguia o olhar para ela.



CAPÍTULO 1

O som do despertador era uma intromissão irritante no confortável torpor do sono que envolvia Violet. Com dificuldade, ela estendeu a mão para fora do casulo quentinho dos cobertores para apertar o botão “soneca”. Manteve os olhos fechados e tentou deixar que o entorpecimento tomasse conta dela novamente, mas o estrago já tinha sido feito. Estava acordada.

Suspirou, ainda incapaz de se desembaraçar das cobertas, e tentou recordar o que estivera sonhando antes de ser interrompida de forma tão desagradável. Por um instante achou que pudesse conseguir, mas o murmúrio fugidio do sonho lhe escapara.

Lamentando-se, emitiu um ruído desgostoso ao finalmente se desfazer das cobertas e sentar-se com um movimento não muito delicado. Desligou o despertador antes que o intervalo de nove minutos de soneca chegasse ao fim.

Era o terceiro dia de aula, e ela não queria começar o ano com um atraso. Esfregou o rosto com as duas mãos, tentando estimular o fluxo sanguíneo, em um esforço para manter-se desperta: ela não funcionava muito bem pela manhã.

Arrastou-se, cambaleante de sono, durante quase toda sua rotina matinal: tomar banho, escovar os dentes, vestir-se. Após um exame minucioso ao espelho, em que notou os círculos escuros sob os olhos, pensou mais uma vez que queria muitíssimo rastejar de volta para debaixo dos cobertores que, agora já menos quentinhos, faziam sua cama parecer um ninho convidativo.

Ajeitou o cabelo em um rabo de cavalo bagunçado — o único tipo que seus cachos indisciplinados permitiam — antes de apanhar a mochila que estava no chão. Detestava quando adultos falavam sobre a sorte que ela tinha em ter cachos tão lindos e naturais, quando não havia nada que quisesse mais que se misturar ao mar de cabelos brilhantes, lisos e esticados com os quais todas as garotas do colégio pareciam ter sido abençoadas.

Mas o que ela esperava? A vida não parecia querer que *ela* passasse

despercebida, como acontecia com todos os outros.

Afinal, quantas garotas herdaram a capacidade de localizar os mortos — aqueles que foram assassinados, pelo menos? Quantas garotinhas passaram horas de suas infâncias explorando as matas em busca de animais sem vida, deixados para trás por predadores ferozes? Quantas criaram os próprios cemitérios no quintal de casa para enterrar os corpos encontrados, de modo que as pequenas almas pudessem descansar em paz?

E quantas garotas de oito anos foram atraídas até descobrir o corpo de uma menina morta?

Violet era definitivamente diferente.

Ela afastou os pensamentos perturbadores e saiu apressadamente porta afora, cruzando os dedos, como fazia todas as manhãs, para que o motor de seu carrinho velho pegasse quando tentasse ligá-lo.

Seu carro.

Seu pai dizia que era um "clássico".

Violet não era tão gentil ao descrever o pequeno Honda Civic 1988, cuja pintura, original de fábrica, já desbotava após anos enfrentando o clima chuvoso de Washington.

Ela dizia que era uma sucata.

Confiável, argumentaria o pai. E Violet não poderia discordar totalmente. Até o momento, apesar de protestos e gemidos matinais — muito parecidos com os dela própria —, o Honda nunca fora a causa de nenhum de seus (muitos) atrasos.

E daquela vez não foi diferente. O carro engasgou e cuspiu quando ela girou a chave na ignição, mas o motor pegou na primeira tentativa, e, após alguns instantes de perseverança, o som se tornou algo mais próximo do usual resmungo "não tão silencioso".

No caminho para a escola, Violet ainda faria uma parada, a mesma que fazia todos os dias, desde que tirara a carteira, seis meses antes: buscaria seu melhor amigo, Jay Heaton.

Melhor amigo. A expressão agora parecia muito estranha, tal qual um tênis velho e confortável, que antes praticamente se amoldava ao formato de seu pé, mas que depois passou a machucar a cada passo, porque já não servia mais.

O verão mudara algumas coisas… coisas demais, para o gosto de Violet.

Ela e Jay eram melhores amigos desde os seis anos, quando Jay se mudou para Buckley, no primeiro ano da escola. Tudo começou no dia em que, durante o recreio, Violet o desafiou a beijar Chelsea Morrison, dizendo-lhe que seria sua melhor amiga se ele o fizesse. Claro que Chelsea lhe deu um empurrão, o que

Violet sabia que aconteceria, e os três foram arrastados para a sala do diretor para uma discussão sobre “limites pessoais”.

Mas Violet cumpriu com a palavra dada, e, desde então, ela e Jay se tornaram inseparáveis.

No primeiro ano brincavam de pega-pega no parquinho, sempre juntos na perseguição a outras crianças, para que fizessem delas os “pegadores” e não tivessem de jogar um contra o outro. No segundo ano passaram a utilizar o trepa-trepa, escolhiam os times e usavam os túneis como fortes improvisados para defenderem-se dos inimigos dos dois. No terceiro ano aprenderam a jogar *four square* e bola na parede. No quarto, espiribol. E foi no quinto ano que descobriram que a inspetora do recreio não conseguia ver o que acontecia atrás da pedra gigante na beirada do campinho.

Foi o ano do primeiro beijo deles — ou melhor, *beijos* —, a única incursão que fizeram juntos pela área romântica. Tentaram uma vez com as bocas bem fechadas, um selinho rápido, e depois novamente, tocando as línguas. A sensação foi escorregadia, elástica e estranha. Ambos concordaram imediatamente que aquilo era nojento, e juraram que jamais repetiriam.

Durante os primeiros anos do ensino fundamental seus pais foram como motoristas particulares, e os transportaram quase diariamente pela distância de um quilômetro e meio que separava as duas casas. Com a proximidade do ensino médio, porém, os quatro renunciaram a essa função, sustentando que se Violet e Jay realmente quisessem se ver o exercício lhes faria bem.

Mas nenhum dos dois se importava com as caminhadas. Tinham passado anos da infância vasculhando as matas que cercavam suas casas, enquanto faziam explorações e usavam madeira velha para construir clubinhos. Mapearam e nomearam áreas inteiras dos bosques, várias das quais em homenagem a si próprios, ou a combinações inusitadas dos nomes dos dois. Coisas como “riacho Jaylet”, “bosque Amberton”, “trilha Hebrose”.

Também nomearam o cemitério improvisado atrás da casa de Violet, sem utilizar nenhum dos nomes: simplesmente o chamaram de Território Sombrio.

Tinham dez anos na época, e o nome soava sinistro e misterioso… Exatamente o que queriam. Eles se desafiavam mutuamente a ir até o cemitério, para testar quem conseguiria esperar sozinho, até bem depois de anoitecer. E, para aumentar a provocação, faziam isso contando um ao outro histórias de fatos estranhos que, eles tinham certeza, estariam acontecendo por lá… principalmente à noite.

Violet sempre ganhava, e Jay nunca se lamentava disso. Ele parecia entender que ela não estava com medo, mesmo quando fingia estar.

Ele entendia muitas coisas. Era a única pessoa, além dos pais e dos tios de Violet, que sabia sobre sua estranha inclinação para procurar animais mutilados, e sua necessidade de enterrá-los novamente no confinamento seguro do Território Sombrio. Fora uma aventura que compartilharam, desbravando bosques repletos de samambaias e amoras-pretas à procura de cadáveres perdidos. Ele até a ajudara a construir pequenas cruzes e lápides, para marcar os pequenos túmulos.

Antes de serem enterrados, antes de serem adequadamente postos para descansar, aqueles animais deixados para trás clamavam por Violet. Podiam emitir uma energia — um eco sensorial — no rastro de seu assassinato, como um farol de luz que só ela podia encontrar, e que a informava sobre o local exato onde tinham sido abandonados. Podia ser qualquer coisa… um cheiro, uma explosão de cor, um gosto no fundo da boca, ou uma combinação de diversas sensações simultâneas.

Ela não sabia como… nem por quê… Simplesmente *acontecia*.

Mas o que sabia, o que aprendera desde cedo, foi que, uma vez que os colocasse no cemitério que construíra, eles não a chamavam mais. Ainda os sentia, mas era diferente. Conseguia filtrá-los, até se tornarem nada além de estática, de um reconfortante ruído de fundo.

Jay também entendia a necessidade de guardar o segredo de Violet, mesmo que ela nunca lhe tivesse pedido isso. Ele parecia sentir, mesmo muito novo, que precisava manter aquele segredo próximo de si, como um tesouro protegido, guardado apenas para os dois. Sempre tinha feito com que Violet se sentisse segura e protegida… e até mesmo normal.

Então, por que tudo mudara tão de repente?

Enquanto seu carro crepitava ao longo da entrada da casa de Jay, com os cascalhos a estalar sob os pneus, os batimentos cardíacos de Violet já aceleravam dentro do espaço repentinamente apertado demais de seu peito.

Isso é ridículo!, repreendeu-se. *Ele é seu* melhor *amigo*!

Viu a porta da frente abrir-se mesmo antes de parar completamente o carro. Jay puxava o capuz do casaco para cima da cabeça, enquanto arrastava a mochila. Ele gritou algo para dentro da casa, provavelmente um aviso para a mãe, de que saía para o colégio, e fechou a porta.

Era a mesma coisa todos os dias. Não havia nenhuma diferença em relação a ontem, ou anteontem. Nada diferente de todos os dias, desde que se conheceram.

Exceto que agora seu estômago subia pela garganta enquanto ele lhe dava aquele sorriso torto bobo e entrava no carro.

Idiota. Idiota. Idiota!

Ela retribuiu o sorriso, desejando que a pulsação afobada desacelerasse.

— Pronto?

— Não, mas temos escolha? — A voz de Jay, que se tornara mais grave ao longo do verão, ainda era tão familiar, tão confortável, que ela imediatamente relaxou.

— Não se você não quiser um atraso. — Ela deu ré, mal olhando pelo retrovisor para ver aonde ia. A entrada da casa de Jay era quase tão familiar para ela quanto a da sua própria casa.

Violet detestava essas sensações novas, desconhecidas, que pareciam tomá-la de assalto sempre que ele estava por perto, e às vezes até quando ele se fazia presente só em pensamento. Sentia como se não tivesse mais controle do próprio corpo, e as reações traiçoeiras só eram um pouco mais embaraçosas que os pensamentos perigosos.

Começava a achar que Jay era tóxico para ela.

Era isso, ou estava perdendo completamente a cabeça, pois era a única explicação que encontrava para aquela sensação esquisita que sentia no estômago toda vez que ele estava por perto. E o que realmente a irritava era o fato de que Jay parecia completamente alheio às reações novas e completamente insanas que despertava nela. Obviamente, o que quer que ela tivesse, não era contagioso.

Mas só que era. Ela não era a única que parecia notá-lo. Quase morria de medo do instante em que deixavam a relativa paz do velho Honda barulhento no estacionamento superlotado da escola. Pois era ali que os jogos realmente começavam.

Era o terceiro dia de aula, mas desde o primeiro as garotas tinham começado a esperar a chegada dos dois pela manhã.

Não, não a dos dois… a *dele*.

O novo fã-clube, Violet pensou amargamente. Garotas que conheciam Jay desde seu primeiro dia no primeiro ano. Garotas que antes nunca tinham olhado para ele com atenção. Garotas que pareciam notar as mudanças não tão sutis que ele sofrera nos dois meses e meio que passou longe da escola.

Garotas como ela.

Pare com isso!, gritou para si mesma em silêncio.

Lançou um olhar na direção do amigo, tentando entender o que exatamente a deixava tão… tão dolorosamente constrangida de repente.

Ele a observava. Sorrindo. Um sorriso enorme, tolo, satisfeito consigo mesmo, como se ouvisse os pensamentos profundamente embaraçosos de Violet.

— O quê? — tentou se defender, desejando que nunca tivesse olhado para ele enquanto sentia as bochechas queimarem de vergonha. — *O quê?* — perguntou outra vez quando ele simplesmente riu da amiga.

— Você está planejando matar aula hoje, ou é melhor darmos a volta?

Violet levantou o olhar e percebeu que já passara da rua que levava à escola.

— Por que você não disse nada? — perguntou, enquanto fazia uma manobra rápida, e provavelmente ilegal. As pontas de suas orelhas agora pareciam pegar fogo.

— Só queria ver para onde você ia. — Ele deu de ombros. — Eu não disse que não mataria aula. Você só precisa me perguntar antes. — Sua nova voz de adulto parecia preencher todo o espaço do pequeno carro, e até *isso* Violet achava irritante.

— Cale a boca — ela insistiu, apesar de já não conseguir conter o próprio sorriso. Não podia acreditar que tivesse perdido a entrada da escola. — Agora nós realmente *vamos* nos atrasar.

Quando encontrou uma vaga no estacionamento dos alunos, só havia duas obstinadas "fãs do Jay" esperando por eles. Ou por *ele*, Violet mais uma vez se corrigiu.

Não podia deixar de imaginar quantas outras já teriam abandonado o posto de observação, para não precisar comparecer à secretaria antes do início das aulas.

Violet resolveu não esperar para assistir ao começo do festival de paquera. Já estava quase correndo, com a mochila sobre o ombro, enquanto saía do carro.

— Vejo você na segunda aula! — gritou para Jay, decidindo conscientemente que esse seria o melhor caminho. A última coisa que queria fazer agora era observá-lo com as duas garotas, que praticamente avançaram para cima de Jay assim que ele saltou do carro.

Atravessou a porta para o primeiro tempo de aula exatamente quando o sinal tocou.

Consegui!, parabenizou-se. *Três dias e nenhum atraso*.

Só faltavam mais cento e setenta e sete!

* * *

Até o início do segundo tempo, Violet já estava se convencendo de que o que achava que sentia, o que atormentava seu subconsciente insensato, não passava de alguma espécie de ilusão. Nada além de fumaça e espelhos. Um truque da

mente.

Então ele entrou e se sentou na cadeira ao lado da dela, e seu tamanho atual fazia a carteira parecer um objeto de casa de boneca. Violet quase esperava que a cadeira se quebrasse sob ele.

— Oi, Vi. Que bom que você resolveu continuar na escola, afinal! — Ele deu soquinhos brincalhões no braço da amiga.

O coração de Violet saltou dolorosamente.

Ela suspirou.

— Rá-rá — respondeu sem qualquer traço de humor.

Jay franziu a testa, mas antes que ele pudesse perguntar o que havia de errado, esticou o braço até o bolso de trás e pegou um pedaço de papel.

— Quase esqueci. Olhe só. — Ele entregou o papel e ela o pegou.

Desdobrou-o e tentou desamassar um pouco antes de ler. O que, aliás, provou-se desnecessário; ela teria sido capaz de ler a letra inconfundivelmente feminina mesmo que o papel estivesse pegando fogo.

Era um telefone. Para Jay. De Elisabeth Adams, ninguém menos que a garota mais popular da escola. Ela era franca favorita para ser a rainha da Festa da Primavera, e provável rainha da festa de formatura também. Era bronzeada, loura, bonita *e* do último ano. Como se isso não fosse ruim o bastante, também tinha cabelos lisos e brilhantes, com os quais Violet só podia sonhar.

Isso era péssimo.

Violet tentou não parecer tão assustada quando olhou de volta para ele.

— Uau! — Foi a única coisa que conseguiu pensar.

— Eu sei. — Jay parecia tão surpreso quanto ela, mas, ao mesmo tempo, ainda mostrava-se bastante impressionado consigo mesmo. — Ela deve ter colocado no meu armário enquanto eu estava na primeira aula.

— Vai ligar para ela? — Violet foi cuidadosa o suficiente para não parecer rabugenta, mas certamente era como se *sentia*. Ela só queria ser a melhor amiga de Jay outra vez e *não* se importar se ele ligaria para aquela garota ou não. Queria ouvir os detalhes sórdidos e fazer perguntas minuciosas, que eventualmente fariam com que saíssem por alguma tangente estranha e rissem das próprias piadas tolas, aquelas que só eles entendiam… Mas, de alguma forma, simplesmente não conseguia.

Sentiu-se vazia enquanto lhe devolvia o bilhete.

O sinal, e depois o professor, interromperam a conversa antes que Jay pudesse responder à pergunta não tão inocente. Ele pegou o bilhete e o enfiou no fichário quando a aula de trigonometria começou.

Violet tentou se concentrar em senos e cossenos enquanto anotava tudo que o professor escrevia no quadro branco na frente da sala, mas não escutou nada. Não conseguia parar de pensar em como superaria isso… essa *coisa* que sentia por seu melhor amigo no mundo.

E *precisava* superar… logo. Porque, se não superasse, se não conseguisse parar de se sentir tão descontrolada em relação a ele, isso acabaria prejudicando a amizade dos dois. Ela sabia que não podia deixar isso acontecer.

Era o Jay. A melhor pessoa que já conhecera, e não conseguia imaginar a possibilidade de perdê-lo.

Permitiu-se olhar na direção do amigo, fingindo observar o relógio sobre a parede acima da porta. Ele estava meticulosamente imerso na aula, anotando muito mais do que havia no quadro.

Sentia-se grata por ao menos um deles estar prestando atenção, pois sabia que ele teria de explicar tudo para ela mais tarde.

E ele o faria, sem nem sequer saber que *ele* era a razão de ela não ter ouvido nem uma palavra da aula.

* * *

Violet evitou Jay no almoço — pela primeira vez na vida —, optando por ficar na sala da aula de inglês do terceiro tempo, sob o pretexto de acabar um dever de casa — tarefa que na verdade era apenas para o início da próxima semana. Conseguiu ficar na sala por vinte minutos.

Depois caminhou até o banheiro, não exatamente o lugar no qual alguém gostaria de "passar o tempo", nem nos maiores devaneios. Mas ela não se apressou, lavou as mãos lentamente, refez o rabo de cavalo, que não melhorou na segunda vez, e em seguida lavou as mãos de novo.

Outras garotas — algumas que ela conhecia, outras que não — entraram enquanto estava lá, e se arrumaram e fofocaram enquanto se olhavam no espelho.

Violet pegou a deixa das garotas, e até passou gloss labial, coisa que quase nunca fazia. Teve de catar no fundo da mochila para encontrar um.

Quando Chelsea entrou, Violet se sentiu aliviada por ver alguém com quem pudesse conversar, mesmo que por apenas alguns minutos.

— Por onde andou? — Chelsea perguntou, no tom brusco de sempre. — Jay está procurando por você em todos os cantos. — Ela se empoleirou na frente do espelho e deu início ao conhecido ritual de arrumação, começando pelo cabelo e

descendo.

Como Jay, Chelsea mudara durante o verão. Não tanto em termos de desenvolvimento — ela já tinha corpo de mulher —, mas de algum jeito tinha descoberto sua feminilidade da noite para o dia. Chelsea sempre fora moleca e atlética. Mas era como se agora ela reconhecesse que a vida era mais que uma cortada de vôlei na quadra adversária, ou um lançamento perfeito em uma partida de softbol. Parecia ter finalmente percebido que também era bonita.

E como todas as outras garotas do colégio, Chelsea tinha a cabeleira lisa que praticamente reluzia quando o sol refletia em sua superfície perfeita. Ela até fizera luzes nos cabelos castanhos e acetinados, com linhas finas e louras que davam a impressão de que tinha passado o verão em uma praia na Califórnia, e não em um campo de softbol.

Além de Jay, Chelsea era a amiga mais próxima de Violet. A amiga em cuja casa não era estranho dormir… ao contrário de Jay. E aquela com a qual podia compartilhar roupas… ao contrário de Jay. E Violet sempre gostou — e tinha até um pouco de ciúme — da atitude "falo mesmo" de Chelsea, até quando não queria necessariamente ouvir a verdade.

Aquela era uma dessas ocasiões.

— Então? — Chelsea perguntou quando Violet não respondeu. — Eu juro: aquele garoto não sabe fazer nada sem você, nem no almoço.

Violet estremeceu, mas Chelsea não viu, pois esfregava o canto do olho com o dedo mindinho, certificando-se de que não tinha borrado o delineador. Não tinha; ela estava perfeita.

— Ele vai ficar bem. — Violet respondeu, soando mais mal-humorada do que pretendia. — Tenho certeza de que outra pessoa adoraria sentar-se com ele.

Chelsea levantou o olhar, terminou sua maquiagem e encarou Violet.

— Bem, não importa. Ele está no corredor, esperando. Pediu que eu entrasse e a procurasse.

Violet simplesmente encarou de volta e em seguida riu. Chelsea parecia ser a única garota do colégio que não tinha percebido as mudanças em Jay, possivelmente por estar imersa demais nas próprias transformações, para que conseguisse notar as dos outros. Violet sentia-se grata, ao menos, por pequenos milagres como esse.

Quando a amiga não se moveu, Chelsea agarrou-a pelo braço e começou a puxá-la em direção à porta.

— Vamos, antes que ele morra de fome e se decomponha.

— Tudo bem, tudo bem — Violet concordou enquanto caminhava do banheiro feminino para onde Jay estava no corredor, parecendo aliviado por vê-

la sã e salva, afinal.

Ela não conseguia conter a sensação de conforto ao ver aquela expressão no rosto do amigo. Talvez Chelsea tivesse razão, no final das contas. Talvez Jay não pudesse sobreviver sem ela.

Pelo menos *aquele* sentimento era mútuo, pois ela também não conseguia imaginar como sobreviveria sem ele.

Com apenas cinco minutos restantes, Violet e seu melhor amigo desde o primeiro ano só tinham tempo suficiente para atacar as máquinas de lanches e comprar batatas chips e uma barra de chocolate, antes de correrem para o quarto tempo de aula.

Mas estava tudo bem agora. De algum jeito, notar que ele não tinha deixado de lado a amizade dos dois durante a metamorfose de verão fazia com que se sentisse melhor. Sentiu-se segura novamente, só de saber que era tão importante para ele quanto ele era para ela.

Tudo ficaria bem.



PRESA

A chuva facilitava que ele andasse por aí sem ser notado. Os que estavam dentro de seus próprios carros tinham a visibilidade atrapalhada pela chuva, pelos vidros embaçados e pelos limpadores de para-brisas. Os que estavam do lado de fora ficavam ocupados demais tentando manter-se secos, movendo-se rapidamente e deixando as cabeças abaixadas. A escuridão só o ajudava a ficar mais invisível.

Infelizmente a chuva também mantinha as pessoas dentro de casa.

É claro que ele nunca ficava verdadeiramente invisível, não no carro que em geral dirigia. Atraía atenção e olhares aonde quer que fosse, mesmo em uma noite escura e chuvosa como aquela.

Mas hoje era diferente. Hoje ele havia se misturado. Tornara-se um deles.

Saiu do estacionamento cheio do Wal-Mart à procura de ruas secundárias, mais escuras, com menos trânsito e menos câmeras de segurança. Enquanto dirigia, ouvia o ruído metódico dos limpadores de para-brisa, que iam para um lado e para o outro… para um lado e para o outro… para um lado e para o outro.

Duas garotas, provavelmente no início da adolescência, caminhavam apressadamente sobre as linhas pintadas da faixa de pedestres, de braços dados. Inclinaram-se na direção uma da outra, e ele praticamente podia ouvi-las *dando risadinhas a respeito de algum segredo compartilhado. Não conseguia saber se eram bonitas ou não, mas eram jovens. Observou os quadris que se moviam enquanto elas corriam para o outro lado da estrada e gostou de ver a maneira como se mexiam.*

Mas havia duas delas. Uma a mais do que precisava.

Parabenizou-as silenciosamente pela travessia em segurança. Garotas de

sorte.

Deu a volta na estrada principal e entrou em uma rua lateral com casas mais antigas, de um andar, muitas das quais tinham sido transformadas em comércios enquanto a cidade crescia e as leis mudavam. O tráfego crescente espantara os moradores. Ficava escura e deserta àquela hora, que já ia muito além do horário de expediente de um pequeno salão de cabeleireiros ou de uma clínica quiroprática.

Deu voltas e voltas. À medida que se afastava da estrada, a principal artéria da cidade, as ruas se tornavam cada vez mais estreitas, e cada vez menos movimentadas. Pequenas construções começavam a surgir em ambos os lados, mas as entradas eram escuras e inativas.

Foi então que viu o carro. A luz do pisca-alerta brilhava através da escuridão úmida da noite.

Desacelerou quando passou pelo veículo, espiando o interior.

Ela estava sozinha. Jovem e bonita, e sozinha.

Isso era melhor do que ele esperava.

Ele virou o volante bruscamente para a direita, parando o carro diretamente na frente do dela. Colocou no rosto seu melhor sorriso de bom moço ao sair do automóvel para ver se poderia ajudá-la.

Aproximou-se do veículo e podia ver a hesitação no rosto da garota. Ela não tinha certeza se poderia confiar nele. Garota esperta. *Mas ele sabia que aparentava ser inocente o suficiente, como alguém com quem ela poderia contar, e, no intervalo de segundos, seria traída pelos próprios instintos.*

Ela abriu o vidro, não todo, mas o suficiente para que ele pudesse falar com ela.

— Você está bem? — ele perguntou, e a voz treinada soava como veludo macio. Se não estivesse concentrado, riria da sinceridade falsa que saía dela.

Ela mordeu o lábio.

— Não sei. Meu pneu furou.

Garota linda, *ele pensou ao vê-la tão de perto. Mas olhou para baixo, tentando parecer interessado nos pneus. Os dois que conseguia ver pareciam bons.*

— Do outro lado — ela disse, quando o viu olhar. Naquele instante pareceu envergonhada, e o rubor inocente em seu rosto a deixou ainda mais atraente. Ela franziu o nariz. — Não sei trocar pneus.

Ele olhou em volta para certificar-se de que mais ninguém estava vindo. A chuva corria em pequenos rios por sua nuca e ensopava sua camisa, mas ele

mal notava.

— Você ligou para alguém? — Essa era a grande pergunta. Era assim que descobria se aquela era a garota ou não. — Seus pais estão vindo?

Ela nem percebeu a armadilha na qual estava caindo. Seus pais certamente a alertaram a respeito de estranhos, mas deveriam tê-la preparado melhor.

Ela balançou a cabeça, o rosado das bochechas a fazia parecer muito pura.

— Deixei meu celular em casa — admitiu.

Ele pensou a respeito por um instante, fingindo não saber bem o que fazer, apesar de as palavras da garota já terem colocado seu plano em ação. Tamborilou com os dedos na base da janela como se examinasse as opções antes de finalmente falar outra vez.

— Bem, não tenho o equipamento necessário para trocar seu pneu, mas posso lhe dar uma carona para casa.

Os instintos da garota voltaram, e ele soube pelo olhar em seu rosto adorável que ela não tinha certeza. Talvez seus pais tivessem feito um trabalho melhor do que ele pensava.

Ele tentou recuar, apagar aquele olhar incerto do rosto da garota.

— Meu celular está no carro. Tem alguém para quem você possa ligar?

Ela mordeu o lábio mais uma vez, nervosamente.

— Tem. Tudo bem, claro — ela disse, dando-lhe o melhor sorriso "você estaria me fazendo um enorme favor". Esse era um sorriso que garotas aprendiam a fazer desde cedo, e um no qual ela era particularmente boa. — Se não se importar.

Ele olhou em volta outra vez, para certificar-se de que continuavam sozinhos, apesar de saber que sim.

Ele sabia jogar aquele jogo. Sentia prazer *com aquele jogo. Retribuiu o sorriso, tentando parecer protetor e paternal.*

— Claro que não. — Em seguida disse as palavras que a ganhariam em definitivo. — Se minha mulher soubesse que a deixei aqui sozinha sem ajuda, acabaria comigo. Além disso, você só é alguns anos mais velha que nossa filha, e eu gostaria que alguém a ajudasse, se ela estivesse em apuros.

Foi só de que precisou. Ela já era dele.

Ele observou enquanto ela tirou o cinto de segurança e sentiu uma onda de eletricidade passar pelo corpo. Não podia acreditar na própria sorte; ela estava quase tornando tudo fácil demais; viria diretamente para ele.

Ele recuou enquanto ela abria a porta do carro.

— Muito obrigada — ela disse, enquanto abria um guarda-chuva sobre a

cabeça. Ela o esticou, oferecendo-lhe abrigo, enquanto ele a conduzia para o lado direito do carro. — Meus pais irão me matar por eu ter me esquecido do telefone; sempre me chateiam com discursos sobre a importância de se planejar antes de fazer as coisas.

Ele olhou para ela, pensando em quão sábios seus pais soavam, e deu graças por ela não os ter levado a sério demais. Mas novamente falou em tom protetor.

— Eles têm razão, sabia? Cuidado nunca é demais. — Abriu a porta do lado do passageiro e se inclinou para a frente.

Ela ficou surpresa quando ele voltou sem um telefone, mas com outra coisa. Os olhos da garota se arregalaram de medo assim que identificaram o que era, e em seguida o pânico se abateu sobre aquele rosto incrivelmente expressivo.

Antes que ela ao menos pudesse gritar, ele estava sobre ela, empurrando-a violentamente contra o interior do carro e sussurrando em seu ouvido enquanto pressionava a mão sobre sua boca.

— Facilite as coisas para si mesma. Prometo que não irei machucá-la. — Ele precisava fazê-la entender que… era importante para ele que ela soubesse que não planejava machucá-la.

Ele viu o terror nos olhos da garota enquanto ela se encolhia de maneira defensiva, tremendo e em silêncio, enquanto a fita adesiva mantinha sua boca fechada.

— Eu juro para você… não irei machucá-la… — *sussurrou as palavras incessantemente enquanto abria o porta-malas e a colocava dentro dele, com gentileza.*

Feita a promessa, afagou seu cabelo com a mão, delicadamente, antes de fechar a mala com força.

Assobiou para si mesmo enquanto conduzia o carro de volta à estrada.

Tinha sido uma boa noite.



CAPÍTULO 2

Após os primeiros dias difíceis na escola, ao menos em termos de seus sentimentos por Jay, Violet começou a se sentir melhor. Não que a sensação esquisita no estômago tivesse desaparecido, nem nada do tipo, mas, a exemplo de tantas outras coisas em sua vida, perderam o destaque em meio às suas atividades diárias, tornando-se mais como ruído de fundo. E isso era algo com que poderia lidar.

As garotas não pararam de dar em cima de Jay, aliás, muito pelo contrário: pareciam se multiplicar, andando *em massa* atrás dele. E, apesar de Violet não estar reclamando abertamente, Jay já estava começando, o que fazia com que ela se sentisse ainda mais segura quanto à sua posição no topo… pelo menos por enquanto.

Ele resmungava para Violet sobre a repentina falta de privacidade na escola, reclamando da multidão de garotas que os esperava no estacionamento, ou perto do armário, nos intervalos das aulas, e até no refeitório, na hora do almoço. Começou a notar as garotas individualmente, e cada uma tinha um hábito irritante ou um defeito enervante de personalidade que, dia após dia, o aborrecia um pouquinho mais.

Nenhuma das garotas percebia que ele não dava a menor atenção, ou não se incomodava com isso. Mas Violet não conseguia deixar de se sentir presunçosamente satisfeita, apesar de manter a boca fechada e as opiniões — mesmo se concordantes com as de Jay — para si.

Sentia-se grata por ele nunca parecer se cansar dela.

Externamente, ao menos, nada mudara entre eles. Iam para a escola de manhã, andavam juntos para as aulas que tinham em comum, almoçavam juntos, se separavam quando ela o deixava em casa, e ainda se falavam ao telefone à noite. Era bom. E, apesar de Violet secretamente desejar mais, era confortável.

E aquela tarde de sexta-feira não fora diferente.

Violet deixou a mochila no chão, dentro de casa, na entrada da frente. Era a área que sua mãe não tão carinhosamente chamava de “cemitério dos sapatos”, onde todos que entravam deixavam casacos, sapatos, guarda-chuvas, e nesse caso, uma mochila.

Já sentia o cheiro do jantar e sabia que a mãe estava fazendo lasanha. Não por causa do aroma que vinha em sua direção, mas porque, quando sua mãe realmente cozinhava, era isso que preparava. E não era lasanha feita em casa, mas uma daquelas semiprontas, congeladas, vendidas nos supermercados. Isso e pão francês fresco da padaria compunham a refeição que Violet já comera mais vezes do que era capaz de contar. Sua mãe não era exatamente o que se poderia chamar de uma dona de casa exemplar.

— Vi? É você? — perguntou a mãe, da cozinha.

Violet tirou os sapatos e seguiu o aroma.

— Oi — Maggie Ambrose cumprimentou a filha enquanto ela entrava na cozinha arejada, com estilo de cozinha de fazenda. — Como foi seu dia?

Violet pegou um refrigerante da geladeira e se sentou à mesa.

— Bom. E o seu?

Esse era todo o encorajamento de que precisava.

— Estou quase terminando a pintura em que venho trabalhando, sabe, aquela do rio? Mal posso esperar para mostrá-la a você. — O que não tinha em habilidades culinárias, ela mais que compensava em entusiasmo pelo trabalho.

Violet olhou para a bata coberta de tinta da mãe e para o arco-íris de cores sob as unhas curtas dela e sorriu.

— Mãe, acho que você está com um pouco do rio *em* você.

A mãe olhou para as próprias unhas e sorriu.

— É, ossos do ofício, acho. — Em seguida, mudou de assunto. — Espero que esteja com fome. Estou fazendo lasanha para o jantar.

— Ótimo — Violet respondeu com o máximo de entusiasmo que conseguiu reunir, dadas as circunstâncias. Provavelmente seria a única refeição quente que faria a semana inteira, então não ousaria reclamar, por medo de que a mãe entrasse em greve permanente.

— Ah, e não se esqueça de que irá servir de babá para o tio Stephen hoje à noite.

Violet fez uma careta, mas foi interrompida pela mãe antes que pudesse começar a argumentar.

— Você prometeu, lembra? Eles pediram há mais de um mês, e você concordou.

A mãe tinha razão, e Violet sabia disso, o que não a impediu de reclamar um pouquinho.

— É, bem, um mês atrás parecia uma boa ideia. Agora, nem tanto. Além disso, estamos no fim de semana.

Violet adorava os priminhos, mas não era exatamente com eles que gostaria de estar em uma noite de sexta-feira.

A mãe ergueu as sobrancelhas.

— Ah, e você tinha grandes planos, Cinderela? Uma noite e tanto no baile?

Violet riu do sarcasmo nas palavras da mãe.

— Não. Mas mesmo *nada* é melhor que ficar de babá. — Ela suspirou, sabendo que não havia escapatória. — Tudo bem. Vou fazer um pouco do dever de casa antes de ir para lá.

Violet foi para o quarto e se jogou no amontoado de cobertores amassados sobre a cama. Pensou em estudar, mas tinha todo o fim de semana, e agora, enrolada na coberta, decidiu fechar os olhos… só por um instante…

Em seguida, outro. Sua respiração se tornou tranquila… uniforme… e logo apagou…

Foi o cheiro que a trouxe de volta à consciência. Não o cheiro familiar de mozarela derretida e molho marinara, mas algo pungente — penetrante —, que parecia queimar a pele interna do nariz.

Abriu os olhos e olhou em volta.

Franziu o nariz por causa do cheiro, que parecia vir exatamente de cima dela, mas não conseguia nem mesmo começar a imaginar o que poderia ser. Fez uma careta, prendendo a respiração enquanto se sentava, alarmada.

— Mas o que…? — ela examinou o quarto, sem saber ao certo o que procurava.

Mas lá estava. Bem à sua frente.

O gato tinha pulado na cama enquanto ela dormia, e o cheiro que vinha dele era praticamente visível, ondas cortantes, como calor exalado das areias do deserto.

— Carl! — ela repreendeu o gato rechonchudo ao mesmo tempo que o pegava da cama e o levava em direção à porta do quarto.

Ela tentou não respirar enquanto descia com ele pelas escadas, e ele se contorcia para livrar-se das mãos de Violet, tentando se libertar antes que ela pudesse colocá-lo do lado de fora. Era uma luta que já tinham travado antes, e, como sempre, Violet ganhou, batendo a porta na cara do pobre gato.

O cheiro não podia ser realmente bloqueado pela porta, mas a distância

criava algum alívio, pelo menos o suficiente para que Violet pudesse respirar novamente.

Não era culpa do gato, para falar a verdade. Essa era a questão com os ecos incomuns que só Violet podia perceber: eles também funcionavam inversamente.

O eco, qualquer que fosse para aquela criatura específica, também se ligava ao responsável pela morte — e marcava eternamente o assassino.

Carl a ajudara nessa descoberta quando ela era pequena. Foi quando percebeu a relação entre os ratos e os pássaros mortos que ele deixava na entrada da casa, cada um com uma cor distinta, ou cheiro, ou emoção que somente Violet podia interpretar, uma sensação que não tinha nenhuma relação com o animal em si.

E Carl carregava o mesmo sinal, como se de alguma forma tivesse sido *marcado* pelo assassinato. A impressão sensorial era idêntica ao eco deixado no corpo, e, ao que Violet sabia, não havia ecos iguais. Eram todos distintos. Únicos.

Ela também sabia que animais que caçavam — como seu gato — frequentemente carregavam diversos daqueles sinais sensoriais, daquelas *marcas da morte*, que esmaeciam com o tempo, mas nunca desapareciam de fato.

Carl fora um caçador a vida toda, e, apesar de Violet saber que isso fazia parte da natureza de seu gato, não podia evitar a irritação que sentia quando as sensações que ele carregava lhe eram desagradáveis.

Infelizmente, dessa vez era particularmente repulsiva.

Ela vagou inquieta pela casa por um tempo, tentando achar um lugar no qual o odor pungente não pudesse encontrá-la, mas não parecia haver zona segura… pelo menos não completamente. Então decidiu que poderia ser uma boa noite para sair de casa, afinal — ainda que fosse para servir de babá para os tios.

Rapidamente juntou as coisas, incluindo a mochila cheia de deveres de casa, disse para a mãe que comeria alguma coisa na casa do tio e praticamente correu para a segurança relativa do carro.

* * *

Seu tio Stephen, irmão de seu pai, era o mais moço de quatro homens e tinha pelo menos oito anos a menos que os pais de Violet. Era também o delegado de polícia da pequena cidade em que moravam, e o oposto do irmão. Ou seja, era engraçado, pelo menos quando estava de folga. No trabalho não fazia brincadeiras e era sério… exatamente como seu pai.

Sua mulher, tia Kat, tinha apenas trinta e poucos anos, mas era uma daquelas mulheres que tinham uma qualidade jovial que dificultava dar algum palpite sobre idade, ao menos em termos de aparência.

— Como estou? — ela perguntou para Violet.

— Por que você está perguntando a *ela*? — reclamou Stephen Ambrose, quando sua mulher ignorou que ele estava exatamente ao lado da sobrinha.

Kat revirou os olhos como se ele fosse uma criança lenta para entender as coisas.

— Porque a única coisa com a qual você se importa é se eu já acabei de me arrumar ou não. Você diria que estou bem em uma camisola de flanela, se isso significasse que poderíamos sair.

Ele sorriu para ela.

— Você *ficaria* bem em uma camisola de flanela.

Kat lançou a Violet um olhar de quem pede desculpas.

— Está vendo só o que tenho de aguentar?

— Você está ótima — Violet disse para a tia, com sinceridade. Em seguida acrescentou: — Mas tire o colar, acho que é um pouco demais.

A tia assentiu, como se estivesse pensando a mesma coisa, e puxou o cordão por cima da cabeça.

— Viu? É por *isso* que pergunto a ela.

— Por Deus, mulher! A gente só vai ao cinema — ele provocou.

— Não, não, não. *Jantar* e cinema. É noite de casal, meu querido, e não se esqueça disso. — Ela o cutucou no peito enquanto falava. — Além disso, não saio muito. Quero estar bonita.

Tio Stephen passou a mão pela cintura da mulher e a puxou para perto de si.

— Você *está* bonita. Tem certeza de que quer sair?

A tia de Violet balançou a cabeça e o ignorou, dando a ela algumas instruções finais sobre a limpeza após o jantar, colocar as crianças para dormir, informações de contato em caso de emergência, tudo o que Violet já sabia.

— Kathryn Ambrose… — anunciou seu tio, tentando chamar atenção. — Vamos. Ela vai ficar bem.

Saíram em uma onda de beijos de tchau e “comportem-se”, direcionados tanto às crianças quanto à sobrinha. Quando a porta finalmente se fechou, Violet foi para onde os primos estavam e começou a limpar a bagunça do jantar.

Joshua não fez muita bagunça, o prato do menino estava em ordem, e quase não havia farelos para limpar no lugar que ele ocupara à mesa. Como o pai de Violet, era organizado e meticuloso.

Era a cadeirinha da pequena Cassidy que parecia o local de uma recente explosão. A menina de dois anos tinha ketchup nas mãos e no rosto, e até no cabelo, e Violet levou uns quinze minutos para limpá-la.

Ao menos a hora de dormir foi relativamente indolor.

Cassidy estava exausta e dormiu nos braços de Violet enquanto era embalada pela prima.

Assim que acabou, Violet se esticou no sofá, grata pelo instante de paz. Até a campainha tocar.

Ficou dividida entre a vontade de ser cautelosa quanto a quem estava à porta e não querer que o barulho da campainha acordasse as crianças adormecidas… principalmente uma bravinha de dois anos.

— *Quem é?* — perguntou em um sussurro, pelo lado de dentro.

— É *o Jay!* — Ela o ouviu responder.

Sorriu e abriu a porta.

Vê-lo ali parado fez seu coração acelerar.

— O que você está fazendo aqui?

Ele deu de ombros, entrando sem esperar ser convidado. Violet sabia que a tia e o tio não se importariam; ela e Jay eram praticamente um só desde que conseguia se lembrar. Todo o mundo estava acostumado aos dois juntos.

— Sua mãe me disse onde você estava, então pensei em vir ficar com você. — Ele se acomodou, sentando-se no sofá onde ela estivera um pouco antes. — Você não se importa, se importa? — ele perguntou, apesar de já saber a resposta.

Ela não se incomodou em responder; apenas se sentou. Estava com frio, então se recostou na lateral do sofá e colocou os pés sob as pernas dele, deixando o calor do corpo de Jay aquecê-la. Ele passou pelos canais até encontrarem um filme que os dois concordavam em ver, apesar de já ter passado do meio.

Era assim com os dois: não precisavam de esforço para resolver as coisas.

Ela fez uma vasilha de pipoca de micro-ondas, e eles assistiram ao restante do filme enquanto brincavam um com o outro, e Violet tentava se esquecer de sua proximidade… e de quão quente era o corpo dele… e de como cheirava bem.

Mesmo antes de os créditos estarem rolando eles já conversavam sobre outras coisas, e já tinham se esquecido do filme. Falaram sobre os novos professores, e sobre o que tinham ouvido a respeito deles de outros alunos que os conheciam. E fofocaram sobre os boatos que corriam pela escola, por exemplo, quem estava ficando com quem, e quem tinha terminado com quem durante o verão.

Violet evitava propositalmente uma conversa sobre todas as garotas que passaram a notar Jay de repente, mas ele não parecia ter a mesma aversão ao assunto, e finalmente perguntou:

— Então, e aquele bilhete de Elisabeth Adams?

Lissie Adams era a última pessoa sobre quem Violet queria falar no momento, mas não podia simplesmente ignorar o comentário do amigo. Dessa vez não havia professor para interromper.

— Estranho, né? — Em seguida, a pergunta que Violet quase temia fazer veio escorregando de sua boca. — Então, você vai ligar para ela?

Ela tentou não se importar com a resposta e se concentrou em manter um olhar de indiferença no rosto.

— Não. Não estou interessado.

Violet ficou espantada e com um pouco de medo de estar de boca aberta.

— Por quê? Por que você não iria querer sair com *Lissie Adams*? — Ela ficou surpresa com o fato de soar como se tentasse *convencê-lo* a ligar para a garota popular do último ano, mas não parecia capaz de conter-se. Não entendia como algum menino poderia não querer sair com Lissie.

Ele simplesmente deu de ombros.

— Não estou a fim. — Em seguida, fez a pergunta que Violet mais temia. — Por que você se importa com isso?

— Não me importo — mentiu. — Só fiquei surpresa. Achei até que você já tivesse ligado.

— Ei, soube do Brad Miller? — perguntou ele, já se esquecendo da conversa sobre Lissie. — Tiraram o carro dele por causa de mais uma multa por excesso de velocidade. Claro que ele tentou falar para os pais que era uma armação.

Violet riu.

— É, porque a polícia não tem mais o que fazer além de armar para idiotas do segundo ano. — Ela estava mais que disposta a embarcar nessa mudança de assunto da conversa sobre Jay e suas milhares de fãs.

Jay também riu, balançando a cabeça.

— Que coração frio! — ele disse para Violet, dando um empurrãozinho nela, mas brincando também. — Como é que ele vai procurar calouras desavisadas sem um carro? Que garota em sã consciência vai querer montar no guidão de sua bicicleta?

— Eu não o vejo dirigindo nada além do carro de sua mãe, Jay. Ele ao menos *tem* uma bicicleta — ela disse, vingando-se do amigo.

Ele a empurrou outra vez.

— Ei! Ainda estou economizando! — disse, em defesa própria. — Nem todo o mundo nasce com o bumbum virado para a lua.

Os dois já riam incontrolavelmente, então. O provérbio brincalhão do bumbum já tinha sido utilizado antes, sempre que um tinha alguma coisa e o outro não.

— *Certo!* — protestou Violet. — Você já *viu* meu carro? — Dessa vez ela o empurrou, e uma verdadeira guerra teve início no sofá.

— Pobre menina rica! — acusou Jay, agarrando-a pelo braço e imobilizando-a.

Ela riu e tentou aplicar o temido "golpe mortal de perna", atingindo-o com os nós dos dedos na coxa. Mas ele era forte demais, e o que costumava ser uma briga justa, agora era um massacre para Violet.

— Ah, é? Não foi você — ela engasgou, ainda rindo e lutando para livrar-se das garras repentinamente fortes demais para ela, exatamente quando a mão dele estava quase no ponto sensível na lateral das costelas dela — que foi para o Havaí… — Ela se encolheu sob ele, tentando empurrá-lo — no feriado da primavera… ano… — e, quando Jay começou a fazer cócegas enquanto ela estava presa sob ele, a última palavra saiu em um grito: — PASSADO?!

Foi assim que os tios de Violet os encontraram.

Violet não ouviu a chave na fechadura nem o ruído da porta que se abria. E Jay também demorou a notar a chegada dos dois. Então, quando foram pegos daquela maneira, com braços e pernas entrelaçados, o rosto de Jay a poucos centímetros do de Violet, enquanto ela sorria e se contorcia, isso deveria significar que estariam encrencados. E se tivesse sido qualquer outro casal de adolescentes, teria sido esse o caso.

Mas não era outro casal. Eram Violet e Jay… e isso era perfeitamente normal para eles.

Mesmo os tios sabiam que não havia qualquer possibilidade de que estivessem fazendo qualquer coisa que não devessem. A única repreensão foi o pedido da tia de que não fizessem mais barulho, para que as crianças não acordassem.

Depois que Jay foi embora, Violet pegou trinta dólares que o tio lhe deu e saiu.

Enquanto dirigia para casa, tentou ignorar o sentimento de frustração que sentira pela forma como a tia e o tio reagiram — ou, melhor dizendo, *não* reagiram — após terem encontrado a sobrinha e Jay juntos no sofá. Por algum motivo isso a fazia sentir-se pior: saber que nem os adultos ao redor achavam que havia chance de que pudessem ser um casal de verdade.

Com o ânimo abatido, Violet torceu para que pelo menos seu gato não estivesse por perto quando chegasse.



CAPÍTULO 3

Foi difícil embarcar no sono naquela noite: esquivo e fugidio, ele escapava toda vez que ela se mexia. Estava agitada, e seus sonhos eram segmentados e inquietantes.

Envolvida na parte mais escura da noite, tudo de repente pareceu errado para Violet. Não conseguia dizer exatamente o que a incomodava, mas ele estava lá assim mesmo, aquele incômodo sem nome, assomando sobre ela e fazendo com que se sentisse desamparada… fraca.

Sabia que a versão nova e melhorada de Jay era parcialmente responsável por esses sentimentos indesejados. Mas não era isso… ou, pelo menos, isso era apenas parte do que a incomodava.

Violet não sabia o que exatamente era o restante. Acordara duas vezes para procurar por Carl, presumindo que ele fosse a causa do desconforto que sentia em plena madrugada. Achou que o gato talvez estivesse muito próximo, muito pouco tempo depois de caçar. Mas quando procurou, ele não estava lá.

Finalmente, um pouco depois das seis da manhã, enquanto o sol nascia em meio à escuridão em um esforço para conquistar o céu, Violet resolveu desistir. Só havia uma coisa que podia fazer quando se sentia assim, uma única maneira de desanuviar a mente.

Vestiu-se, rápida e silenciosamente, com um short e uma camiseta. Apesar de o dia de setembro prometer ser de calor, ainda era cedo e havia um frio úmido no ar, então, como se tivesse pensado nisso depois, colocou um casaco.

Saiu de casa na ponta dos pés, passando por Carl na cozinha e notando que o cheiro que ele exalava já começava a diminuir.

Ao pisar o lado de fora, respirou fundo o ar orvalhado enquanto colocava os fones do iPod.

Em seguida, desceu da varanda e começou a correr… devagar no início, com passadas firmes e constantes. Estava completamente consciente do ritmo suave

dos pés vibrando a partir das solas enquanto se concentrava no tempo, deixando-o clarear a mente à medida que sincronizava a respiração em uma regularidade medida com os passos.

Quando chegou ao fim da estrada, virou repentinamente à esquerda, deixando o asfalto e seguindo por uma trilha de cascalhos que aparecia entre os altos cedros e os abetos. Podia sentir a pressão de seus tênis sobre os cascalhos vibrando de volta até os músculos das pernas.

Ao entrar na clareira, no alto dos pastos que se esticavam à sua frente, a visão da montanha contra o cenário pintado do alvorecer a fez respirar fundo e apreciar.

Violet nascera e fora criada em Buckley, uma cidadezinha no meio do nada, no trecho de uma estrada que ligava as partes leste e oeste do estado. Buckley situava-se à sombra do monte Rainier, no sopé das Cascades. Ela havia visto o majestoso pico branco erguer-se sobre as montanhas Cascades mais vezes do que conseguia contar, mas nunca se cansava daquela paisagem magnífica. A maior das montanhas da cordilheira deixava as menores, que a cercavam, pequenas em comparação a ela, e era como se flutuasse sobre as outras, uma espécie de farol, mesmo contra o céu mais brilhante.

O que tornava o espetáculo ainda mais extravagante, algo que não poderia ser desvalorizado, era o fato de que a montanha não aparecia todos os dias. É claro, Violet sabia que ela estava sempre lá; mas em uma área na qual, com grande frequência, uma camada de nuvens cobria o sol, era ainda mais rara a visão do monte Rainier em sua plenitude, sem que estivesse obstruída pela cerração ou pelas nuvens, que frequentemente pairavam sobre ele, estendendo-se do topo até a base… ou obscurecida por nuvens densas e negras que bloqueavam até a mais forte das luzes que tentavam penetrá-las.

Correu à sombra da montanha pelo tempo que conseguiu, até que a trilha percorrida virou novamente para a esquerda e serpenteou ao redor da pastagem verde e rica que cercava a trilha de cascalhos.

Ela ficava surpresa com o fato de que algo tão simples quanto observar uma montanha ao nascer do sol pudesse fazê-la se sentir assim tão melhor. Mas fazia. A sensação desagradável que não queria deixá-la já começava a esvanecer, e ela se sentia mais serena, mais tranquila.

Estabeleceu um ritmo mais leve, permitindo que os próprios pensamentos corressem soltos, perdida na música e na cadência firme dos movimentos do corpo. Gostava da sensação de controle que experimentava quando corria, de estar no comando do próprio corpo, encarregada dos movimentos perfeitamente executados de cada músculo. Sentiu-se forte ao olhar para as passadas longas e

firmes que marcavam o chão, e poderosa ao menos *naquele* aspecto de sua vida.

Passou por diversos ecos fracos de morte enquanto corria. Já se acostumara aos daquele tipo, os que não a chamavam — não a *atraíam* —, e conseguia ignorá-los com razoável facilidade. Não sabia por que esses corpos esquecidos não chamavam por ela como os outros; só sabia que não chamavam.

Não do jeito como a garota no bosque a chamara quando Violet tinha oito anos.

Emilee Marquez tinha apenas catorze anos quando fora sequestrada no caminho da escola para casa. Fora assassinada antes de ser enterrada no solo macio em que Violet a encontrara. A força que a atraíra para encontrar Emilee tinha sido quase completamente dominadora, algo além do controle de Violet.

Mas por quê?

Talvez porque fosse recente, talvez porque sua morte tenha sido violenta. Ou pior, pensou Violet, talvez porque ela estivesse plenamente consciente do que estava acontecendo enquanto morria. Talvez estivesse alerta demais, e aquela lembrança tenha ficado eternamente marcada em seu corpo, sob a forma de um eco.

O assassino da garota nunca foi encontrado, mas Violet jamais esqueceria o ruído — a voz sombria — que a chamara até o corpo. Às vezes tinha pesadelos de que o encontraria, o culpado, no supermercado, ou no shopping, carregando em si a marca da morte de Emilee como uma sombra indescritível da qual nunca poderia escapar.

Violet afastou o pensamento perturbador.

Desacelerou apenas uma vez, quando o casaco se tornou quente demais para que continuasse com ele, e o puxou pela cabeça e o amarrou com firmeza à cintura. Mas retomou o passo com facilidade, voltando ao ritmo anterior.

Quando completou o circuito, ao chegar a sua casa, a camiseta estava completamente encharcada de suor, e sentia-se relaxada da cabeça aos pés.

Foram o carro na entrada e o garoto quase homem-feito empoleirado no capô à sua espera que fizeram com que Violet perdesse um pouco da tranquilidade recém-adquirida.

Ele sorria para ela de um modo que fazia suas pernas parecerem feitas de algo tão sólido quanto gelatina. Era possível até mesmo que tivessem tremido por causa de alguma coisa além da corrida matutina.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, enquanto desacelerava de corrida para caminhada e colocava as mãos nos quadris. Levaria alguns instantes para normalizar a respiração. Demoraria ainda mais se ele continuasse a lhe sorrir daquele jeito.

Ele deu de ombros.

— Não consegui dormir. E você?

Ela optou pelo óbvio e preencheu a voz com tanto sarcasmo quanto conseguiu.

— Eu moro aqui, na verdade.

— Rá-rá, espertinha. Perguntei se você também não conseguiu dormir. — Ele balançou a cabeça para a piadinha de Violet. — Entende, como você estava correndo às seis da manhã… Vim ver se você queria dar uma volta, ou algo do tipo. — Ele a olhou de cima a baixo, parecendo um pouco decepcionado ao descer do capô do carro. — Mas parece que você já foi sem mim. Tudo bem, era um tiro no escuro, de qualquer forma.

Violet não gostava da maneira como de repente se sentia ansiosa para ficar perto de Jay. Apesar de serem inseparáveis há dez anos, mantê-lo próximo agora parecia uma urgência.

— Tudo bem, vamos.

— Tem certeza? — ele parecia descrente. — Não quero obrigá-la a nada.

— Não, sério, não estou pronta para entrar e começar a fazer meu dever de casa. — Ela já andava em direção às árvores que cercavam a casa, e ele ia logo atrás.

Caminharam por um longo tempo assim, com ele seguindo-a de perto, sem dizerem nem uma palavra um ao outro. Era normal para Violet assumir a liderança quando entravam no bosque; era o que fazia desde que eram pequenos. E ainda que Jay, depois de tantos anos, já conhecesse o local quase tão bem quanto ela, mesmo assim ele a deixava ir à frente, confortável em ficar em segundo lugar.

Já estava esquentando. A previsão do tempo anunciara temperaturas de fim de verão um pouco abaixo dos trinta graus. Violet adorava essa época do ano, aproveitava o sol remanescente antes que ele fosse ofuscado pela melancolia do inverno. O verão geralmente chegava tarde naquela parte do mundo, esperando até o fim de julho para se estabelecer, então as persistentes temperaturas de verão eram bem-vindas até quando quisessem ficar.

— Então, você vai ao lago hoje? — Jay perguntou, finalmente aproximando-se de Violet, enquanto diminuíam o ritmo. Não seguiam nenhuma direção específica quando faziam esse tipo de caminhada, explorando locais nos quais haviam estado incontáveis vezes, tanto dentro quanto fora das trilhas conhecidas,

Violet deu de ombros.

— Você vai?

Ela já sabia a resposta; os dois sabiam. Hoje era o dia da grande festa do fim de verão em Lake Tapps. Algo como uma última bênção antes de o sol desaparecer pelo restante do ano. Basicamente todos os que conheciam estariam lá.

Jay deu de ombros também.

— Estava pensando em ir.

Por dentro ela sorriu diante da possibilidade de passar um dos últimos dias preguiçosos de verão no lago com ele.

— É? — perguntou Violet, sem necessidade de que o amigo de fato a convidasse para ir com ele. — Talvez eu vá também.

Ele sorriu radiante, e um calor desconhecido que não tinha nenhuma ligação com a temperatura ambiente a invadiu.

— Ótimo. Você pode dirigir — sugeriu ele.

Ela balançou a cabeça. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, provavelmente se sentiria usada, mas, em vez disso, adorou a sensação agradável de ter algo que ele não tinha, principalmente à luz do fato de que de repente ele parecia ter *tudo* o que ela queria.

— Tudo bem, então você pode pagar minha gasolina — acrescentou, erguendo as sobrancelhas, desafiando-o a dizer não.

Mas o acidente ocorreu antes que Jay tivesse chance de responder.

E a culpa foi toda dele. Pelo menos seria assim que Violet lembraria ao reviver mentalmente a cena. Se ele não estivesse sorrindo daquele jeito quando olhou para ele, ela não teria perdido a concentração… ou o equilíbrio.

Mas ele estava… e ela se desconcentrou. E quando o pé não desviou da raiz grossa e nodosa no caminho, Violet acabou perdendo a estabilidade. Continuou indo para a frente, mesmo sem que o pé acompanhasse, e, antes que soubesse o que estava acontecendo, ela foi em direção ao chão.

Jay tentou segurá-la, mas foi tudo muito rápido.

Atingiu o chão com as mãos primeiro, ralando-as contra a terra dura, e, frações de segundo depois, sentiu algumas pedras pontudas rasgarem a carne macia de seus joelhos.

Quando parou de escorregar, não sabia ao certo se estava mais ferida física ou moralmente.

— Vi? Você está bem? — perguntou Jay, bem a seu lado agora, tirando-a do chão.

Lágrimas queimavam os olhos de Violet, e não se deviam apenas à ardência dolorosa que sentia nas mãos e nos joelhos. A humilhação ameaçava ofuscar a

dor.

Jay puxou-a para cima. Ela podia sentir o cheiro almiscarado no casaco do amigo, e tentou prender a respiração. Aquilo era ruim… não era mesmo nada, *nada* bom para ela.

— Você está machucada? — ele a afastou o suficiente para que pudesse olhá-la.

Ela mordeu o lábio, tentando controlar as lágrimas. Piscou os olhos e retribuiu o olhar.

— Estou bem — respondeu, mas a voz falhou, fazendo as palavras soarem insignificantes, até mesmo patéticas.

Ele franziu o rosto ao curvar-se e olhar para os arranhões vermelhos nos joelhos da amiga. Esticou a mão suavemente para tirar um pouco da sujeira dos ferimentos, mas ela sabia que ele estava com medo de machucá-la, então mal os tocou.

— É melhor voltarmos para limpar isso aqui. — Ele se endireitou e a surpreendeu ao pegá-la no colo, carregando-a de volta.

Ela se debateu contra ele.

— *Eu sei andar!* — protestou, sentindo-se ainda mais como um bebê enquanto ele a segurava nos braços.

Ele olhou para ela com incredulidade.

— Tem certeza? Porque acho que acabei de ver você tentar, mas não deu muito certo. — Não parecia inclinado a soltá-la ainda; apenas continuou andando.

Ela riu, mas insistiu novamente por entre os risinhos cheios de lágrimas.

— Sério, ponha-me no chão! Já estou me sentindo idiota o bastante… não preciso que você me trate como uma inválida.

Ele desacelerou, incerto, antes de colocar Violet de pé. Por dentro ela se xingou por ser tão teimosa e desejou que ele tivesse sido um pouquinho mais persistente. Por que não pôde insistir em carregá-la por todo o caminho até a casa?

Em vez disso, esticou o braço e deu a mão à amiga.

— Se não se importa, acho que vou segurando você assim mesmo. Não quero ser o responsável por deixá-la cair outra vez.

Ela não discutiu.

A volta para casa foi rápida demais para o gosto de Violet. Jay a conduziu pelas árvores e até a clareira atrás da casa dela num piscar de olhos.

Seus pais já tinham saído quando ela e Jay chegaram. O pai estava

trabalhando, como fazia quase todos os sábados, mesmo quando não era temporada de impostos, e a mãe alugara um estande numa feira agrícola, para exibir algumas de suas pinturas.

Jay insistiu em carregá-la pelos degraus até a cozinha, e dessa vez Violet não reclamou quando ele a levantou. Ele a repousou gentilmente sobre o balcão da cozinha, e em seguida remexeu no armário enquanto Violet dizia onde ficava o material para curativos. Ele voltou com ataduras, gaze, bolas de algodão, loção antisséptica e dois tubos de pomada. Parecia exagerado demais, mas Violet não disse nada. Queria ver o que ele tinha planejado.

— Ok, provavelmente vai arder um pouco — ele alertou enquanto se inclinava e começava a limpar os machucados.

E *de fato* ardeu, mais do que Violet deixou transparecer, e ela teve de morder o lábio quando as lágrimas voltaram. Mas deixou que Jay trabalhasse sem nem se contrair, o que não foi pouca coisa, enquanto ele limpava as camadas de sujeira de sua pele.

Os ferimentos eram grandes, redondos e estavam em carne viva. Ela achou que parecia uma criancinha com machucados enormes nos joelhos e imaginou que formariam casquinhas e possivelmente deixariam cicatrizes. Sentiu-se como uma idiota completa por ter caído sobre os próprios pés desajeitados.

Mas Jay foi delicado e agiu lentamente, tomando cuidado para não machucá-la. Ela admirou sua paciência e sentiu um prazer estranho com o toque do rapaz. Ele não levantou o olhar para ver como ela estava; apenas continuou até se sentir satisfeito com a limpeza das feridas. Depois pegou o antisséptico e algumas bolas de algodão.

Violet respirou fundo quando ele esfregou chumaços ensopados nos arranhões vermelhos. Jay olhou para ela, mas não parou de agir. Em vez disso, soprou os joelhos enquanto passava a loção, exatamente como a mãe de Violet fazia quando ela era criança. Ela achou uma atitude doce e teve certeza de que jamais se sentira tão atraída por ele como naquele instante.

Quando terminou com a loção, passou pomada antibiótica cautelosamente sobre os joelhos de Violet, antes de cobri-los com ataduras.

— Pronto — ele disse, admirando o próprio trabalho. — Novos em folha.

Violet observou os curativos ridiculamente grandes e olhou duvidosa para ele.

— Você acha mesmo? “Novos em folha”?

Ele sorriu.

— Acho que fiz um ótimo trabalho. Não tenho culpa de você não saber andar.

Ela olhou para ele, estreitando os olhos. Queria dizer que a culpa *era* dele, que jamais teria tropeçado se ele continuasse sendo o mesmo Jay de sempre, desajeitado e infantil. Mas sabia que estava sendo irracional. Ele tinha de crescer em algum momento; só nunca havia imaginado que cresceria tão bem… Em vez disso o acusou:

— Bem, talvez se você não tivesse me *empurrado*, eu não teria caído. — Ela fez a acusação insana com o rosto completamente sério.

Ele balançou a cabeça.

— Você nunca vai conseguir provar. Não havia testemunhas, é sua palavra contra a minha.

Ela riu e desceu.

— É, bem, e quem vai acreditar em você? Não foi você que roubou uma barra de chocolate do Safeway? — Ela mancou até a pia enquanto o acusava e lavou os arranhões menores das palmas das mãos.

— E daí?! Eu tinha sete anos. E acho que foi *você* quem me entregou a barra e me disse que a escondesse na manga. Tecnicamente, isso faz de você o *cérebro* daquela operação, não é mesmo? — Ele chegou por trás de Violet, e envolvendo-a, passou um pouco de loção antisséptica em suas mãos.

Ela foi pega totalmente de surpresa por esse gesto íntimo. Congelou ao sentir o peito de Jay pressioná-la nas costas, até que isso foi a única coisa sobre a qual conseguiu pensar naquele instante, e temporariamente se esqueceu de como se falava. Assistiu enquanto os arranhões vermelhos espumavam com as bolhas brancas do antisséptico. Ele se inclinou sobre o ombro de Violet, repousando a loção e puxando as mãos da amiga em sua direção. Soprou-as também. Dessa vez, ela nem sequer notou a ardência.

E então acabou. Ele soltou suas mãos e, enquanto ela estava ali parada, bestificada, entregou-lhe uma toalha limpa, para que se secasse.

Ao virar-se para encará-lo, percebeu que somente ela tinha sido afetada pelo momento, que o toque fora completamente inocente.

Ele a olhava como se esperasse que dissesse alguma coisa, e ela percebeu de repente que continuava com a boca aberta. Finalmente recuperou a consciência e conseguiu falar outra vez.

— É, bem, talvez, se você não tivesse agido exatamente na frente do caixa, tivéssemos escapado. Em vez disso, conseguiu que nós dois ficássemos de castigo por roubo.

Ele não se abalou por nenhum instante e parecia não ter notado o lapso temporário de Violet.

— E alguns podem até dizer que nossos castigos nos salvaram de uma vida

de crimes.

Ela pendurou a toalha na alça da porta do forno.

— Talvez tenham *me* salvado, mas o júri ainda não o absolveu. Sempre achei que você fosse uma sementinha podre.

Ele lhe lançou um olhar questionador.

— Sério, uma “sementinha podre”, Vi? Quando você completou noventa anos e começou a dizer coisas como “sementinha podre”?

Ela o empurrou enquanto passava, apesar de ele não estar realmente em seu caminho. Ele lhe deu um empurrão brincalhão por trás e começou a provocá-la:

— Não me faça lhe dar outra rasteira.

Agora, mais do que nunca, Violet queria que a paixonite passasse logo, para que ela pudesse voltar ao estágio anterior de serem *apenas amigos*. Caso contrário, aquele seria um longo — e doloroso — ano.



CAPÍTULO 4

A casa do lago estava cheia de adolescentes, e eles pareciam ir *e* vir em ondas. O gramado que se estendia até a água estava cheio de toalhas e cangas, garrafas de água, latas de refrigerante, sacos de batata e jovens de todos os tipos e tamanhos aproveitando o calor do verão enquanto se expunham ao último sol da estação.

A casa pertencia à avó de Gabrielle Myers, uma amiga da escola. Violet nem mesmo reconhecia todas as pessoas que estavam ali naquele dia e duvidava que conhecessem Gabrielle ou a avó, mas estavam ali com amigos, ou amigos de amigos, que as tinham convidado.

Violet escolhera com cuidado um short comprido e largo para vestir sobre o traje de banho, na esperança de manter os ferimentos pelo menos parcialmente escondidos. Mas não demorou muito até que um… depois dois… e em seguida pelo menos vinte de seus amigos notassem o curativo sob o tecido, e ela foi forçada a relatar o acidente da manhã.

Jay adorava ouvi-la contar a história e, cada vez que a escutava falar sobre o assunto, aproximava-se, de modo a poder se intrometer e, é claro, incrementar seu papel na narrativa. Em sua versão, ele era um paladino e praticamente carregara Violet do bosque até a casa, e tinha executado façanhas médicas quase miraculosas, com o objetivo de salvar as pernas da amiga, livrando-as da amputação completa. Violet e, irritantemente, todas as garotas que estavam ao alcance de sua voz não podiam evitar as risadinhas enquanto ele se vangloriava, de forma brincalhona.

Violet chegou bem a tempo de ouvir Jay narrando mais uma vez a própria versão para um grupo de admiradoras ansiosas.

— Herói? Eu não diria *herói*… — respondeu, fazendo um gracejo.

Violet revirou os olhos, voltando-se para Grady Spencer, um amigo da escola.

— Você acredita nisso?

Grady lançou-lhe um olhar preocupado.

— Você está bem, Violet? Parece que foi bastante sério.

Violet se sentia envergonhada pelo fato de os exageros de Jay estarem despertando uma preocupação sincera nos outros.

— Está tudo bem — assegurou e, quando Grady não pareceu convencido, acrescentou: — Sério, eu só tropecei.

Ela esticou o braço e deu um empurrãozinho em Jay.

— Quer parar um pouco, *herói*? Você está fazendo papel de idiota.

Jay riu e foi atrás da amiga para um local afastado da multidão no gramado. Mas ao começarem a ajeitar-se, diversas das garotas que já tinham espalhado as toalhas e cangas em outros lugares migraram casualmente na direção dos dois. Violet achou que até *ela* começava a receber mais atenção que o normal das admiradoras de Jay, o que a fez sentir-se usada nas tentativas das garotas de aproximarem-se de seu amigo.

Mas as fãs de Jay eram fáceis de ignorar, principalmente porque diversos de seus *verdadeiros* amigos já estavam lá. Violet deixou Jay com *suas admiradoras* e foi para onde Chelsea e outros colegas da escola tomavam sol.

Chelsea chegou para o lado quando viu Violet se aproximar, abrindo espaço na grande toalha de praia colorida.

— E aí? Ouvi dizer que você praticamente quebrou as pernas hoje de manhã.

Violet se sentou ao lado da amiga, que parecia a perfeição personificada, com aquele biquíni roxo escuro e o corpo bem-definido pela prática de esportes.

— Rá-rá — resmungou Violet, curvando o lábio em uma expressão zombeteira. — Não foi nada. — Ela mostrou os joelhos cobertos por gaze sob o short. — Viu? Só alguns arranhões.

— Bem, pelo jeito como Lissie e Valerie contaram, Jay praticamente salvou sua vida. — A maneira como Chelsea pronunciou o nome das outras garotas fez Violet lembrar-se de que a amiga não gostava muito das líderes de torcida. Na verdade, ela nem tentou esconder o fato de que as achava insossas e inúteis.

Violet sabia que gostava de Chelsea por algum motivo além dos evidentes talentos atléticos da amiga.

— Não foi nada, só eu sendo desastrada como sempre — admitiu Violet, sorrindo.

— É, ainda bem que o Jay estava lá para ajudá-la. — Chelsea se apoiou sobre os cotovelos e olhou para o lago. — Você vai andar de *jet ski* hoje?

Violet seguiu o olhar de Chelsea e viu um dos veículos aquáticos

aproximando-se do píer. Na verdade havia dois *jet skis*, ambos dos pais de Gabrielle, que os deixavam na casa durante quase todo o verão, quando eram utilizados com frequência. Violet adorava andar de *jet ski* e tentar pegar as ondas que se formavam ao passar velozmente pela água, enquanto sentia o vento soprar em seu rosto e seu cabelo. Era uma sensação incrível.

— Provavelmente mais tarde, mas acho que agora vou só relaxar um pouco. Você se importa se eu ficar com vocês?

— Claro que não. Mas parece que seu namorado está prestes a dar uma volta — disse Chelsea, com a voz casual de sempre.

Violet viu sobre o que a amiga falava: Jay estava vestindo um dos coletes salva-vidas e se preparava para sair no *jet ski* que acabara de voltar. Ela viu um grupo de garotas de outro colégio da cidade seguir Jay até o píer como se fossem cachorrinhos perdidos. Já as vira antes, em festas, e não estava surpresa por estarem no lago hoje. *Todo o mundo* parecia estar lá.

Uma das garotas devia ter criado a coragem de convidar Jay para uma volta, pois também estava pegando um colete salva-vidas e o colocava sobre o biquíni que mal se via. Ela deu pulinhos animados enquanto esperava que ele se sentasse e, em seguida, subiu atrás dele, com um sorriso largo no rosto e segurando-o com firmeza pela cintura. Violet reconhecia vagamente a garota, cujo nome acreditava ser Savannah. Parecia ter acabado de ganhar um concurso de beleza enquanto acenava para as amigas que continuavam no píer.

Violet tentou ignorar o golpe repentino de ciúme que sentiu ao ver a garota envolver Jay com os braços. Virou-se, para não ter de ver os dois juntos.

— Que seja… ele não é meu namorado.

Chelsea simplesmente ignorou o comentário de Violet enquanto se deitava novamente e colocava os óculos no rosto.

— Se você está dizendo…

Violet tentou seguir o exemplo de Chelsea ao esticar-se sobre a toalha suficientemente enorme para as duas. Fechou os olhos e ouviu os ruídos ao redor, até não poder mais lutar contra a exaustão que a dominava após uma noite maldormida. Logo começou a apagar, e os barulhos em torno de si deram forma a seus sonhos. Sonhou com música e amigos, com sol e fumaça. Sonhou com o sorriso do melhor amigo, com ondas e praias.

* * *

Foi arrancada do torpor do sonho por alguma coisa que a incomodava no braço.

Pensou que se tratasse de uma formiga e tentou espantá-la sem abrir os olhos para ver. Mas quando colocou novamente o braço sobre a barriga, sentiu a coisa se movendo lentamente do pulso até o cotovelo e voltando outra vez.

Deu uma espiada com um dos olhos ainda fechado e levantou a cabeça sem muito empenho para ver o que era. Alguém arrastava um pedaço de grama contra os pelos sensíveis de seu antebraço. Ela seguiu o rastro da grama até a mão e o rosto e viu Jay, que sorria para ela.

— Oi, você — ele disse, jogando a grama de lado. — Achei que não fosse acordar nunca.

Violet se sentou.

— Quanto tempo eu dormi?

Jay balançou a cabeça.

— Não muito, menos de uma hora provavelmente. Queria ver se você gostaria de dar uma volta de *jet ski* comigo.

— E as suas namoradas? — Assim que as palavras saíram de sua boca, Violet se sentiu envergonhada por soar tão boba. Tentou fazer parecer que só estava brincando ao acrescentar: — Achei que as amigas da Savannah estivessem esperando a vez delas no píer.

Ele simplesmente riu.

— Não, a Savannah era a única. Queria que eu a ensinasse a dirigir. — Violet ficou satisfeita por ele não ter parecido notar a irritação em sua voz.

— E então, você ensinou?

Ele deu de ombros.

— Tentei, mas acho que ela não estava prestando muita atenção. Acho que só queria que alguém a levasse para dar uma volta.

Não alguém, Violet pensou consigo mesma. *Você*. *Ela queria que* você *a levasse para dar uma volta*. Às vezes ficava imaginando se ele era mesmo tão tolo, ou se simplesmente não tinha interesse em retribuir a atenção das garotas. Mas quando viu o olhar desavisado no rosto dele, percebeu que tinha que ser a primeira opção. Ele era tipicamente um *garoto*.

Ela olhou em volta e percebeu que tinha sido abandonada pelos amigos enquanto dormia.

— Para onde a Chelsea foi? — perguntou ela.

— Eu a vi saindo em um dos *jet skis* com a Jules. Então, você quer ir comigo?

Violet estava relutante em tirar o short na frente de todo o mundo e expor os joelhos de menina desastrada, mas queria andar com ele de *jet ski*. Analisou a

opção de ficar onde estava, coberta dos quadris até o joelho com o largo short de ginástica, ou traçar um caminho radical na água sobre uma máquina poderosa, em busca de uma onda.

Seu lado audacioso acabou vencendo.

— Eu vou, mas *eu* dirijo — insistiu, com um sorriso.

Jay não discutiu. Nunca discutia; era tranquilo demais para importar-se com ser o piloto ou o passageiro.

No píer Violet tirou o short, constrangida, exibindo os joelhos e o traje de banho. Ela olhou em volta para ver se alguém a observava, mas ninguém pareceu notar. Vestiu um colete salva-vidas antes de sentar-se no *jet ski*. Jay foi logo atrás e casualmente segurou-se nos quadris de Violet quando ela ligou o motor e prendeu a chave de segurança no colete, uma medida preventiva que desligaria o motor se o piloto caísse do veículo.

Ela se inclinou para a frente e começou a deslizar devagar pela enseada, atenta e cautelosa à presença de outros veículos, ou de pessoas que pudessem ter se afastado demais da borda da água. Mas quando terminou de cruzar a enseada e passou pelas boias que sinalizavam o fim do limite de velocidade de oito quilômetros por hora, agarrou o guidão que controlava a aceleração e o puxou, colocando o *jet ski* em alta velocidade. Inclinou-se ainda mais para a frente, deixando o vento refrescar seu rosto. Pela primeira vez em semanas, desde muito antes de as aulas começarem, não estava mais tão consciente da proximidade de Jay. Ele se tornou um passageiro qualquer de carona no veículo enquanto ela se perdia nas acelerações sobre as ondas curtas e agitadas.

Eles davam saltos, às vezes pulando alto, curtindo os momentos em que pegavam uma onda maior e sentiam o *jet ski* tremer sob eles ao voar por cima da água.

Violet se sentiu inteiramente livre. Podia ouvir Jay rir atrás dela enquanto se segurava com firmeza. Virou a máquina bruscamente para a direita e, em seguida, rapidamente para a esquerda. Ele sabia que ela o estava testando, para ver quanto tempo conseguia se segurar, antes de ser lançado na água fria do lago, enquanto ela manobrava a minilancha para a frente e para trás. Mas estava mais forte que nunca agora, e seus reflexos eram mais aguçados. Parecia saber para onde ela ia, mesmo antes da própria Violet.

Depois de um tempo, Violet desacelerou perto de uma doca flutuante no lago e estacionou o *jet ski*.

— Quer pular? — ela perguntou enquanto tirava a chave da ignição, sem esperar por uma resposta; mais uma afirmação que uma pergunta.

Jay se levantou e saltou do *jet ski* para a doca. Violet foi atrás dele, mas em

vez de saltar na água, apenas sentou e molhou os pés.

— É calmo aqui — ele comentou distraidamente, e sentou-se ao lado de Violet.

— Arrã — suspirou ela, dando chutes e agitando a água.

— Como estão seus joelhos? — Ele esticou o braço e passou os dedos nas ataduras molhadas.

Violet deu de ombros.

— Estão bem… — E em seguida acrescentou com admiração dissimulada: — … Graças a você, é claro. — E para demonstrar a gratidão, chutou água na direção de Jay.

Ele a cutucou com o ombro, mas não disse nada. Ficaram daquele jeito por um tempo, curtindo a tranquilidade e o silêncio de estarem sozinhos, apreciando a presença um do outro. Era fácil… e confortável.

Violet suspirou quando começou a parecer que tinha passado tempo demais.

— Deveríamos voltar. Com certeza tem alguém esperando pelo *jet ski*.

Jay se levantou, concordando com ela em silêncio, e Violet o seguiu relutantemente. Sem perguntar se ele queria trocar de lugar, Violet se sentou novamente à frente.

Voltaram devagar, serpenteando preguiçosamente pela margem e mantendo-se afastados do caminho de veículos mais rápidos. Violet levou mais tempo do que deveria para perceber que o caminho pelo qual estava seguindo não era aleatório e que estava sendo puxada… atraída.

Algo a chamava.

Algo morto.

Ela não disse nada a Jay, principalmente porque ainda não havia nada a ser dito. Em vez disso, concentrou-se em descobrir de onde poderia estar vindo. Era forte, o que quer que fosse, mais forte do que ela esperaria de algo ali na água, e imaginou se aquilo significaria que tinha morrido recentemente. Talvez naquele dia mesmo, até.

Seguiu a sensação que a atraía, que a conduzia quase sem que percebesse, enquanto examinava as águas à procura de algum sinal, algo sensorial, que a guiasse. Não sentiu gosto nem cheiro de nada estranho. Não havia nenhum ruído inexplicável vindo de qualquer direção… pelo menos nada que pudesse ouvir além do som do motor do *jet ski*.

Ela pensou ter visto algo à frente na água. Parecia um grande vazamento de óleo marcando a superfície do lago. Era próximo de uma área densa de mato e junco, que cresciam perto da costa. Não era nada tão estranho, um barco poderia

ter deixado a substância vazar na água, mas ela prosseguiu lentamente ainda assim, querendo dar uma olhada mais detalhada.

Jay não perguntou o que ela estava fazendo; estava simplesmente feliz por estar junto no passeio, como sempre.

Mas quanto mais Violet se aproximava, menos se parecia com óleo. Parecia ter o mesmo brilho gorduroso do óleo, formando um arco-íris de tons sobre a superfície da água enquanto era rasgada gentilmente pelas ondas. Mas havia algo diferente, que ela não conseguia identificar.

Até estar praticamente sobre o lugar.

Tomou cuidado para não deixar as plantas se prenderem no motor do *jet ski*, e se inclinou para a frente sobre a borda, ao desacelerar, para certificar-se de que não levaria o *jet ski* a águas rasas demais.

Ela *precisava* ver o que havia ali.

— O que você está olhando? — Jay finalmente perguntou, demonstrando um pequeno interesse. Ele estava acostumado ao estilo errante de Violet.

— Não sei — foi tudo o que respondeu, envolvida demais na própria curiosidade para tentar explicar melhor.

Violet parou o *jet ski* e se levantou para enxergar o fundo do lago. Uma luz matizada parecia irradiar embaixo d'água, surgindo de um ponto entre o junco e se propagando ao alcançar a superfície. Ela nunca tinha visto nada parecido, e sabia que o espectro de luz desafiava a própria natureza ao se comportar daquele jeito.

Aquilo só podia significar uma coisa.

Havia algo morto ali embaixo.

Seu primeiro pensamento foi de que se tratava de um pato, ou talvez até de um peixe grande que tivesse boiado naquela direção. A luz vibrante continuava irradiando através das ondas, desbotando-se em uma névoa tênue e colorida ao romper a superfície da água e desaparecer no ar. Violet se esforçou para ver através da vegetação, que se tornava mais espessa na direção do limite da água.

Pensou ter visto algo boiar entre as plantas, mas não tinha certeza, então saltou do *jet ski* e seguiu naquela direção. Sentiu uma pontada aguda de medo, mas nem assim conseguiu se conter.

— O que foi, Vi? — perguntou Jay, e agora seu interesse parecia genuíno, e até mesmo preocupado. — Volte para cá. *Eu* vou ver o que é.

Mas era tarde demais. Violet já tinha visto. E ela estava na água, indo em direção ao que quer que estivesse escondido entre os juncos ao longo da margem do lago.

Uma pele espessa, pálida e inchada cercava os olhos brancos leitosos que encaravam Violet. Um eco mortal criara uma auréola de luz pálida, enquanto cabelos longos se espalhavam em ondas emaranhadas que saíam da cabeça da garota.

Violet gritou no mesmo instante em que Jay a alcançou e viu o que ela estava vendo. Ele a envolveu por trás com os braços e a puxou para longe, em busca de ajuda.



CAPÍTULO 5

A ajuda chegou personificada na polícia de Bonney Lake e no Departamento de Bombeiros e Resgate de East Pierce, os primeiros a responder a emergências naquela área do lago.

Violet estava enrolada em cobertores de lã que pinicavam, empoleirada na parte de trás da ambulância grande e vermelha com uma bacia sobre os joelhos. Tinha vomitado duas vezes desde que Jay a arrastara para longe do túmulo aquático que tinha descoberto. Nunca tinha ficado tão afetada pelos animais que encontrava, mas, de alguma forma, a imagem da garota morta, deitada sem vida sob a superfície da água, a deixara enjoada. Só depois que o choque imediato passou foi que seu estômago finalmente se acalmou. A vasilha que segurava agora era uma simples precaução.

Além disso, havia outras distrações que afastavam sua mente de seu estômago fraco.

Estar na presença de tantos homens — e mulheres — que carregavam armas por ofício era um pouco perturbador para Violet. Não porque tivesse medo daquelas pessoas, mas porque, em geral, aqueles que carregavam armas tinham mais probabilidade de utilizá-las. E aqueles que as utilizavam tinham mais chance de carregar as marcas da morte em si.

Pessoas inocentes também carregavam marcas.

Caçadores, ocasionalmente. Veteranos de guerra, talvez. Oficiais de polícia, sem dúvida… talvez não todos, mas definitivamente alguns.

As marcas que ela conseguia sentir no momento, além do eco óbvio da garota na água, eram desbotadas e fracas, mas, em geral, aquele era o tipo de cena que Violet evitaria sempre que possível.

A não ser, como era agora, que ela tivesse descoberto o corpo.

Seu tio Stephen tinha sido chamado, a pedido de Jay, e, apesar de a jurisdição dele ser a quase meia hora de distância, chegara em menos de quinze minutos.

Violet ficou imaginando quantos sinais ele tinha avançado com a sirene ligada, para chegar tão rapidamente.

Ela não perguntou, porque não se importava. Estava apenas grata por ele estar ali. Sentira-se imediatamente melhor ao vê-lo caminhar apressadamente em sua direção e tinha deixado que ele a envolvesse em um abraço forte, como fazia quando ela era pequena. Tê-lo ali a fazia sentir-se segura.

Quando ele finalmente a soltou, permitindo que ela respirasse outra vez, deixou o braço mais frouxo, porém protetor, ao redor dos ombros de Violet.

— Nossa, Vi, às vezes é muito ruim ser você, não? — Ele apertou-a mais uma vez, rapidamente, em seguida acrescentou com mais seriedade: — Sinto muito que tenha tido de ver aquilo.

Violet deu de ombros.

O tio pareceu entender que ela não queria falar sobre o assunto.

— Acho que estão quase acabando de tomar o depoimento de Jay. Vou ficar junto enquanto falam com você, tudo bem? Prometo que não vou deixá-la sozinha.

Os pais de Violet chegaram separadamente, pois o pai teve de ir direto do trabalho. Ambos estavam estressados e preocupados, e também a cobriram de abraços e sussurraram-lhe palavras gentis de conforto, enquanto ela precisava aguentar ter de contar novamente os acontecimentos, diversas vezes, para diversas pessoas, de diversas corporações.

Ela e Jay deram detalhes que levaram à descoberta de um cadáver nas águas rasas do lago, oculto pela vegetação. Apesar de não haver nenhuma mentira e nenhuma história inventada no relato de Jay, Violet gostaria que o dela pudesse ter sido tão simples.

Mas não era.

Coincidência. Acaso. Estas foram as palavras com as quais contou para criar um véu de mentira, para manter seu “dom” em segredo.

Deve ter soado convincente o bastante, pois conseguia ver comiseração nos olhos de todos os que ouviram a história. Olhares sinceros que expressavam compaixão para com a pobre garota que tinha deparado com uma cena tão horrorosa.

A presença do tio Stephen a deixava segura de várias formas, e finalmente, talvez mais cedo que o normal, ela foi liberada para ir embora com a família. Ele também se responsabilizou por levar Jay para casa, visto que a mãe do garoto, a única mulher deste universo que não tinha um telefone celular, não fora encontrada.

Violet voltou com o pai, mas Stephen insistiu em levar Jay, que não reclamou

ao entrar no banco da frente da viatura policial e perguntou se poderia ligar a sirene.

Era como um garotinho ansioso de cinco anos. Um pouco infantil. Mas também completamente adorável.

Violet se sentiu grata pela relativa calma de estar no carro com o pai. Ele era um homem tranquilo e, às vezes, só o fato de estar ao alcance de seus braços conseguia acalmar-lhe os nervos mais aflorados. Além disso, ao contrário da mãe, que era um pouco "nova era" e sempre encorajava Violet a "compartilhar" seus sentimentos, o pai não a pressionava a dar informações sem que ela estivesse pronta para isso. Ele esperava, e ouvia silenciosamente quando ela *de fato* decidia que era o momento.

Violet inclinou a cabeça para trás e tentou absorver um pouco da tranquilidade do pai.

Após um tempo, no entanto, não conseguiu não falar.

— Havia uma luz — ela explicou. A voz soava estranha, como se estivesse ecoando de um grande túnel vazio. Limpou a garganta e tentou novamente. — Eu vi um arco-íris de luz que subia da água.

Ele sabia, é claro. Não sobre a luz, mas sobre, de alguma forma, ela ter sido chamada pelo corpo sem vida da garota.

Seu pai estava quieto, da maneira usual. Sério, firme, sólido. Como sempre, era o porto seguro de Violet.

— Eu não contei nada ao Jay. Simplesmente a segui, para poder ver melhor o que era. Jay nem percebeu o que eu estava procurando até ser tarde demais. — Ela manteve os olhos fechados enquanto o carro passava pela conhecida estrada em direção à sua casa.

O pai esticou o braço e apertou seu joelho. Foi tudo o de que precisava.

As lágrimas finalmente vieram, deixando-a sem fôlego com uma intensidade surpreendente. Seu pai não disse nada, mas ela sentiu o carro sair da estrada, e, em seguida, ele a puxou para perto. Ela chorou daquele jeito, apoiando-se nele dentro do carro parado, durante o que pareceram horas, mas provavelmente não passaram de alguns minutos. Não se importou com o fato de estarem parados em uma estrada movimentada, ou de estar agarrada ao pai como uma criança. Permitiu-se soluçar, chorando por si, e também pela garota na água, e por quem quer que ela tivesse deixado para trás com sua morte trágica.

Incomodava-a muito saber que a garota tinha sido assassinada. Que ela, Jay, o pai e o tio *sabiam*, com base no eco que Violet tinha descoberto, mas, não podiam contar a ninguém. Tinha certeza de que a polícia descobriria, que encontraria provas que sustentariam essa ideia, mas, mesmo assim, detestava

saber com certeza. Detestava ter de mentir a respeito e forçar os outros — as pessoas que mais amava — a manter seus segredos.

Continuou junto ao pai, mesmo quando as lágrimas já tinham praticamente acabado. Sentia-se segura em seus braços.

— Não quero mais ser capaz de fazer isso — resmungou, rouca, contra a camisa úmida dele. — Não me importo com os animais, não sei explicar por quê, simplesmente não sei. Mas por que eu tive de ver… *aquilo*… *ela*? — sussurrou a última palavra tão suavemente, que nem tinha certeza de que ele a ouvira.

Ele afagou as costas da filha, e, quando finalmente falou, Violet deu um breve salto. Cada fibra muscular do corpo da garota parecia contraída e rígida.

— Sinto muito, meu amor — disse Greg Ambrose, a voz soando como se estivesse esgotado. — Eu faria qualquer coisa no mundo para protegê-la de ver coisas assim, eu e sua mãe. Nunca iríamos querer que você passasse por nada assim outra vez. — Ele a afastou, para que pudesse olhar para a filha. E estava com os olhos vermelhos. — Quando você era pequena e começou a achar animais mortos no bosque, ficamos preocupados. Foi então que soubemos que você tinha herdado a *habilidade* especial da vovó Louise. Sentimos medo pelo que isso faria a você, pelo modo como você se sentiria com o fato de ser atraída até tantas mortes. Sabíamos que não havia nada que pudéssemos fazer para *impedir* que você os sentisse lá, mas costumávamos desencorajá-la a procurar, tentávamos distraí-la com outras coisas, e com subornos. Oferecíamos chiclete e bala; até perguntávamos se você queria ir tomar sorvete, em vez de tentar achar os animais. Você era tão pequena, mas mesmo naquela época já era muito determinada… *muito* teimosa. E não media esforços para chegar a eles, não se dava por satisfeita enquanto não tivessem um enterro adequado. Parecia dar-lhe um pouco de… *serenidade*, eu acho, saber que tinham sido encaminhados. Você até inventava histórias engraçadas sobre aquelas suas pobres criaturas perdidas. Lembra-se do Bob, o esquilo banqueiro que se esqueceu de pagar a conta de luz, então congelou até a morte? — Ele riu e limpou a bochecha dela com o dedão. — Eu tinha medo de recebermos uma ligação do psicólogo de sua escola. Mas seus professores simplesmente a achavam *criativa*.

O que Violet lembrava era que fora o pai quem a ajudara quando os animais locais — cachorros, principalmente — descobriram as covas rasas de seu cemitério e começaram a desenterrar os pequenos corpos. Fora ele que a ensinara a cavar mais fundo e a cobrir as covas com pedras pesadas, para impedir que fossem remexidas.

E quando os cachorros insistiram, ele até a ajudou a construir uma pequena

cerca com arame do galinheiro.

— Quando você encontrou aquela menina, a do bosque, achamos que não aguentaria. Sua mãe e eu nos preocupamos que fosse demais para uma garotinha tão nova ter de lidar com aquilo. Mas você conseguiu. Primeiro chorou e teve até alguns pesadelos, mas não sucumbiu. Assim que a pobre menina foi enterrada em um jazigo adequado, você pareceu simplesmente — ele deu de ombros — *seguir adiante*.

Ele levantou o queixo da filha com o dedo.

— Você vai superar outra vez. Eu a conheço, Violet. Você *vai* ficar bem. *Melhor* que isso até. Acredite em mim. — Então, sorriu para ela.

Violet tentou sorrir de volta, mas ainda se sentia arrasada. Não conseguia explicar inteiramente, mas *era* semelhante a como se sentiria antes de enterrar um de seus animais — estava inquieta e perturbada. Só que isso era pior… muito, *muito* pior. Sentia-se como se estivesse enterrada sob um manto extraordinariamente pesado de escuridão, que a sufocava, e precisava desesperadamente sair de lá. Não compartilhava o otimismo do pai. Parecia-lhe que jamais conseguiria ficar livre daquela sensação. Mas, de algum jeito, mesmo que não acreditasse inteiramente, sentia-se melhor só de ouvi-lo dizer as palavras. *Ela ficaria bem*.

— Deveríamos voltar para casa — ela lembrou a ele, de repente querendo desviar o foco de si. — A mamãe provavelmente não está gostando de nossa demora.

— É, tenho certeza de que vou ouvir muito. — Ele afagou a perna da filha e deu a partida no carro.

Violet não conseguia afastar os sentimentos melancólicos que não a deixavam em paz, infiltrando-se em cada poro de seu corpo. Inclinou-se para trás e fechou os olhos, imaginando se os pesadelos da infância estariam prestes a voltar, para assombrarem mais uma vez seu sono.



OBSERVANDO

O caos da cena era delicioso. Criava a quantidade perfeita de desordem para que ele ficasse completamente escondido em meio à confusão. Indetectável.

Exatamente como gostava.

Adorava a caça; era o que o fazia continuar. Mas isso… isso *era seu prazer culposo.*

Observar sua obra — o resultado de um assassinato — exposto ao mundo.

Claro que sabia que seria. Consequentemente, de qualquer forma.

Afinal de contas, foi um despejo na água… em um lago movimentado. Alguém encontraria, mais cedo ou mais tarde. A única surpresa foi a rapidez com que ela foi encontrada.

Mas estava quente, e as pessoas se dirigiram para o lago em bandos. Então, na verdade, não era tanta surpresa.

Mas não tinha problema. Foi um desembaraço limpo. Ele se certificara disso. Como sempre, tomara cuidado. Nenhuma testemunha, nenhuma evidência, nada que ligasse o corpo a ele.

Perfeito.

Equipes de polícia e bombeiros trabalharam em conjunto para preservar a cena enquanto vasculhavam as águas e faziam buscas nas margens.

Observou enquanto curiosos empurravam e puxavam uns aos outros, tentando enxergar melhor o que acontecia ao longo da beira da água. Gostava da energia que irradiavam, de seu desejo insaciável pelos detalhes sórdidos, independentemente de quão repulsivos ou perturbadores pudessem ser.

E agora, estavam vorazes.

Ficou o mais próximo possível, ouvindo, deliciando-se com sua necessidade.

Falavam sobre sua obra, sobre o que ele fizera, sem nem sequer perceber que ele estava entre eles.

Aquilo o animava. Sentia-se poderoso. Vivo.

Sabia que estava se arriscando. Não deveria estar ali. Já tinha visto algumas pessoas que o conheciam, que poderiam, se tivessem oportunidade, identificá-lo. Sentia-se satisfeito por estar escondido sob chapéu e óculos de sol, e teve cuidado de ficar perto de outros na multidão que se assemelhavam a ele em altura, para que não se destacasse muito. E numa multidão grande como aquela, havia gente de todas *as alturas.*

Deixou a mente vagar ao examinar os que estavam à sua volta, encostados nele. Não foi difícil encontrar garotas das quais gostava, garotas que pudesse utilizar. Com seus biquínis minúsculos e shorts ultracurtos, que revelavam áreas extensas e suaves de pele imaculada, elas eram particularmente irresistíveis para ele. Talvez um dia as visse outra vez, em outro lugar, em outra época.

Mas sabia que não poderia ficar. Quanto mais esperasse, maior a chance de ser descoberto, principalmente em um cenário como aquele.

Abaixou a cabeça e passou lentamente pelas pessoas que se esforçavam para aproximar-se. Atrás das lentes escuras, seus olhos miravam em todas as direções, absorvendo o máximo que podiam da cena, para que mais tarde, quando estivesse a sós com seus pensamentos, pudesse se lembrar de todos os pormenores. Cada detalhezinho sórdido.

Hoje tinha sido um bom dia.

Já vira o bastante para manter-se bem. Por enquanto.



CAPÍTULO 6

Aquele dia, o dia no lago, foi como o último dia de verão… não apenas para Violet, mas também para todo o mundo. E mesmo que o calendário não sustentasse isso, o clima colaborou, ignorando as previsões do tempo que tinham anunciado altas temperaturas, e se tornou triste e sombrio no dia seguinte.

Violet lutou para sobreviver às primeiras vinte e quatro horas. Continuou a sentir-se sufocada, primeiramente pela escuridão da noite, depois pela melancolia opressiva daquele domingo sem fim. Ficou quieta quase o tempo todo, mantendo-se no quarto o máximo possível, mal escutando a música que saía de seus fones de ouvido, e apenas dormindo levemente, quando dominada pela exaustão.

Jay ligou diversas vezes, e quanto mais quisesse ouvir a voz do amigo, mais evitava seus telefonemas. Sentia como se devesse um pedido de desculpas pelo que o forçara a testemunhar, mas não sabia ao certo o que poderia dizer para melhorar a situação.

Sentia-se como uma sonâmbula durante aquelas horas dolorosas.

A segunda noite veio, e o sono finalmente a venceu. Tentara evitá-lo: passara incontáveis horas deitada na cama jogando o jogo do “e se” mentalmente. *E se nunca tivesse visto aquelas cores assombrosas ecoando da água? E se tivesse optado por não explorá-las?* Ou, a melhor de todas, *e se ela fosse apenas uma garota normal, que passasse pela vida sem saber nada daquilo… completamente alheia aos mortos?* Estava exausta devido à autodepreciação e ao turbilhão interior.

Mas, assim como quando tinha oito anos, quando o sono finalmente a venceu, veio a algum custo. Pesadelos com a garota morta surgiram nas ondas de seu subconsciente. Olhos pálidos e sem vida observavam-na de perto sempre que fechava os seus. E, independente de quão chocante fossem as imagens, não

podia evitá-las sem parar, até o amanhecer, quando o sono a dominava.

Ela voltou para a escola muito cedo, mas não percebeu antes que fosse tarde demais.

Naquela segunda-feira, ao sair de casa, achou que a distração pudesse fazer-lhe bem. Jay ficou aliviado ao vê-la, e, apesar de Violet ainda não conseguir lhe pedir perdão, sua presença a fez sentir-se melhor… quase viva outra vez.

Esticou o braço para ela e segurou a mão fria da amiga enquanto andavam juntos para a aula. Em qualquer outro momento aquele gesto simples teria feito com que o coração dela parasse, mas, naquele instante, simplesmente fez com que Violet se lembrasse de que ainda estava acordada.

O que não imaginou foi que os eventos do fim de semana, no lago, não tivessem acontecido somente com ela, ou com eles dois. Foi como se tivessem acontecido com o colégio inteiro. E cada aluno que conseguia chegar perto o suficiente queria conversar sobre o ocorrido… Queriam que ela os revivesse para eles, sem parar.

Como Violet a viu, a garota morta?

Ela a reconheceu?

Como foi ver um cadáver?

Ela achou que a garota tivesse se afogado? Tinha sangue? Ela viu hematomas?

Faltava alguma parte do corpo?

As perguntas eram infinitas.

Aqueles que realmente conheciam Violet — seus amigos — eram mais sensíveis, mas não menos falantes a respeito do assunto. E suas perguntas, por algum motivo, incomodavam mais que a previsível curiosidade mórbida dos outros. Eram pessoais demais.

Violet estava bem? Queria conversar sobre o assunto? Seu tio falou se sabiam quem era a garota?

Achava que a preocupação com ela era exibida como quadros em uma exposição, e, mesmo quando tentava mudar de assunto, coisa que fazia com muita frequência, sempre conseguiam retomar o tópico que realmente queriam discutir: a garota morta na água.

Jay era o único que a entendia, o único que parecia saber que ela ainda não estava pronta para isso. Ficava o mais próximo que conseguia durante o dia, e, apesar de Violet achar que *ela* deveria estar lhe oferecendo alguma espécie de conforto, duvidava que conseguisse sair do próprio poço de autopiedade por tempo suficiente para tentar. Mas ele não parecia se importar. Não parecia ter

sido afetado como ela.

Em casa, seus pais eram pacientes. Ouviam quando ela falava, e ela *falava* com eles, mas quando terminava a deixavam em paz outra vez. Era uma dança cautelosa que faziam ao tomarem muito cuidado para manter-se longe de seu caminho, e ela ficou imaginando se eles a achavam frágil ou quebrável. Em vez de ficar grata pelo espaço que lhe davam, sentia-se irritada por eles a considerarem tão fraca.

Tio Stephen fez aparições regulares durante aquela semana também, para saber como ela estava e levar biscoitos que Tia Kat tinha feito, daqueles caseiros, de verdade, e não dos que eram vendidos em pacotes na seção de congelados do supermercado. Violet tentou, mas não conseguiu encontrar em si a força para apreciar o esforço da tia.

E então, quase simultaneamente, duas coisas mudaram tudo.

Uma semana após Violet encontrar o corpo no lago, outra garota morta foi encontrada.

Exatamente uma semana depois.

E então, no dia seguinte, a duas cidades de distância, em uma tarde de domingo, a garota do lago — Carys Kneer — foi enterrada pela família… para que descansasse da maneira adequada.

De uma vez por todas.

E, apesar do fato de que outro corpo tinha acabado de ser encontrado, Violet de repente se sentiu em paz com o mundo outra vez. Pareceu acordar abruptamente do torpor que a dominara.

E ficou daquele jeito…

Até a próxima garota desaparecer.



CAPÍTULO 7

Na segunda-feira, todos na escola já sabiam sobre a descoberta do segundo corpo. As notícias foram mais divulgadas dessa vez, e não só por haver outra garota morta, nem pelo fato de ela ter sido encontrada tão perto de casa. Foi uma grande notícia por ter sido *a* garota que era.

Brooke Johnson podia não ter sido aluna da Escola White River, mas *estudava* na cidade mais próxima. E como acontece com jovens em cidades pequenas, os círculos sociais se misturavam: frequentavam as mesmas festas, namoravam os mesmos meninos e iam aos mesmos lugares. Brooke fora popular, o que não necessariamente significava que gostassem dela, mas o que definitivamente a tornava mais importante na escala das fofocas. Violet não a conhecera pessoalmente, mas sabia quem era, assim como os alunos da escola de Brooke sabiam quem era Lissie Adams.

O outro fator que tornou a morte de Brooke ainda mais noticiável foi o fato de ter estabelecido um padrão… pelo menos aos olhos da maioria das pessoas da comunidade.

Sabiam agora o que Violet sempre soubera: que a garota no lago tinha sido assassinada antes de ser despejada na água. E, apesar de as autoridades não poderem confirmar nem negar uma conexão entre os dois corpos, na região ninguém tinha dúvidas. Duas garotas sequestradas, assassinadas e abandonadas em locais tão próximos um do outro, em um período de tempo tão curto, dificilmente poderia ser coincidência.

Se anda, nada e grasna como um pato, então provavelmente é um pato parecia ser exatamente o sentimento que envolvia a suposta correlação, e as pessoas reagiam de acordo.

Psicólogos especializados em perda foram colocados à disposição em diversas escolas da região, incluindo a White River, em Buckley. Depois das aulas, havia palestras e aulas extras sobre segurança, cuidado com relação a

estranhos e defesa pessoal. De repente todas as garotas da escola se preocupavam com o próprio bem-estar. E, apesar de não serem de fato *permitidas* no ambiente de "tolerância zero" da escola, pequenas latas de spray de pimenta se tornaram artigos de primeira necessidade — tanto quanto gloss labiais e absorventes — em quase todas as bolsas do colégio.

Contudo, ao aproximar-se o meio da semana, as conversas voltaram a parecer mais normais, e ainda que a segurança fosse realmente um problema, mesmo a morte de Brooke Johnson foi finalmente ofuscada pela trivial busca de rumores que rompia o clima sinistro.

Jay, por outro lado, não foi ofuscado nem esquecido. E, enquanto os últimos dias de verão vagavam em direção ao outono, a cada dia o número de garotas apaixonadas que andavam atrás dele parecia se multiplicar.

Enquanto estivera presa aos próprios problemas, Violet temporariamente se esquecera de sentir ciúmes das outras garotas e finalmente se lembrara de como ser apenas amiga de Jay outra vez. Durante aqueles dias, antes de a garota do lago ser finalmente enterrada na própria cidade, Jay fora o responsável por conservar a sanidade de Violet. Ele colocava barras de chocolate na mochila da amiga, para que ela as encontrasse depois, e deixava bilhetinhos em seu armário, só para que ela soubesse que ele estava pensando nela. Violet se apoiou nele durante todo o tempo, e ele não reclamou nem uma só vez. E depois, quando voltou a si, pelo menos quase completamente, ele ainda estava lá.

Ficava imaginando o que teria feito para merecer um amigo como ele, alguém que nunca titubeava e nunca questionava. Alguém que estava sempre *presente.*… e dava apoio, era engraçado e gentil.

Violet ficou no corredor e o observou. Ele mexia no armário, à procura do livro de matemática, e, apesar de saber que não estava ali, ela o deixou procurar, sorrindo para si mesma. Pedaços amassados de papel caíam no chão aos pés de Jay.

Ele pareceu sentir que Violet o observava e olhou para ela.

— Que foi? — perguntou ele.

— Nada — ela respondeu, com um sorriso nos lábios.

Ele franziu os olhos, percebendo que era o alvo de alguma brincadeira.

— *O quê*?

Ela suspirou e apontou com o pé para a mochila dele, que estava torta, apoiada contra a parede de armários.

— Seu livro está na sua mochila, tolinho — anunciou ao virar de costas e começar a caminhar em direção à sala de aula.

Ouviu o amigo resmungar, e em seguida o barulho da porta do armário que

batia, antes de ele finalmente alcançá-la.

— Por que não disse nada? Às vezes você realmente me irrita.

Era fácil ignorar as palavras ríspidas quando o tom de Jay nem de longe sugeria repreensão.

Ela deu de ombros.

— É engraçado vê-lo atrapalhado.

— É, *engraçado*. Era isso que eu estava pensando.

Grady Spencer apareceu ao lado de Jay.

No começo, ele era apenas amigo de Jay, mas logo fez amizade com Violet também. Quando eram mais novos, no quarto ano, ela desenvolveu uma paixonite por Grady, e lhe passava bilhetinhos na escola, perguntando se ele também "gostava" dela. Um deles tinha até quadradinhos para marcar "sim" ou "não". Ele marcara sim, e os dois oficialmente se tornaram namorados até o fim do ano, o que, na prática, significava apenas que ela o perseguia no recreio, e ele fingia que não queria que ela o fizesse.

Mais tarde, depois do primeiro dia do quinto ano, ela chorou ao notar que eles não seriam mais da mesma turma. E aquele fora basicamente o fim daquela paixão de infância. Ele tinha seguido em frente para Miranda Grant, uma aluna nova de sua nova sala, e Violet se apaixonou pelo professor do quinto ano, o Sr. Strozyk.

— E aí? — Jay perguntou a Grady.

Era engraçado ver Grady agora, porque, assim como Jay, ele tinha crescido quase quinze centímetros desde o último ano escolar, e ficara muito mais alto que ela. Metade dos meninos da turma cresceu repentinamente e tornou-se homem; os outros permaneceram como meninos. As garotas já esperavam que eles as alcançassem havia uns dois anos, e os que tinham chegado lá eram considerados alvos legítimos. Era como uma temporada de caça na White River.

— Nada demais, cara — Grady respondeu com uma voz mais grossa do que ela se lembrava. — Vocês vão para o jogo na sexta-feira?

— Claro. Certo, Vi? — perguntou Jay, basicamente respondendo por ela.

— Claro. — Ela deu de ombros.

Ela não se importava; sabia que iam. Era outono, o que significava temporada de futebol. E jogos em casa eram praticamente uma religião na sua cidade.

Chegaram à sala em que ela e Jay tinham aula juntos, mas Grady não. Em vez de continuar andando, ele se deteve.

— Violet, posso falar com você um minuto? — a voz grossa a surpreendeu

novamente.

— Pode — concordou Violet, curiosa a respeito do que ele poderia ter a lhe dizer.

Jay parou e esperou também, mas quando Grady não disse nada, ficou claro que ele gostaria de falar com ela… *a sós*.

Jay de repente pareceu desconfortável e tentou sair de forma casual.

— Vejo você lá dentro — ele finalmente disse a Violet.

Ela assentiu enquanto o amigo saía.

Violet estava um pouco preocupada que o sinal tocasse e ela se atrasasse novamente, mas sua curiosidade aumentara quando percebeu que Grady não queria que Jay ouvisse o que ele tinha a dizer, e isso pesava muito mais que a preocupação com os atrasos.

Quando ficaram sozinhos, e Grady não começou logo a falar, Violet o encorajou.

— Que foi?

Ela o viu engolir em seco, e o pomo de adão de Grady subiu e desceu pela garganta. Era estranho ver seus velhos amigos meninos sob essa nova luz. Ele sempre fora um garoto bonito, mas agora parecia um homem… apesar de ainda agir como um menino. Ele se remexia para a frente e para trás, e se ela tivesse parado para pensar, teria notado que ele estava nervoso.

Mas enganou-se completamente quanto ao desconforto de Grady. Achou que, como ela, ele estivesse preocupado com o atraso.

— Você quer conversar depois da aula? Posso encontrá-lo no estacionamento.

— Não. Não. Agora está bom. — Ele passou a mão no cabelo em um gesto pouco confiante. Respirou fundo, mas a voz ainda estava trêmula quando falou: — Eu… eu estava pensando… — ele então olhou Violet nos olhos, e de repente ela se sentiu muito nervosa quanto à direção que a conversa tomava. Agora desejava desesperadamente que não tivesse concordado que Jay a deixasse sozinha. — Fiquei pensando se você está planejando ir ao Evento de Boas-vindas — Grady disse, afinal.

Ela ficou ali, parada, olhando para ele, sentindo-se presa em uma armadilha por causa da pergunta e sem saber o que dizer.

O sinal tocou, e ambos saltaram.

Violet sentiu-se grata pela desculpa e prendeu-se a ela como a um colete salva-vidas. Estava com os olhos arregalados e apontou para a porta atrás de si.

— Eu preciso… podemos… — ela apontou outra vez, e sabia que agia como

uma idiota, incapaz de uma fala coerente. — Podemos conversar depois da aula?

Grady pareceu aliviado por ter sido liberado daquela situação difícil pelo menos naquele instante.

— Claro. Podemos. A gente se fala depois da aula.

Ele saiu sem se despedir, e Violet, também grata, tentou entrar na sala sem ser notada.

Mas não teve sorte. O professor marcou o atraso na chamada, e todos os alunos observaram enquanto se dirigia à carteira ao lado da de Jay. Estava com o rosto rubro e quente.

— Que foi *aquilo*? — perguntou Jay em um sussurro alto.

Ela ainda tinha a sensação de que a cabeça girava. Não fazia ideia do que responderia a Grady quando a aula acabasse.

— Acho que o Grady acabou de me convidar para o Evento de Boas-vindas — ela disse a Jay.

Ele olhou desconfiado para ela.

— Para o jogo?

Violet inclinou a cabeça para o lado e lançou-lhe um olhar que lhe dizia para falar sério.

— Não, tenho quase certeza de que ele falava do baile — esclareceu Violet, exasperada pela pergunta estúpida.

Jay franziu o rosto para ela.

— E o que você disse?

— Não disse nada. O sinal tocou e falei que teríamos de conversar mais tarde.

O professor olhou na direção dos dois, que fingiram não estar falando um com o outro. Violet achou que não devia se encrencar por não estar prestando atenção, principalmente após ter recebido um atraso, então se esforçou para ficar atenta durante a aula. Mas era quase impossível se concentrar.

Ela tinha pensado em ir à festa mesmo antes de Grady convidá-la, e esperava, provavelmente em vão, que Jay a chamasse para ir com ele, mesmo que significasse que fossem apenas como amigos. Preferiria passar a noite na companhia do amigo, mesmo de forma inocente, a passá-la com qualquer outra pessoa. Mas agora que tinha sido convidada por Grady, precisava ao menos considerar a possibilidade de ir com ele. Por que não? Ela e Grady eram amigos há quase tanto tempo quanto ela e Jay, e desde que ele entendesse que isso era tudo o que *seriam*, poderia ser divertido ir com outra pessoa.

Quando a aula terminou, Violet praticamente teve de correr para acompanhar

Jay, que saíra da sala tão depressa, que ela mal teve tempo de guardar os livros. Correu atrás dele, frustrada com o fato de que ele a fazia ter de persegui-lo.

Ao alcançá-lo, Violet não se incomodou em esconder a irritação.

— Por que você está com tanta pressa?

Ele começou a dizer alguma coisa, em seguida pareceu mudar de ideia.

— Não estou com pressa. Só não quero que você faça eu me atrasar também.

Violet balançou a cabeça ao ver Jay desaparecer na multidão, irritada por ele deixá-la se sentindo como se tivesse feito algo errado. Entre Grady e Jay, ela estava mais que um pouco confusa com relação a meninos em geral.

* * *

Quando a aula terminou, Violet ficou imaginando se Jay ainda iria querer carona para casa. Ele passara o dia inteiro esnobando a amiga. Pelo menos era assim que ela tinha sentido. Ele até almoçou com alguns dos amigos, em vez de sentar-se com ela e Chelsea. Pensou em deixá-lo na escola sem esperar para descobrir o que havia com ele, mas não estava tão irritada a ponto de ser assim tão idiota. Então, em vez disso, esperou por ele no carro por quase vinte minutos.

Quando ouviu alguém bater de leve no vidro do lado do passageiro ela levantou o olhar, imaginando ver Jay do lado de fora, esperando que ela destrancasse as portas do carro e o deixasse entrar.

Mas não era Jay. Era Grady Spencer, e Violet, de repente, desejou não ter esperado, e ter seguido o primeiro pensamento maldoso e deixado Jay para trás.

Abriu o vidro, tentando não parecer apavorada com a perspectiva de conversar com Grady.

— Hum, oi — ela disse o mais alegremente possível. — E aí?

— Você não está esperando o Jay, está? — perguntou Grady, surpreendendo-a com a pergunta.

— Mais ou menos. — Ela franziu o rosto, de repente se sentindo tola por estar há tanto tempo no carro. — Por quê?

Grady pareceu sem graça por ser ele a ter de contar a ela, e hesitou antes de falar.

— Jay pegou uma carona com a Lissie Adams e alguns dos amigos dela.

Violet não teria ficado mais surpresa se Grady tivesse acabado de lhe dar um tapa na cara, e a dor causada pela notícia foi excruciante, feroz. Ficou ali sentada por um instante estarrecedor, completamente confusa e incerta quanto ao que deveria dizer, ou fazer.

E então uma raiva ciumenta e amargamente intensa passou por ela, que não sabia o que era pior… o fato de Jay ter ido para casa sem nem ao menos lhe dizer por que a estava evitando… ou de ele ter ido para casa com Lissie Adams.

Não importava, na verdade, pois de repente ela não estava simplesmente irritada com ele… *estava furiosa*.

Também tinha a clara noção de que Grady continuava a olhar para ela de maneira ansiosa, e não queria que ele percebesse quão irritada estava, então colocou as mãos sob as pernas para que ele não pudesse vê-las tremendo. Respirou fundo antes de revirar os olhos e falar:

— Teria sido legal se ele tivesse me dito alguma coisa. — De algum jeito conseguiu dizer isso com uma voz que soava provocativa e leve, mesmo que se sentisse cheia de uma frustração irritada.

Grady ficou visivelmente aliviado, e isso pareceu lhe dar a coragem necessária para fazer o que tinha ido fazer.

— Então, queria saber se você pensou a respeito do baile.

Violet olhou para o rosto esperançoso do garoto. Ele sorria enquanto se inclinava para baixo e espiava pela janela do carona. Era apenas uma festa, uma noite, e uma chance de arrumar-se bem e de sair com alguém de quem ela realmente gostava.

Então pensou em Jay e foi tomada por um ressentimento amargo.

Ela devolveu o sorriso, olhando para o rosto bonito de Grady, e fez a escolha bem ali.

— Sim — ela disse, sentindo-se surpreendentemente resoluta em relação à decisão de última hora. — Adoraria ir à festa com você, Grady. Aliás, não tem ninguém com quem eu gostaria mais de ir.

Grady retribuiu o sorriso.

— Excelente. Eu ligo para você e a gente resolve os detalhes mais tarde.

Ao sair do estacionamento, trinta e três minutos depois do final da aula, acenou para Grady, que parecia que tinha acabado de ganhar na loteria e precisava encontrar alguém com quem se gabar.

Ele acenou de volta, mas ela nem sequer o viu. Já estava perdida nos próprios pensamentos, tentando entender por que Jay a dispensara tão inesperadamente.



CAPÍTULO 8

Violet passou o restante da tarde remoendo... ficando com mais raiva ainda e sentindo-se cada vez pior. Esperava que o dever de casa pudesse oferecer alguma espécie de distração, ocupando seus pensamentos com algo que não fosse sua irritação com Jay.

Mas não havia dever de casa suficiente, provavelmente não haveria dever de casa suficiente no mundo todo, que pudesse distraí-la por bastante tempo. Pensou em Jay enquanto fazia a tarefa de trigonometria, pensou nele ao escrever o trabalho de inglês e até durante a leitura sobre a expedição de Lewis e Clark. E nenhum dos pensamentos tinha sido nem um pouco agradável.

Violet sabia que os pais estavam preocupados pelo modo como perguntavam se ela estava bem, ou se estava tudo certo na escola, tentando, de maneira casual, fazer com que ela contasse seus problemas. Sentiu um pouco de culpa por não querer tocar no assunto, principalmente depois de toda a aflição que os fizera passar quando encontrara a garota morta em Lake Tapps. Mas não podia evitar, e, assim que terminou o jantar — uma pizza pedida pelo telefone e uma porção de salada *Caesar* comprada pronta —, correu para o quarto, onde poderia ficar sozinha.

Ligou o som e tentou terminar o dever de matemática. Mas, em vez disso, acabou rabiscando as pontas do papel e revivendo mentalmente os eventos do dia. Desejou de novo que tivesse simplesmente ido embora depois que a aula acabou, sem ter esperado por Jay como uma idiota.

E agora, com algum distanciamento do instante, também desejava não ter concordado em ir ao Evento de Boas-vindas com Grady. Não teria aceitado se não estivesse com tanta raiva de Jay, então, de algum jeito, até *isso* se tornou culpa dele.

Estava esparramada na cama de barriga para baixo, tentando se concentrar na equação seguinte, quando ouviu a mãe, que batia à porta. Tentou fingir que não

tinha escutado. Não estava a fim de um sermão sobre como era ruim para a saúde segurar os sentimentos dentro de si, e sobre como isso bloquearia seus chacras. Mas sua mãe não desistiu com facilidade e bateu outra vez… mais forte.

Violet pressionou a cabeça contra as palmas das mãos, tentando afastar a dor que começava a latejar por trás dos olhos, provavelmente por causa dos chacras sobrecarregados, e sussurrou a resposta, um pouco esperando não ser ouvida.

— Entre.

Ouviu enquanto a porta se abria, mas não conseguiu erguer o olhar. Não estava com a energia necessária para aquela conversa, então decidiu mentir para a mãe.

— Estou cheia de dever de casa — disse antes que a mãe pudesse perguntar outra vez o que havia de errado. — Estou bem. *De verdade*. E preciso acabar isso aqui.

Quando a mãe não disse nada imediatamente, Violet sentiu-se esperançosa de que ela talvez tivesse acreditado e decidido deixá-la sozinha, afinal. Esperou para ouvir o som da porta se fechando outra vez. Em vez disso, ouviu a voz de Jay.

— De verdade… você está bem? Porque eu não estou.

Violet levantou o olhar, surpresa. Jay era a última pessoa que esperava ver em seu quarto naquela noite.

Ele lhe lançou um sorriso próprio de quem está arrependido quando ela não respondeu nada.

— Você não vai me expulsar, vai?

Violet não sabia ao certo como deveria reagir. Ela realmente *queria* continuar irritada com ele; seria mais fácil que admitir, até para si mesma, que ficara magoada. Mas, de algum jeito, vê-lo ali — em carne e osso — deixou-a desarmada. De repente desejou que pudesse ler os pensamentos do amigo.

Violet deu de ombros, tentando manter o frágil controle sobre a raiva que já diminuía.

— Não — foi tudo o que respondeu, ainda esperando para saber por que Jay tinha ido à sua casa. Ela se sentou, observando-o, cautelosa.

Ele também se sentou, na beirada da cama, e Violet sentiu seu corpo se deslocar um pouco em direção ao do amigo, quando o colchão afundou sob o peso de Jay.

— Olhe, Violet, sinto muito por hoje. Não deveria ter ido embora sem você. *Você* não fez nada.

Quando olhou para ele, ouvindo a explicação, Violet sentiu que seu coração

batia tola e loucamente dentro do peito, quase como se gritasse.

Ele hesitou, mas em seguida continuou.

— Não é que eu esteja com raiva por você ir à festa, eu estava *torcendo* para que você fosse. — Ele franziu o rosto, e Violet pensou que ele parecia escolher muito cuidadosamente as palavras, e ficou imaginando o que ele *não* estava dizendo. Jay suspirou e admitiu: — Acho que eu só não esperava que fosse com o Grady.

Então o problema era Grady? Ela abriu a boca e começou a dizer alguma coisa, queria explicar a Jay que não planejava dizer sim a Grady, mas antes que pudesse interrompê-lo, ele continuou:

— Eu sei… é estúpido, e não é da minha conta, e somos todos amigos há tanto tempo, e… e eu não sei, Violet… acho que não queria que o fato de vocês saírem juntos atrapalhasse as coisas.

Violet não conseguia mais conter a frustração; agora lutava contra o arrependimento que sentia por não ser capaz de contar o que realmente sentia pelo amigo. Mas Jay continuou a falar:

— Entendo que não tinha direito de me irritar com isso e que agi como se fosse um bebê ao ir embora da escola hoje sem avisar. Acho que não queria topar com vocês dois, já que você disse que se encontrariam depois da aula.

Ela retirou um fiapo de cima do cobertor. E desejou, mais do que nunca, que tivesse dito não a Grady.

— Tudo bem, eu acho. Mas não é como se eu e o Grady estivéssemos namorando ou algo assim. É só um baile, *uma noite*, não significa *nada*. Prometo que não irá arruinar amizades. Principalmente a nossa.

— Eu sei. Não sei por que isso me afetou tanto. Por algum motivo fui pego de surpresa e agi feito um idiota. Mil desculpas, Violet. — A sinceridade doce na voz de Jay a emocionou.

Ela sorriu para ele.

— É, eu sei, você já disse isso. — Ela lhe deu um leve empurrão com o pé calçado de meia. — Eu perdoo você… sabe, por ser tão *idiota*.

Jay agarrou o pé de Violet e puxou-o até que ela caísse de costas. Ela riu, já se sentindo melhor só de saber que não teria mais que perder tempo sentindo raiva do amigo.

Mas também decidiu que não teria momento melhor para dizer o que queria ter dito havia já algum tempo… algo que não conseguira falar antes.

— Ei — ela disse seriamente —, como estamos nos desculpando, eu também tenho uma coisa para falar.

Jay se jogou na cama, deitando-se ao lado de Violet. Ela esperou pela sensação de calma que a proximidade do amigo geralmente lhe trazia, mas que acabou não vindo dessa vez. Não sabia ao certo o que a deixava tão nervosa, mas de alguma forma, deitada ali, com o rosto de Jay a uma respiração de distância do dela, estava mais desconfortável que nunca, e o desassossego e possivelmente o calor do corpo dele contra o dela fizeram com que Violet hesitasse.

Mais uma vez, Jay parecia ler os pensamentos de Violet, e ela imaginou se realmente era assim tão transparente. Torceu para que ele não conseguisse ler *tudo* o que se passava ali.

— Vá em frente, Vi. Você pode me contar qualquer coisa. — O meio sorriso preguiçoso do amigo era estonteante, e ela se viu encarando a boca de Jay por mais tempo do que deveria. — Qualquer coisa — ele garantiu, gentilmente, e ela imaginou qual seria a sensação daqueles lábios nos dela.

Era agora ou nunca, pensou, e piscou para quebrar o feitiço entorpecedor que tinha sido lançado sobre ela.

— Eu… eu sinto muito por aquele dia no lago. Não queria fazê-lo ver aquilo… — Agora que estava no meio da frase, as palavras pareciam ainda mais difíceis de ser encontradas, e ela não sabia ao certo como dizer o que queria. Dentro da própria cabeça soava tão confiante e segura de si, mas, de alguma forma, quando as palavras chegavam aos lábios, saíam confusas e gaguejadas. — … Eu não deveria ter ido até lá… principalmente porque tinha quase certeza de que havia… sabe, *alguma coisa* ali.

Jay balançou a cabeça e se apoiou no cotovelo, olhando de cima para ela.

— Você não precisa se desculpar por isso. Eu sei que o que você *descobre* está além de seu controle. — Ele esticou o braço e tirou uma mecha de cabelo do rosto de Violet. Suas palavras eram tão gentis e cautelosamente sinceras quanto seu toque. — Além disso, se tivesse me contado antes que sentia alguma coisa lá, eu teria ido com você de qualquer forma. Não foi culpa sua o fato de ter sido uma *garota*, e não algum animal. Só não quero que você esconda de mim quando estiver *sentindo* alguma coisa. Somos amigos há muito tempo, Violet. Eu *quero* que você me conte se algum dia sentir algo estranho.

Jay afastou a mão do rosto de Violet, e ela teve de lutar contra o impulso de tremer, em razão da carga elétrica que sentiu ao ser tocada. Suas bochechas ruborizadas ainda formigavam onde os dedos de Jay tinham encostado. Decidiu guardar aquela *sensação estranha* para si.

— Sei que não é culpa minha, mas eu deveria ao menos tê-lo alertado. — Queria que ele entendesse que se sentia muito mal por tê-lo feito testemunhar alguma coisa que nunca deveria ter visto. — De qualquer forma — continuou

—, sinto muito por isso.

— Tenho certeza de que você já disse isso — ele respondeu, usando as palavras que a amiga tinha dito antes para provocá-la.

Ela sorriu, ansiando desesperadamente que ele a tocasse outra vez. E desejou que ele não pudesse ver esse desejo em seu rosto.

— Só não quero nada ruim entre a gente — ela falou, tentando se explicar.

— Eu sei. — Ele esticou o braço e segurou a mão de Violet. Despreocupadamente, entrelaçou seus dedos nos dela.

Violet se aconchegou a ele, e a calma finalmente veio, dominando-a pacificamente.

Então ele a beijou. Gentilmente. Com suavidade. Não nos lábios, como ela imaginara tantas vezes antes, mas na testa.

O gesto foi doce e um pouco possessivo.

Violet esperava que, talvez, fosse um começo.



ADRENALINA

Cada caçada era tão única quanto a garota em si.

Seria melhor se duas garotas não fossem capturadas *exatamente da mesma forma. Ou na mesma área.*

Mas isso ficava cada vez mais difícil à medida que as faltas ao emprego se tornavam mais visíveis. Então recentemente ele fora obrigado a caçar mais perto de casa, e isso significava que era preciso ser mais precavido que no passado. Significava ser ainda mais aplicado. Meticuloso.

Não que ele já tivesse sido descuidado anteriormente. Nunca era descuidado; isso ia contra tudo em que acreditava.

Passou o dedo na ponta lisa da lâmina de sua faca KA-BAR. Sabia que não teria que utilizá-la; o efeito assustador da arma na presença das garotas era o suficiente para causar total submissão. Simplesmente tocar na lâmina de aço o fazia sentir-se estimulado como nenhuma mulher jamais o fizera.

Ele guardou a arma militar na "pasta", uma bolsa bem comum feita de material resistente que carregava sempre que partia em uma caçada, junto com a fita adesiva e as abraçadeiras plásticas.

Não se importava com as medidas extras de segurança que precisava tomar. Aliás, por algum motivo, o risco maior de procurar por garotas que moravam tão perto de onde ele morava e trabalhava deixava tudo ainda mais excitante. Era como urinar no próprio quintal. Doentio e errado. E ele gostava.

Olhou-se no espelho mais uma vez antes de sair.

A caçada estava começando.

* * *

Perto de 0h15, estava de péssimo humor.

Nada tinha dado certo. Não tinha avistado nenhuma perspectiva promissora nas ruas depois que escureceu.

Temera que isso pudesse acontecer. Não que ele não fosse encontrar uma garota, mas que as escolhas fossem limitadas, as opções menos atraentes. Literalmente. Preferia as bonitas.

Sabia que a notícia dos desaparecimentos se espalhara e que as famílias estavam cuidando das filhas com um pouco mais de zelo. Mas havia exceções a todas as regras. Os burros e fracos sempre se separavam do bando em algum momento.

Todas as garotas que vira naquela noite estavam em grupo, ou não eram dignas de seu esforço.

Estava prestes a dar a noite por encerrada quando a viu. Atravessando a rua escura. Sozinha. E bonita.

Não perdeu tempo.

— Precisa de uma carona? — perguntou pela janela aberta, desacelerando o carro para acompanhar a velocidade em que ela seguia.

— Não precisa — ela respondeu, levantando o olhar o suficiente apenas para tomar conhecimento da presença dele. — Eu moro no fim da rua.

— Não me importo. Aliás, eu me sentiria melhor se você me deixasse lhe dar uma carona.

Ela diminuiu um pouco o passo, mas não parou. Ele sabia que ela estava hesitando, mas não o suficiente, então acrescentou:

— Com tudo o que vem acontecendo recentemente… você sabe, as garotas que foram encontradas… — deixou a frase em aberto, esperando causar-lhe um pouco de medo, mas devia tê-la avaliado mal.

Havia medo, sim, mas não do tipo que ele esperava. Ele viu o alerta passar no rosto da garota, e não pôde deixar de imaginar o que ela havia percebido nele que as outras não tinham.

Ela acelerou o passo, e ele pode vê-la procurando alguma coisa no bolso. Viu o que era assim que ela o pegou. O telefone celular.

Ela queria pedir ajuda.

Ele não podia permitir, mas teria de agir depressa, se quisesse contê-la.

Freou bruscamente e empurrou a alavanca da transmissão para a posição de estacionamento. A garota começou a correr antes mesmo que ele saísse do carro.

A vadiazinha era rápida!

Correu atrás da garota, e as botas pesadas que ele usava faziam barulho na

calçada. A vantagem que ela conquistara ao começar a correr antes foi rapidamente perdida, em função da agilidade superior dele.

Além disso, era sempre mais fácil ser caçador que ser caça. A caça sempre entrava em pânico.

Ele a atingiu por trás e a ouviu dar um grito estridente conforme o ar dos pulmões da garota se esvaía sob seu peso, que a esmagava contra o chão. O celular escorregou pela rua.

Antes que ela pudesse voltar a respirar, sua mão disparou e cobriu-lhe a boca. Já tinha sido ruim o suficiente ela ter corrido; não precisava que gritasse também.

Ele rolou, rapidamente, ficando de costas e levando a garota consigo, de modo que ela ficou deitada sobre seu peito enquanto ele examinava a área à procura de testemunhas. Aquilo tinha potencial para tornar-se um verdadeiro desastre; aquele poderia ser o erro que evitara durante muito tempo.

Mas ainda estavam sozinhos. Apenas os dois.

Ela lutou e resistiu violentamente a seu domínio, apesar de ele saber que ela tinha consciência da força que a prendia. Era como uma boneca de pano que balançasse indefesa em seus braços. Ele apertou com mais força de qualquer forma, lutando contra um instinto de sufocá-la com a mão.

Em um movimento rápido, ele se levantou, puxando-a junto. O carro ainda estava ligado e facilmente visível, com seus faróis iluminando a rua escura.

Estava com raiva da garota. Ela não devia ter corrido. Não devia fazer aquilo; elas nunca *deviam fazer aquilo.*

Ela arruinara a caçada para ele… arruinara seu humor.

Ele se inclinou para dentro do carro através da porta aberta e abriu o porta-malas. Não foi cuidadoso dessa vez com a garota — aquela garota —*, ela não merecia sua preocupação nem suas garantias gentis.*

Quando ela viu para onde ele a estava levando, deu-lhe um chute. Ele lançou a garota contra a fechadura da mala, deixando que sua cabeça batesse no exterior metálico, antes de jogá-la para dentro. Na fração de segundo em que sua boca ficou descoberta, ela tentou gritar por ajuda, mas o punho dele encontrou sua mandíbula antes que o som pudesse ganhar força. Em vez de um grito, um resmungo ferido.

Parte de seu humor estava restaurada.

Ele trabalhou depressa, agarrando a bolsa de ferramentas e rasgando um pedaço de fita adesiva do rolo. Ela tentou se esquivar para longe da fita, mas ele agarrou os cabelos dela e a puxou para trás, selando sua boca de uma vez por todas.

As abraçadeiras de plástico tornaram suas mãos e seus pés inúteis, forçando-a a ser o tipo de vítima dócil que ele preferia. Ele observou enquanto via se apagar um pouco do brilho dos olhos da garota. Ela o olhou suplicante.

Ele se sentiu muito melhor.

Em um momento de compaixão, tentou acariciar seu rosto, para confortá-la, mas, no instante em que a tocou, o pânico voltou, e ela lutou novamente, forçando os lacres plásticos que envolviam seus pulsos e calcanhares.

Vadia, *ele a xingou silenciosamente.* Vadiazinha idiota!

Fechou o porta-malas com força, grato por ter acabado logo aquilo. Estava cansado de olhá-la. Não se importava se ela estava com medo ou sofria.

De uma coisa sabia com certeza… na próxima vez que a visse, ela não estaria lutando.



CAPÍTULO 9

— Ah, eu gosto destes — disse Claire Everton efusivamente, enquanto Violet levantava as bainhas de sua calça jeans para exibir mais um par de sapatos.

Chelsea revirou os olhos, e seus longos cílios pretos conferiram um efeito dramático ao gesto.

— Claire, você gostou de cada um dos pares que viu até agora. Mostre-me aqueles de que você *não* gosta.

Claire deixou os ombros caírem quando fez beicinho, amuada.

— O que eu disse foi só que gostei deles. Não que ela deveria comprá-los.

Chelsea lançou um olhar frustrado a Violet antes de virar-se novamente para Claire e demonstrar preocupação com o ego frágil da amiga. Parecia um gesto praticamente monumental para Chelsea, que raramente pensava a respeito do que iria dizer antes de fazê-lo.

Quase sempre, essa era uma das qualidades de que Violet gostava na amiga, mas às vezes, como naquele momento, por exemplo, Chelsea precisava amenizar um pouco os danos causados.

— Eu sei, Claire fofa — entoou Chelsea com uma voz condescendente em tom infantilizado. — Não queria chateá-la.

Claire não pareceu nem um pouco insultada e imediatamente se alegrou. Ela se virou de costas e pegou outro par de sapatos, para o qual olhou desejosa, e, em seguida, ouviram-na dizer:

— Gostei desses aqui também… — enquanto se enfiava ainda mais no departamento de calçados da Nordstrom.

Chelsea deu uma olhadela para Violet e franziu o nariz ao ver os sapatos que ela usava.

— Não gostei — falou francamente, sem mais nenhum traço do tom de bebê.

Violet balançou a cabeça.

— Também não.

A ida às compras tinha sido planejada para distrair Violet dos corpos recém-encontrados. Havia algo a respeito das duas garotas mortas, algo além das preocupações com a própria segurança, que a deixava inquieta.

Presumiu que fosse natural, considerando que fora quem encontrara a garota no lago. Mas estava lutando para concentrar-se até nas tarefas mais fáceis, mesmo algo tão simples quanto fazer compras.

Então Jules apareceu, praticamente do nada, carregando um monte de caixas de sapato.

— Aqui — ela insistiu, entregando duas caixas a Violet. — Encontrei o par perfeito para você. Não sabia ao certo o tamanho, então peguei um trinta e sete e um trinta e oito. — Em seguida voltou-se para Chelsea: — Estes são para você. — Uma caixa. Aparentemente, sabia o tamanho exato para a amiga. — Ei, DDA! — Ela chamou Claire. — Venha aqui experimentar estes. — E colocou duas caixas idênticas sobre uma cadeira que obviamente designara a Claire.

Em seguida, sentou-se em uma cadeira vazia e esperou, impaciente.

— E você? Não vai escolher um par para você? — Chelsea perguntou a Jules.

— Já acabei. Durante o tempo em que vocês procuravam pelo sapato "perfeito", encontrei o meu *e* todos os de vocês. Já até paguei… Estão guardando no balcão para mim. — Ela se inclinou para a frente na cadeira, com os cotovelos apoiados nos joelhos, que estavam separados, fazendo-a parecer extremamente deslocada naquele elegante departamento de calçados femininos.

Não havia nada de feminino em Jules Oquist, apesar de isso não ser evidente pela aparência exterior. Até que ela se movesse, falasse, ou mesmo respirasse, não era possível perceber quão moleca aquela garota atlética realmente era. Por fora, no entanto, era bonita. Mas, ao contrário de Chelsea ou das outras garotas, Jules não tentava ser bela. Sua beleza era suave, sem exageros, e não exigia maquiagem nem secadores de cabelo. Tinha um tom de pele incrível, sedosos cabelos cor de mel e lábios generosamente carnudos. Mas quaisquer comparações com o gênero feminino se encerravam aí. Aquele tipo de passeio para fazer compras não era exatamente a praia de Jules.

Chelsea abriu a caixa e arregalou os olhos, surpresa.

— Meu Deus, era *exatamente* o que eu estava procurando — suspirou. Chelsea se deixou afundar em uma das cadeiras estofadas e pôs o pé na delicada sandália prateada, parecendo a Cinderela. E, assim como naquele conto de fadas, ela coube perfeitamente. — Obrigada, Jules. — Chelsea estava radiante,

entusiasmada com a escolha da amiga.

Em seguida Violet abriu suas caixas, curiosa por saber como Jules se saíra com ela.

Não estava exatamente empolgada por ir ao Evento de Boas-vindas com Grady, mas tinha de admitir que se divertira bastante ao escolher um vestido e, agora, ao procurar um sapato adequado, que combinasse com a roupa. As sandálias pretas de tira dentro da caixa eram lindas. E apesar de Violet não ter pensado em calçar sandálias, sabia, agora que as vira, que ficariam lindas com o vestido preto simples e elegante que iria usar. Adorou a tira que cruzava na frente do tornozelo e era presa na lateral por uma delicada fivela adornada com joias. O primeiro par que experimentou era do tamanho *exato*.

Até então Jules tivera dois acertos em duas tentativas.

Claire era a próxima e sentia dificuldade de esperar sua vez. Assim que Violet concordou que tinha encontrado seus sapatos para a festa, Claire entregou-se à tarefa de abrir sua caixa.

Todas ficaram um pouco surpresas com a ousadia da escolha… um par de *peep toes* brilhante, vermelho, de couro.

— Que houve, Julia? — perguntou Chelsea, sabendo que Jules detestava ser chamada pelo nome de batismo. — Vai dar uma de menininha para cima da gente?

Jules pareceu ofendida com a mera sugestão e lançou a Chelsea um olhar aborrecido:

— Só queria dar um empurrãozinho para acelerar as coisas. Algum problema com isso?

— Nenhum — Claire suspirou sem fôlego, olhando para os sapatos, e não para Jules. — Eles são… são… *sexy* — disse, encontrando a palavra certa.

Eram bastante sexy mesmo, pensou Violet, e ficariam ótimos com o vestido frente única de Claire.

Cem por cento de acerto era muito impressionante, principalmente para uma garota que declarava detestar fazer compras.

Jules se levantou e se esticou sem qualquer graciosidade, dizendo:

— Vamos nos apressar e pagar antes que ela — e indicou Claire com um rápido movimento do polegar — veja alguma coisa brilhante e se perca de nós novamente.

Violet concordou com a sugestão.

Para uma noite de sexta-feira, o shopping estava cheio demais, e por isso Violet notou ao menos algumas marcas sensoriais estranhamente inadequadas

àquele ambiente. Como duas garotas tinham sido encontradas mortas há muito pouco tempo, ela estava aguçadamente atenta a tudo o que parecesse fora do normal, como se *procurasse* pelos ecos, mesmo nos locais mais triviais.

Reconhecera um, em particular. Era o cheiro estranho de água do mar exalado por um homem mais velho, distinto, que fazia compras com a mulher no departamento de calçados. Só percebeu quando ele passou por ela, e Violet duvidou de que o cheiro tivesse qualquer relação com o oceano. O odor era antigo, provavelmente muito antigo, e ela imaginou que ele pudesse ter lutado em alguma guerra. Ou que já tivesse sido caçador.

De qualquer forma, duvidava de que fosse o assassino.

Depois que pagaram a conta e saíram da loja, Violet e as amigas decidiram comer alguma coisa. Chelsea as convenceu de que deveriam experimentar um restaurante tailandês que ficava perto do shopping. Violet não precisava ser persuadida. Uma coisa com a qual não tinha frescura era comida — quanto mais exótica, melhor. Gostava especialmente do que não fosse lasanha congelada, ou pizza de entrega.

Elas dividiram porções de Pad Thai — um tipo de macarrão de arroz — de frango e alguns rolinhos primavera vietnamitas com molhos de alho *e* de amendoim. O cheiro de arroz com jasmim misturava-se aos aromas de molhos de coco e pimenta. Quando terminaram, Violet estava satisfeita e ficou imaginando se iria caber no vestido.

No caminho para a casa de Chelsea, Claire não parou de falar sobre a festa que se aproximava. Violet estava ocupada em desligar-se da conversa incessante até ouvir a voz de Chelsea e perceber que falava com ela.

— O quê? — perguntou Violet, fingindo que só não tinha ouvido o que Chelsea dissera, em vez de deixar claro que não ouvira nenhuma das amigas.

— *Eu perguntei*: é estranho para você que o Jay leve a Lissie Adams ao Evento de Boas-vindas? — Chelsea repetiu pausadamente, como se Violet fosse uma criança com dificuldade de aprendizado.

Oh, meu Deus, isso não!, pensou Violet. Esse era um assunto que esperava conseguir evitar. De repente desejou ser um avestruz, para que pudesse enterrar a cabeça na areia e ignorar por completo a pergunta.

Infelizmente, três pares de olhos — incluindo o de Jules, que a observava pelo retrovisor — encararam Violet.

Muito bem, Vi, seja casual.

— Estranho? Por que seria estranho? Eu e o Jay somos apenas amigos. E a Lissie parece ser uma boa pessoa.

Sobrancelhas se ergueram.

— *Tá booom*. — A palavra se arrastou, revelando ceticismo. Claro que foi uma Chelsea não convencida que perguntou: — Por que *você* sentiria ciúme do fato de Jay levar uma garota do último ano… não, não, veja bem, *a garota mais popular do último ano da escola,* ao Evento de Boas-vindas, não é mesmo?

— É — respondeu Violet, fazendo soar como se Chelsea tivesse feito uma declaração, e não uma pergunta crítica. — Isso mesmo, não teria motivo algum para sentir ciúme… uma vez que somos *apenas amigos*. — Agora era Violet quem falava lentamente, como se as amigas tivessem dificuldades para compreender o que ela dizia.

Elas tinham dificuldades, sim, mas não porque fossem muito tontas, e não compreendessem as palavras de Violet. Elas simplesmente não eram tão ingênuas quanto Violet gostaria que fossem.

Claire esticou o braço e afagou a perna de Violet no que deveria ser um gesto reconfortante. Em vez disso, Violet se irritou com o aspecto condescendente que ele assumiu.

— Sério, por que é tão difícil de entender?

Por quê? Provavelmente porque não era verdade. Ou pelo menos porque nem ela mesma queria de fato que fosse verdade.

Jules voltou a atenção para a estrada e Claire encolheu os ombros estreitos delicadamente, mas de modo nada convincente. Chelsea observou Violet por sobre o ombro, lançando-lhe um olhar que dizia que ela não acreditava nem um pouco na amiga, mas pelo menos não disse nada em voz alta.

Violet ficou satisfeita quando Claire começou a tagarelar novamente, preenchendo o silêncio desconfortável que se estabelecera no carro.

Ela sabia, é claro, que não tinha de sentir ciúme do fato de Jay ir à festa com Elisabeth Adams. Ele nem tinha convidado a *It-Girl* até descobrir que Violet concordara em ir com Grady, e ela se arrependia *daquele* instante de fraqueza a cada segundo de cada dia. E de alguma forma os sapatos perfeitos, que combinavam com o vestido perfeito, não a faziam se sentir nem um pouco melhor… nem naquela hora. Porque, no fim das contas, ela ficaria na pista de dança longe do garoto com quem gostaria de estar, e teria de vê-lo dançar com seu par perfeitamente perfeito.

Ela fechou os olhos e tentou se concentrar na torrente interminável de palavras que saía da boca nunca calada de Claire.

Estava realmente começando a preocupar-se com a situação na qual se metera.

* * *

Violet não teve muito tempo para pensar sobre a festa e em quanto estava desapontada com o fato de ter de ir com Grady, em vez de com Jay. Todas as preocupações consigo, e com os próprios problemas insignificantes, foram ofuscadas pela notícia que a recebeu quando chegou na manhã seguinte, após ter dormido na casa de Chelsea.

Seus pais a esperavam na sala quando Violet entrou pela porta da frente.

Sua mãe andava de um lado para o outro diante da lareira, e o pai dava a impressão de que relaxava reclinado no sofá. Mas foi o olhar preocupado em seu rosto que denunciou o nervosismo.

Ao ver os pais daquele jeito, Violet de imediato sentiu seus mecanismos de defesa psicológica entrarem em ação. Os pelos de sua nuca involuntariamente se arrepiaram.

— Que houve? — perguntou, fechando a porta atrás de si.

O casal se entreolhou, e uma conversa não pronunciada passou entre os dois, antes de o pai se levantar e atravessar a sala até onde Violet estava. Ele esticou o braço e apertou o da filha em um gesto que, vindo dele, pretendia ser de conforto.

Violet podia sentir o pânico crescer dentro dela.

— Quê? — pensou em voz alta, olhando do pai para a mãe, que, sabia, nunca teve talento para esconder as coisas da filha. Ela era incapaz de disfarçar pensamentos e sentimentos, como o pai fazia muito bem.

— Sente-se, Vi. Precisamos conversar — instruiu a mãe, passando pelo marido e puxando a filha para o sofá.

Violet não resistiu.

— *Quê?* — perguntou novamente. Dessa vez a voz soou como um sussurro rouco arrancado de sua garganta enquanto implorava para que lhe contassem do que se tratava.

Foi a mãe que falou primeiro.

— É a Hailey McDonald… ela está desaparecida desde ontem à noite. — Sentou-se perto da filha e a envolveu com o braço. — A mãe da Hailey ligou para o tio Stephen no meio da noite de ontem para dizer que ela não tinha voltado para casa. Procuraram em todos os lugares… nas casas dos amigos, nos lugares em que foi vista pela última vez… e ninguém sabe onde ela pode estar.

Violet se sentiu enjoada. Suas mãos começaram a tremer sobre o colo, e espasmos nos ombros moviam seus braços e atravessavam seu corpo como

correntes elétricas.

Hailey McDonald ainda cursava o ensino fundamental, tinha *talvez* treze anos, era muito mais nova que as outras duas garotas cujos corpos já tinham sido descobertos. E Violet conhecia Hailey, costumava ser babá da menina quando ela estava nas primeiras séries ainda. O irmão mais velho de Hailey, Jacob McDonald, estudava um ano abaixo de Violet na White River.

Isso era próximo. *Próximo demais*.

— Eles acham que… sabe, eles suspeitam… — ela respirou fundo, para que a voz parasse de falhar. — Eles acham que *ele* a levou?

O pai de Violet se sentou do outro lado da filha.

— Acham. — A voz dele soava calma demais para que estivesse dizendo algo tão horrivelmente inaceitável. — Stephen disse que ela talvez estivesse voltando para casa, depois de sair da casa da melhor amiga, Elena Atkins, mas Hailey não chegou. Os pais esperaram por mais de uma hora antes de começarem a telefonar, mas, àquela altura, provavelmente já era tarde demais.

— Talvez só esteja irritada com os pais, e tenha se escondido na casa de outra amiga. — Violet tentou soar convincente, apesar de ela própria não acreditar em nem uma das palavras que dissera. E depois, porque não conseguia pensar em mais nada que pudesse dizer, apenas cobriu a boca com a mão trêmula. — Meu Deus — sussurrou.

Violet queria chorar, liberar as frustrações e os medos. Seria mais saudável assim, e ela poderia até se sentir um pouco melhor se conseguisse libertar os sentimentos… *compartilhar*, como diria sua mãe. Mas, em vez disso, sentiu-se retrair, ser atraída para dentro de si. Desligar-se.

Exatamente como se sentiu após descobrir a garota morta no lago. Uma sensação de desespero que a afundava cada vez mais na lama do próprio turbilhão interior. Sentiu-se vulnerável e desanimada.

E determinada.

Tudo acabara de mudar para Violet. Conhecendo essa garota… e sabendo do que era capaz de fazer para ajudar, mesmo que fosse um esforço fútil, mesmo que se mostrasse perigoso, ela sabia que não poderia mais simplesmente ficar parada, à espera de ver *se* — ou quando — encontrariam Hailey.

Violet não iria mais aguardar que outra pessoa encontrasse o psicopata que estava matando as garotas. Faria alguma coisa, mesmo que, para conseguir, tivesse de agir na surdina.

Pediu licença e foi para o quarto, dizendo para os pais que queria ficar sozinha. E pegou o telefone fixo ao passar por ele.

Ela *iria* fazer alguma coisa. Mas não faria sozinha.

Pediria ajuda.



CAPÍTULO 10

Jay veio assim que Violet o chamou. Ela nem mesmo teve de dar-lhe uma razão. O amigo estava lá em menos de dez minutos.

É claro que tinha ouvido sobre o que acontecera a Hailey. Todos ouviram. Buckley era uma cidade pequena, e as notícias se espalhavam depressa… principalmente as *ruins*.

Quando chegou, ela contou o que estava pensando em fazer. Não era nada perigoso, pelo menos no que dizia respeito a ela, e não esperava que Jay fosse discordar. Então, quando ele o fez, ficou mais que um pouco surpresa pela atitude inflexível do amigo.

— Nem pensar — ele insistiu, e sua voz não deixou espaço para discussão. — Não existe a menor possibilidade de você sair por aí procurando por esse cara.

Violet ficou chocada com o tom de voz de Jay e também com o olhar severo que ele lhe lançou. Achou que ele talvez não tivesse compreendido o plano, então tentou explicar novamente.

— Jay, eu só vou a lugares públicos, como shoppings e parques, para ver se consigo *ter uma sensação* sobre quem seja esse cara. Talvez seja a esse tipo de lugares que ele vai para encontrar suas vítimas, talvez fique por lá, esperando, escolhendo uma garota para… você sabe, sequestrar. — Ela tentou fazer o argumento soar lógico, mas havia um tom de desespero em sua voz. — Eu não vou sozinha… *você* pode ir *junto*. Nós só vamos ficar em lugares diferentes, para ver se conseguimos encontrá-lo. E se o encontrarmos, chamaremos meu tio. Não é como se fôssemos fazer alguma coisa estúpida.

— *Alguma coisa estúpida* seria sair à procura de um assassino. Não vou deixar que você saia procurando problemas, Violet. Esse cara é perigoso, e você precisa deixá-lo para a polícia. Eles sabem o que estão fazendo. E *eles* andam armados. — Soava como se achasse que ela estivesse louca, e talvez estivesse

mesmo, mas já tinha tomado uma decisão.

— Olhe, eu vou fazer isso. Só lhe pedi que fosse comigo.

— Não vai, não — insistiu Jay. — Mesmo que eu precise contar para seu tio e para seus pais o que você está planejando. Eu lhe juro: você *não* vai fazer isso.

Ela podia sentir o ânimo do amigo se inflamar.

— Você não pode me deter, Jay. Se me dedurar, eu minto. Pisco os olhos inocentemente e prometo *não* sair por aí procurando esse cara. Mas lhe juro que a cada chance que tiver, mesmo que para isso eu precise sair escondida, *vou* procurá-lo. — Ela se levantou, querendo encará-lo, mas, em vez disso, teve de esticar o pescoço apenas para conseguir olhar em seu rosto. A posição estranha não diminuiu em nada seu ímpeto. Ela se recusou a recuar. — Estou falando sério, Jay. Você não pode me impedir.

Jay olhou incrédulo para ela. Emoções que iam da descrença à frustração, e novamente à descrença, passaram sombriamente por seu rosto. Ele parecia viver uma luta interior. Mas, quando ela o ouviu suspirar, e em seguida mexer, inquieto, no cabelo, soube que tinha vencido. A determinação fria de Jay pareceu derreter diante de seus olhos.

— Droga, Violet! — Ele suspirou bruscamente, abraçando-a e apertando-a com força. — E que escolha eu tenho? — perguntou, enquanto seu abraço praticamente espremia a amiga.

Ela não sabia ao certo como reagir à atitude do amigo naquele momento. Definitivamente não era um abraço carinhoso, mas o contato muito próximo fez com que seus desejos secretos se agitassem dentro dela mesmo assim. Não podia deixar de imaginar se ele sentia ao menos uma fração do que ela sentia.

Ele tinha braços fortes, e ela se sentia segura neles. Nunca imaginara que poderia se sentir tão confortável e tão *desconfortável* ao mesmo tempo. Esperou no espaço do abraço para ver aonde aquilo ia dar.

— Então, como vai ser? — ele perguntou asperamente sobre a cabeça dela.

Violet congelou.

— Como assim? — ela perguntou enquanto o coração acelerava.

Ele a soltou, e ela notou que ele não falava *deles* — perguntava sobre o plano para encontrar o assassino. Tentou ignorar o duro golpe de decepção que sentiu.

Mas ela se recuperou depressa.

— Estava pensando em começar a olhar, sabe, nos lugares aos quais nossas amigas, e as garotas de outras escolas costumam ir. Podemos ir depois da aula e nos fins de semana, pelo tempo que for necessário, até a polícia pegá-lo, ou até que eu cruze com ele. De qualquer maneira, ele tem de ser contido, Jay. — Ela

olhou para ele novamente, dessa vez se sentindo vulnerável por uma razão inteiramente diferente. — Só acho que não consigo ficar parada enquanto mais garotas são sequestradas, ou pior, encontradas *mortas*. — A voz de Violet falhou na última palavra, mesmo que ela estivesse tentando manter a compostura. Detestava se sentir tão impotente e fraca, e detestava admitir que precisava de ajuda. Mas precisava.

Precisava que Jay fosse com ela. Porque as palavras ousadas sobre agir por conta própria eram apenas um blefe. Não tinha certeza se conseguiria fazer aquilo sozinha.

— Tudo bem — ele finalmente concordou, apesar de ainda parecer indeciso, e deu o mesmo sorrisão tolo que sempre fazia o coração de Violet perder o compasso. — E se a gente começasse indo ao cinema hoje à noite? Podemos nos certificar de que o local esteja seguro.

* * *

Foi necessário algum esforço para convencer os pais a permitir que ela saísse depois da notícia do desaparecimento de Hailey McDonald. Não fosse pela promessa de Jay de não perder Violet de vista nem um instante sequer, eles jamais teriam concordado. Pareceram até se sentir mais tranquilos quando Jay insistiu em dirigir, pois o carro da mãe do garoto era infinitamente mais moderno que o velho Honda.

Após verificarem os horários dos cinemas na internet, decidiram ver um filme de ação que tinha acabado de estrear e estava passando no cinema mais próximo, em Bonney Lake, a cidade na qual Brooke Johnson morava.

Se alguém *estivesse* procurando garotas para sequestrar, a noite de sábado no multiplex seria o melhor lugar ao qual ir. Montes de jovens, desde onze ou doze anos até quase adultos, moviam-se em bandos ao redor do prédio e vagavam sem direção pelo estacionamento lotado. No saguão, pareciam rebanhos agitados, quando entravam e saíam das salas.

Violet nunca parara antes para observar os grupos, e era um pouco como assistir a macacos espasmódicos no zoológico. Mas não era neles que ela estava interessada.

Estava ali para encontrar um assassino. Estar com Jay era apenas um bônus.

Encontraram um grupo de amigos do colégio que ia assistir à nova comédia tosca e pararam para conversar um pouco. As garotas logo se interessaram assim que perceberam que Jay Heaton estava lá, e Violet sentiu uma pontinha de

satisfação por ele estar com *ela*… mesmo que não fosse um encontro romântico.

Uma vez que o garoto estava em seu campo de visão, o olhar encantado de Amanda Kaufman não saiu de Jay.

— Oi, Jay — disse, praticamente ronronando, ignorando todos ao redor — inclusive o próprio namorado, que não prestava a menor atenção. — Você está ótimo. — Ela esticou o braço e esfregou o peito de Jay. — Gostei do seu casaco. É tãão macio — entoou, com voz doce.

Violet olhou para o casaco, imaginando se teria deixado escapar alguma coisa especial. Não tinha. Era apenas liso, cinza e tinha capuz — basicamente como quase todos os casacos que quase todos os meninos da escola vestiam todos os dias.

Violet olhou para Jay e ergueu as sobrancelhas. Ela sabia que ele notara o olhar, apesar de fingir que não tinha percebido.

— Obrigado — ele disse para Amanda, com uma voz simpática demais, e Violet percebeu que ele estava gostando da atenção.

Amanda riu, e Violet quase gargalhou ao ouvir o som agudo que saiu da boca da garota. O namorado de Amanda, Cameron, um jogador de futebol do último ano, estava ocupado demais falando com os amigos sobre o jogo da semana seguinte para perceber que a namorada paquerava outro bem debaixo de seu nariz.

Violet tentou prestar atenção no que estava ao redor, concentrando-se em sentir qualquer coisa que fosse fora do comum.

Ela já sabia que uma das marcas seria um brilho luminoso, gorduroso como o da garota do lago, que facilmente reconheceria no assassino, se o visse. Só não sabia quais seriam as outras.

Mas Violet não demorou muito para perceber que não havia nada fora do comum ali no saguão, então tomou uns goles de Coca-Cola e observou as garotas suspirarem por Jay. Pensou que deveria sentir ciúme de toda aquela atenção, mas não conseguia, pois estava se divertindo muito vendo todo mundo fazer papel de bobo. E isso incluía Jay.

As outras duas no grupo foram encorajadas pela reação do garoto perante Amanda. Yvette Siegel tentou em seguida, e o namorado dela era tão estúpido quanto o de Amanda.

— Aposto que você vai ficar lindo de smoking — disse.

— Você já escolheu um? — perguntou Alexandra Yates. Ela era a única sem namorado e deu um passo à frente, praticamente empurrando as outras duas — *suas amigas* — para fora do caminho, querendo aproximar-se de Jay.

Violet teria gargalhado alto, mas, em vez disso, engasgou-se com o

refrigerante, que desceu pelo caminho errado. As três garotas de repente a notaram ali. Ela tentou suprimir o acesso de tosse, mas não conseguia parar.

Jay esticou o braço para bater nas costas da amiga, com mais força do que era necessário.

— Tudo bem? — ele perguntou, e Violet lhe lançou um olhar mortal enquanto tossia sobre o punho fechado.

— Tudo — ofegou, mal conseguindo dizer as palavras entre os engasgos. Ela empurrou a mão *que* Jay usara para *ajudá-la* e o olhou fixamente.

Ele sorriu para ela.

— Oi, Violet. — Alexandra foi a única a demonstrar ter notado sua presença. — E você? Já escolheu um vestido para a festa?

Violet limpou a garganta mais uma vez ao assentir com a cabeça.

— Estou com tudo pronto, acho.

— Onde vocês irão comer no dia? — a voz de Amanda tinha assumido um tom manhoso que não combinava nem um pouco com ela. — Fizeram reserva?

Violet percebeu que as garotas achavam que ela e Jay iriam juntos ao Evento de Boas-vindas.

— Oh, não — ela corrigiu o erro —, nós não vamos juntos.

Isso imediatamente pareceu animar Amanda, apesar de Violet ter quase certeza de que ela já iria à festa… com o *namorado*.

— Sério?

— Sério. Violet vai com o Grady Spencer — Jay disse para as três garotas enquanto sorria para Violet fingindo inocência.

— E Jay vai com a Lissie Adams — revelou Violet ao trio, retribuindo o sorriso.

— Ah — Amanda resmungou outra vez, soando completamente abatida. E pelo tom de voz, Violet ficou um pouco surpresa por Amanda não bater o pé ao falar.

— Bem, nós temos de ir, nosso filme já vai começar — Cameron lembrou a Amanda ao esticar o braço e puxar a namorada para longe de Jay. — Bom falar com vocês. — Ele disse isso com a cara séria, apesar de não ter trocado uma única palavra que fosse nem com Violet nem com Jay.

Violet os observou enquanto iam embora, e as três garotas, em instantes diferentes, olharam para trás, para darem mais uma espiada em Jay antes de seguirem em frente. Jay cutucou Violet, conspirador.

Os olhos de Violet se arregalaram quando ela olhou para Jay e disse:

— Que *diabos* foi aquilo?

Jay ficou sério por um instante, em seguida deu uma piscadela para ela.

— É bom ser um dos bonitões, só isso.

— Meu Deus, Jay, elas estavam praticamente babando em você! — Pela primeira vez em muito tempo, Violet apenas se divertia com as palhaçadas de outra garota ao redor de Jay. Era agradável… *não* se sentir nem um pouco irritada com a atenção que davam a seu melhor amigo.

Jay riu, cutucando-a novamente.

— Ficou com ciúme?

Violet quase engasgou com o refrigerante outra vez.

— Como poderia ficar? Elas estavam agindo como idiotas completas. Falando sério, acho que Amanda babou em si mesma um pouquinho.

Jay deu as entradas para a mulher da porta e, depois de guardar os canhotos no bolso, esticou o braço e pegou a mão de Violet. Foi um gesto amigável, algo que sempre faziam, e era agradável.

A sala de cinema só estava com mais ou menos metade da quantidade de assentos ocupada, então conseguiram se sentar em um lugar relativamente isolado. Assim que os créditos rolaram, a mente de Violet começou a vagar novamente, para o verdadeiro propósito de estarem ali naquela noite. Pegar um assassino.

Até então ela não percebera nada… ou melhor, nada além do comportamento estranho de outras garotas em volta de Jay. Não tinha sentido nenhum eco de morte naquela noite e supôs que talvez estivesse esperando muito ao achar que aconteceria tão rapidamente… e de forma tão fácil.

Conformou-se com o fato de que a missão poderia demorar um pouco.

Enquanto isso, ela e Jay se sentaram ombro a ombro durante o filme, e o calor de seu corpo encostado no dela tornava a concentração de Violet mais difícil. Tentou se lembrar de quando, *exatamente*, ele tinha começado a cheirar tão bem, ou quando seu toque se tornara como um estabilizador de humor.

Ela olhou de lado para ver se conseguia descobrir em que ele estava pensando, se o contato casual dos dois o afetava como fazia com ela, mas o rosto do garoto estava completamente vazio enquanto assistia ao filme no telão.

Ela se inclinou na direção de Jay e sussurrou:

— Preciso ir ao banheiro.

Ela se levantou e foi. E ele também.

Ela lhe lançou um olhar interrogativo.

— Já volto — ela disse calmamente.

Ele foi atrás.

— O que você está fazendo? — ela começava a se irritar.

— Estou indo com você.

— É, percebi — ela disse, a voz ficando mais alta agora. — *Por quê*?

Ele a empurrou até estarem fora da sala escura e no corredor pouco iluminado.

— Eu posso ir ao banheiro sozinha — insistiu, colocando as mãos nos quadris e inclinando a cabeça para o lado.

— Não, Violet. Não pode. Eu disse a seus pais que não a perderia de vista e falei sério. Além disso, até você decidir parar de sair por aí caçando esse sujeito, não vou deixá-la fazer *nada* sozinha. — Aquela contração teimosa de sua mandíbula estava de volta. — Agora, vá depressa — ele disse ao apoiar-se casualmente na parede do lado de fora do banheiro feminino.

Violet não queria perder tempo discutindo, então simplesmente balançou a cabeça ao abrir a porta.

— Sabe que você é maluco, não sabe? — ela não esperou a resposta e desapareceu dentro do banheiro vazio, mas pôde jurar ter ouvido o som da risada do amigo chegar até ela.

Havia algo ligeiramente assustador nas paredes desbotadas e vazias dos banheiros daquele cinema. Geralmente ficavam vazios enquanto os filmes rolavam no multiplex, e a luz fria e fantasmagórica projetava uma palidez quase ameaçadora nos pequenos azulejos hexagonais brancos do chão. A lâmpada fluorescente até emitia um ruído sinistro que ecoava pelas paredes ao redor. Na verdade, ela estava satisfeita por Jay a estar esperando do lado de fora.

Violet entrou e saiu rapidamente da cabine, vendo-se no espelho ao lavar as mãos. Mesmo a essa luz, ela tinha de admitir que não estava com a aparência tão ruim assim. Nunca se achara bonita, mas sabia que também não era feia. Nunca quis ser uma daquelas garotas que procuravam defeitos, e se destruíam com críticas injustas.

Ligou o secador da parede, mas ficou impaciente com a demora, e acabou enxugando as mãos na calça jeans no caminho de volta para onde Jay a esperava, ainda apoiado na parede.

Ela não parou para esperar por ele, e ele teve de se apressar para acompanhá-la.

— Por que você demorou tanto? — ele sussurrou enquanto procuravam novamente os lugares no escuro.

Ela não respondeu; ainda estava aborrecida por ele pensar que ela precisava de escolta para ir ao banheiro. Mas depois que se sentaram, Jay esticou sua mão e pegou a de Violet mais uma vez.

Violet não reclamou. Gostava demais daquilo, para reclamar.

As mãos de Jay eram fortes e muito maiores que as dela, agora. A pele parecia mais grossa — mais rija — que a dela, e o contraste era maravilhoso. O mero toque a fazia sentir calor por todo o corpo.

Ficou desapontada quando o filme acabou, apesar de ele não ter demonstrado nenhum sinal de que soltaria sua mão. E ela ficou mais que um pouquinho envergonhada ao perceber que quase não tinha prestado atenção à história. Tinha outras coisas, mais interessantes, em mente. Torceu desesperadamente para que Jay não lhe fizesse nenhuma pergunta sobre o filme a que teoricamente tinha assistido.

Viram o grupinho de Amanda enquanto seguiam em direção ao estacionamento, mas dessa vez Jay nem ligou para eles, e simplesmente balançou a cabeça na direção do pessoal ao passar. Violet percebeu os olhares trocados pelas três garotas, que deixaram claro ter notado que os dois estavam de mãos dadas.

Jay deve ter visto também, pois deu um aperto rápido e tranquilizador.

Isso deixou Violet curiosa a respeito de todas as vezes em que pensou que Jay não tivesse a menor ideia de que vinha recebendo muita atenção das meninas da escola. Ficou imaginando se ele tinha mais noção do interesse que despertara na população feminina da White River do que deixava transparecer.

Em seguida seu sangue gelou nas veias quando outro pensamento lhe ocorreu: se ele não ignorava totalmente o efeito que provocava nas outras meninas, o que será que ele sabia a respeito de seus pensamentos e fantasias? Será que suspeitava de como ela realmente se sentia em relação a ele? Será que ela fora tão transparente quanto Amanda e as outras meninas da escola?

Isso seria terrível!, Violet pensou, sentindo-se infeliz. Precisaria ter mais cuidado na presença de Jay e parar de ficar obcecada por ele como se fosse uma de suas admiradoras.

Ela decidiu que, a partir de então, apesar de ser algo que desejava desesperadamente, não poderia arriscar o que tinham. A amizade, que fazia parte de sua vida desde que podia se lembrar, era importante demais, de modo que não faria nada que pudesse comprometê-la.

Soltou a mão do amigo, de repente sentindo-se decidida e forte. Mas não foi um gesto tão demonstrativo quanto ela queria que tivesse sido, considerando que tinham chegado ao carro e teriam de soltar as mãos de qualquer jeito. Jay abriu a porta do carona, e ela entrou.

Violet olhou para a própria mão, que continuava aquecida pelo toque de Jay, e já sentia falta do contato. Não entendia completamente o sentimento de perda

de algo que nunca tivera de verdade.

Além disso, pensou Violet, tinha coisas mais importantes com as quais se preocupar.

Precisava encontrar o assassino, e tinha de detê-lo antes que ele pudesse machucar mais alguém.

Como faria isso, se estava ocupada demais apaixonando-se por seu melhor amigo?



CAPÍTULO 11

No domingo, Violet e Jay passaram boa parte do dia no shopping local. Entraram e saíram de lojas, almoçaram na praça de alimentação e até passaram algum tempo jogando fliperama, que se provou mais do interesse de Jay que de Violet. Ela era tão ruim em todos os jogos, que conseguiu gastar dez dólares em menos de dez minutos. Jay ainda estava nos primeiros cinquenta centavos quando ela acabou.

Violet chegou à conclusão de que não tinha condições financeiras de passar muito tempo no fliperama.

Ficou ao lado da máquina na qual Jay jogava — *muito bem*, tinha de admitir — e olhou em volta. Os ruídos eletrônicos dos jogos eram quase ensurdecedores, principalmente para alguém com os sentidos muito aguçados. Mas Violet já sabia que o homem pelo qual procurava não estava ali. Teria sido fácil detectar a marca luminosa que buscava, principalmente nos confins escuros do fliperama.

Ela olhou novamente para o monitor e tentou aparentar interesse pelo que acontecia na tela, mas logo se entediou e resolveu que seria preferível esperar por Jay no shopping. Ele não tirou os olhos do que fazia por tempo suficiente para não perceber que a amiga estava indo embora.

Deixou a sobrecarga sensorial do fliperama para trás ao adentrar o espaço amplo do saguão. Já tinham almoçado, e Violet não queria comer outra vez, então ficou observando vitrines perto da praça de alimentação.

Olhou em volta. O shopping estava lotado, e havia filas em diversas lanchonetes. Mulheres com filhos pequenos e crianças em idade pré-escolar se dirigiam ao McDonald’s. Os cheiros dos diferentes *fast-foods*, pairando juntos no ar, eram fortes, mas não de todo desagradáveis.

Então Violet notou algo estranho.

De repente não eram os cheiros que ela percebia de forma tão aguçada, mas o *gosto*. Tinha a sensação estranhíssima de alho no fundo da boca… era

pungente e espesso, e quase opressor.

Era isso. Isso podia ser algo pelo que estava procurando.

Algum tipo de eco.

Violet olhou em volta, tentando imaginar de onde ele viria, mas só havia uma maneira de ter certeza.

Começou a andar, deixando a praça de alimentação para trás, entrando ainda mais no shopping. Quando o gosto pungente se tornou mais forte, Violet soube que estava na direção certa.

Seu ritmo cardíaco aumentou e os outros sentidos se aguçaram ao olhar em volta, imaginando se poderia estar caminhando na direção do assassino. Ela estava apavorada e ao mesmo tempo animada. Sabia que Jay ficaria furioso por ela estar vagando sozinha.

Chegou ao final do setor do shopping que abrigava a praça de alimentação e o fliperama e alcançou o maior saguão interno, no qual as grandes lojas de departamentos coibiam os outlets e as butiques. Tinha de decidir que caminho seguir.

Escolheu ir para a esquerda e se viu caminhando em direção a duas das maiores lojas de departamentos. Parecia uma boa escolha, uma seção movimentada do shopping, mas, após passar por diversos estabelecimentos, soube que optara pelo caminho errado. O gosto de alho na boca começava a diminuir. Virou-se e seguiu para o lado oposto.

Passou pelo seu ponto inicial e continuou andando, em direção à Sears e à Macy’s. Concentrou-se na sensação do interior da boca, saboreando o gosto de alho… não porque apreciasse o gosto, mas porque funcionava como uma bússola… indicava o caminho.

O gosto ficou mais forte, apurado, e se tornava mais tangível à medida que Violet andava. O pulso ficou acelerado e a respiração começou a parecer áspera e irregular. Olhou para todos os lados, para todas as pessoas, tentando descobrir quem poderia ser… de onde o eco, ou a marca, estava vindo. Teve de avançar por entre mães que empurravam carrinhos e casais de mãos dadas.

Então, sem qualquer aviso, o gosto começou a se atenuar novamente, e Violet foi tomada por um pânico inútil. Parou onde estava, no meio do shopping, no meio do intenso tráfego de pedestres, olhando ao redor, procurando alguma pista que a orientasse quanto à direção que pudesse seguir. Uma mulher passou por ela, esbarrando em Violet as sacolas transbordantes de compras que trazia penduradas nos braços. Violet a ignorou.

Caminhou de volta para o lado oposto, na tentativa de recuperar o gosto.

Ao fazê-lo, ele apenas se intensificou no decorrer de algumas passadas

largas, antes de desaparecer novamente.

Violet observou as pessoas ao redor, tentando ver onde ele estava… e *quem* ele poderia ser. Mas havia tantas pessoas, que se moviam em tantas direções, que ela não conseguia distinguir de quem vinha. Olhou para as lojas mais próximas e experimentou se aproximar de cada uma delas, uma de cada vez, mas ao fazê-lo o gosto só diminuía.

Ele não estava nas lojas. Então, onde estava?

Violet se virou, sentindo a decepção tomar conta dela, e quando decidiu que talvez tivesse de desistir, o gosto a atingiu outra vez… mais forte que antes. E percebeu que ele tinha de estar por perto.

Foi então que notou… o longo corredor estreito que saía da parte principal do shopping, com a placa BANHEIROS pendurada à entrada.

Violet se aproximou lentamente do corredor pouco iluminado… com cuidado, sentindo-se dominada pela apreensão inesperada. Não podia afirmar, mas achou que as pernas tremiam enquanto ela caminhava em direção aos banheiros públicos.

Aproximou-se do masculino, e quando as papilas gustativas quase explodiram com o sabor de alho quente que as atingiu — sua boca parecia estar em chamas —, ela sabia que quem quer que fosse, estaria do lado de dentro.

Violet hesitou, repentinamente insegura. Não sabia se poderia fazer aquilo. Estava muito perto de descobrir quem quer que fosse que carregava a marca da morte, aquela que fazia sua boca parecer que tinha acabado de comer uma travessa inteira de dentes de alho quentes e amanteigados. Mas ela não podia evitar o pensamento de que talvez estivesse perto demais. Talvez Jay tivesse razão. Talvez *fosse* perigoso demais.

Sentiu-se congelada no lugar enquanto o tempo desacelerava. Podia ouvir as batidas fortes de seu coração, e a boca de repente ficou seca. Tentou dar um primeiro passo para perto da porta que estava à frente, apenas um pequeno passo. Ainda tentava decidir se deveria entrar ou ficar parada até que a pessoa, quem quer que fosse, saísse. Arrepios percorreram seus braços e ela prendeu a respiração, com medo de que, se a soltasse, de alguma forma ele pudesse ouvi-la atrás da porta… esperando por ele.

Deu mais um passo à frente, tenso, retesado.

Foi só quando sentiu uma mão se fechar em seu pulso que Violet percebeu a presença de alguém atrás de si. Um braço forte a puxou para trás antes que ela ao menos tivesse chance de reagir. Seus olhos se arregalaram, e ela tentou se lembrar de como fazer para gritar, mas estava com a voz congelada, e, por um instante, pensou que tivesse se esquecido de como se respirava também.

— *Que diabos você está fazendo aqui?* — ela se espantou ao ouvir a voz de Jay sussurrando a seu ouvido. Não parecia satisfeito.

Virou para olhar para ele e não sabia ao certo o que via ali. Preocupação? Irritação? Aborrecimento? *Definitivamente* aborrecimento.

Mas antes que ao menos pudesse tentar explicar por que tinha saído do fliperama, ele pôs o dedo nos lábios de Violet e a arrastou para perto de si, de modo que pudesse falar em uma voz mais baixa que um sussurro.

— Você sentiu alguma coisa? — as palavras eram apenas um murmúrio.

Violet fez que sim com a cabeça, um pouco surpresa ante a expressão severa que via em seu rosto.

Novamente, a voz de Jay era quase inaudível, mas cheia de determinação:

— Ele está aí dentro? — ele perguntou, enquanto indicava o banheiro público.

Violet fez que sim com a cabeça mais uma vez.

— *Você* — ele mal disse a palavra, mas Violet sentiu a gravidade de sua frustração. — Espere no centro do shopping, perto dos bancos. *E não saia até que eu chegue lá*.

Violet começou a protestar, percebendo que ele queria entrar sozinho no banheiro masculino.

— E se…? — ela começou, mas ele a interrompeu com um olhar implacável que a calou antes que ela pudesse concluir o argumento.

— Sério, Violet. *Estou falando sério*. — Ele a empurrou de volta para o shopping, e Violet decidiu que não era hora de discutir com ele. Ela percebeu pelo olhar no rosto de Jay que ele estava determinado e que nada que dissesse iria fazê-lo mudar de ideia.

Violet tinha certeza de que tremia enquanto voltava em meio ao fluxo interminável de clientes. Súbito estava muito ciente do que estivera prestes a fazer, do que Jay a impedira de fazer, e percebeu quão absurdamente perigoso seria. *Estivera mesmo a ponto de fazer algo tão estúpido?*

A resposta infeliz era sim. E Jay também sabia disso, por isso tinha ficado tão aborrecido. Tinha dito a ela que não saísse de sua vista; prometera a seus pais que tomaria conta da amiga, e ela ignorara tudo.

Sentou-se em um banco no meio do shopping agitado e tentou se concentrar em alguma coisa além do que Jay poderia estar fazendo naquele exato instante. Sentiu-se completamente apavorada. E se o assassino estivesse lá? O que Jay faria? E pior, o que ele faria com Jay?

Violet torcia as mãos nervosamente sobre o colo enquanto aguardava pelo

que parecia uma eternidade, observando com ansiedade a entrada do corredor, e esperando ver Jay.

Quando finalmente o viu, e ele parecia estar inteiro, deu um salto e quase derrubou uma pessoa que estava no caminho. O olhar no rosto do amigo não mudara nos minutos que se haviam passado, mas Violet não se importava, porque, apesar de ele ainda estar irritado com ela, obviamente estava bem.

— Você está bem. — Foi apenas uma observação, não uma pergunta, e as palavras estavam repletas de alívio. — Que aconteceu?

Jay a puxou de lado, para longe do fluxo de pedestres. Seu toque era reconfortante para Violet, apesar de não haver qualquer traço de ternura no gesto.

— Só havia alguns moleques lá… fumando. Então, a não ser que o cara esteja no ensino fundamental, não era ele. — Violet se surpreendeu por ouvir uma ponta de frustração na voz, que não tinha nenhuma relação com ela. Tinha presumido que Jay só estava ali para alegrá-la e mantê-la longe de encrencas. Não tinha acreditado que ele tivesse qualquer interesse em encontrar esse cara. E ainda assim, quando contou a ela que o assassino não estava lá, parecia genuinamente decepcionado.

De repente uma onda de alho explodiu na língua de Violet. Ela se virou a tempo de ver um grupo de meninos sair do corredor em que ficavam os banheiros e caminhar na direção deles.

Violet esticou a mão e agarrou o braço de Jay em busca de amparo, sentindo-se nauseada pela explosão que lhe agrediu a boca.

Ao passarem, um menino, de apenas treze ou catorze anos, talvez, olhou para ela. O contraste do cabelo pintado de preto com a pele pálida e descorada fazia com que ele parecesse anêmico e adoentado, à primeira vista. Mas quando seus olhos encontraram os de Violet, naquela fração de segundo, ela sentiu um grau de crueldade vindo de dentro dele de forma intensa. As explosões de alho que a atingiram escaldavam sua língua furiosamente enquanto ele a encarava de volta.

Independentemente de ser real ou imaginário, Violet podia visualizar esse menino, que provavelmente estava acostumado a machucar pequenas criaturas, crescer e se tornar o tipo de homem que *poderia* de fato sequestrar e assassinar jovens meninas.

Mas, por enquanto, pelo menos, ele não era a pessoa que Violet procurava.

Ela teve de desviar o olhar, inicialmente, fechando os olhos até que ele tivesse acabado de passar.

— Foi ele quem você sentiu? — perguntou Jay.

Violet podia apenas assentir, enquanto esperava que o enjoo e o gosto

remanescente do mal particular do menino passassem.

Jay não perguntou se ela estava pronta para ir ou não; simplesmente a envolveu com o braço. Não havia nada gentil nem reconfortante no contato, era mais para guiá-la que para confortá-la, ao levá-la para fora do shopping e para o carro.

Voltaram para casa sem falar nada — Jay estava bravo demais, e Violet exausta demais pelo contato com a malignidade. Ainda estava desgastada devido à intensidade das sensações que experimentara, do menino repleto de ódio.

Ela sabia que não poderia fazer aquilo outra vez, sair a esmo à procura de um assassino em meio às pessoas. Aquele dia já tinha sido difícil o suficiente. Estava acostumada a tentar se desligar daquelas sensações; praticara desenvolver escudos que a protegessem daquele tipo de violência. Principalmente quando nem mesmo sabia ao certo o que procurava. Não achava que pudesse suportar muito mais daquilo.

Se fosse tentar outra vez, necessitaria de um plano melhor, decidiu. E, então, precisaria estar muito bem-preparada.



CAPÍTULO 12

A atmosfera na escola estava mais sombria do que tinha ficado depois dos desaparecimentos anteriores. Violet suspeitou de que isso se devesse ao fato de Hailey McDonald não ser apenas uma conhecida que viam passar em uma festa ou um evento social. Para a maioria do corpo estudantil, Hailey McDonald era alguém familiar.

Ela era irmã de um colega de escola, e sua família era bastante conhecida por muitos dos alunos da White River. Sua ausência na comunidade era quase palpável, e estava sendo encarada de forma mais pessoal que as mortes das outras meninas.

Outra coisa evidente na escola na segunda-feira foi o notável aumento na segurança. E não eram apenas os seguranças desarmados da escola que patrulhavam o *campus* e mantinham a ordem; havia agora a presença visível de policiais, com pelo menos dois oficiais não uniformizados em guarda nos corredores, fora das salas.

Um dos policiais carregava diversas marcas, que Violet presumiu serem ossos do ofício. Felizmente, nenhuma delas era particularmente ofensiva a ela, que podia facilmente ignorá-las quando ele estava por perto.

Os orientadores psicológicos também estavam de volta, o que Violet julgava um pouco prematuro, considerando que não havia provas — pelo menos não ainda — que sugerissem que Hailey McDonald não seria encontrada e trazida para casa ilesa.

Eles estavam disponíveis para os alunos que sentissem necessidade de, em um ambiente seguro, desabafar seus medos e frustrações. Mas muitos os consideravam ótimas desculpas para matar aulas, uma vez que autorizações para falar com os orientadores estavam sendo distribuídas como se fossem bala.

Violet optara por guardar as próprias preocupações, em vez de conversar com os orientadores. E como Jay ainda não estava falando com ela, realmente

não tinha ninguém com quem desabafar.

Ele a deixara em casa no domingo à noite, após o dia desastroso no shopping, e esperara na entrada apenas o tempo suficiente para certificar-se de que ela tinha entrado em segurança. Quando Violet tentou ligar mais tarde naquela noite, ele não se incomodou em atender ao telefone e também não respondeu aos e-mails da amiga. Violet não insistiu no assunto. Sabia que estava bravo e que só precisava de um tempo para melhorar.

Seus pais, no entanto, a surpreenderam quando ela chegou: eles lhe deram um celular novinho em folha.

Violet pedia a eles que lhe dessem um telefone desde os catorze anos, citando os nomes de todas as outras pessoas de sua idade que já tinham um. Os pais sempre recusaram, ignorando os pedidos de Natal e aniversário, declarando que não havia nenhum “bom motivo” para que ela tivesse um.

Aparentemente, tinham mudado de ideia.

Ela deveria ter ficado animadíssima com o celular, mas de algum modo não tinha mais o mesmo apelo de outrora. Agora parecia mais uma ferramenta necessária à sobrevivência que o novo brinquedo com o qual sempre sonhara. Guardou-o na bolsa… ao lado da lata de spray de pimenta.

Violet seguiu a grade de disciplinas de segunda-feira, tentando ignorar o fato de que Jay, que se sentava a seu lado em diversas aulas, ainda não falava com ela. Ele se manteve impassível, olhando para a frente e realizando um bom trabalho ao fingir que prestava atenção nos professores, em um esforço de evitar qualquer contato visual acidental com Violet. Ela sabia que ele continuava furioso.

De fato, não se importava de ele estar tão aborrecido, pois considerava que merecia, ao menos até certo ponto. Ela agira como uma idiota no dia anterior, percebeu, ao lembrar-se de que basicamente planejara confrontar um assassino em um banheiro público no shopping. Então, em vez de se afetar com o tratamento silencioso de Jay, fingiu não perceber a indiferença intencional do amigo.

Mas algo mais aconteceu naquela segunda-feira, e que pegou Violet de surpresa.

Depois da aula de educação física, no primeiro tempo, ficou surpresa ao encontrar Grady à sua espera do lado de fora do vestiário. Ele caminhou com Violet até a sala do segundo tempo de aula. Conversaram sobre assuntos irrelevantes, coisa que era fácil fazer com Grady, pois eram amigos há muito tempo. E ela apreciava o fato de ele não parecer pressioná-la a serem nada além do que eram, apesar de ainda planejarem ir juntos à festa. Violet percebeu que

gostava da companhia de Grady e ficou satisfeita por ele ter decidido ir caminhando com ela.

Jay não levantou o olhar ao passar por eles a caminho da aula, mas Violet tinha certeza de que ele não estava de punhos cerrados até vê-la com Grady.

Mesmo assim, considerando que eram “apenas amigos”, Violet ficou ainda mais surpresa quando viu que Grady a esperava novamente, após as duas aulas seguintes.

Tinha planejado almoçar na mesa de sempre, na companhia dos mesmos amigos com os quais ela e Jay se sentavam quase todos os dias. Grady geralmente ficava em outra mesa com vários de seus amigos atletas, mas naquele dia era como se ele, de alguma forma, tivesse sentido que Violet ficaria sozinha e decidido ficar com ela. Violet não reclamou.

Carregou a bandeja do almoço para a mesa na qual Claire e Jules já estavam sentadas. Grady se sentou perto dela… no lugar em que Jay normalmente ficava.

A ausência de Jay era muito óbvia.

Violet olhou o mais discretamente possível pelo refeitório, imaginando com quem Jay tinha decidido passar a hora do almoço, mas ele não estava em lugar nenhum. Ficou um pouco irritada consigo mesma pela decepção que sentiu ao não vê-lo, mesmo que de longe.

— Oi, Grady — Violet ouviu Chelsea falar com convicção ao juntar-se ao grupo, espremendo-se entre Claire e Jules. Violet sabia que o tom tinha sido mais por sua causa que por Grady.

— Oi — respondeu Grady, acenando com a cabeça para as outras meninas da mesa.

Passaram-se alguns desconfortáveis instantes de silêncio, tornados ainda mais evidentes pelos olhares zombeteiros não tão sutis que Chelsea dirigia a Violet. Chelsea era tão discreta quanto uma britadeira. No fim das contas, contudo, foi Claire quem piorou as coisas quando perguntou onde Jay estava.

Violet realmente não queria contar a eles que Jay estava com raiva dela, e não havia como explicar a briga que tinham tido, então simplesmente inventou alguma bobagem sobre Jay ter de ficar depois da aula para fazer alguns trabalhos. Não fazia ideia se Jay corroboraria a mentira idiota, se perguntassem a ele, e, naquele momento, realmente não se importava… desde que impedisse que mais alguém mencionasse a ausência do amigo no almoço.

Quando Andrew Lauthner, um garoto que várias vezes se sentava à mesa com eles, e que havia muito gostava de Chelsea, juntou-se ao grupo, Grady ficou satisfeito por poder voltar a atenção para o outro menino. Como começaram a conversar sobre carros, um assunto sobre o qual Violet não sabia absolutamente

nada, ela não se sentiu muito mal em ignorar a conversa dos dois… e os dois.

Chelsea lançou outro olhar cheio de significado a Violet, informando-a de que não acreditava na história Jay-tem-um-trabalho-para-fazer. E Violet se fez de desentendida, fingindo que não tinha notado os olhares da amiga.

Quando o sinal finalmente tocou, Violet se sentiu grata por Grady ainda estar envolvido demais na conversa com Andrew para ir com ela até a próxima aula. Infelizmente, a curiosidade de Chelsea não diminuiu ao longo da refeição, e ela deu um salto para seguir Violet para fora do refeitório.

Caminharam por quase sessenta segundos antes que Chelsea dissesse alguma coisa, apesar de Violet saber que, sem dúvidas, isso aconteceria.

— Eu gosto do *novo* Jay — Chelsea finalmente declarou, como se estivesse fazendo uma simples observação, em vez de estar tentando arrancar informações da amiga.

— Cale a boca — resmungou Violet, sem conseguir esconder completamente o sorriso em relação ao comentário absurdo de Chelsea. Mesmo assim, não se sentiu inclinada a compartilhar os problemas com a amiga.

— Não me entenda mal, Vi. Ainda gosto mais do velho Jay; só estou dizendo que o novo Jay não é tão ruim. Além do mais, pelo menos *ele* teve coragem de convidá-la para a festa. Coisa que o velho Jay não pareceu capaz de fazer.

— Ele não é o *novo Jay* — insistiu Violet, parando no armário para pegar um caderno. — Jay só está irritado comigo agora. Daqui a pouco vai passar. Além disso, eu já lhe disse que somos apenas amigos.

— Quem? O novo Jay ou o velho Jay?

Violet revirou os olhos ao fechar a porta do armário.

— Os dois. — Ela se virou de costas e deixou Chelsea sozinha na fileira de armários. E depois disse novamente, olhando para trás: — Além disso… não tem *novo* Jay.

Violet só levou um instante para registrar o fato de que Jay estava bem ali no corredor, a alguns centímetros de distância dela, próximo o suficiente para ter ouvido toda a conversa com Chelsea. Mas ela não sabia com certeza há quanto tempo ele estava parado ali. Mesmo assim, ficou mortificada por ele ter ouvido que ela falara sobre ele.

Ignorou o olhar flamejante que Jay lançou em sua direção ao passar apressada pelo amigo, fugindo para a próxima aula… e tentou ignorar o fato de que ele estaria sentado a seu lado.

* * *

Os dois dias seguintes se passaram com Jay lhe conferindo o tratamento do silêncio e Grady lhe dedicando atenção extra. Era como um bizarro universo alternativo, em que para cima significava para baixo e sim queria dizer não.

Violet não se importava com o fato de Jay a estar evitando, porque, por enquanto, isso lhe dava tempo para trabalhar no novo plano que tinha arquitetado, um no qual ele jamais ajudaria. Mas o excesso de atenção de Grady era outra história. Estava começando a dar nos nervos, ele a seguia como uma espécie de cachorrinho hiperativo que vivesse colado a seu pé. E ele sempre parecia estar um passo à frente de Violet… alcançando suas salas de aula antes que ela pudesse entrar e desaparecer nos corredores lotados, esperando por ela na mesa de sempre do refeitório, e até a encontrando no carro depois da aula, só para ter mais alguns minutinhos com ela.

Começava a ficar óbvio que Grady não estava interessado em ser apenas mais um dos amigos de Violet. Agora tinha certeza de que ele queria mais, e culpava a ausência de Jay pelos esforços exagerados de Grady em procurá-la durante as horas de aula. Temia que, se Jay não voltasse a falar logo com ela, Grady poderia decidir que o dia de aula não era suficiente, e começaria a visitá-la em casa depois da escola. Do jeito que estava, ele tinha passado a ligar para ela o tempo todo. Não sabia ao certo quantas mensagens de voz seu telefone conseguia armazenar.

Nos últimos dias, o simples pensamento de ir à festa com Grady fazia a pele de Violet pinicar, como se ela estivesse explodindo em urticária — ou, mais provavelmente, talvez fosse um caso grave de arrependimento.

Em um esforço para ignorar o interesse entusiasmado de Grady, Violet voltou a própria atenção para os detalhes do novo plano. A ideia tinha lhe ocorrido a princípio durante o caminho estranhamente quieto para casa, no dia em que foi ao shopping com Jay. Ela sabia com certeza que simplesmente andar por lugares públicos à procura de ecos era um erro. Havia muitas variáveis envolvidas, muitas pessoas que tinham matado *sem* intenção, ou por ocupação, ou por esporte. Foi então que percebeu que teria de filtrar a procura de alguma forma.

Já sabia que reconheceria a marca deixada pela garota do lago. Tinha visto com os próprios olhos e sabia que quem quer que ele fosse, carregaria uma película radiante e oleosa ao redor de si, exatamente como a menina do lago. Mas esse era um eco visual, que significava que só seria útil se Violet se encontrasse cara a cara com o assassino. Seria quase impossível detectá-lo à distância.

Precisava de mais informações. E só havia uma maneira de consegui-las.

Teria de descobrir que eco a outra menina, Brooke Johnson, deixara para trás. E que, assim, teria deixado também no assassino.

Para alguém como Violet, que podia sentir as energias remanescentes de um assassinato, um cemitério era um lugar difícil de visitar. Até então, pelo menos até onde sabia, enterrar um corpo parecia trazer uma sensação de paz, liberando o eco em algo menos… *intenso*. Mas sua experiência era limitada, na melhor das hipóteses experimental, e ela sempre temeu que suas teorias pudessem estar erradas.

Então Violet normalmente tentava evitar lugares nos quais houvesse mais chances de encontrar ecos — cemitérios, hospitais com necrotérios, funerárias —, pelo risco de sentir algo mais forte que aquilo que poderia suportar. Seus pais a tinham protegido contra essa possibilidade, e até a deixaram em casa quando foram para o enterro da avó de Violet, há apenas três anos.

Mas agora, quando Hailey McDonald ainda estava desaparecida em algum lugar, Violet sentia a responsabilidade pesar mais que qualquer temor — *real ou imaginário* — de seus potenciais desconfortos sensoriais. Ela poderia ser a única pessoa capaz de encontrar esse sujeito, e não estava disposta a ignorar essa possibilidade.

Se iria descobrir qual era o eco de Brooke, teria de ir até o cemitério no qual ela havia sido enterrada.

A ideia era bastante simples, mas sua execução era outra história. Seus pais praticamente a mantinham presa em um regime de segurança máxima. Sentia-se como se cumprisse pena. E, com a ausência de Jay como seu guardião e protetor, eles não pareciam inclinados a deixá-la longe de sua vista por mais de cinco minutos.

Jay teria sido o cúmplice perfeito, exceto pelo irritante fato de que ele se recusava a falar com ela. Com isso, e após o que ela aprontara no shopping, não havia chances de convencê-lo a ajudá-la mais uma vez. Violet mais que temia que, se soubesse o que ela planejava agora, Jay tentasse contê-la… mesmo que isso significasse dedurá-la a seus pais.

Violet imaginara diversos modos de escapar por uma tarde, descartando-os um por um ao perceber que, se fosse pega mentindo — ou mesmo omitindo —, provavelmente nunca mais veria a luz do dia.

Tudo bem, talvez um pouco dramático, mas não totalmente improvável.

Quando a resposta finalmente veio, sentiu-se um pouco estúpida por não ter pensado nela antes. Era a desculpa perfeita, e ninguém, nem mesmo seus pais, saberia a verdade. Mesmo seu acompanhante não saberia da armação. Era infalível.

Ela ligou para Grady do novo celular, útil pela primeira vez desde que o tinha ganhado.

Ele atendeu no primeiro toque, com a voz entusiasmada. Violet se contraiu ligeiramente. Após um pouco de conversa fiada, deu início ao plano.

Despejou as palavras com cuidado, seguindo o roteiro que preparara mentalmente antes de telefonar.

— Enfim, estou ligando por que, com tudo o que vem acontecendo, ainda não tive tempo de visitar o túmulo de Brooke e estou me sentindo péssima com isso — Violet explicou com o máximo de sinceridade que conseguiu.

— Cara, eu nem sabia que vocês eram amigas.

— Pois é. Nós jogamos softbol e futebol quando éramos mais novas, e, apesar de não nos vermos muito, fiquei arrasada quando soube… sabe… — tentou soar como se estivesse arrasada, sem conseguir concluir a própria frase. Desejou ser uma daquelas meninas que conseguiam chorar quando queriam, apenas para provocar um efeito dramático. — Você acha… você se importaria… de me levar lá? Para eu não ter de ir sozinha…? — a voz foi sumindo, e ela esperou pela resposta.

Executou com perfeição, desde o princípio. E mesmo com o alto grau de dificuldade, teve de se dar um dez pela atuação. Jay teria percebido na hora, mas Grady não fazia ideia.

— Quando você quer ir? — ele perguntou.

— Você consegue chegar aqui em uma hora?

Provavelmente poderia ter pedido que estivesse lá em dois minutos, e ele chegaria em um.

Quando Violet desligou, ficou surpresa por não sentir nem um pingo de culpa pela manobra e imaginou se teria se sentido diferente caso a mentira tivesse sido contada para Jay.

A parte seguinte do plano era uma pouco mais complicada. Teria de convencer os pais a deixá-la ir.

O pai ainda estava no trabalho, mas a mãe estava no estúdio. Violet caminhou pelo gramado até o galpão convertido em estúdio de arte e, ao abrir a porta, foi atingida pelo cheiro familiar do tecido das telas e dos gases do solvente de tinta.

A mãe sorriu em saudação enquanto limpava os pincéis em um velho pote com agentes cáusticos.

— Tudo bem, Vi?

Violet hesitou, e a primeira pontada de culpa atacou sua consciência. Mas

não tinha volta, decidiu, e seguiu em frente.

— Grady Spencer ligou e perguntou se eu poderia ir ao cemitério com ele.

As sobrancelhas da mãe se ergueram com o pedido incomum, e ela parou de mexer nos pincéis e esfregou as mãos no avental sujo de tinta. Pareceu preocupada, e Violet sabia por quê. Não era algo que a filha pediria normalmente.

Violet prosseguiu com a explicação que planejara.

— Acho que ele era amigo da menina que morreu, a de Bonney Lake. Ele quer levar flores para o túmulo dela, mas não quer ir sozinho. — Mal conseguia acreditar que tivesse dito tudo sem tropeços. — Não achei que haveria problema, principalmente porque ele vai estar comigo, então eu disse que iria. — Ela se forçou a parecer o mais relaxada possível naquele momento, enquanto seu coração batia acelerado dentro do peito. — Tudo bem, não é?

Pensativa, Maggie Ambrose examinou a filha.

— Tem certeza, Violet?

Violet assentiu e prendeu a respiração ao olhar cautelosamente para a mãe, procurando qualquer sinal que indicasse o que ela poderia estar pensando. Por um instante, achou que tivesse visto um olhar cético, e imaginou que pudesse ter exagerado na interpretação.

Mas, finalmente, a mãe voltou a limpar os pincéis e deu de ombros.

— Acho que não tem problema. Desde que fiquem juntos. — E lançou outro olhar a Violet que indicava que estava falando sério. — Não estou brincando, Violet Marie… fiquem juntos. *E tenham cuidado*.

— Teremos, mãe. Obrigada. — Ela se aproximou e deu um beijo rápido na bochecha da mãe, que surpreendeu as duas um pouco. Violet não fazia isso havia anos, e não podia deixar de pensar que o ato impulsivo tinha sido motivado pela vergonha de ter mentido na cara da mãe. Talvez o gesto de afeto a deixasse com menos remorso pelo que estava prestes a fazer.

Mas, mesmo com o peso na consciência, Violet saiu praticamente saltitando do galpão e esperou impacientemente pela chegada de Grady.



CAPÍTULO 13

Violet se sentou no banco da frente do Nissan Sentra tunado de cinco anos de Grady. Ela achava que era estranho envenenar aquele tipo de carro, mas guardou para si o pensamento, porque Grady obviamente se orgulhava do possante, inflando-se ao mostrar as novas rodas e a tinta roxa neon que aplicara sobre o tom champanhe prateado comum de fábrica. O motor roncava absurdamente alto, outro fato que agradava imensamente a Grady.

Mas, para Violet, o passeio barulhento não conseguiu acalmar a tensão que sentia, quando de fato colocava o plano em prática. Não podia acreditar que tivesse conseguido. Mas isso tinha um preço.

Ela podia sentir os músculos da nuca se retesarem à medida que se aproximavam do pequeno cemitério no qual Brooke Johnson fora enterrada. Grady deve ter confundido a ansiedade de Violet com sofrimento — pela perda da amizade inventada com Brooke —, pois ele parara de incomodá-la com o fluxo constante de conversas fiadas ao entrarem na estrada à beira do rio.

Mas, pela primeira vez, Violet tinha a oportunidade de fazer algo útil com sua habilidade e se recusava a esquivar-se da obrigação.

A pesada grade de ferro preto apareceu quando Grady fez a última curva para a esquerda em direção ao cemitério.

Violet ficou surpresa quando chegaram à entrada e ela ainda não tinha sentido, *sensorialmente*, nada dentro dos muros. Preocupou-se com a possibilidade de ter se enganado com relação a tudo isso. Que talvez fosse semelhante aos animais que descobria na floresta, e que os ecos individuais pareciam desaparecer em um ruído estático quase imperceptível depois que os enterrava.

E, se fosse apenas estático, talvez não conseguisse distinguir o eco de Brooke Johnson do restante.

Grady parou o carro em um pequeno estacionamento e desligou o motor

ensurdecedor.

Quando saltou do carro, Violet foi imediatamente mergulhada em um ruído elétrico. Estava ao redor dela, por todos os lados, apenas um pouco diferente do murmúrio estático ao qual se acostumara em seu cemitério improvisado… mas definitivamente estava lá. A tensão na nuca voltou, e ela se preparou para um ataque sensorial.

Grady não conseguiu ouvir nada.

Ele circulou o carro e caminhou calmamente ao lado da amiga enquanto começavam a vagar pelas fileiras de túmulos e lápides. Pequenas bandeiras americanas surgiram em diversos pontos, e Violet foi cuidadosa para não encostar em nenhuma das lembrancinhas que preenchiam o cemitério com cores e vibrações, e que assumiam uma vida própria.

— Você sabe onde ela está enterrada? — ele perguntou, com a voz se tornando sombria, ecoando na atmosfera solene do cemitério que se estendia diante dos dois.

Ela não sabia. Por algum motivo, Violet nem sequer tinha considerado que *encontrar* o túmulo da menina pudesse ser um problema; simplesmente presumiu que saberia onde estava… que de alguma forma *sentiria* a localização de Brooke entre os outros enterrados. Balançou a cabeça negativamente em resposta à pergunta dele.

— Tudo bem — disse Grady, com bastante calma, e de repente Violet sentiu como se estivesse novamente com o velho amigo. Estava com saudades dele. — A gente anda até encontrar — confortou-a.

Violet concluiu que ele tinha razão: não deveria ser difícil. Era um cemitério pequeno, que ocupava apenas alguns quarteirões. Mas quando olhou para o mar de lápides, muitas cobertas com flores e balões, ficou impressionada com a quantidade de túmulos em um espaço relativamente pequeno.

Logo percebeu que o ruído branco não era apenas estática, afinal. Ao concentrar-se, na tentativa de encontrar o caminho até Brooke Johnson, conseguia *sentir* flutuações na energia do local. Respirou fundo, tentando relaxar o bastante para que pudesse conseguir separar uma energia da outra.

Definitivamente havia ecos de pessoas assassinadas ali.

Ela ouviu uma estridente explosão de fogos de artifício em algum lugar próximo e se contraiu, girando quase trezentos e sessenta graus para localizar a origem do ruído. Os sons crepitados eram familiares, fazendo-a lembrar-se dos dias quentes de julho e dos piqueniques de verão.

— Que houve? — perguntou Grady, olhando com curiosidade para ela.

Violet percebeu que acabara de separar o primeiro eco dos demais.

— Nada — respondeu honestamente ao caminhar em direção ao som. Precisava encontrar a origem, esperando que tivesse tido sorte e encontrado Brooke.

Parou em uma lápide, na qual havia uma placa de bronze gravada:

EDITH BERNHARD
19 de junho, 1932 — 2 de maio, 1998
Amada esposa e mãe

Os estouros e as batidas eram tão claros ali, que, enquanto Violet se colocava na frente da lápide simples, podia quase sentir o cheiro sulfuroso da fumaça de fogos que não estava lá. Pensou em Edith Bernhard, morta aos sessenta e cinco anos. Imaginou quem seria, e como morrera… e quem tinha deixado para trás. Não fora uma morte natural, não para Edith… não com aquele eco. Mas o que, então? Assassinato? Eutanásia para uma mulher que estivesse doente e em sofrimento? Suicídio? Será que suicídio deixava algum eco? Será que Edith carregava a marca do próprio assassinato?

— Você a conhecia?

Por um instante Violet se esquecera de que Grady ainda estava ali, às suas costas, e que lia a lápide da mulher por cima de seus ombros. De alguma forma, Violet se sentiu invadindo a privacidade da falecida simplesmente por estar ali.

— Não. Só estava procurando — respondeu ao afastar Grady do túmulo.

Vagaram desse jeito, com Violet parando abruptamente em diversos ecos distintos que conseguiam se destacar dos outros. Parou ao sentir o cheiro forte de café para ler a lápide de um homem que havia morrido com trinta e poucos anos… mais de quarenta anos atrás.

Teve a sensação de que cada centímetro de sua pele era suavemente acariciado por milhares de penas macias, o que a fez parar no túmulo de uma criança que tinha morrido dias após nascer… havia onze anos. Violet foi invadida por um senso de tristeza ao pensar no que poderia ter acontecido ao bebê, que o deixou com um eco trágico próprio, e teve de afastar-se, sentindo-se apreensiva e descontente.

Quando ouviu pela primeira vez o soar de sinos, o barulho era tão claro, tão nítido, que ela teve certeza de que fazia parte do mundo real. Estava certa de que deveria estar perto de uma torre de relógio, em algum lugar do cemitério, que marcava a hora. Mas havia algo assombrosamente melódico no som, algo tocante demais para que fosse real. Observou em volta, direcionando um rápido olhar a Grady, para ver se ele também tinha notado.

Sem surpresa, percebeu que não havia nenhum relógio ao redor, nenhuma torre, e pelo olhar no rosto de Grady, era claro que ele não ouvira aquele som.

Era um eco.

E mais que isso: Violet tinha certeza de que aquele era o eco de Brooke. Compelia e era forte.

Passou depressa por Grady, consumida pela necessidade de encontrar a origem dos sinos.

Não demorou muito. O tilintar musical servia como um farol, facilitando a localização do túmulo. Flores frescas desciam pelo topo da lápide e caíam em avalanche sobre a grama que ficava embaixo. Balões prateados metálicos, ainda suspensos por gás hélio, balançavam para a frente e para trás na brisa de outono. Violet teve de se curvar quando encontrou o túmulo, de modo a afastar as lembrancinhas e poder enxergar o nome na lápide.

Era ela:

BROOKE LYNNE JOHNSON
Estimada filha
Querida amiga

Só de ver a data de nascimento, seguida da de morte, Violet já sentiu os joelhos ficarem fracos e sem firmeza, e ela afundou no chão, ignorando a umidade fria que ensopava a calça jeans. Tinham idades tão próximas e já tinham morado tão perto uma da outra… Por mais confortável que Violet sempre tivesse se sentido em relação à morte, o assassinato brutal daquela menina era real demais para ela.

Fechou os olhos e ouviu os sinos. Ressoavam docemente, alcançando seu âmago, quase atingindo a alma, o som vibrava dentro de Violet enquanto se movia com vida própria.

Ela o memorizou.

Era um *eco audível*. E continuava forte, ainda não diminuíra com a passagem do tempo. Violet conseguiria rastreá-lo. Ela o reconheceria em qualquer lugar. Em qualquer época.

E o homem que carregava aquela marca não fazia ideia disso.

Ela de repente se sentiu como a predadora, que carregava a mais poderosa das armas. Agora se tornaria a caçadora… e ele, a caça.

Esperou apenas um pouco mais do que precisava, agradecendo a Brooke em silêncio por compartilhar aqueles instantes com ela… por ter compartilhado aquele eco dolorosamente lindo.

Grady esperava por ela a uma distância respeitosa.

Quando caminharam de volta pelo cemitério, Violet permitiu que todos os ecos, inclusive o de Brooke, voltassem ao murmúrio estático harmonioso, enchendo-a de tranquilidade mais uma vez.

Aqueles eram corpos que estavam em paz. Arrancados do mundo antes da hora, mas postos para descansar eternamente por aqueles que mais os amavam. E estavam em harmonia.



INVISÍVEL

Ele vestia a escuridão como uma blindagem noturna. Mas apesar de o negrume da noite o proteger, não podia deixar de olhar em volta uma última vez ao fechar o porta-malas do carro o mais suavemente possível.

Não precisava de uma lanterna, mesmo que tivesse uma mão livre para segurar uma. Conhecia o caminho de cor; fizera aquela rota muitas vezes antes, na expectativa. Decorara cada passo, até poder percorrê-la de olhos fechados. Era como tinha de ser, pois a carga era pesada, e ele não tinha tempo a perder procurando o caminho.

Levantou a sacola militar mofada do chão, o conteúdo pesado se movia e forçava sua coluna antes mesmo que ele começasse a andar. Passou a alça longa sobre o peito, utilizando a parte superior do corpo para ajudar a equilibrar o peso. Seu ritmo era estável e seguro: apesar do fardo que carregava, os pés encontravam o caminho, desviando-se das obstruções naturais escondidas na escuridão.

Contou cada passo até o destino final, em seguida derrubou a carga. O pulso estava acelerado, e a respiração, que já estava difícil, agora era dissonante e sem ritmo. Sentiu uma ansiedade familiar, algo a que ele esperava jamais se acostumar… Aquilo o excitava completamente.

Adorava aquela parte do jogo.

Curvou-se, saboreando o trabalho por vir, e abriu a sacola a seus pés.

O cheiro metálico e inconfundível de sangue permanecia, com um leve toque de carne em princípio de decomposição. Ele inalou tudo profundamente. Em um instante tudo acabaria, e ele jamais sentiria o cheiro dessa menina outra vez.

Virou-se e caiu de joelhos. Usou as mãos para remexer no solo macio e nas folhas, onde previamente já tinha preparado o local de desova. A terra estava mais pesada agora, após uma chuva fina de outono, o que o fazia trabalhar um pouco mais que o planejado. Mas não se incomodou; isso também fazia parte do

que apreciava na caçada… o último ato, no qual libertava a menina, de uma vez por todas, enterrando os segredos dele com ela.

Quando o buraco ficou pronto, ele estava coberto por um suor frio que gelou com o ar da noite. Levantou uma ponta da bolsa de lona e a sacudiu, para que o corpo que havia dentro dela se movesse, caísse pela abertura e aterrissasse na cova superficial com uma batida pesada. Não sentiu nada pela menina enquanto utilizava as mãos para cobri-la com terra fresca.

Quando terminou de enterrá-la, esticou-se para pegar um monte de folhas que tinha deixado por perto e cobriu com elas a terra exposta, deixando a cena com o aspecto mais natural possível. Não que ali isso fosse necessário.

Levantou-se e sacudiu a terra das mãos, utilizando o lado de dentro das mangas para limpar o suor do rosto antes de pegar a bolsa, enrolá-la meticulosamente e guardá-la embaixo do braço direito. Esticou-se na escuridão e pôs a mão contra um tronco de árvore à esquerda, um guia que utilizou para calcular o caminho de volta, e começou a seguir a trilha premeditada em direção ao carro.

Quando já estava seguro do lado de dentro do automóvel, examinou a área o melhor que pôde e, satisfeito por ter passado despercebido, ligou o motor.

Ao afastar-se do esconderijo entre os arbustos e as árvores excessivamente grandes, verificou o rosto no espelho, à procura de vestígios de sujeira, antes de voltar para a estrada principal. Esperou que o alívio o alcançasse, alguma sensação de realização de um trabalho bem-executado… algum sentimento de conquista… de conclusão.

Mas nunca veio. Em vez disso, sentiu um turbilhão inquieto que emergia de si.

Daquela vez, não seria capaz de esperar. As sensações familiares vinham sempre mais depressa depois de cada garota, a impaciência para encontrar outra… para iniciar a caçada mais uma vez.

Ele era insaciável, concluiu. Ávido. Voraz pela perseguição.

Logo, *prometeu a si mesmo.* Logo.



CAPÍTULO 14

Na sexta-feira, quinto dia do gelo de Jay em Violet, ela estava começando a se sentir completamente abandonada. Não era como se não tivesse outros amigos, mas *ele* era o preferido. Além disso, era difícil vê-lo o dia todo, sentado tão próximo nas aulas, e passar por ele nos corredores, sem poder falar. Achava que poderia tentar, mas a ideia de que ele pudesse ignorá-la em resposta era devastadora para Violet, e ela não estava muito disposta a se sujeitar a esse tipo de rejeição.

A história da minha vida, pensou entristecida. Nunca estava disposta a se arriscar.

Mordeu uma maçã enquanto Chelsea se sentava a seu lado à mesa do almoço.

— Cadê o novo Jay? — perguntou Chelsea, incapaz de deixar a piada morrer. Passou a semana inteira repetindo a mesma brincadeira, e, a cada vez, Violet se incomodava um pouco mais. Provavelmente era por isso que Chelsea ainda não tinha desistido; provavelmente podia *sentir o cheiro* da irritação de Violet.

Em vez de corrigir Chelsea, mais uma vez, Violet olhou ao redor do refeitório e percebeu que Grady não estava em lugar nenhum. Isso era inédito, pelo menos no espaço dos últimos cinco dias, e ela achou estranho que nem sequer tivesse notado sua ausência.

Violet deu de ombros em resposta à pergunta de Chelsea.

Sentiu uma leve pontada de tristeza por Grady, que vinha fazendo de tudo para ficar perto dela. Mas mais que qualquer pesar pelo afeto maldirecionado de Grady, estava feliz pelo instante de paz.

Pelo menos *tinha* sido um momento de paz… até Chelsea se sentar.

Não demorou muito até que Jules e Claire se juntassem a elas.

— Cadê o novo Jay? — perguntou Jules, em seguida ela e Chelsea trocaram

um olhar e começaram a rir da própria piada.

Até Claire, que geralmente era séria a respeito de tudo, riu um pouco.

Violet revirou os olhos.

— Quanto tempo os dois gênios levaram para planejar essa joia? — ela debochou das amigas, o que só fez com que rissem mais ainda. Ela balançou a cabeça. — Vocês são duas idiotas — disse, mordendo novamente a maçã, e decidindo ignorá-las.

— Qual dos dois, Violet? — perguntou Claire. — São gênios ou idiotas?

Então Chelsea se inclinou na direção de Jules, rindo tanto da piadinha idiota, que nenhum som saía mais de sua boca.

Violet olhou de Chelsea para Jules e depois novamente para Claire.

— Idiotas — falou secamente.

Passou-se mais um longo momento enquanto as Duas Patetas lutavam para recobrar a compostura.

— Vamos, Vi. Se não pudermos fazer piadas sobre o novo Jay, sobre quem *podemos* fazer piadas? — perguntou Chelsea, finalmente controlada. Ela usou um guardanapo de papel para enxugar os olhos, que se enchiam de lágrimas.

— Façam piadas sobre o que quiserem — Violet disse da forma mais seca possível. — Vocês não têm culpa de não serem engraçadas.

— Ah, eu sou engraçada, sim. Sou completamente hilariante. Foi você que perdeu o senso de humor — rebateu Chelsea.

Violet estava prestes a discutir o assunto com Chelsea, mas sua resposta ficou presa na garganta quando viu Jay entrar.

— Ah, olhem, lá vai o velho Jay — disse Claire, com desinteresse. — E ele está com a Lissie Adams.

Violet também tinha reparado nisso.

Eles entraram como se fossem velhos amigos. Jay estava sorrindo para Lissie enquanto carregava a bandeja de comida. Lissie andava o mais próximo possível dele que ainda lhe permitisse o equilíbrio. A melhor amiga dela, uma menina que passara todo o período do ensino médio ofuscada pela ultrapopularidade de Lissie, parecia contente por vir atrás deles. Como um casal, Jay e Lissie pareciam ter sido arrancados das páginas de alguma revista de fofoca hollywoodiana, com suas aparências indefectíveis e sorrisos perfeitos. Lissie até trazia a própria equipe. A única coisa que faltava era o tapete vermelho.

Mas eles não eram um casal, Violet argumentou consigo mesma, *eram*?

O peito de Violet de repente pareceu pesado, sufocado sob a opressão das próprias perguntas não respondidas. E se eles *fossem* um casal agora? E se a

idiotice que ela fizera no shopping no final de semana passado tivesse afastado Jay o suficiente para que ele a substituísse por Lissie? Aquilo realmente tinha acontecido menos de uma semana atrás?

E se ela tivesse perdido a chance com ele?

Como se algum dia ela realmente tivesse tido alguma…

Violet olhou ansiosa na direção deles mais uma vez, imaginando se só estivera se enganando. Estavam sentados lado a lado, à mesa onde Lissie se sentava todos os dias com aqueles que considerava bons o bastante para serem seus amigos. Estava apoiada em Jay, dizendo alguma coisa que obviamente só deveria ser ouvida por ele.

Ele realmente era uma cara incrível; principalmente com relação ao que, além de seu novo exterior maravilhoso, realmente contava, onde ele continuava sendo o Jay… inteligente, engraçado, doce. Por que nunca o vira com mais clareza antes de ele sofrer essa metamorfose e se transformar na imagem personificada da sensualidade da qual todas as meninas da escola lutavam para se aproximar?

Mas ele não era perfeito, fez questão de lembrar a si mesma enquanto o via sentado à mesa de Lissie. Era incrivelmente teimoso e inflexível. Além disso, não sentia falta da maneira como ele roubava o controle quando viam tevê, ou o fato de ele comer todas as suas batatas no almoço. Pelo menos tentava se convencer de que não sentia.

Ele não levantou o olhar da conversa com Lissie em nenhum instante. Nem sequer olhou na direção de Violet, apesar de ela ter certeza de que ele sabia que ela estava lá… sentada no velho lugar de sempre, com as mesmas velhas amigas. Enquanto ele testava o próprio peso sobre o gelo delicado de seu novo e superior círculo social, ela continuava a mesma Violet.

Chelsea pareceu sentir que não era hora para brincadeiras e parou com a coisa de novo Jay, velho Jay… pelo menos naquele momento. Colocou o braço ao redor de Violet.

— Ei, não se preocupe com eles. Elisabeth Adams não é diferente de nenhuma outra garota da escola que faz de tudo para colocar as garras em Jay. É superficial e chata — Chelsea fez o melhor que podia para tranquilizar Violet. — É só mais uma líder de torcida sem cérebro.

— Além disso — disse Claire —, ouvi dizer que é uma piranha, que ela dá para todos os garotos. Metade dos jogadores de futebol a chama de “joelheira”, se é que você me entende.

Claro que ela entendia; como poderia não entender a insinuação nem um pouco sutil? E por que Claire achou que *aquela* informação em particular faria

com que Violet se sentisse melhor?

Claire devia ser a única da mesa a não compreender o olhar gelado e o tom recriminador que Chelsea lhe lançou.

— De jeito nenhum — discordou Chelsea. — A princesa Lissie faz parte de toda aquela bobagem virginal e tudo mais. É uma daquelas meninas que usa um anel de pureza para o papai, do qual não vai abrir mão até estar casada, ou qualquer porcaria do tipo. Nunca que o Jay conseguiria ao menos passar a mão naquele seu traseiro cristão.

Era para ser uma fala reconfortante; Violet sabia disso, e tentou não culpá-la. Era a maneira de Chelsea de demonstrar o apoio incondicional à amiga. Mas, de alguma forma, Violet acabou se sentindo ainda pior que antes. Agora não conseguia parar de visualizar Lissie e Jay se beijando no carro da mãe dele, com a mão dele dentro da blusa dela… vencendo a primeira etapa e avançando para a segunda. Sentiu-se enjoada.

Era definitivamente uma imagem mental sem a qual poderia viver muito bem, e desejou naquele instante que pudesse cegar a mente, para conseguir afastá-la.

— Então, está decidido, Violet. Você *definitivamente* vai sair com a gente hoje à noite — insistiu Chelsea. — A Olivia Hildebrand faz as melhores festas, e uma balada faria bem a você. É para levar a própria bebida, mas minha irmã mais velha vai comprar para a gente, então é só você me dar uns trocados que cuido disso.

Violet já tinha dito a Chelsea que não queria ir à festa. O que realmente queria fazer, a única coisa que podia imaginar fazer naquela noite, era colocar os moletons mais confortáveis que tinha e deitar-se na cama para assistir a filmes antigos.

Ela começou a protestar, mas foi interrompida por Chelsea.

— Confie em mim, Vi. Não fique sozinha hoje à noite. Diga a seus pais que vai ficar na minha casa, e a gente sai e faz besteira. Esqueça o Jay. Esqueça a Lissie. — Exibiu seu melhor beicinho e lançou um olhar inocente a Violet, mais sarcástico que sério. — *Por favor, por favoooor*!

— Vamos, vai ser legal — disse Jules com seu jeito casual de sempre. Ela era quase tão incapaz de falar muitas palavras quanto Chelsea de qualquer forma de sinceridade pura.

— Oh, e se você não tiver o que vestir, pode pegar alguma coisa minha emprestada — acrescentou Claire, como se esse fosse o único empecilho de Violet.

Foi a vez de Violet rir ao olhar para as amigas, cada uma tentando de forma

piedosa fazer com que ela se sentisse melhor a respeito da perda de Jay. Queria dizer não, mas de repente não conseguiu. Talvez tivessem razão; talvez uma noite com as meninas fosse exatamente do que precisava, mesmo que em uma festa lotada, com diversos colegas de escola bêbados.

— *Tudo bem* — Violet sucumbiu à pressão, enfim. — Mas vocês vão ter de me buscar. Meus pais não vão me deixar sair sozinha. Eles acham mais seguro andarmos em grupo.

— Essa é a minha garota. — Chelsea amassou o saco marrom vazio e o jogou em direção à lata de lixo na ponta da mesa. Errou feio o alvo, mas ignorou o fato completamente, deixando o lixo no chão, onde tinha caído. — Eu ligo quando estiver a caminho.

Ela e Claire foram para a próxima aula, deixando Violet com Jules, que seguia na mesma direção que ela.

Tinham de passar pela mesa de Lissie na saída, e Violet se surpreendeu ao ver que Jay não estava mais sentado à mesa das formandas. Nem o vira sair. Mas, de algum jeito, Violet percebeu, tinha atraído a atenção de Lissie, e, enquanto Violet e Jules passavam, a líder de torcida parou de falar e a observou propositalmente.

Era estranho o olhar no rosto da garota, um pouco desconfiado… quase *desafiador*. Era como se *Lissie* sentisse ciúme *de Violet*… e estivesse bastante irritada com isso.

Violet queria dizer à Lissie que ela e Jay nem eram mais amigos, quanto mais qualquer outra coisa. Mas não havia razão. Pelo que ela vira no refeitório naquele dia, Lissie já estava conseguindo o que queria e logo perceberia que Violet não representava nenhuma concorrência.

De repente a festa parecia uma ótima ideia.

* * *

Após ter se vestido e trocado de roupa diversas vezes, Violet começava a pensar que talvez Claire tivesse razão, e que deveria ter pegado alguma coisa da autointitulada “fashionista”.

Finalmente escolheu um dos melhores jeans que possuía, uma blusa preta e sapatilhas pretas. Colocou um colar de contas e brincos que combinavam com ele e se olhou no espelho. Raramente usava maquiagem, mas tinha decidido que aquela era uma ocasião especial — a saída com as meninas para se esquecer de Jay —, então acentuou os olhos verdes com um toque de delineador e aplicou

cautelosamente uma camada de rímel preto.

O efeito era razoavelmente dramático, deixando seus olhos exóticos, em vez de comuns.

Passou gloss nos lábios. *Nada mal*, pensou, colocando uma tira de cabelo rebelde atrás da orelha.

O celular tocou o toque padrão, que já vinha pré-programado no aparelho. Violet nem se incomodara em mudar, sentindo-se um pouco como se estivesse dançando nas covas das meninas desaparecidas — de forma figurativa, é claro — se curtisse o telefone por qualquer motivo além do propósito útil pelo qual lhe tinha sido dado.

Ela o abriu, e, antes que pudesse dizer oi, Jules já estava berrando ao seu ouvido:

— Venha logo, garota! Estamos na entrada de sua casa!

Violet podia ouvir os gritos e as risadas ao fundo. Decidiu que era melhor sair de uma vez, antes que seus pais notassem e mudassem de ideia quanto a deixarem que ela saísse naquela noite.

— Falem baixo, ou não vou a lugar nenhum — insistiu ao telefone, e em seguida o fechou sem nem dizer tchau.

Pegou a bolsa e se apressou pelas escadas, descendo dois degraus de cada vez.

— Chelsea está aqui. Até amanhã!

— Cuidado! — a mãe gritou de volta.

— Mantenha o telefone ligado — disse o pai, sem levantar a voz. — Por via das dúvidas — acrescentou.



CAPÍTULO 15

Podiam escutar a festa muito antes de chegarem à casa de Olivia Hildebrand. Música semelhante à que ouviam no carro de Chelsea… só que muito, *muito* mais alta. As quatro saltaram do Mazda pequeno e caminharam pela longa entrada, que estava cheia de carros. Violet examinou os veículos, torcendo silenciosamente para ver o carro da mãe de Jay estacionado em meio a eles. Mas não estava lá, e então achou melhor deixar esse desejo impossível de lado.

Mesmo assim, Violet se viu sorrindo quando chegaram à porta da frente, com seus braços cheios de álcool barato que ela provavelmente nem beberia. A música estava alta, e os amigos, mais barulhentos ainda. Ela podia ouvir as pessoas dentro da festa chamando-as quando se aproximaram da porta. O entusiasmo era contagiante.

Violet adorava ir a festas, principalmente porque podia ver como os outros eram fora da escola. Tornavam-se pessoas diferentes quando estavam longe do *campus*. Eram os mesmos jovens com os quais estudava desde garotinha. Mas ali, à noite e longe da instituição já tão familiar que frequentavam cinco dias por semana, longe das panelinhas que ditavam onde se sentavam e com quem se relacionavam no dia a dia, eram livres para ser quem quisessem. É claro, a bebida ajudava a soltar as linhas sociais claramente definidas.

— Violet! *Vi-o-let*! — ela ouviu a voz de um menino gritando para ela do outro lado da cozinha enquanto colocava as bebidas no balcão. Adolescentes agitados começaram a se esticar e a pegar o que queriam sem que ela nem ao menos tivesse tirado as mãos do que carregava.

— Ah, ótimo — Chelsea gritou por cima do barulho sem nem olhar para ver quem estava gritando o nome de Violet. Deixou as sacolas no balcão com o resto. — Seu fã-clube está aqui.

Violet olhou na direção da qual viera o grito para ver quem era, e, quando o viu ali, seu estômago se contraiu.

Grady estava lá, passando pela multidão de adolescentes barulhentos e caminhando para onde ela estava.

— Ai, meu Deus — suspirou Violet, inclinando-se para perto de Chelsea para que somente ela pudesse ouvir o que estava prestes a dizer. — É o *novo* Jay.

Chelsea não conseguiu conter a risada, quando Violet finalmente se juntou ao lado negro da força, e a gargalhada saiu como uma espécie de ronco, que a fez rir ainda mais alto.

— Venha — ela disse, agarrando Violet pelo braço e praticamente a arrastando na direção oposta… *para longe de Grady*. — Vamos fingir que não o vimos.

Passaram rapidamente pelo corredor que levava aos quartos e voltaram para a sala íntima que ficava atrás da cozinha. Estavam perto do local de onde Grady começara a chamar por ela, e agora ele não estava por ali. As duas meninas riam como se tivessem executado um grande golpe ao escaparem dele.

— Acha que o despistamos? — Violet perguntou ao tentar se misturar ao grupo.

Chelsea pegou duas garrafas de bebida com sabor de fruta, que tinham mais gosto de suco que de qualquer outra coisa, e entregou uma para Violet. Depois abriu a tampa metálica e brindou com a amiga.

— À esperança — Chelsea disse, e bebeu um gole.

Violet tomou um pouco da bebida que mais parecia suco instantâneo. Não conseguia imaginar por que queria ficar sozinha em casa hoje. Chelsea tinha razão; a festa era *exatamente* aquilo de que precisava.

À medida que a noite avançava, Violet mergulhava na música e nas risadas, deixando os barulhos se tornarem um anteparo turbulento que a impedia de pensar em qualquer coisa além do presente. Não conseguia encontrar tempo para sentir pena de si mesma naquele ambiente ruidoso e permissivo com jovens cheios de álcool e sem nenhuma supervisão paternal.

Assistiu a brincadeiras com cerveja na cozinha, a uma luta no jardim da frente — que não fora realmente uma briga, mais uma brincadeira exaltada —, e viu duas pessoas vomitando ainda antes do fim da noite. Uma delas era Todd Stinnett, um menino que fazia o segundo tempo de aula com ela e que tinha bebido cerveja demais. A outra era uma menina do primeiro ano, Mackenzie Sherwin, que foi para o lado de fora vomitar nas plantas. Infelizmente para Mackenzie, ela não tirou o cabelo do caminho a tempo e passou o restante da noite com mechas grudentas e sujas penduradas ao redor do rosto.

Um grupo de chapados achou a coitadinha hilariante e faziam barulhos de vômito cada vez que ela passava por eles.

Grady finalmente a encontrou perto da meia-noite, e quando chegou perto, ela não sabia ao certo *como* ele ainda estava em pé. Estava completamente bêbado.

— Onde você estava? Procurei você por todos os lados. — Suas palavras saíram embaralhadas, e ele pôs um braço sobre os ombros de Violet, que ficou imaginando que talvez não fosse um gesto de afeto, mas um recurso para manter o precário equilíbrio.

Mas estava preocupada com ele, apesar de ter bancado a inocente, fingindo que *não* tinha passado a noite evitando-o.

— Estava por aí — respondeu na cara de pau. — Além disso, parece que você se divertiu bastante sem mim. — Ela tentou se desvencilhar do peso do braço dele. Ele se apoiava com tanta força, que parecia tentar empurrá-la para o chão.

O movimento repentino de Violet o fez perder o equilíbrio, e ele acabou se segurando com mais força ainda, depositando quase todo o peso instável sobre ela.

— Não vá — implorou, e seu hálito quente recendia um cheiro pungente de cerveja e tequila.

A combinação era fatal.

Do outro lado da sala viu Chelsea conversando com um grupo de meninas. Ela lançou um olhar inquisitivo a Violet, que simplesmente revirou os próprios olhos em resposta e em seguida olhou novamente para Grady. Queria se afastar dele e voltar para as amigas, mas não queria deixá-lo sozinho naquelas condições. Ele estava um caco. E *era* amigo dela.

— Acho melhor levarmos você para casa — ofereceu afinal. Não tinha bebido nada desde aquele gole mais cedo, então sabia que estava bem para dirigir. — Me dê suas chaves.

Ele fechou um dos olhos como se fosse mais fácil se concentrar daquele jeito enquanto alcançava o bolso e pegava as chaves. E olhou para ela ao balançá-las na frente do rosto de Violet.

— Eu consigo dirigir… — a boca do garoto fez as palavras parecerem absurdas.

Violet esticou o braço e as arrancou da mão do amigo, que, com os reflexos lentos demais para impedi-la, reagiu com uns cinco segundos de atraso. O movimento repentino quase o fez cair e levar Violet junto.

Violet lutou para manter os dois de pé.

— Vamos, Grady. Estou lhe devendo uma, de qualquer jeito.

Ele olhou para ela com um olho só novamente.

— Como assim?

Ela não se incomodou em explicar que ele tinha salvado a pele dela ao levá-la até o cemitério no outro dia, quando precisava ir ao túmulo de Brooke Johnson. Aliás, ela não disse nada a Grady, e ele não perguntou outra vez, nem insistiu em dirigir. Pareceu desistir ao se apoiar em Violet enquanto ela o levava para fora da casa. Levantou as chaves ao passar por Chelsea, informando-a silenciosamente sobre aonde estava indo.

O ar tinha esfriado, a noite tinha prosseguido e o frio parecia ajudar a diminuir *um pouquinho* o estado inebriado de Grady… o que a essa altura era um grande avanço. Seu carro estava mais longe que o de Chelsea, graças ao pequeno tamanho do carro da amiga e à sua definição criativa de "estacionar", que para ela consistia em encaixar o carro, de frente, entre outros dois automóveis estacionados.

Os cedros e pinheiros altos praticamente bloqueavam a maior parte da luz irradiada pela lua quase cheia, criando sombras fantasmagóricas que caíam sobre eles enquanto andavam, ou, no caso de Grady, tropeçava, em direção ao carro. Mas até chegarem, ele já estava quase andando direito sozinho… sem se balançar de um lado para o outro.

Violet o ajudou a chegar à porta do carona, e a segurou aberta para ele.

Mas Grady ainda não estava pronto para ir.

— Muito obrigado, Violet. De verdade. — Até as palavras pareciam menos emboladas.

— Não é problema algum. Eu já estava ficando um pouco entediada mesmo. — Então quando ele lhe lançou um olhar que dizia que não acreditava nela, ela acrescentou: — Sério. Estou um pouco cansada também. — Ela se esforçou para parecer convincente.

Ele se ajeitou de onde estava apoiado no batente da porta e deu um passo em direção a ela. Estava muito próximo agora, e ela se sentiu um pouco presa entre ele e a porta aberta do carro… presa entre a cruz e a espada.

— A gente pode ficar aqui um pouco. — Ele colocou o braço na cintura dela.

Violet não sabia exatamente como deveria reagir; apesar de saber o que ele estava tentando fazer, não tinha dúvidas de que ela não queria que o fizesse. Mas estava paralisada ali onde se encontrava.

Ele se inclinou para perto, movendo-se em direção a ela, o outro braço se esticando para puxá-la contra ele. A pegada era firme… *firme demais*… e Violet não gostava da sensação que crescia dentro dela, a sensação de que ele não estava perguntando se podia fazer o que estava fazendo. A sensação de que

aquilo estava além de seu controle.

Os arrepios que sentiu no braço tinham pouco a ver com o frio noturno.

Ele mergulhou a cabeça, e Violet subitamente encontrou de novo a própria voz.

— Não, Grady! — ela insistiu, virando a cabeça para o lado antes que os lábios dele estivessem nos dela. — *Não*!

Ela tentou escapar, mas os braços de Grady a seguraram com mais força, apertando-a ainda mais contra seu peito. O coração de Violet estava descompassado, e ela começava a ficar com medo do rumo que as coisas tomavam.

Ele pôs a boca no ouvido de Violet e sussurrou enquanto seus lábios acariciavam o lóbulo da orelha da garota desajeitadamente.

— Tudo bem, Violet. Não conto para ninguém se você não quiser. — Ele fez soar como um convite, mas a violência das ações fazia com que parecesse cada vez mais um comando. Grady passou a língua pelo pescoço de Violet, no que ela temia que fosse a definição de sedução do garoto.

Violet estava levemente ciente do som de pneus que se aproximavam, e podia ver faróis chegando perto. Pensou em pedir ajuda, mas temia que estivesse exagerando.

Tinha certeza de que poderia cuidar disso sozinha.

Grady tentou beijá-la novamente, procurando por sua boca, e dessa vez ela o empurrou com as duas mãos no peito dele, fazendo-o recuar enquanto tentava esticar a cabeça para fora do caminho do rapaz.

— *Pare*, Grady. Estou falando sério! — ficou surpresa por soar tão potente. Pelo menos sua voz não estava tão trêmula quanto ela se sentia.

Mas ele era maior e mais forte, e suas mãos alcançaram a nuca de Violet, ignorando as negações e prendendo-a no lugar. Quando a boca do garoto finalmente alcançou a de Violet, a combinação do hálito de álcool e das ações brutalmente insistentes a fizeram tremer sob ele. Os lábios de Grady eram úmidos e macios, mas não do jeito que Violet esperaria que fossem em um beijo, e quando a língua do garoto tentou entrar em sua boca, parecia uma lesma escorregadia e morna.

Achou que fosse vomitar.

Lutou contra aquilo… *contra ele*… e seus punhos o socavam inutilmente no peito. Não tinha mais tanta certeza de que *conseguiria* lidar com aquilo. Ela mexeu a cabeça o suficiente para deslocar as bocas e aproveitou a oportunidade para levantar as mãos, cobrindo o rosto em um esforço para bloquear Grady.

— *Por favor! Pare!* — ela gritou, esperando que ele a ouvisse e parasse de tentar forçá-la. Esperava que ele recobrasse os sentidos e percebesse, de uma vez por todas, quanto estava sendo idiota.

O que ela realmente desejava era que ele a soltasse.

E então ele o fez. Mas não do jeito que ela imaginara.

Ele foi afastado dela, e ela ouviu um som sufocado escapar enquanto o corpo de Grady batia na lateral do carro. Violet o empurrava com tanta força, tentando mantê-lo *afastado*, que, quando os braços dele de fato a soltaram, ela bateu a cabeça na ombreira da porta. Ouviu um som alto, abafado, e, em seguida um gemido que poderia ter sido o de qualquer animal ferido.

Violet tentou acompanhar o que estava acontecendo, mas seu cérebro ainda parecia confuso — ofuscado — pelas ações inesperadas de Grady. Primeiro achou que ele pudesse ter escorregado e caído, ou talvez que o tivesse empurrado com mais força do que tinha imaginado, apesar de que ela duvidava que pudesse tê-lo derrubado sozinha.

Quando percebeu o que estava acontecendo, quase não pôde acreditar nos próprios olhos.

Jay estava lá, por cima de Grady, que agora estava caído e curvado aos pés dele. O olhar no rosto de Jay era tão assassino quanto Violet jamais vira em alguém, e ele fechava e abria o punho ao encarar Grady violentamente.

Ela olhou para baixo e viu que Grady estava com uma mão na boca, e havia sangue escorrendo entre os dedos. Ele levantou a outra mão em sinal de redenção.

— Pare! *Pare*!

Jay parecia estar tendo dificuldade em resolver o que faria. Em seguida se abaixou, cerrando o punho outra vez, pronto para o ataque, ao se esticar e puxar Grady para a frente pelo colarinho da camisa.

— Não foi isso o que Violet lhe disse, idiota? Ela não lhe disse que parasse?

Grady se encolheu, curvando-se sobre o próprio corpo o máximo que podia, colocando o braço sobre o rosto.

— Por favor! Não… — Mas ele não concluiu a frase, enquanto sua voz falhava vulneravelmente.

Violet estava espantada. Calada e confusa, ela só podia ficar ali e assistir, com um milhão de perguntas sem resposta girando em sua mente.

De onde Jay tinha surgido? Há quanto tempo estava ali?

E a pergunta que tinha medo de fazer: *onde estava Lissie?*

Ela detestava os sentimentos conflitantes que a atormentavam naquele

instante. Sentia-se grata por alguém tê-la salvado dos avanços indesejados de Grady, e ainda mais grata pelo fato de esse alguém ser Jay. Ao mesmo tempo estava espantada por ele ter socado Grady e sentiu um pouco de pena de Grady, apesar do ataque das mãos e da boca do garoto. Também estava chocada pela fúria não disfarçada que viu no rosto de Jay, mas teve de admitir que gostara um pouco de saber que podia provocar uma reação daquelas nele. Significava que ele se importava.

Mesmo que não fosse do jeito que ela queria, ele se importava.

Ela observou enquanto Jay deixou Grady cair novamente no chão. Bem, não *cair*, exatamente, foi mais um empurrão, soltando-o e fazendo com que ele batesse a cabeça no carro enquanto despencava para trás.

Mas ele ainda não tinha concluído o aviso a Grady, e rosnou entre os dentes:

— Se algum dia… *algum dia*… tocar nela outra vez, eu juro por Deus, Grady, eu mato você. Entendeu?

Grady apenas assentiu, limpando a mão ensanguentada na calça. Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas não conseguia achar as palavras.

Jay não esperou.

— Você não vai dirigir hoje de jeito nenhum, Grady. Me dê as chaves — exigiu, esticando a mão impacientemente.

Grady começou a procurar nos bolsos e depois pareceu pensar novamente.

— E como eu vou chegar…? — começou a perguntar, mas Jay o interrompeu.

— Não estou nem aí; você acha uma carona. Agora me dê as chaves.

A voz de Jay não deixava espaço para discussão, e Grady decidiu não testar a própria sorte.

— Estão com a Violet — ele admitiu afinal, antes de tropeçar para longe deles, voltando para a festa.

Violet deu um salto ao ouvir o próprio nome. Sentiu-se como se estivesse ouvindo a conversa alheia.

— Ah… é… — parecia estar dizendo a si mesma ao segurar as chaves, deixando-as cair na mão esticada de Jay.

Por um instante, não sabia ao certo o que dizer a ele. Finalmente, optou pelo óbvio.

— Obrigada. — Dizia tudo.

Jay guardou as chaves no bolso e foi até o carro da mãe. Devia ser o carro que ela ouviu chegar enquanto Grady tentava atacá-la com sua língua nojenta. Ele abriu a porta do carona, e sem nem olhar na direção de Violet, direcionou a

mesma voz em tom de comando à amiga.

— Entre no carro, Violet.

E foi isso… o fim da breve empolgação de ver Jay naquela noite.

O tom exigente, que ela havia apreciado quando direcionado a Grady, parecia uma lixa esfregada em seus nervos já fragilizados ao ser utilizado com ela. Toda a gratidão que tinha sentido havia poucos instantes se fragmentou como cacos de vidro irreparáveis, e Violet estreitou os olhos em direção a ele. A semana inteira sem ele, sentindo falta dele e desejando sua companhia, tudo pareceu derreter… e agora era *ela* que estava furiosa.

— Está brincando? Você não me dá a menor atenção durante toda a semana e depois, quando resolve reaparecer, quer me dar ordens? — Ela pôs as mãos nos quadris, desafiando-o a discutir com ela. Suas bochechas enrubesceram enquanto seu humor explodia. — Acho que não, Jay. Não é assim que funciona.

De repente ela queria voltar para a festa… voltar para as *verdadeiras* amigas, as que não tinham lhe conferido um tratamento silencioso durante toda a semana, ou ignorado sua existência. Virou-se e começou a voltar na direção da casa, seguindo o rastro da música alta que seguia pela rua.

Jay não a seguiu. Não tentou convencê-la a ficar. Violet se sentiu magoada por ele não ir atrás dela, implorando perdão, por ter se comportado feito um idiota.

Mas, por outro lado, concluiu, ela havia se feito bem clara, e Jay certamente tinha se provado capaz de ser teimoso. E, apesar do ego ferido, independentemente de quão aliviada tivesse se sentido por ele ter aparecido quando apareceu, não tinha a *menor chance* de ela deixar que ele começasse a lhe dar ordens agora.

Não olhou para trás para ver se ele estava olhando enquanto ela se afastava.

Temia demais pelo que pudesse ver se o fizesse…

Que Jay não vinha atrás dela.



ACASO

A princípio, quando viu a garota andando sozinha pela rua estreita e escura, quase não prestou atenção.

Era cedo demais, disse a si mesmo. Tinha acabado de enterrar uma, e não havia passado tempo suficiente para cultivar o desejo frenético que geralmente sentia.

Mas havia alguma coisa nela… parecia perdida… precisando de ajuda.

Ele desacelerou o carro, muito… muito mesmo*, observando o progresso dela enquanto caminhava pela noite, tropeçando como se fosse incapaz de tomar conta dos próprios passos. Não olhou para trás nem uma vez. Era como se não fizesse ideia da presença dele, apesar do brilho artificial dos faróis, que rompia a escuridão do caminho.*

Então ele percebeu, como o surgimento da primeira luz da manhã a abrir caminho para o dia. Ela precisava dele.

Quase tanto quanto ele precisava dela.

Ele aproximou o carro, chegando por trás da garota, com cuidado para mantê-la à vista, caso se assustasse… apavorada por sua proximidade.

A silhueta que criava à luz dos faróis era a própria essência da juventude. Seus movimentos, desajeitados pela falta de atenção, não tinham graça ou elegância, de uma maneira que já não se via mais entre as mulheres. Seu corpo ainda era flexível; a pele seria macia.

Ele olhou de lado para os carros estacionados ao redor, procurando por alguém que pudesse estar observando sua aproximação.

Não havia ninguém.

Ele a alcançou, sem que ela ainda percebesse, e conduziu o carro silenciosamente ao lado dela.

Então a menina levantou o olhar; os olhos inocentes, cheios de lágrimas, o

encaravam de forma perturbadora, elevando seu desejo a um frenesi abrasador. O reconhecimento os atingiu, quando ela parou de andar, e as lágrimas foram substituídas por súplica.

Ele saltou do carro, movendo-se rapidamente enquanto a dança começava outra vez.

Poucas palavras foram trocadas, quase todas por parte dele, e, numa fração de segundo, ele tinha deslizado um braço reconfortante sobre o ombro dela, e a conduzia para o banco do passageiro…

Tudo isso enquanto ela olhava para ele com gratidão descuidada.



CAPÍTULO 16

Violet detestava as lágrimas furiosas que queimavam seus olhos enquanto tropeçava em uma pedra que não tinha visto, no chão, à sua frente.

Desejou que pudesse voltar no tempo, para aquele instante. Desejou que tivesse entrado no carro quando ele mandou. Por mais irritada que estivesse com ele, não podia deixar de pensar que teria sido melhor que isso… essa caminhada solitária pela escuridão fria, repreendendo-se com arrependimentos e vários *e se*. Melhor que a rejeição que vazava como veneno de todos os seus poros.

Detestava Jay naquele momento, por fazê-la se sentir tão vulnerável e fraca. Não era para ser essa garota, nunca tinha sido essa garota… carente… e patética.

Quando o carro estava parando a seu lado, nem teve tempo de pensar em por que não percebera antes. Não tinha ouvido o barulho dos pneus sobre o velho asfalto esburacado, nem notado os faróis que formavam sombras fracas na escuridão.

Virou a cabeça de lado, estreitando levemente os olhos, para enxergar quem estava dentro do veículo.

Quando o viu ali, atrás do volante, parou de andar, tentando não parecer tão grata enquanto piscava as lágrimas para fora.

Ouviu a porta que se abria, e, antes que pudesse recuperar o fôlego, o motorista estava fora do carro, e ela, em seus braços.

Queria respirar, inalar seu cheiro letalmente almiscarado, mas não conseguia encontrar ar em volta. Estava sufocada na força, *no calor* dele.

O tempo parecia irrelevante àquela altura; poderiam ter sido segundos, ou horas, Não importava. Ela nem percebeu que estivera chorando até que ele se afastasse e se abaixasse para beijar sua bochecha molhada.

Em seguida, moveu os lábios suavemente, cuidadosamente, traçando um caminho até os dela. Ondas elétricas de choque, que haviam começado abaixo de seu estômago e subido, a fizeram tremer e queimar enquanto os lábios dele

acariciavam os dela.

Tinha imaginado esse instante tantas vezes, sonhado com ele segurando-a assim por tanto tempo.

Violet suspirou, afundando ainda mais contra ele, esquecendo-se de si… esquecendo-se da raiva e da mágoa, perdendo-se naquele instante.

Jay beijou-a, forte, longa e profundamente. E ela retribuiu o beijo, com a mesma intensidade. Ele afastou qualquer traço remanescente de dúvida.

Violet estava completamente ciente dos próprios batimentos cardíacos, palpitando em pontos estratégicos de pulsação em seu corpo, ecoando o ritmo impetuoso pelas veias. Estava corada e tremendo ao mesmo tempo. Sentia o cheiro do calor inebriante que saía dele em ondas.

Quando sua boca deixou a dela, sentiu-se ferida e exposta. Ainda podia sentir o toque nos lábios.

Ele olhou para ela, com olhos tão acetinados quanto os dela, a voz grossa com desejo quase não contido.

— Entre no carro, Violet.

E naquele momento, em vez de parecer um comando bruto, soou como seda morna, que a envolvesse. E, em vez de combatê-lo, ela simplesmente assentiu enquanto olhava para seu rosto lindo, sem conseguir pensar em nada além das coisas maravilhosas que seus lábios tinham feito com os dela.

Não se mexeram por um longo instante, apenas ficaram ali, olhando um para o outro. O olhar de Jay se desviou para a boca de Violet e depois preguiçosamente de volta para os olhos, como se a memorizasse.

Em algum lugar à distância, mas provavelmente mais perto do que parecia, Violet ouviu um carro se afastar. Mas não se incomodou em olhar, pois tinha outras coisas em mente.

Jay tinha voltado para buscá-la.



CAPÍTULO 17

Violet passou quase a noite toda acordada, pensando no que tinha acontecido, incessantemente. Queria se lembrar de todos os mínimos detalhes, capturando-os para sempre na memória, para que pudesse revivê-los quando sentisse vontade.

Jay a beijara.

Finalmente.

E não fora um beijo qualquer. Não como os beijos fraternais da infância. Não havia nada de infantil. Ele finalmente tinha fechado o abismo que crescia entre os dois desde o fim do verão.

Finalmente.

Violet mal conseguia aguentar. Estava animada… exultante… elétrica, tudo ao mesmo tempo.

Mas junto com essas sensações vinham as outras, as inseguranças e as dúvidas. As questões sobre o que a aparição repentina de Jay na noite anterior realmente significava. O que o beijo de fato significava.

Não conversaram sobre o assunto na volta para casa. Não conversaram sobre nada; o silêncio carregado entre eles parecia altíssimo. Mas não houve reprise, mesmo quando ele a levou até a porta para se certificar de que ela havia entrado em segurança. Jay não tinha segurado sua mão, nem a tocara outra vez. E agora, à luz da manhã, não podia deixar de imaginar se ele simplesmente estivera dominado pelo alívio de vê-la em segurança, por tê-la salvado antes que Grady fosse longe demais. Será que ele só estava reagindo a uma onda súbita de adrenalina… beijando-a em um impulso, sem pensar direito?

Esperava que não. Rezava para que não.

Afastou esses pensamentos negativos, lembrando-se da sensação dos lábios macios de Jay contra os dela. E do calor de seu corpo pressionado, coração com coração, contra o dela.

Quando amanheceu ela estava exausta e animada.

Finalmente desistiu de tentar dormir e se retirou do calor da cama pouco depois das sete da manhã. Podia sentir o aroma delicioso de café lá embaixo e se sentiu atraída por ele.

Sua mãe estava sozinha na cozinha. Não comentou nada sobre Violet ter voltado para casa na noite passada.

Violet olhou em volta, um pouco surpresa. O pai costumava acordar antes de todo o mundo; era a mãe quem conseguia dormir até quase o meio-dia.

— O papai já foi para o trabalho? — perguntou Violet, sabendo que ele ia frequentemente ao escritório aos sábados para adiantar as coisas sem as agitações de um dia de semana.

Sua mãe parecia fatigada e exaurida, e puxou a caneca para perto de si, envolvendo-a com as mãos, como se extraísse força do calor.

— Não — disse com a voz soando esquisita; em seguida, limpou a garganta e tentou novamente. — Não, seu tio Stephen o buscou há mais ou menos meia hora.

Violet hesitou brevemente enquanto alcançava uma das canecas que não combinavam entre si na prateleira do armário. Encontrou a de que mais gostava, uma desbotada de cerâmica com uma figura extravagante da Golden Gate. Seus pais a compraram em uma viagem de férias, antes de ela nascer, e Violet achava a tinta rachada charmosa.

— Por quê? — ela perguntou ao encher a própria caneca e abrir a geladeira para procurar o creme de baunilha. Foi generosa na hora de servir, deixando o café com uma cor clara e leitosa.

Quando sua mãe não respondeu imediatamente, Violet se virou para ela, para ver qual era o problema.

— Que foi?

A mãe suspirou, parecendo mais velha, de repente… e esgotada. Balançou a cabeça por vários segundos antes de falar, mas não podia evitar para sempre.

— Outra menina. — Sua voz falhou com uma frustração silenciosa. — De Buckley. Da White River, Violet.

Violet hesitou onde estava, meio de pé, meio sentada, na cadeira ao lado da mãe na mesa da cozinha.

— Quem? — foi tudo o que conseguiu, afetada demais pela notícia para conseguir se mexer.

— Mackenzie Sherwin. É um pouco mais nova que você.

Violet congelou. Aquele nome. Ela *conhecia* aquele nome.

— É sua amiga? — perguntou a mãe, colocando a própria mão gelada sobre a da filha, enquanto Violet afundava na cadeira como uma pedra. — Ela estava em uma festa ontem à noite, depois ninguém mais a viu. Você sabe quem é? — perguntou novamente.

Não havia razão para mentir. Mesmo que não estivessem prestes a descobrir a verdade sobre onde ela tinha ido na noite anterior, coisa que definitivamente estavam, não era hora de mentir.

— Eu a vi ontem à noite — admitiu Violet, levantando os olhos para encontrar os da mãe. — Eu estava na mesma festa.

Violet observou os olhares que passaram pelo rosto da mãe: do lampejo de raiva, ao perceber que Violet mentira sobre onde estaria, passando pelo pânico passageiro de que a vítima pudesse ter sido a própria filha, até o alívio. E, finalmente, aceitação. Devia ter concluído, assim como Violet tinha resolvido sobre a mentira, de que não era hora de repreensões. Apesar de Violet saber que viriam… mais tarde.

— Há um grupo de busca. Estão vasculhando os bosques para procurar a menina. Não podem descartar a possibilidade de que ela tenha simplesmente saído vagando e se perdido. Os relatos que chegam aos poucos são de que ela bebeu muito.

Violet pensou em Mackenzie Sherwin. Podia imaginar a menina mais jovem, que tinha vomitado nos arbustos, e depois passado o restante da noite vagando para dentro e para fora da festa com o próprio vômito secando no cabelo. Mal conseguia andar quando Violet a viu pela última vez.

— E se ela não tiver se perdido? — perguntou Violet, detestando a indagação mesmo enquanto ainda lhe envenenava os lábios.

— Também não podem descartar essa possibilidade. Todos os policiais da área estão procurando por provas, enquanto metade da cidade está explorando os bosques ao redor da casa dos Hildebrand, procurando pela coitadinha. — A mãe de Violet apertou a mão da filha antes de soltar. — Como você estava lá, seu tio Stephen pode querer falar com você.

— Vou me vestir e ir até lá — decidiu Violet.

Sua mãe levantou o olhar, como se estivesse surpresa com a declaração.

— Não, Vi. Acho melhor você ficar aqui hoje… — Não concluiu o pensamento, mas Violet podia ouvir as palavras não pronunciadas que pairavam no ar… *onde é seguro*.

Pensou na possibilidade de ficar em casa outra vez, observando o relógio e esperando, sem fazer nada de produtivo, e simplesmente não suportou. E depois ficou imaginando se sentiria alguma coisa ao chegar lá… um novo eco, talvez.

Afastou a ideia desconcertante.

— Não, mãe. Eu vou falar com o tio Stephen. Talvez alguma coisa que eu tenha visto, *qualquer coisa*, possa ajudar a encontrá-la. — Estava surpresa pela própria convicção, mas sabia que não tinha convencido a mãe, que ainda lutava contra os próprios medos silenciosos. — Não se preocupe, o papai está lá. Não vou fazer nada sem a permissão dele.

Violet esperou que a mãe dissesse algo, enquanto prendia a respiração e torcia para que ela a deixasse ir.

Quando finalmente falou, as palavras saíram sem firmeza e carregadas de fadiga frustrada.

— Eu me sentiria melhor se o Jay fosse com você — ela disse.

Eu também, pensou Violet, sem verbalizar o pensamento. *Eu também*.

* * *

Violet não sabia ao certo o que esperava encontrar quando virou na estrada em direção à casa na qual ela e os amigos tinham se divertido na noite anterior. Presumira que ainda haveria pequenos grupos se movimentando ao redor da área, chamando a garota desaparecida, na esperança de encontrá-la, perdida entre os troncos espessos de árvores altas que praticamente lotavam e ofuscavam as poucas propriedades da região.

Mas não eram apenas alguns bons samaritanos em socorro de uma vizinha desaparecida. Era uma verdadeira operação de busca e resgate. Passava a sensação de caos organizado, com ênfase no *organizado*.

Violet teve de estacionar o carro mais longe que qualquer pessoa precisara estacionar na noite anterior, quando eles eram apenas um bando de adolescentes chegando na casa semi-isolada. E as pessoas continuavam a chegar, depois de Violet. Enquanto isso, à sua frente veículos de emergência, tanto da polícia quanto dos bombeiros, circulavam pela entrada dos bosques que se estendiam mais além.

Homens, mulheres, tanto jovens como mais velhos, voluntários e profissionais, todos com coletes luminosos, muitos deles carregando *walkie-talkies*, moviam-se em grupos menores em todas as direções, examinando de forma eficiente a paisagem interminável em uma ordem deliberada. Não era como nada que já tivesse visto. Formavam um mar de coletes fluorescentes, que andavam e se movimentavam em firme progressão.

Violet fez um rápido exame da área enquanto andava em direção à massa de

pessoas, para ver se conseguia encontrar o pai ou o tio em meio aos trabalhadores empenhados no resgate. Mas, se estavam lá, ele não conseguia vê-los na multidão.

Aproximou-se do que parecia ser o núcleo da atividade. Os grupos aumentavam à medida que mais pessoas chegavam, esperando instruções sobre o que poderiam fazer para ajudar. Ela reconheceu algumas dessas pessoas, pais de amigos, vizinhos, gente que trabalhava em lojas da região, e até um dos professores da escola.

Uma mulher distribuía coletes fluorescentes como neon, enquanto outra anotava os nomes dos voluntários e os organizava em equipes de busca, cada qual com um líder, que recebia um *walkie-talkie*. Um homem com um megafone gritava ordens sobre onde procurar e instruções a respeito de como proceder depois que iniciassem os trabalhos. Todos recebiam um panfleto em preto e branco com uma foto da menina desaparecida, e Violet ficou feliz em substituir a imagem mental que tinha, da menina incoerente e aos tropeços, da noite anterior, por aquela sorridente, da foto.

Esperou com um grupo de pessoas que estava por ali, ao redor de um dos muitos policiais sem uniforme; torcia para que ele pudesse lhe dizer onde encontrar o tio. Outras pessoas ao redor gritavam, fazendo perguntas.

Há quanto tempo ela está sumida?

Foi aqui que a viram pela última vez?

Acham que o assassino pode tê-la pegado?

Esperam encontrá-la viva?

Violet tentou chegar à frente das pessoas reunidas, para conseguir a atenção do oficial, mas era como nadar contra a corrente, e ela se viu ser empurrada para trás e espremida em direção ao final do grupo. Não queria gritar e atrair os olhares para si, então finalmente se afastou daqueles que procuravam respostas.

Imaginou se tinha sido um erro ir até ali. Talvez não devesse ter sido tão inflexível sobre tentar ajudar. Mas sentia-se culpada, atormentada pela sensação de ter, no mínimo, algum grau de responsabilidade por estar entre as pessoas que tinham visto a garota pela última vez… e uma das que não se incomodaram em ajudá-la quando obviamente ela parecia precisar.

Vagou por ali, sentindo-se como um floco de neve ao vento, finalmente aterrissando perto dos voluntários que estavam ocupados organizando os grupos.

— Você já foi designada para alguma equipe?

Violet levantou o olhar, pega de surpresa pela mulher que distribuía coletes.

— Não — ela respondeu, pensando em falar para a mulher que não estava planejando se juntar a uma equipe de busca, mas sem encontrar as palavras.

A mulher entregou um colete a Violet e outra mulher a colocou em uma equipe. Foi apresentada, apenas brevemente, ao líder do grupo, um homem de provavelmente cinquenta e muitos ou sessenta e poucos anos. Tinha cabelos grisalhos bem-cortados, no estilo do Exército, e parecia já ter servido em alguma função militar. Controlava o *walkie-talkie* como um veterano experiente.

Foi surpreendente para Violet, no entanto, e principalmente por ele transmitir o ar de alguém que já testemunhara grandes ações no passado, o fato de ela não sentir nada que viesse do líder ultramilitante da equipe. John Richter não carregava nenhuma das marcas de morte que ela esperava.

Talvez ele não fosse tão durão, afinal. Ou talvez tivesse tido sorte.

O qualificado capitão do time assumiu a liderança, lendo as coordenadas do mapa que tinha em mãos e guiando-os pela área onde deveriam fazer as buscas, marcada com um círculo vermelho. Havia outros cinco integrantes na equipe de Violet, duas mulheres e três homens. Violet não conhecia ninguém do grupo e não se importava com isso. Assim, não sentia necessidade de travar conversas fiadas, apenas por educação.

Quanto mais se afastavam, passando por outras equipes ao se dirigirem à área de busca, penetrando cada vez mais profundamente no bosque escuro e úmido, mais lúgubre ficava tudo aquilo. Violet não tinha medo, mas definitivamente se perturbava com o que estavam fazendo ali. Tinha a sensação de que não passava de um esforço inútil, que estavam naquele lugar simplesmente para descartar a possibilidade de que Mackenzie tivesse vagado para longe da festa e se perdido entre as árvores… quando parecia completamente óbvio para Violet, e provavelmente para quase todo o mundo ao redor, o que realmente tinha acontecido com sua colega de escola.

Tinha sido capturada por ele.

Violet podia ouvir os outros, em todas as direções, chamarem pelo nome de Mackenzie. Passaram por alguns homens que carregavam longas estacas de madeira que pareciam cabos não pintados de vassouras, e só podia imaginar que serviriam para remexer ou cavar.

Seguiu o grupo até chegarem às coordenadas designadas, e foram comandados por John Richter, que os orientava a que se espalhassem, mantendo uns aos outros à vista, mas dispersando-se o suficiente para cobrirem o máximo de terreno possível.

Violet movia-se com passos cautelosos, perdendo-se no processo de busca. Os cheiros familiares da vegetação pairavam a seu redor. O odor natalino dos pinheiros a cercava, junto com o cheiro molhado e terral das folhas de outono caídas, à espera da decomposição. O ar estava úmido e espesso com o tipo de

precipitação nevoenta comum naquela época do ano a noroeste do Pacífico, e se infiltrou pelas roupas e sapatos de Violet, até que se pressionassem, úmidos, contra sua pele, esfriando-a até os ossos.

Enquanto explorava o local, tomou ciência de diversos ecos fracos em torno de si, que presumiu se tratarem de animais mortos havia muito tempo, enterrados sob a vegetação do bosque. Eram facilmente ignoráveis em virtude das circunstâncias.

Outras equipes passaram por eles, movendo-se em círculos maiores, ampliando a busca e cobrindo áreas mais vastas. A quantidade de pessoas à procura de Mackenzie Sherwin era imensa, e Violet tirou algum conforto do fato de que tantas pessoas tentavam… tanta gente se importava.

Ela torcia além das esperanças para que tantos esforços fossem recompensados.

Ouviu o toque musical de um celular e, apesar de o ruído vir de longe, tocou instintivamente o bolso para verificar o seu e percebeu que o tinha deixado no carro. Sua mãe ficaria irritada. Provavelmente não faria diferença, considerando que achava difícil haver sinal ali.

Ela subiu e pulou por cima de um tronco apodrecido no caminho. Tocou a superfície escorregadia ao passar, e quando chegou ao outro lado, limpou a mão na calça jeans para se livrar daquela sensação. Pensou em Grady, tentando enfiar a língua grudenta em sua garganta na noite passada, e quase se engasgou.

Foi a primeira vez que pensou no que tinha acontecido a ela, tão perto dali, desde que saíra de casa naquela manhã. Fora um bom alívio temporário não ser consumida pelos *replays* instantâneos que passaram por sua cabeça diversas vezes, mantendo-a acordada a noite inteira.

Mas se permitiu pensar em Jay. E no beijo. E de repente o frio úmido que vinha grudando nela evaporou em uma onda de calor que começou na barriga e se espalhou como uma chama incontrolável, enrubescendo-a da bochecha aos pés.

Percebeu que sorria, e teve de se conter, pois não queria que ninguém a visse sorrindo, como a idiota do pedaço, enquanto procurava em vão.

O celular continuava a tocar ao longe.

Violet olhou ao redor, tentando descobrir de onde o som vinha, e percebeu como seria fácil se perder ali. Sozinha, na calada da noite.

Violet não podia deixar de ter esperanças de que tivesse sido isso que acontecera. E que então, com a luz do dia a ajudar, encontrariam Mackenzie Sherwin, com frio e ressaca, confusa e grata por ser resgatada.

Ouviu outra voz que chamava por Mackenzie e olhou em volta.

Não conseguia mais ver a mulher excessivamente ruiva, a integrante do grupo que deveria manter em alcance visual. Não sabia mais onde estava nem onde deveria procurar, e percebeu que se movia sem pensar, como uma sonâmbula.

O ruído do telefone se tornou um pouco mais alto, e Violet notou que o seguia. Procurando a fonte. Atraída por ele… contra a própria vontade.

Podia ver integrantes de outras equipes não muito longe e percebeu que, apesar de estar violando as regras, vagando por conta própria, ainda não estava perdida. Não era como se estivesse sozinha ali. Naquela manhã a floresta tinha dúzias, talvez centenas de pessoas. Não estava sozinha.

Ouviu mais uma vez, apenas um pouco mais alto, e ficou imaginando por que o celular ainda estava tocando.

Um grito estridente quebrou o silêncio compenetrado, e Violet deu um salto. Sentiu-se tola quando notou que se tratava apenas de outra pessoa procurando, movendo-se entre as árvores à sua direita, chamando o nome da menina desaparecida. Repreendeu-se silenciosamente por estar tão nervosa.

Foi então que percebeu o *motivo* de estar tão angustiada… tão alerta.

Era o celular.

Mas não era realmente um celular.

O som que seguia, o som pelo qual tinha sido atraída, o mesmo que a afastara de seu grupo de busca enquanto vagava cada vez mais para perto do barulho… nunca foi de um celular.

Era o som de sinos.

O som espectral dos sinos de Brooke.

Ao longe, abafado, obscurecido pela distância… mas tornando-se mais claro… mais forte.

Seu coração batia violentamente, e seus pés de repente pareciam atolados em areia movediça que lentamente a sugava para baixo. Tinha medo de lutar, medo de se mover, ou até de respirar, por receio de ser arrastada para baixo da superfície para sempre.

Um pensamento lhe passou pela cabeça: de que talvez *ela* não estivesse seguindo em direção ao som, mas que fosse *ele* que estivesse ali, e se aproximasse de Violet. Não sabia ao certo se era uma notícia boa ou ruim. Esse era o homem que vinha caçando. Um homem que estava determinada a encontrar. Um assassino que precisava ser detido.

Mas por que ele estaria ali? Logo agora? Será que fazia parte de um dos times de busca, e procurava pela floresta, fingindo não conhecer o destino da

pobre menina ou o de todas as outras que a antecederam?

E, agora, ele estava ali *com* ela?

De repente, sentiu-se cercada e desejou que o pai estivesse por perto. Ou tio Stephen. Ou Jay.

Então o som enfraqueceu, e Violet sabia que isso só poderia significar que ele estava se afastando. Um pânico inesperado se estabeleceu dentro dela quando percebeu que poderia perdê-lo. Ele ainda podia se afastar, e não estariam mais perto de encerrar esse reino de terror do que tinham estado ontem, ou no dia anterior. E nada mais próximos de encontrar Mackenzie Sherwin ou Hailey McDonald, ambas ainda desaparecidas.

Então Violet se moveu, tropeçando com o esforço de acompanhar o som dos sinos… sem querer perder o rastro. Equilibrou-se antes de cair, e estava praticamente correndo antes de se recuperar inteiramente. Passou por áreas vistoriadas por outras equipes e sentiu-se como se estivesse ultrapassando as coordenadas alheias, mas isso não fez com que desacelerasse. Por sorte, ninguém pareceu notá-la enquanto ela corria apressada por eles.

Mal olhava para onde ia, concentrando-se somente em seguir os sinos que soavam cada vez mais alto, à medida que se aproximava do homem que os carregava. Não se incomodou em planejar o que faria quando o encontrasse, quando pudesse olhar em seu rosto e sentir as marcas que vestia como um uniforme maculado, tecido por suas ações monstruosas.

Tinha mais medo era de *não* encontrá-lo. Pavor de que o perdesse na vastidão do bosque lotado.

Nem notou o homem à sua frente até esbarrar nele. A força do impacto a deixou sem fôlego ao colidir contra o peito duro como pedra. Ele a pegou com um braço forte, antes que ela pudesse cair para trás, devido à força da colisão.

Estava assustada demais para sentir-se imediatamente envergonhada.

— Nossa! Você está bem? — ele perguntou, sem soltá-la de imediato, provavelmente temeroso de que ela fosse estabanada demais para conseguir se manter de pé sozinha. Olhou para ela com preocupação sincera. — Precisa de ajuda?

Violet não se recuperou rapidamente e apenas olhou confusa para ele, ainda processando o que tinha acabado de acontecer.

— Eu… bem… eu… acho que estou bem — gaguejou, pensando no zumbido dentro da cabeça. Tinha realmente se machucado quando esbarrou tão desajeitadamente naquele homem?

Ele a soltou com cuidado, observando-a, à procura de qualquer sinal de que não estivesse pronta para ficar de pé por conta própria.

— Hum, obrigada. — Começou a sentir a humilhação envolvê-la.

Deu um passo sem firmeza para trás e viu que, sob o colete laranja, ele vestia um uniforme do Departamento de Polícia de Buckley. Era um dos oficiais do tio Stephen.

Não reconheceu seu rosto e silenciosamente torceu para que *ele* não *a* reconhecesse, principalmente porque quase o atropelara.

— Desculpe-me — disse sem graça.

— Não se preocupe. Está precisando de algo? — perguntou a ela. Ele ergueu uma sobrancelha, examinando-a. — Encontrou alguma coisa?

Violet tinha a sensação repentina e inexplicável de que não deveria dizer nada àquele homem, e ficou imaginando por que se sentiria assim.

— Não — gaguejou, desconfortável por mentir para um policial. — Não, nada do tipo. Eu só estava… indo embora.

Ele olhou para ela, e ela se perguntou se ele estava acreditando. Não sabia nem se seguia na direção correta, como se realmente *estivesse* indo embora.

Encontrou o olhar do homem, e suavizou o rosto no que esperava que parecesse um sorriso convincente.

— Aliás, obrigada — ela disse, tentando rir da própria falta de jeito. — Sabe, por ter me segurado.

Ele retribuiu o sorriso e esticou o braço para afagá-la no ombro. Ouviu o vago zumbido outra vez e percebeu que vinha dele. Uma marca, provavelmente… nada incomum para alguém que andava armado a trabalho.

— De nada — ele respondeu. — Vá com calma. Ah, e preste atenção em por onde vai, pode ser perigoso.

O aviso não era realmente necessário. Todos os que estavam ali sabiam dos possíveis perigos.

Mas Violet sabia, melhor que qualquer outra pessoa, qual era o *verdadeiro* perigo do bosque naquele dia.

Agradeceu novamente e se afastou da forma mais casual possível, tentando demonstrar que estava mais calma do que realmente estava, o tempo todo se concentrando em focar no som assombroso dos sinos que ainda estavam longe demais. Quando teve certeza de estar fora do alcance visual do policial, acelerou novamente, quase sem prestar atenção onde pisava.

Os sons doces e melódicos a chamavam para perto… parecendo atraí-la de dentro para fora.

Chegou perto rapidamente, mais do que esperava, pensando que ainda estava mais longe… muito distante. Mas agora tinha certeza de que ele estava por

perto.

Desacelerou, só então notando que os sapatos estavam sujos de lama, e a parte inferior dos jeans, ensopada e imunda. Não estava com frio, nem sequer sentia medo, mas tremia, e quase batia os dentes enquanto o corpo todo estremecia. Achou que pudesse ser a ansiedade, a adrenalina que passava por seu corpo enquanto se aproximava de um assassino, ainda sem saber o que faria quando o visse.

Olhou em torno. Os sinos eram quase ensurdecedores ali, ainda mais altos que no túmulo de Brooke. Um voluntário deve ter passado por ela, mas ao olhar para ele, soube que não era a fonte dos ecos.

Violet tinha certeza, sem qualquer possibilidade de dúvida, de que reconheceria o assassino assim que o visse.

Examinou a área cuidadosamente, à procura de algo que mais ninguém sabia como encontrar. Entrou e saiu de arbustos e se desviou das samambaias gigantes que brotavam do solo escuro e úmido do bosque.

Passou por outros voluntários, enquanto vozes chamavam de todas as direções, mas nada conseguia penetrar os toques musicais dos sinos.

Viu o eco oleoso, como o que era irradiado pela garota morta no lago, preso a ele, antes de ver qualquer outra coisa. Parecia brilhar luminoso sobre ele, em ondas escorregadias que dançavam sobre sua pele, obscurecendo o restante dele de sua visão imediata.

Violet sentiu como se sua traqueia se fechasse, deixando-a inesperadamente tonta.

Era ele.

Os sinos de Brooke… o brilho oleoso do corpo no lago… ambos *presos* a ele. E havia outros ecos também… *gostos*… *cheiros*… *e cores*. Ecos demais para que Violet pudesse diferençar um do outro, uma vez que criavam algo menos inócuo que o ruído branco estático dos que descansavam apropriadamente. Em vez disso, ele os carregava, em todo seu furor, desfilando-os como se carregasse uma fogueira que sinalizava para ela.

Quase não conseguia acreditar que jamais o *sentira* antes.

Ele não a viu, e, em meio ao caos da procura, com toda a atividade na área, ela não se destacava mais que nenhum dos outros voluntários que estavam no bosque naquela manhã. Recuou, mas apenas um pouco, para observá-lo sem ser percebida, por trás de um tronco espesso de árvore.

Estava de costas para ela, e Violet podia ver que, sob as marcas da morte, ele vestia o mesmo colete que os outros integrantes das equipes de busca que vasculhavam o bosque. Ele se juntara ao grupo que procurava por Mackenzie

Sherwin. *Mas por quê?*

Ele virou de lado, e ela conseguiu dar uma olhada em seu rosto. Violet o observou. Apenas seu comportamento diferia do dos demais voluntários. Ele estava ali, usando o colete chamativo, mas não procurava. Na verdade, não se movia. Mexia-se… *esperando*… no mesmo lugar.

Mais ninguém parecia notar, porque, aos olhos de todos, e com as atenções voltadas para outras questões, não havia nada de anormal nele. Não era jovem, nem velho. Não era bonito, nem feio. A expressão suave parecia passiva o suficiente. E Violet pensou que ele talvez pudesse passar a vida inteira no anonimato, sem que ninguém prestasse atenção. Certamente não tinha cara de assassino. Misturava-se perfeitamente.

Esperou para que alguma coisa fora do normal acontecesse, notando que ele se movia devagar, se é que se movia, mas não saía do lugar.

Era como se estivesse montando guarda.

Foi então que ela percebeu. E viu com tanta clareza, que não podia acreditar que não tivesse percebido antes.

Uma das cores, um verde intenso e reluzente, que ele irradiava como uma aura, que brilhava até mesmo sobre a luminescência oleosa que o pintava, também vinha do chão a seus pés. Cintilava fortemente, pairando sobre o sedimento em que se encontrava. Vinha do local que ele guardava.

Havia uma menina ali.

Por isso ele estava entre os times de busca, camuflado como um camaleão na cara de todo o mundo. Para se certificar de que a garota no chão não fosse desenterrada.

Violet cambaleou para trás, quase tropeçando sobre os próprios pés, em um esforço para escapar do homem. Cobriu a boca com a mão, sufocando o próprio grito apavorado ao recobrar o equilíbrio antes de cair. Em seguida ficou paralisada, rezando para que ele não tivesse ouvido o barulho de seus pés desajeitados quebrando gravetos no chão. De repente, tudo o que fazia parecia alto demais… cada passo cuidadoso que dava ecoava ruidosamente entre as árvores, cada esforço para respirar era como uma explosão. Saiu na ponta dos pés, mas mesmo isso parecia óbvio demais, e disse a si mesma que precisava agir com naturalidade… comportar-se como se nada tivesse acontecido e afastar-se dali sem ser notada.

Ele nem sequer levantou os olhos.

Uma vez longe o bastante, procurou ajuda. Seria demais esperar ver o pai ou o tio por perto. Desejou que estivesse com seu celular. Desejou que estivesse com o spray de pimenta… e se xingou por ter deixado ambos no carro.

Tropeçava descuidadamente, não mais seguindo o eco de uma alma perdida, mas fugindo de um assassino. Sentia medo. Um medo como nunca sentira antes, e olhou em volta à procura de alguém — *qualquer pessoa* — que pudesse ajudá-la.

Uma mulher com colete apareceu do meio dos arbustos de amora, e Violet praticamente avançou sobre ela, sem perceber como estava em pânico.

— Cadê o líder de seu grupo? — Violet perguntou rouca, agarrando a mulher assustada pela manga. — Preciso encontrar alguém que esteja com um *walkie-talkie*.

A mulher parecia chocada com a abordagem inesperada de Violet, mas não hesitou.

— Ele… está ali — ela disse, apontando. — Do outro lado dessas árvores. — Mas Violet já tinha saído, apressando-se na direção que a mulher apontara.

Ela sabia que parecia uma louca. Sentia-se louca. Mas acabara de encontrar o assassino. Tinha ficado praticamente ao alcance do homem que só Deus sabe quantas garotas matara.

E tinha detectado mais um corpo. Talvez o de Mackenzie Sherwin.

Viu o homem à sua frente, com um mapa na mão, e sabia que era o líder da equipe. Não conseguia enxergar o *walkie-talkie*, mas tinha certeza de que ele tinha um. Outro homem estava a seu lado, e eles conversavam quando Violet explodiu para cima dos dois.

— Você tem um *walkie-talkie*? — perguntou, soando sem fôlego até para si mesma.

O homem de feições rígidas olhou para ela, notando o colete de voluntária que estava usando antes de responder.

— Você não é da minha equipe.

— Preciso que você peça ajuda. Preciso que chame por Stephen Ambrose.

O homem colocou a mão sobre o bolso de forma protetora. Violet tinha certeza de que o *walkie-talkie* estava ali.

— Onde está sua equipe, mocinha? — perguntou de forma autoritária.

De repente, Violet estava furiosa, e seu medo, ofuscado por alguma coisa mais potente enquanto perdia a paciência.

— Preciso que você peça a alguém para trazer aqui o chefe de polícia Stephen Ambrose. Diga a ele que a *Violet precisa dele!* — exigiu. Não podia acreditar que aquele cara estivesse tentando dificultar as coisas falando em equipes. Estavam todos ali pelo mesmo motivo: encontrar Mackenzie Sherwin.

Um olhar de irritação passou pelo rosto do homem enquanto lentamente —

hesitante — tirava o *walkie-talkie* do bolso. Encarou-a desconfiado, ponderando sobre se deveria seguir as ordens de uma menina histérica que exigia falar com o chefe de polícia.

— *Agora!* — ela gritou quando ele demorou demais. Em seguida, caiu de joelhos. Olhou para ele, implorando. — *Por favor!* — suplicou ao sujeito. — *Por favor*… chame o meu tio e diga que preciso dele.

Alguma coisa nas reações ou nas palavras de Violet deve tê-lo atingido, pois de repente ele estava falando ao *walkie-talkie*, dizendo a quem quer que fosse que precisava entrar em contato com o chefe Ambrose, e que era uma emergência. Quando finalmente conseguiu, não era o tio do outro lado, mas um de seus oficiais, que agia como intermediário naquele dia caótico.

O líder diante de Violet repetiu o que ela disse, apenas parando para perguntar qual era seu nome, para certificar-se de que tinha entendido corretamente. O homem foi perguntado sobre onde estava e repetiu as coordenadas duas vezes. O policial do outro lado pediu que esperasse um instante e fez-se um silêncio que perdurou.

Violet estremeceu, ficando onde estava no chão, sem conseguir reunir forças para se levantar novamente. Pensou que deveria se sentir desconfortável, ajoelhada aos pés daquele sujeito enquanto esperavam para ouvir um retorno do outro lado da linha. Mas estava cansada demais, apavorada demais para se importar com o que qualquer pessoa pensasse a seu respeito.

Finalmente fez-se um ruído no *walkie-talkie* que preencheu o silêncio, e Violet ouviu as palavras que esperava.

O chefe Ambrose está a caminho.

Violet se inclinou para a frente, colocando o rosto nas mãos, e começou a chorar lágrimas de alívio.



CAPÍTULO 18

Quando seu tio a alcançou, Violet estava um pouco mais controlada. Continuava apavorada devido ao segredo que guardava, mas sua determinação tinha voltado, fortalecendo sua vontade e construindo um muro de compostura. Tinha parado de chorar e andava em círculos enquanto o líder da equipe permanecia impassível, esperando para ver o que aconteceria.

Ela correu para o tio quando o viu aproximar-se como uma força impossível de ser contida. Ele a envolveu com os braços, e ela finalmente se sentiu segura.

Não queria perder mais nem um segundo, e não podia correr o risco de que alguém ouvisse o que ela sabia.

— Ele está aqui — ela sussurrou contra o peito do tio.

Ele não a soltou, e Violet achou que o abraço tinha até apertado um pouco mais.

— O que você está dizendo, Violet? — perguntou ele, apesar de ela achar que ele sabia *exatamente* o que ela estava dizendo.

Ela se afastou, apenas o suficiente para respirar, mas não o bastante para que outros a ouvissem.

— Eu o vi. Ele está ali. — Apontou com a cabeça para a direção de onde ela viera.

Tio Stephen ficou rígido como uma estátua, e Violet achou que ele provavelmente estivesse resolvendo como proceder.

— Tem certeza?

Ela assentiu.

Ele ponderou por um instante.

— Você *a* sentiu? — parecia ter dificuldade para fazer a pergunta. — Mackenzie Sherwin?

Violet não sabia ao certo como responder, então o fez da maneira como

podia. Manteve a voz como um sussurro fraco.

— Tem alguém lá… enterrada. E ele está guardando o corpo. — Engoliu em seco, apenas imaginando como ela e o tio pareciam naquele instante, abraçados e trocando sussurros. — Acho que ele está cuidando para que ninguém a encontre lá.

O tio mordeu o lábio inferior enquanto Violet olhava novamente para ele, observando e esperando para ver o que planejava fazer. Ele olhou para ela, e não era mais o tio que a encarava, e sim o chefe de polícia de uma cidade aterrorizada pelo desaparecimento das próprias crianças. Sua determinação só se comparava à dela.

— Como ele é?

Violet balançou a cabeça, desejando que pudesse dizer.

— Não sei, na verdade. Muito comum, eu acho. Só soube que era ele… — lutou para encontrar as palavras certas, e, como sempre, quando tentava verbalizar o que *sentia*, seu discurso soava inadequado. — … Sabe, pelo que *senti* em torno dele.

— Violet! *Violet!* — eram gritos do pai, que se aproximava, correndo, do local em que ela e o tio estavam.

Ele afastou Violet do irmão e a soterrou em um abraço tão confortante quanto o do tio, mas de um jeito totalmente diferente.

— Meu Deus, que bom que está a salvo — suspirou na cabeça da filha. — *O que* você está fazendo aqui? Há quanto tempo está aqui?

Violet olhou silenciosamente para o tio, pedindo ajuda. Sabia que o pai daria um ataque quando percebesse o que ela realmente fazia ali… e o que tinha descoberto.

O tio deu uma piscadela, mas não ofereceu nenhum resgate.

— Aliás, eu disse para seu pai que você estava aqui. — Em seguida olhou por cima da cabeça da sobrinha para o irmão, novamente sério, e disse: — Precisamos conversar.

Normalmente, em momentos como aquele, Violet seria posta de lado, para que os adultos pudessem conversar em particular. Mas seu pai se recusou a soltá-la, e tudo o que o tio disse a ele era resultado direto do que a menina acabara de confessar. Afastaram-se dos ouvidos atentos dos voluntários, que tinham começado a se reunir com a aparição do chefe de polícia, e dos próprios oficiais, a maioria dos quais viera com o tio após a chamada da sobrinha em apuros.

Stephen Ambrose repetiu calmamente o que Violet lhe dissera, sobre o que ela vira, e a cada palavra ela podia sentir o braço pesado do pai comprimindo seus ombros de forma protetora, até ela começar a achar que poderia se dividir

em duas com o apertão. O pai perguntou praticamente as mesmas coisas que o tio, mas direcionou-as ao irmão, em vez de a ela, como se fingir que Violet não estivesse ali pudesse de alguma forma protegê-la de precisar reviver a experiência.

Quando terminaram com os sussurros apressados, o tio contou ao pai de Violet o plano que tinha idealizado. O pai não gostou nem um pouco.

— Greg, preciso que você traga Violet conosco… para o local onde ela viu o sujeito — o tio disse com a voz convicta de chefe de polícia.

— De jeito nenhum, Stephen. É da minha filha que estamos falando. Ela não vai chegar perto desse monstro novamente. Já é suficientemente ruim que ela o tenha encontrado uma vez. — Violet se surpreendeu com o tom gelado na voz do pai, principalmente pelo fato de ele normalmente ser calmo e afável.

— Olha, tudo o que ela precisa fazer é se certificar de que estamos pegando o cara certo. Não precisa nem falar nada: pode só apertar sua mão, e você me avisa. — A voz do tio era cuidadosa e diplomática ao apelar para o senso de justiça do irmão. — Depois que ela fizer isso, vocês saem, voltam para casa, e eu os encontro mais tarde. Ninguém nunca vai saber que ela esteve envolvida. Mas precisamos pegar esse sujeito… precisamos contê-lo, antes que ele ataque novamente. E Violet é a única que pode identificá-lo. — Esperou para ver se as palavras tinham surtido o impacto desejado, e em seguida disse: — Certamente, como pai, você não quer esse maníaco provocando mais prejuízos por aí.

Nenhum dos dois falou por um momento enquanto se confrontavam, cada um se mantendo firme em sua decisão. Violet achou que talvez o pai ganhasse a disputa e podia sentir que cada músculo do corpo dele estava rígido, enquanto encarava o irmão mais novo.

Em seguida o sentiu ceder, relaxando um pouco, tão pouco que, se não estivesse exatamente ao lado dele, talvez não percebesse.

— Só isso, Stephen. Ninguém fica sabendo que foi ela. E não vamos ficar esperando para ver o que acontece.

O tio assentiu, concordando com os termos do pai, e em seguida olhou para Violet.

— Você está bem, Vi? Pode fazer isso? — ele perguntou.

— Claro. — Era o que queria o tempo todo… pegar o sujeito.

* * *

O chefe Ambrose levou apenas três minutos para atualizar seus homens, e outros

dez para afastar os voluntários que se reuniam discretamente na área. Utilizou apenas os oficiais que tinha trazido ao ir ao encontro de Violet, e não lhes disse quase nada, apenas que um voluntário tinha visto algo suspeito.

O plano era simples, e precisava ser executado de forma silenciosa e rápida. Não queria problemas. Havia civis demais na área, e ele precisava se certificar de que ninguém sairia machucado.

Quando estavam prontos, o tio Stephen deu o sinal para que seus homens os seguissem. Ninguém questionou o porquê de Violet e o pai estarem com o chefe de polícia e os oficiais.

Tudo acabou em uma questão de minutos, pelo menos a parte dela.

Violet encontrou novamente o homem com facilidade, o que estavam procurando. Estava exatamente no mesmo lugar onde o vira da primeira vez, guardando o corpo de uma menina anônima morta.

Violet apertou a mão do pai, com o máximo de força possível, e ele transmitiu ao tio o sinal que confirmava que aquele era, de fato, o homem que procuravam. Olhares foram trocados silenciosamente entre os homens que trabalhavam para o tio de Violet e em seguida ela foi praticamente arrastada pelo pai através das árvores: passaram pelos voluntários, que não imaginavam o drama que se desenrolava no interior do bosque, e seguiram em direção ao epicentro dos esforços de busca e resgate. Ela se segurou nele com tanta força quanto ele a segurava, um não querendo soltar o outro por nenhum segundo.

Quando chegaram à clareira, no limite da floresta, Violet ouviu o pai soltar um suspiro pesado de alívio, como se tivessem acabado de passar por um campo minado e saído ilesos. E ela concluiu que, de alguma forma, era o que tinham feito.

— O tio Stephen vai vir mais tarde para nos contar o que aconteceu? — Violet perguntou enquanto se aproximavam do carro estacionado. Entregou as chaves para o pai.

— Ele vai assim que puder, mas pode ser que demore um pouco — respondeu com honestidade. — Isso é sério, Violet. *Muito* sério, e ele vai ter de explicar para todo o mundo como encontrou o sujeito.

Violet não se importava com a forma como o tio explicaria, mesmo se tivesse que dizer o nome dela, pois esse era o fim pelo qual vinha torcendo e esperando.

Pegaram o assassino.

As próximas horas passaram como um borrão para Violet.

* * *

Refugiou-se no quarto assim que foi possível, fato que se deu quase imediatamente, pois o pai precisava de tempo para conversar com a mãe. Teria de explicar os acontecimentos da manhã no bosque atrás da casa dos Hildebrand, e depois precisaria acalmá-la. E Violet não queria estar perto deles durante essa conversa, sabendo que a mãe teria um ataque pelo que ela havia feito… caçar um assassino por conta própria.

Esperou até que estivesse longe dos olhos abelhudos dos pais antes de ver se havia recados no celular. Era algo que Violet mal podia esperar para fazer desde que ela e o pai tinham entrado no carro e ela ouvira as vibrações do aparelho, alertando-a sobre ligações perdidas.

Abriu o aparelho e verificou os registros de chamadas. Percebeu que estava prendendo a respiração, torcendo para ver o número de Jay, que era o único que ela queria ver. Apesar de o número dele claramente não estar na lista, *havia* dois números que não reconhecia.

Checou o correio de voz, e a gravação automática lhe informou que tinha catorze novas mensagens.

Ouviu, apagando cada uma em seguida, acumulando frustração a cada recado decepcionante que não era de Jay. Quando terminou, organizou as chamadas na cabeça.

Chelsea tinha deixado um recado. Um era da mãe, querendo saber se tinha encontrado o pai, e a que horas achavam que iriam voltar. Doze eram de Grady, que aparentemente tinha sido quem ligara dos números desconhecidos, provavelmente por achar que Violet estava selecionando os que iria atender. Não tinha sido o caso, mas somente por falta de acesso ao telefone, pois, se estivesse com ele, era o que teria feito.

Nenhum dos recados era de Jay.

Os recados de Grady eram patéticos, combinavam pedidos de perdão com desculpas idiotas sobre ter bebido demais. Admissões de culpa e explicações foram um tema comum nas doze mensagens de voz, enquanto primeiramente pedia, depois implorava, para que ela ligasse de volta, só para que ele pudesse dizer quanto lamentava. Como se já não o tivesse feito pelo menos uma dúzia de vezes.

Mas Grady era a última pessoa com quem Violet queria falar naquele momento.

Ouviu vozes no andar de baixo, e primeiro achou que os pais estivessem discutindo, provavelmente por sua causa, pois falavam alto demais. Mas, ao

ouvir outra voz, achou que talvez o tio tivesse passado lá para atualizá-los.

Levantou-se de um pulo e correu pelas escadas.

Em seguida parou onde estava, surpresa demais para dar mais algum passo.

Na cozinha, seu pai e Jay estavam próximos, conversando calmamente, mantendo as vozes baixas — em tom sério. Violet ficou surpresa com quanto Jay parecia pertencer àquele lugar, àquele cenário.

Nenhum dos dois levantou o olhar imediatamente, apesar de Violet ter certeza de que ambos sabiam que ela os observava. E alguma coisa na maneira como evitavam olhar para ela propositalmente a deixava plenamente ciente do fato de que ela era o assunto da conversa.

Sabia que o pai provavelmente estaria contando a Jay sobre a manhã no bosque. Detestava que falassem dela, ignorando-a.

Jay olhou para Violet, e havia alguma coisa na expressão de seu rosto que a fez deter-se. Ele a olhou de um jeito que, sem dizer nem uma palavra, transmitia que não estava nem um pouco satisfeito com o que ela fizera e que tinha muito a lhe dizer quando estivessem a sós.

E havia mais *alguma coisa*.

Foi quando ele estava virando a cabeça de volta para seu pai: Violet poderia jurar — e teria apostado — que vira Jay sorrir. Apenas um sorrisinho… quase imperceptível para qualquer um que não fosse ela. Tinha certeza de que o pai não vira, pois continuou a discussão sem parar para respirar.

E aquele sorriso isolado, quase imperceptível, a derreteu.

Observou enquanto os dois conversavam por vários instantes. Imaginou quanto do que realmente acontecera o pai estava contando a Jay, e o que estaria omitindo.

Não era segredo que Jay sabia sobre a “habilidade” de Violet, mas ela não se lembrava de nenhuma época, nem de uma única ocasião, em que os pais tivessem falado sobre o assunto na frente dele. Sempre houve um acordo implícito de que era para ser mantido em sigilo… como acontece com todo bom segredo de família. Era o que eles tinham a esconder.

Ficou surpresa quando viu o pai esticar a mão formalmente para Jay. Era mais um gesto entre dois homens de negócios do que esperaria ver entre o pai e o melhor amigo.

Sem hesitar, Jay aceitou, e eles apertaram as mãos. Em seguida, o pai olhou para ela e balançou a cabeça afirmativamente. Era como se estivesse lhe dizendo que tudo tinha sido resolvido, apesar de Violet não fazer ideia do que aquilo significava. Depois desapareceu calmamente pela porta de trás, indo em direção ao estúdio da mãe, onde Violet presumiu que ela estaria lidando com suas

frustrações com ajuda da arte.

Repentinamente constrangida por estar a sós com ele, Violet resolveu desviar a atenção *deles dois*, pedindo a Jay que explicasse o que ele e o pai conversaram de forma tão séria. Entrou na cozinha se sentindo nervosa e insegura.

— O que foi aqui…

Mas antes mesmo que ela pudesse concluir a frase, Jay tinha dado dois longos passos, tomado Violet nos braços enquanto sua boca cobria a dela de forma possessiva.

O beijo foi faminto e passional, e Violet foi arrebatada imediatamente, querendo mais… *exigindo mais*. E ele a colocou no chão, apenas o suficiente para que estivesse sobre a ponta dos pés, ao pressionar-se contra ele, esforçando-se para se aproximar ao passar as mãos ao redor da cintura dele e puxar as costas da camisa em sua direção. Sentiu-se tonta, de uma maneira agradável — da melhor maneira possível — e se permitiu embarcar na emoção, aproveitando cada instante, cada carícia da língua dele na sua. Ele movia as mãos incansavelmente nos ombros de Violet, nas costas, e subia novamente para a nuca, onde os dedos se mexiam, provocantes, para atraí-la para mais perto.

Ele recuou, apenas levemente, movendo os lábios gentilmente sobre os dela, e Violet podia ouvir a respiração de Jay em arfadas. Sabia que respirava de forma tão pesada e desigual quanto ele, e pôde sentir uma frustração inominável, como jamais sentira, agitando-se dentro de si.

— O que você ia dizer? — ele perguntou, e ela podia senti-lo sorrindo aquele sorriso torto contra seus lábios em chamas.

Não fazia ideia do que ele estava falando. Poderia estar falando alguma língua estrangeira desconhecida naquele instante.

Não esperou que ela se recobrasse e respondesse à pergunta. Em vez disso, ficou com pena e parou de provocá-la, aplacando a irritação que ela sentira quando suas bocas se afastaram. Ela se rendeu ao ataque violento dos beijos profundos e ferventes dele e torcia vagamente para que ele estivesse tão abalado quanto ela. Queria que aquela sensação nunca acabasse.

Estava apenas levemente ciente de que se moviam, de que ele a conduzia pela própria casa, enquanto a acariciava, tocava e explorava com suas mãos firmemente gentis. Foi apenas quando ele a pôs sentada que Violet percebeu que tinham chegado ao seu quarto, e que ela estava sendo colocada na cama.

Sentiu o colchão se mover bastante sob o peso deles ao se agarrar a ele, e só pensou brevemente no fato de que os pais estavam em casa… em algum lugar no andar de baixo… antes de as carícias deliciosas da língua dele fazerem com que ela perdesse qualquer coerência outra vez.

As mãos dele eram tão incansáveis quanto as dela, e Violet não fazia ideia de quanto tempo estavam deitados daquele jeito, em sua cama, tocando um ao outro com paixão frenética. Sentia-se como se não pudesse ficar próxima o suficiente dele… como se esses fossem os únicos instantes que teriam juntos, e que precisavam tirar o máximo de vantagem desse tempo precioso.

Mas depois os beijos se tornaram infinitamente mais profundos… assumiram uma languidez, sem pressa, enquanto começavam a aprender a sensação do gosto um do outro. Ela passou as pontas dos dedos nos pelos grossos dos braços dele e curtiu a sensação dos músculos lisos e fortes sob a fina camada da camisa. Gostava da maneira como os dois se encaixavam, perfeitamente, como duas metades que se completam.

Por um instante as bocas se afastaram, e Jay olhou para ela. Os lábios de Violet se curvaram em um meio sorriso enquanto olhava para ele; estava inteiramente descabelado, e ela o examinou. Desejava o toque dos lábios inchados dele nos dela, e o desejo ardia. Quando a frustração crescente se tornou demais para ser suportada, ela fechou a distância entre eles, deixando os lábios percorrerem preguiçosamente os de Jay ao respirar em sua boca aberta, provocando-o. Ele agarrou-a com firmeza outra vez, arrastando-a para perto, a respiração desigual enquanto possuía a boca da garota com prazer voraz.

Ela queria mais que simplesmente isso. Queria mais que beijos e toques… seu corpo ansiava por mais, muito mais. Pressionou-se contra ele, movendo os quadris para a frente e saboreando a sensação elétrica do corpo dele contra o dela ao senti-lo reagindo fisicamente ao movimento. Fechou os olhos com firmeza enquanto ele se movimentava contra ela, e ondas de choque se espalhavam como raios por todo o seu corpo. Moveu-se novamente, esforçando-se para chegar cada vez mais perto de Jay, desejando-o como se fosse uma droga. O acúmulo de tremores dentro de Violet era, por sua vez, incrivelmente estimulante… e furiosamente insuficiente.

Então Jay se afastou, deslocando o corpo, para que seus quadris não mais se tocassem, e o esforço parecia monumental enquanto ele suspirava contra os lábios entreabertos de Violet.

Violet estava estarrecida, espantada demais com a reação do próprio corpo, de modo que não conseguia raciocinar, muito menos falar. Ele envolveu o pescoço de Violet de forma possessiva e puxou a cabeça da garota de encontro a seu ombro, como se dissesse silenciosamente que precisavam parar.

Violet precisou lutar contra o impulso de se sentir ofendida pela interrupção tão abrupta. Mas, por mais inexperiente que fosse, sabia que também não devia ser fácil para ele.

Ele esticou a mão livre e segurou a dela. Casualmente, ele acariciou a palma de Violet com o polegar enquanto os dedos se entrelaçavam, as mãos se acariciando suavemente, enquanto ficavam ali se recuperando.

Violet sentia-se cansada. Estava exausta como nunca antes. Sentia-se emocionalmente esgotada, mas ao mesmo tempo inebriada pela proximidade de Jay, e sabia que mesmo que fechasse os olhos, seria impossível dormir naquele momento.

Respirou a languidez deleitosa de simplesmente estar nos braços dele.

Após um tempo, achou que conseguiria falar novamente.

— Você não me ligou — ela disse, sondando o terreno entre os dois.

Sem ver o rosto de Jay, sabia que ele sorria.

— Eu sei.

— Você me magoou.

Ele beijou a cabeça de Violet, puxando-a um pouco mais para perto outra vez. Ela derreteu-se nele.

— Desculpe-me — ele sussurrou. — Não sabia exatamente o que dizer.

Violet estava tão absorvida na sensação do corpo dele contra o dela, que agora era ela que não sabia o que dizer. Após um instante sussurrou:

— Grady ligou para pedir desculpas.

Foi a coisa errada a dizer. Soube assim que as palavras saíram de sua boca e sentiu Jay enrijecer. Desejou retirar o que tinha dito assim que o fez, mas sabia que não podiam ignorar o assunto para sempre. Em algum momento teriam de conversar sobre o ocorrido na noite anterior.

— Deixou doze recados, todos eles me pedindo milhões de desculpas por ter agido feito um babaca. Palavras dele, não minhas. — Ela se apoiou no cotovelo, olhando para Jay.

Piscou os olhos, tentando se concentrar em continuar falando, e não em outras coisas.

— Não liguei de volta — ela disse.

Isso pareceu fazer com que ele relaxasse um pouco, aquelas simples palavras tranquilizadoras, como se houvesse alguma dúvida de que ela não estava exatamente onde queria estar naquele momento. Como se pudesse existir qualquer chance de que ela preferisse estar com Grady a estar com Jay. Ele apertou sua mão, ainda segurando-a, e puxou Violet para baixo, de modo que ela ficou deitada sobre o peito dele.

— Me beije outra vez — ele desafiou, um pouco de brincadeira.

Era tão estranho ouvi-lo dizer aquilo, ouvir essas palavras em voz alta. *Eles*

tinham se beijado. Mais de uma vez. Mais que muitas. Já tinham ultrapassado em muito a barreira do “apenas amigos”.

Ela se inclinou e deu um beijo seco, fraternal nele. Em seguida ergueu a cabeça de novo e lhe sorriu inocentemente. Desejou que pudesse fazer uma auréola surgir sobre a própria cabeça, para intensificar o efeito.

Jay emitiu um som como um rugido para ela, em seguida a puxou para baixo… com força. Ele a virou, deitando-a sobre as costas, e ele por cima, e tomando vantagem da posição em que se encontrava, moveu os lábios sobre os dela com um toque suave como uma pena, de um jeito que era tudo, menos inocente. Até ela abrir a boca e permitir que ele a beijasse outra vez… completamente… meticulosamente. Violet se ouviu gemendo e podia sentir as batidas de sua própria pulsação palpitando ardentemente pelas veias.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela, passando o polegar em seu lábio inferior.

— Era disso que eu estava falando. Um beijo *de verdade*.

Ela achou que ele provavelmente estivesse tentando se gabar, mas estava mais que satisfeita por ele soar tão trêmulo quanto ela após o beijo.

— Isso é estranho? — ela perguntou com um suspiro satisfeito.

Jay balançou a cabeça.

— Não — respondeu, passando a mão na pele sensível do braço de Violet. — Iria acontecer em algum momento. Só estou satisfeito por já ter começado… estava ficando cansado de esperar.

Violet ficou confusa. *Ter começado?* Mas que diabos isso deveria significar? *Iria acontecer em algum momento?* Como ele poderia saber o que iria acontecer?

Ela saiu de baixo dele.

— Como assim, você estava cansado de esperar? Esperar o quê, exatamente? — Levantou-se novamente sobre o cotovelo enquanto o interrogava, esperando por uma resposta.

Ele deixou as perguntas pairarem entre eles, por mais tempo do que precisava, provocando Violet deliberadamente enquanto ela esperava, impaciente. Mas quando finalmente respondeu, a leve irritação valeu a pena.

— Só estava esperando que você me quisesse tanto quanto eu a queria. — As palavras vieram serenas, mas cheias de impacto. — Eu sabia que ficaríamos juntos; era só uma questão de tempo. Ficava torcendo para você perceber. Mas para uma garota inteligente, você é um pouco lenta, Vi. Eu puxava assuntos sobre Lissie Adams, mostrava os bilhetes que ela deixava, torcendo para irritar você o bastante para que você finalmente admitisse o que sentia por mim.

Lissie Adams. Só de ouvir o nome da outra, Violet se arrepiou de inveja, estremecendo um pouco. Esfregou os braços de forma protetora e torceu para que Jay não percebesse.

— O que o faz pensar que eu estava sentindo alguma coisa? — perguntou desconfiada, como se ele tivesse lido sua mente. Se ela fosse o tipo de garota que mantinha um diário, juraria que ele tinha violado a tranca, para ler cada palavra.

Ele sorriu para ela.

— Porque estava — falou com segurança. — Eu sei porque eu sentia, e não havia a menor possibilidade de você não sentir também.

Não se incomodou em negar, e, em vez disso, perguntou:

— Então você *usou* a Lissie para me deixar com ciúme? — tentou soar indignada, o que era difícil, quando na verdade o que queria fazer era dançar, triunfante, pelo quarto. Imaginou o que Lissie pensaria se os visse agora, juntos em sua cama.

— Não, eu *tentei* usar a Lissie. Mas aparentemente você é mais teimosa do que eu imaginava. Tive certeza de que funcionaria. Em vez disso, o tiro saiu pela culatra, e você aceitou ir à festa com… *outra pessoa*. — Cerrou os dentes, provavelmente sem perceber, enquanto engasgava com as palavras, incapaz de dizer o nome de Grady. — E quando percebi que você ia com *ele*, concluí que a única maneira de vê-la lá seria convidando Lissie para ir comigo. Imaginei que pudesse conseguir pelo menos uma dança com você.

Violet não se conteve — riu. Um pouquinho. Era demais. Tudo aquilo. Jay tentando enganá-la para fazer com que ela declarasse para ele os próprios sentimentos. Grady tentando beijá-la na noite anterior. Depois isso… agora… ela e Jay abraçados na cama… *no maior amasso*. Era uma loucura.

— Você acha engraçado, é? — Ele parecia um pouco abalado com o fato de que ela estava rindo dele.

— Eu que me dei mal — ela disse, agora com seriedade. — Devo ficar em casa enquanto você e a Lissie Adams vão ao Evento de Boas-vindas. — Tentou fazer soar como se não fosse nada demais, mas a verdade era que a incomodava mais do que gostaria.

Jay esticou o braço e pôs a mão no pescoço de Violet. Puxou-a em sua direção, olhando-a nos olhos enquanto acabavam com a distância entre eles. Violet sentiu uma emoção angustiante só por estar perto dele outra vez.

— Liguei para ela ontem à noite e cancelei, depois que a deixei em casa. — Sua voz era espessa e rouca, e provocava arrepios em Violet. — Disse a ela que iria à festa com você.

Violet achou que o coração fosse explodir. Era exatamente o que queria ouvir

havia semanas, talvez meses. Mas não ia liberá-lo assim tão facilmente depois daquele joguinho ardiloso.

— Desculpe-me — mostrou uma sinceridade debochada. — Já tenho um par. Além disso, não me lembro de você ter me *convidado*.

Ele franziu os olhos para ela, como se a desafiasse para uma discussão.

— *Eu* sou seu par. Grady pode ir para o inferno. Talvez Lissie vá com ele, e ele possa agarrá-la a noite toda.

Estavam nariz com nariz, boca com boca. Violet sentia-se intrigada por aquele lado dele… o lado confiante, direto, que se recusava a aceitar um não como resposta. Inclinou-se para a frente e suspirou quando seus lábios mal tocaram os dele.

— Tudo bem — expirou fingindo derrota. — Eu vou à festa com você… com uma condição.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso contra os dela.

— Qualquer coisa.

Ela olhou nos olhos dele enquanto passava a língua pelos próprios lábios, tocando propositalmente o lábio inferior de Jay. Aquele simples contato fez com que ela sentisse um frio instantâneo na barriga.

— Diga-me sobre o que você e o meu pai estavam conversando.

Jay se afastou como se ela tivesse acabado de lhe dar um tapa. E Violet percebeu que era quase como se o tivesse feito. Ele se sentou depressa, como se sua mente de repente tivesse se livrado do torpor sensual, e o sorriso provocante subitamente sumiu de seu rosto.

— Deixe para lá — ela disse, tentando recuar. — Esqueça que eu disse qualquer coisa. — Queria voltar para onde estavam. Mas era tarde demais. A mandíbula contraída de Jay deixava bem claro.

— Não — ele disse rispidamente. — Acho que deveríamos conversar sobre isso, Violet. — Até a maneira como disse seu nome de repente parecia dura e raivosa. — Seu pai me contou o que aconteceu hoje… no bosque. Ele me disse que você caçou o sujeito que matou todas as meninas… que se colocou em perigo. — Violet não sabia dizer se ele estava furioso ou aborrecido… ou ambos. Passou a mão pelo cabelo despenteado em um gesto apressado, que indicava que ele estava ficando agitado. — E não é a primeira vez que você faz isso. Problemas parecem segui-la aonde quer que você vá, e você é a única pessoa que eu conheço que parece não se importar. Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido com você ontem à noite se eu não tivesse aparecido enquanto o Grady… *a atacava*. — Ele hesitou, como se realmente fosse demais pensar no assunto, mas em seguida continuou com a bronca. — Você não consegue nem ir

ao shopping em segurança. Eu fiz uma promessa a seus pais, e você simplesmente saiu vagando sem me dizer para onde ia. — A voz de Jay estava repentinamente muito áspera, e parecia a Violet que ele raspava um quadro-negro com as unhas...

Ela se arrepiou com o tom de acusação, e de repente ele não era o único que estava irritado.

— E *você* não falou comigo durante uma semana! — rebateu. — O que foi *aquilo*? Passei a semana inteira esperando que você parasse de me ignorar. E tudo porque não *pedi permissão?* Você não pode me dizer o que fazer! Você não é meu pai, sabe.

— Obrigado por esclarecer, Violet — ele disse, com sarcasmo. — Seria assustador se você confundisse seu namorado com seu pai.

Violet praticamente deu um salto quando ele disse a palavra *namorado*. Obviamente ela notara que eles tinham cruzado a fronteira da amizade, mas não sabia ao certo o que aquilo significava para ambos. Aparentemente, Jay sabia com exatidão.

Mas isso não significava que ele poderia lhe dar ordens.

— Você não entende? Sem mim talvez ninguém encontrasse esse maluco. E agora, por causa do que eu consigo fazer, ele já era… acabou. O tio Stephen provavelmente já o prendeu depois que saímos de lá mais cedo. — Ela estava sentada longe dele agora, brava, e até um pouco magoada, pelo fato de que todos faziam parecer que ela havia feito algo errado. — Não vou me desculpar por isso. Não posso. Estou feliz por ele finalmente ter sido pego, e espero que ele apodreça na cadeia!

Ela não percebeu que estava gritando até ouvir uma batida na porta do quarto. Do outro lado, a voz suave do pai parecia marcada com um traço de preocupação:

— Tudo bem aí?

Ela mordeu o lábio, frustrada, e tentou se acalmar. De repente se sentiu embaraçada por ela e Jay estarem juntos na cama, mesmo que já tivessem estado ali, juntos daquela maneira, centenas, talvez até milhares de vezes. E nunca isso a incomodara antes, quando ainda eram *apenas amigos*; mas, de alguma forma, com o pai a poucos centímetros de distância, principalmente logo depois que tinham acabado de dar uns amassos, sentiu como se estivessem fazendo algo errado.

— Tudo bem, pai! — respondeu, tentando soar calma e contida. Depois encarou Jay por tê-la feito gritar.

Ouviram o som do caminhar de seu pai, que se afastava, e Violet notou que

até os passos dele eram suaves e discretos.

Fez-se um longo silêncio quando ficaram sozinhos novamente. Palavras que precisavam ser ditas, e algumas que talvez não, eram como fogos invisíveis a explodir no espaço vazio entre os dois.

Jay cedeu primeiro.

Ele estendeu a mão e pegou a dela, prendendo-a com firmeza entre as dele.

— Olhe só, Violet, não sei exatamente como dizer isso, mas não quero que nada de ruim aconteça com você. Acho que não conseguiria suportar se alguma coisa, *ou alguém*, a machucasse. — O tom de voz ainda era firme e teimoso, apesar do sentimento doce por trás. Ele apertou a mão dela, no entanto… com firmeza, como se enfatizasse o argumento. — Eu sei que é egoísta, e não me importo que seja, mas não vou ficar parado e permitir que você corra perigo, mesmo que *seja* para capturar um assassino. — Ele soltou um pouco os dedos palpitantes de Violet, e sua voz ficou toda rouca e áspera outra vez. — Não posso perdê-la — explicou, dando de ombros, como se aquelas não fossem as palavras mais lindas que ela já tivesse ouvido. — Não agora, que finalmente a tenho.

Ela sentiu lágrimas se formarem em seus olhos e piscou com força, tentando contê-las. Estava completamente dominada pelo que tinha acabado de descobrir… percebeu antes mesmo que ele terminasse de falar. Sabia exatamente o que ele *não* estava dizendo enquanto passava o sermão sobre segurança.

Ele a amava.

Jay Heaton, seu melhor amigo desde a infância, estava *apaixonado* por ela. Não disse, mas ela sabia que era verdade.

E a parte que mais a assustava, a parte que a pegou totalmente desprevenida, foi que ele não estava sozinho nisso. Porque, mesmo que negasse havia muito, *muito* tempo, aquele sentimento sempre estivera ali… aguardando logo abaixo da superfície da amizade deles. E agora fora exposto, não tinha mais volta.

E era tão estranho até mesmo pensar no assunto, mas…

…*ela estava apaixonada por ele também*.



CAPÍTULO 19

Foi mais uma noite sem descanso para Violet, mas dessa vez não teve nenhuma relação com Jay. Bem, isso não era totalmente verdade, teve alguma relação com ele, mas havia outra coisa que perturbava seu sono. Algo que a deixara inquieta… abalada… aquele sexto sentido de que algo não estava certo em seu mundo. E, apesar de não fazer ideia do que isso podia significar, tinha aprendido a não questionar sua intuição.

Mas lutou bravamente, virando e rolando, e se ajeitando ao cair no sono e acordar. Tinha cochilado; tinha certeza de que tirara algumas sonecas aqui e ali, porque tinha sonhado. Foram sonhos segmentados e incompletos, extremamente insatisfatórios, interrompidos antes mesmo de começar, mas sonhos, ainda assim.

Foi somente após seu despertador digital indicar que eram sete da manhã, o que para Violet era dolorosamente cedo, que ela relutantemente abandonou a batalha contra o sono, rendeu-se ao fato de que estava acordada — *bem acordada* — e finalmente saiu da cama.

Deveria estar em êxtase. Era o final de conto de fadas com o qual somente poderia ter sonhado há alguns meses. Não só tinha contido um assassino, utilizando habilidades que mais ninguém possuía, mas também, e finalmente, tinha Jay só para si. Nada de dividi-lo com as outras garotas da escola.

E, ainda assim, em vez de exultante, sentia-se muito cansada. Mesmo a possibilidade de tirar o fôlego de ver Jay novamente tinha pouco impacto sobre seu baixo nível de energia. Tinha certeza de que ele era metade da razão de ela estar exausta.

Quando ele foi embora na noite anterior, depois de passarem horas se conhecendo novamente, de maneiras como nunca tinham feito, era quase meia-noite, e ela estava completamente esgotada. Sentia-se como se, no dia anterior, tivesse passado por um espremedor… ao menos em termos emocionais.

Isso não significava que ela quisesse pular a parte de encontrar Jay; aliás, provavelmente era a única parte do dia que Violet *não* queria pular. Só significava que estava exausta.

Tomou banho antes de descer, torcendo para que isso pudesse restaurar suas energias, e restaurou… um pouco. Antes de descer já se sentia quase humana outra vez.

A mãe e o pai estavam à mesa. Tio Stephen também.

E se Violet achava que estava esgotada, aquilo não era nada, se comparado à aparência do tio. Seus olhos tinham contornos vermelhos e os círculos profundos sob eles eram enormes e escuros. Ficou com os olhos lacrimejantes só de olhar para ele, tão envelhecido e cansado.

Segurava um copo descartável, que só podia estar preenchido com o café mais escuro e horrível que alguém poderia consumir e ainda ser considerado líquido. Era assim que o tio gostava da bebida: preta nível delegacia de polícia.

— Oi, tio Stephen. — Ela o cumprimentou cheia de curiosidade, puxando uma cadeira à mesa. Queria fazer um milhão de perguntas sobre o ocorrido no dia anterior, mas, pela cara do tio, resolveu que seria melhor esperar para ver por que ele tinha ido ali. Duvidava de que aquela fosse uma cortesia, ou uma visita social, considerando que a única coisa que deveria estar visitando agora era a própria cama.

Ele lhe acenou com a cabeça, mas não disse nada de imediato, e, pelo olhar estampado no rosto, e as sobrancelhas erguidas na direção do pai, era óbvio que ele estava transferindo ao pai a responsabilidade de explicar a visita surpresa daquela manhã.

De repente aquele sexto sentido incômodo que esteve brincando com ela durante toda a noite a mordeu e não queria soltar.

Alguma coisa estava errada.

Violet olhou do tio para o pai, depois para a mãe, que certamente ainda estava magoada devido à mentira que ela lhe contara… coisa que odiava mais que qualquer outra no mundo, principalmente quando vinha da própria filha. Balançou a cabeça para a filha, informando-a com um olhar cansado de que não fosse até ela em busca de ajuda, não daquela vez. Então Violet olhou novamente para o pai. A tensão era quase palpável.

Quando o pai finalmente falou, seu comportamento geralmente calmo estava rígido e hostil.

— Seu tio passou a noite na delegacia. Desde ontem à tarde estão reunindo todas as informações que conseguem para amarrar o máximo de pontas soltas possível. Não querem cometer nenhum erro nesse caso, então estão sendo muito

meticulosos.

— Arrã… — disse Violet, informando ao pai que ele estava demorando muito para chegar ao ponto. — E uma confissão? — perguntou, direcionando a pergunta ao tio. — Ele admitiu alguma coisa?

O tio Stephen fez que sim com a cabeça, com olhos turvos.

— Tudo. Ele confessou ter feito todos os tipos de coisas horríveis com aquelas pobres meninas. Confessou mais do que perguntamos. Aparentemente, ele faz isso há anos, por todo o estado. — Ele olhou para o irmão como se pedisse permissão para prosseguir, e quando o pai assentiu em aprovação, o tio soltou a bomba em sua direção. — Ele até confessou ter matado a menina que você encontrou.

Violet ficou confusa. Claro que ele tinha matado a menina que encontrara; soube disso no instante em que vira o brilho oleoso no dia anterior no bosque.

O olhar no rosto dela deve ter dito o que estava pensando, pois o tio esclareceu:

— Não, Violet, não a do lago. A outra menina. A que você encontrou quando tinha oito anos, no bosque, perto do rio. Foi sua primeira vítima. Ele nos contou que quando ela foi encontrada tão rapidamente, ficou assustado. Achou que tivesse feito um trabalho melhor em escondê-la. E provavelmente tinha feito mesmo. Não tinha como saber que uma menina de oito anos, com um talento para encontrar cadáveres, acabaria por localizá-la, enterrada lá. Contou que quando ela foi encontrada decidiu se afastar de casa para encontrar vítimas, então durante anos procurou meninas em todos os condados, menos no nosso.

Violet não sabia ao certo qual pergunta deveria fazer primeiro, então escolheu a que parecia mais óbvia, a que mais incomodava.

— Então, *onde ele mora?*

Viu a mãe estremecer do outro lado da mesa, fechando o roupão e apertando-o na cintura, como se fugisse de um calafrio fantasma. Violet olhou de volta para o tio.

— Mora aqui em Buckley. Bem, nos arredores da cidade. Tem mais ou menos uns vinte acres de terra entre Buckley e Enumclaw. Viveu lá durante quase toda a vida — explicou o tio Stephen. Em seguida, como se estivesse irritado consigo mesmo por não ter encontrado o assassino antes, acrescentou: — Debaixo dos nossos narizes.

Violet entendeu por que a mãe parecia tão abalada. Era perto. *Perto demais*.

Mas depois de ter visto o homem ontem, Violet sabia exatamente por que ele não precisava se incomodar em se mudar de um lugar para o outro, por que não se preocupava com a possibilidade de alguém desconfiar dele. Poderia morar em

qualquer lugar. Era invisível. Ou era como se fosse. Comum. Sem destaque. Normal… ou ao menos *aparentemente normal*. Não havia nada na aparência simples do homem que o fizesse se destacar. Não havia nada em sua fachada inofensiva que pudesse levantar suspeitas ou provocar alerta.

— Então, se ele já confessou, por que você está aqui? — perguntou Violet. Era a segunda pergunta mais óbvia em que conseguia pensar.

Mais olhares foram trocados sobre sua cabeça. Desejou que simplesmente despejassem tudo.

Até que o fizeram. Depois, desejou que retirassem o que tinham dito.

Dessa vez foi o pai.

— Precisam de você outra vez, Violet. O tio Stephen está aqui para pedir sua ajuda.

— *Por quê*? Vocês o pegaram. Ele confessou. Não me parece que haja qualquer problema. — Olhou em volta da mesa. — O que mais pode haver?

O tio tomou mais um longo gole do líquido negro e espesso que chamava de café antes de responder. Jogou a cabeça para trás e olhou para o teto por um momento.

— É a menina — finalmente admitiu, abaixando o queixo de novo e esfregando os olhos que não estavam simplesmente vermelhos, mas pareciam quase sangrar. — Nós exumamos o corpo de onde você disse que estava e já conseguimos identificá-la.

— A menina da festa de sexta-feira? Mackenzie Sherwin, certo? — perguntou Violet, finalmente achando que tinha compreendido a conversa.

— Não, Vi — corrigiu a mãe, falando com ela pela primeira vez desde que Violet chegara ontem. Esticou o braço sobre a mesa e apertou a mão da filha. Seus olhos estavam começando a se encher de lágrimas. — Era Hailey McDonald. — Sua voz falhou.

Violet sentiu como se tivesse acabado de levar um soco na barriga. Não que não tivesse suspeitado que Hailey estivesse morta; era apenas que, por alguma razão, ouvir as palavras de fato e saber que *ela* própria estivera tão próxima do corpo da menina morta era simplesmente *muito, muito* horrível. Hailey era alguém que conhecia.

— Tudo bem… — Violet lutou para manter a coerência das palavras. — … Então não entendi ainda. Por que vocês precisam de mim, se ele confessou?

— Porque ele confessou todos os crimes, e mais, mas não confessou nada a respeito de Mackenzie Sherwin — o tio explicou, exaurido. — Se recusa a assumir responsabilidade por seu desaparecimento.

— Talvez não tenha sido ele — sugeriu Violet, como se tivesse sido a primeira a pensar nisso. — Talvez ela realmente tenha saído vagando pelo bosque e se perdido. Talvez ainda esteja viva.

Ele balançou a cabeça.

— Ele está mentindo — insistiu o tio. — Não sei por quê, mas ele está mentindo a respeito dela. Acho que ele sabe exatamente onde está, e não quer que a gente descubra. Acho que estamos deixando passar alguma coisa, alguma coisa importante, mas não sei dizer o quê. Já emitimos um mandado de busca à propriedade dele e tentamos oferecer acordos em troca da localização da menina. Ele alega não saber, mas ele não vale porcaria nenhuma. Desculpe-me, Vi.

Normalmente o som do tio xingando teria feito Violet rir; soava tão estranho e artificial saindo de sua boca. Era a única pessoa que parecia mais desajeitada que seu pai quando xingava. Já a mãe, por outro lado, tinha boca suja e mal tentava disfarçar seu amor pelos palavrões. Mas agora não era hora e não tinha graça.

— Talvez ele não tenha tido chance de movê-la para algum lugar. Nós queríamos levá-la até a casa dele, para ver se você consegue, sabe… *sentir*… alguma coisa lá. Talvez nos ajudasse a encontrar Mackenzie.

Violet olhou para ele com olhos arregalados e, sem piscar, disse o que todos já sabiam.

— Você sabe que só posso encontrá-la se ela estiver morta.

* * *

Não havia um plano real quando chegaram à casa do assassino, mas Violet sabia o que esperavam dela. Estava lá para procurar ecos.

Sentia-se à vontade com a habilidade que possuía desde pequena. Até aceitava o fato de acidentalmente ter esbarrado em dois corpos humanos ao longo da vida. Três, contando o de Hailey McDonald. E definitivamente não se esquivara de procurar o assassino quando achou que pudesse ajudar.

Mas isso…

Isso era diferente. Era macabro.

Estava propositalmente procurando uma menina morta. Não seria casual… não seria uma descoberta aleatória.

Havia apenas alguns oficiais no recinto e todos estavam ocupados demais fazendo outras coisas, procurando pistas e reunindo provas, para ao menos notarem sua presença. Violet foi atrás do tio, permitindo que inicialmente ele a

conduzisse pela casa, que era pequena, escura e suja, e depois o guiou enquanto caminhavam pela extensa propriedade, dividida em diversos pastos por cercas baixas de madeira. O pai seguia logo atrás.

Era estranho estar ali… saber que estava nos mesmos lugares em que um assassino estivera. Ver onde ele comia, descansava e morava.

Parou diversas vezes, sentindo ecos antigos desbotados e enfraquecidos pela passagem do tempo. Violet tinha certeza de que não eram nada… pelo menos nada que interessasse à polícia. Podia apenas presumir que gatos caçaram ratos, coiotes mataram galinhas e homens abateram gado. Pelo menos eram essas algumas razões que podia imaginar para encontrar ecos em uma fazenda.

Mas o tio marcou cada um dos locais de qualquer forma, com uma bandeira laranja cravada no chão. Não começariam a cavar até depois que ela tivesse partido. Era uma das muitas exigências feitas pelo pai no plano. Ela deveria entrar e sair o mais rápido que pudesse, e o mínimo de pessoas, mesmo os oficiais do tio, deveria estar ciente de que ela estivera lá.

Violet sabia, antes de terem acabado de procurar, que Mackenzie Sherwin não estava lá. Ela teria notado, com tanta clareza quanto soube que ouviria os sinos de Brooke, ou veria o arco-íris brilhante e oleoso: estaria fresco e forte.

Se Mackenzie estivesse morta, estava em outro lugar.



CAÇADO

De onde estava podia ver a fachada deteriorada da velha casa da fazenda. Já vira aquela casa centenas de vezes. Mas daquela vez — hoje — a examinava com olhos diferentes.

Ficou longe do alcance visual, assistindo enquanto os policiais iam e vinham, tirando fotos, marcando evidências e carregando caixas corrugadas de dentro da casa, levando-as para os carros. Aquela casa, a que tinha visitado tantas vezes, tinha se tornado uma cena de crime. Ou, pelo menos, parte de uma investigação criminal.

Ainda não entendia em que tinham errado, ou como tinham sido pegos. Bem, talvez ele *não tivesse sido pego de fato, mas o efeito era tão catastrófico quanto isso para ele.*

Foram contidos… ele e o parceiro.

A onda perfeita de crimes acabara.

Então observou e esperou, para certificar-se de que não haveria como o ligarem àquela confusão.

Não ficou completamente surpreso ao ver o chefe de polícia chegar em seu carro particular, comum. O carro podia trazer a inscrição "policialzinho ridículo" na lateral, de tão evidente que era. Mas não foi a presença do chefe que chamou sua atenção; foi o sedã comum que vinha logo atrás. Na verdade, foi a passageira dentro do carro que o deixou alerta.

Já a vira antes… a menina bonita da equipe de buscas do dia anterior.

Ele a havia notado nos bosques, admirando, mesmo ali… sua juventude… sua inocência, enquanto toda a comunidade procurava por uma menina que jamais seria encontrada. Pelo menos não viva.

Se tivessem estado ali sozinhos, só ele e a menina, sem todos os trabalhadores de resgate e voluntários, as coisas poderiam ter acabado de um jeito muito diferente.

Ficou paralisado no lugar enquanto a observava, uma habilidade que tinha aperfeiçoado após anos de treinamento militar, pesquisando e analisando a cena à frente.

Tinha descoberto depois, após o encontro casual com a menina, que era a sobrinha do chefe Ambrose. E, até aquele instante, não tinha pensado a respeito de que ela estava presente quando descobriram seu parceiro, enquanto ele ficava parado exatamente onde tinha sido instruído a ficar, certificando-se de que ninguém verificasse aquele ponto de perto.

E cá estava ela outra vez. Estranha coincidência.

Observou enquanto ela conduzia o chefe de polícia e um homem que ele presumiu que fosse seu pai, e os três falavam calmamente entre si. Viu que o chefe Ambrose marcava os pontos que ela indicava.

Isso era errado, havia algo de errado no fato de ela estar presente ali hoje. E seria mesmo coincidência sua presença ontem também? Ela sabia de alguma coisa, mas como? Como poderia saber qualquer coisa… e ainda estar viva para contar a história?

Não tinha certeza, mas não podia se arriscar. Já tinham capturado seu parceiro; não podia permitir que o encontrassem também. Sabia o que precisava fazer.

Precisava contê-la. Silenciá-la. De uma vez por todas.

Era a única maneira de se manter seguro. Seria o único jeito de permanecer livre para caçar novamente.

A sobrinha do chefe teria de morrer.



CAPÍTULO 20

A manhã seguinte foi estranha para Violet. Estava nervosa por ter de ir à escola. Até se levantou e verificou o site do colégio, torcendo para que as aulas tivessem sido canceladas devido à descoberta do corpo de Hailey McDonald e ao ainda inexplicado desaparecimento de Mackenzie Sherwin durante o fim de semana.

Não teve essa sorte, e Violet sabia que a escola estaria cheia de orientadores educacionais, enquanto tentavam acalmar os nervos expostos de um corpo estudantil que sofria a perda não de uma, mas de duas de suas integrantes.

Mas não era por isso que estava nervosa.

Estava ansiosa por ver Jay novamente. Na escola. Na frente dos amigos. E na frente dos não amigos, dentre os quais Lissie e Grady definitivamente estavam incluídos.

Violet não via Jay desde sábado à noite. Ele tinha ligado para ela no domingo, para avisar que iria com a mãe para a casa dos avós, a duas horas de distância. Então hoje de manhã Violet não sabia ao certo o que esperar. Torcia um pouco para conseguir manter em segredo essa nova relação dos dois, pelo menos por um tempo… até poder entender tudo na própria cabeça. Mas não fazia ideia do que Jay tinha em mente.

Foi estranho para ela parar na entrada da casa de Jay naquela manhã, da mesma forma que havia feito incontáveis outras vezes. Viu a porta se abrir, mas, em vez de Jay, foi a mãe dele que pôs a cabeça para fora e começou a acenar animadamente para Violet. Jay passou pela mãe, que sorria de forma conspiratória para Violet, e praticamente ignorava o próprio filho.

Violet retribuiu o aceno, sentindo-se acanhada. *Ela sabe*, pensou. *A mãe do Jay sabe*.

Jay não tinha qualquer intenção de permitir que ela guardasse segredo.

O leve frio na barriga que sentira durante toda a manhã tornou-se um agito

violento.

Jay entrou, casual como sempre, e chutou a mochila para fora do caminho dos pés. Esticou-se para trás no assento e sorriu para ela.

— Pronta? — perguntou, como se sentisse a hesitação de Violet, e provocando-a por isso.

Ela se encolheu um pouco em sinal de derrota e colocou o carro em marcha a ré.

— E eu tenho escolha? — tentou não fazer beicinho, mas o fez.

Ele riu e pegou o queixo de Violet com a mão de forma afetuosa, acariciando-o com o polegar. Em seguida lançou um sorriso fulminante para ela.

— Não no que depender de mim — respondeu, rindo.

* * *

A escola foi exatamente como Violet esperava que fosse: estranha. Não era o melhor nem o pior dia de sua vida. Apenas *estranho*.

Jay cumpriu a palavra, decidindo não esconder nada. Começou assim que saltaram do carro, quando deu a mão para ela e se recusou a soltar, mesmo quando Violet tentou puxá-la para se livrar. Ele ignorou os protestos silenciosos e segurou firme, sorrindo mais para si próprio que para ela, e entrou no colégio desfilando exatamente daquele jeito.

Não que nunca tivessem andado de mãos dadas antes, pois já o tinham feito. Mas isso era completamente diferente, e Jay estava determinado a deixar que todos soubessem. E caso alguém tivesse dúvidas quanto ao que as mãos dadas realmente significavam, ele resolveu a questão plantando um grande, porém muito satisfatório, beijo na boca de Violet, bem no meio do corredor. Violet não tentou se afastar; aliás, ficou espantada por constatar que estava se inclinando para ele, querendo mais e não se importando — pelo menos não naquele instante — com quem poderia vê-los juntos.

Infelizmente a pessoa em questão foi Chelsea. Chelsea, dentre todos os outros, junto com Claire, que surgiu naquele momento inoportuno.

— Ora, ora, ora — disse Chelsea em um tom *nada* inocente. — Veja o que temos aqui, Claire fofa: o velho Jay e a Violet. — O sorriso manifesto estava impresso na voz. — Só que, e me corrija se eu estiver errada, isso me parece um pouco mais do que simplesmente amigável, você não acha?

— Eu nunca beijo meus amigos desse jeito — respondeu Claire, séria e espantada, sem perceber o sarcasmo.

A resposta de Jay foi puxar Violet para perto, envolvendo os braços na sua cintura. Violet se encolheu.

Chelsea virou a cabeça para Claire.

— Só queria provar que estava certa.

Claire pareceu confusa.

— Certa sobre o quê?

— *Sério, Claire?* Que a Violet e o Jay estão namorando, agora. — Desviou o olhar da pobre Claire confusa e voltou-se, regozijando, para o casal à sua frente. — Já não era sem tempo, aliás. Acho que todos vão agradecer por acabarem com nosso sofrimento. Eu, por exemplo, já estava de saco cheio de ver os dois apaixonadinhos se consumindo um pelo outro. Sério, já estava nojento!

Ela agarrou Claire pela manga do casaco confortável e a puxou pelo corredor, para o primeiro tempo de aula. Violet assistiu em um silêncio espantado, processando tudo o que Chelsea dissera, enquanto Claire obedecia ao comando da amiga.

Jay decidiu que era sua vez de provocar.

— Você se *consumiu* por minha causa? — ele perguntou, com sorriso tolo e tudo.

Violet bateu no braço dele.

— Cale a boca! — balançou a cabeça. — Tenho certeza de que era de *você* que ela estava falando.

A falta de surpresa de Chelsea sobre a notícia que se espalhava de Violet e Jay estarem namorando era praticamente igual à de todo o mundo, só que a maioria das pessoas tinha a decência de guardar para si os comentários. Aparentemente, a única que não esperava era Violet, e isso incluía Jay, que alegou que *eles* — como um casal — era algo inevitável.

A única coisa que tirava um pouco da atenção do novo casal era o fato de que quase todos os colegas de turma falavam sobre a morte de Hailey McDonald e o desaparecimento de Mackenzie Sherwin. Mas a maior notícia do dia, o comentário que ofuscava quase todas as outras coisas, tratava-se da captura do homem responsável pela morte de tantas meninas.

Isso não significava que as pessoas não tivessem notado Violet e Jay. Definitivamente receberam uma boa cota de interesse alheio. Mas foi somente na hora do almoço que Violet ficou desconfortável e ciente da quantidade de atenção que estavam recebendo.

Grady facilitou as coisas, ficando longe em todos os possíveis pontos de encontro. Ela não sabia ao certo se ele a estava evitando, ou, mais

provavelmente, evitando Jay. Mas, assim como costumava ficar esperando e abanando o rabo para Violet, agora estava notavelmente ausente. Por sorte.

Mas Lissie Adams não ficaria de fora, sem ser notada. Ao contrário de Grady, que tinha todos os motivos para se sentir envergonhado, Lissie estava obviamente irritada por ter sido preterida por Jay. E não era difícil perceber que culpava Violet.

Violet estava sentada à sua mesa de sempre no almoço, com Claire e Jules. Chelsea e Jay ainda não tinham aparecido, e Violet estava sendo bombardeada por perguntas de Claire sobre como ela e Jay tinham ficado. Ela queria detalhes, cada um deles. Violet fez o que podia para mudar de assunto, o que não era especialmente difícil quando falava com Claire, sempre muito mais interessada em falar sobre si mesma que sobre qualquer outra pessoa. Mas, infelizmente, Jules não iria liberá-la tão facilmente, e, em vez de permitir que Claire fosse distraída pelos desvios de Violet, ela trazia Claire de volta para o assunto.

— Então, Violet, o Jay beija bem? — perguntou Jules.

— É — suspirou Claire. — Aposto que ele beija bem. Não beija?

Violet encarou Jules, que estava tendo dificuldades em engolir o sanduíche enquanto ria.

— O que eu perdi? — perguntou Chelsea enquanto se sentava perto de Jules, praticamente empurrando Claire para fora do caminho. Claire mal percebeu.

Jules respondeu por elas.

— A Violet estava prestes a nos contar se o Jay beija bem. — Ela sorriu para Violet com os dentes cheios de pão.

— Acho que *eu* gostaria de ouvir a resposta a essa pergunta. — A voz atrás de Violet parecia uma lâmina cega arranhando-lhe as costas.

Violet fechou os olhos, tentando decidir como deveria lidar com aquilo. Finalmente vestiu o melhor sorriso falso e se levantou para encarar Lissie Adams e sua "melhor amiga" cachorrinha, que vivia atrás da garota. Lissie olhava fixamente para Violet.

— Oi, Lissie — suspirou Violet, na falta de alguma coisa mais inteligente que dizer, enquanto esperava para descobrir o que a menina mais velha queria com ela.

Não teve de esperar muito. A máscara perfeita de Lissie tinha se partido, e ela estava praticamente destilando veneno em Violet.

— Você se acha melhor que eu? Pois não é. E só porque você conseguiu convencer o Jay a levá-la ao Evento de Boas-vindas, fazendo *Deus sabe o quê*, isso não a faz melhor do que você era na semana passada.

Chelsea se levantou de onde estava.

— Vá se ferrar, Lissie. Quer falar alguma coisa para a minha amiga, então vai falar para mim também. Você pode tirar seu traseiro lipoaspirado daqui, ou podemos resolver isso lá fora.

Violet levantou a mão para conter Chelsea antes que as coisas piorassem.

— Tudo bem, Chels, ela pode dizer o que quiser. — Então olhou novamente para Lissie, que continuava a encarar Violet como se quisesse estrangulá-la. — Não tentei *roubar* seu par, Lissie. É que… — ela hesitou, tentando encontrar as palavras certas. — É complicado comigo e com o Jay. — Não foi exatamente suave como gostaria que tivesse sido. — De qualquer forma, sinto muito se tiver estragado o Evento de Boas-vindas para você, mas você não pode realmente achar que é culpa *minha*.

Lissie abriu a boca, mas depois pareceu congelar no lugar, e um sorriso perfeito tomou o lugar da expressão vil. Violet não precisava de suas "habilidades especiais" para perceber, pelo olhar insípido de Lissie, que Jay tinha chegado e estava atrás dela.

A voz dele soava enganadoramente casual.

— Oi, Lissie. — Estava tão perto de Violet, que praticamente encostara nela.

Lissie de repente pareceu insegura, algo a que provavelmente não estava acostumada, e virou a cabeça para o lado, com a voz cheia de flerte artificial.

— Oi, Jay. Eu e a Violet falávamos sobre a festa.

Jay teve o bom senso de soar como se sentisse remorso genuíno.

— É, sobre isso, sinto muito, Lissie.

Lissie balançou a mão no ar, dispensando o pedido de desculpas.

— Não seja bobo. Já disse que não tem problema. — Inclinou-se para a frente e pareceu se esquecer de que Violet estava ali. Sua voz se tornou rouca e veio carregada de malícia. — Como eu disse, fica para a próxima. — Deu um sorriso sedutor sobre o ombro de Violet, para onde Jay estava, em seguida se afastou, balançando os quadris de forma provocante.

Violet enrijeceu. Em seguida se encolheu. Detestou a pontada de ciúme que sentiu.

Jay, o leitor de mentes, sussurrou a seu ouvido:

— Não se preocupe com ela. Se não fosse uma vaca, talvez eu tivesse ficado com pena. Mas, no geral, ela facilitou as coisas.

Violet sorriu, em seguida, relaxou, saboreando o calor do corpo dele nas suas costas.

— Meu Deus, detesto esse tipo — Chelsea murmurou enquanto Violet se

afastava de Jay para se sentar outra vez.

O restante do almoço transcorreu de forma tranquila, mas Violet ficou ainda mais ciente de que *curiosidade* não era o único interesse que ela e Jay despertavam naquele dia. E que Lissie não era a única que parecia abalada pelo fato de eles serem um casal. Começou a notar pequenos olhares, às vezes pouco sutis, de outras meninas ao redor. Iam de inveja a raiva amargurada e passavam por todas as outras espécies de emoções. Violet provavelmente deveria ter se sentido desconfortável com todas as vibrações negativas lançadas em seu caminho, mas não estava. Como poderia, quando, todas as vezes que olhava para Jay, e ele estava sorrindo para ela, com mais que uma dose singela de desejo nos olhos, pequenos raios passavam por Violet como ondas elétricas de choque?

* * *

Quando não estava com o pensamento em Jay, Violet se consumia de frustração de que ainda não havia respostas para o desaparecimento de Mackenzie Sherwin. E, apesar de não ser torturada pelos mesmos desconfortos físicos que a levaram ao encontro de Carys Kneer — a menina do lago —, era assombrada pelo pensamento perturbador de que Mackenzie ainda estava em algum lugar. E de que ninguém sabia se viva ou morta.

Enquanto isso, Violet se calejava ao longo do dia, à medida que se tornava imune aos sussurros de fofoca e às flechas sutis — e às vezes não tão sutis — lançadas em sua direção pelas outras meninas, que invejavam seu novo *status* de namorada de Jay.

Fez o melhor que podia para evitar um encontro acidental com Lissie, ou alguma de suas “dançarinas de apoio”, como Chelsea chamava as louras que a seguiam durante o dia. Mas até quarta-feira a fofoca era a de que Lissie já tinha outro par para a festa, e que *ela* tinha dispensado *Jay*, não o contrário.

Jay não parecia se importar com o que ninguém dizia e deixou bem claro para todo o mundo com quem ele realmente queria ficar.

Por outro lado, Violet ainda não tinha lidado com Grady. Ele parecia evitá-la como se ela fosse a peste negra. Enviou mais algumas mensagens de texto pedindo desculpas, e Violet respondeu a elas, informando-o de que, apesar de achar que ele tinha agido como um babaca, ela não guardaria rancor. O que não disse era que Jay ainda estava com raiva. Mas Grady provavelmente sabia disso, e esse era o motivo por que estava lhe dando o máximo de espaço possível.

Ela e Jay estabeleceram uma boa rotina: escola durante o dia, depois fazer o dever na casa de Violet. E, é claro, “fazer o dever” significava dar amassos no

quarto de Violet até ambos ficarem tensos de frustração e terem de dar um tempo um para o outro, apenas para recuperarem a sanidade. Era então que o *verdadeiro* dever de casa era feito.

Violet ficava esperando que os pais notassem quanto tempo estavam passando no quarto e dissessem alguma coisa, mas isso nunca acontecia. Não que achasse ruim; a ignorância dos dois significava que ela e Jay podiam continuar com as atividades extracurriculares sem interrupção.

Mas, na tarde de terça-feira, após cerca de uma hora de "estudo", a mãe de Violet bateu à porta.

Violet se levantou subitamente, sem querer que a mãe entrasse e os visse entrelaçados, Jay se levantou da cama, o mais silenciosamente possível, e Violet correu para a porta, abrindo-a para ver a mãe do outro lado, com o telefone à mão.

— A mãe do Jay quer falar com ele.

— Hum, obrigada, mãe — resmungou Violet, pegando o telefone e tentando não soar incrivelmente culpada. Torceu para que o cabelo bagunçado não entregasse o que estavam fazendo.

A mãe de Violet lançou um olhar curioso a ela, e Violet teve certeza de que a mãe finalmente diria alguma coisa, mas depois pareceu mudar de ideia, e os deixou sozinhos novamente.

Violet entregou o telefone a Jay, que parecia surpreendentemente recomposto, considerando que tinham quase perdido os privilégios de porta fechada.

Isso já havia acontecido uma vez quando tinham oito anos e a mãe de Violet entrara no quarto e os encontrara brincando de "eu mostro o meu se você mostrar o seu", o que, àquela altura, consistia em Violet mostrar a Jay o peito achatado feito panqueca. A mãe de Violet entrara quando ela estava com a camisa puxada para cima da cabeça. Não chegaram a avançar o suficiente para que ele mostrasse o dele.

Violet ouviu a parte de Jay da conversa e soube, mesmo antes de desligar, que ele teria de ir para casa. A mãe precisava de ajuda.

Jay não se incomodou em explicar, sabia que não precisava, apenas se levantou e atravessou o quarto, puxando-a o mais perto possível, e beijando-a com um carinho desmedido… que provocou uma paixão pouco comedida. Ela acabou se segurando na camisa dele, só para manter o equilíbrio. Qual era o problema dela?

Ele disse que voltaria se pudesse e então saiu. Sua ausência era quase tangível, e Violet sentiu saudade praticamente de imediato, depois se repreendeu

por ser *uma daquelas garotas*. Sabe, aquelas que não funcionam sem os namorados, e que, quando não estão junto com eles, não sabem falar de outra coisa. Era nojento, para falar a verdade, e Violet definitivamente não queria se juntar ao clube.

Não tinha muito dever de casa — dever de verdade — e decidiu que poderia ser uma boa hora, sem ter nada melhor que fazer, para dar uma corrida. Afinal de contas, não tinha tirado vantagem da liberdade recém-adquirida desde a captura do assassino. Olhou para o lado de fora para se certificar de que não tinha começado a chover, sempre uma possibilidade no noroeste do país, e decidiu ir em frente, tirando a calça jeans e colocando calças de jogging e um moletom. Refez o rabo de cavalo, que estava completamente bagunçado depois de ter passado a última hora rolando na cama com Jay, e calçou o tênis de corrida.

Parou no estúdio da mãe para dizer aonde ia, revigorada pela ideia de um pouco de ar fresco e exercício, principalmente após passar as últimas semanas trancada.

Então, saiu pela porta da frente, em direção à conhecida trilha, satisfeita — pelo menos por enquanto — pelo fato de a mãe de Jay ter ligado chamando o filho.



CAÇADOR

Não podia acreditar na própria sorte.

A sobrinha do chefe estava saindo de casa. Totalmente sozinha.

Tinha passado vários dias observando-a, esperando por uma oportunidade em que estivesse sozinha, mas a chance não viera. Dia após dia, sempre havia alguém com ela. O namorado parecia não sair de perto, e quando saía, os pais estavam em casa.

Já tinha começado a ficar irritado… então aquilo… um momento de sorte.

Foi atrás dela, mantendo-se próximo às árvores, onde se camuflava melhor, longe da vista da menina. Manteve uma boa distância, sem querer assustá-la. Pelo menos não por enquanto, enquanto ela ainda estava tão perto de casa… próxima de quem a poderia ajudar. Precisava isolá-la, afastá-la de qualquer segurança, depois atacaria, eliminando-a.

Seus pés treinados se moviam furtivamente, silenciosamente, e, apesar do ritmo firme da garota, não tinha dificuldades em acompanhá-la.

Sentia-se completamente estimulado por estar caçando novamente.



CAPÍTULO 21

Violet colocou os fones de ouvido e apertou o botão do iPod até encontrar a música que queria. Foi fácil alcançar um ritmo, apesar das semanas que tinham passado desde sua última corrida. O tempo estava razoável, apesar da falta de limpidez no ar e da assustadora camada cinzenta de nuvens, que não era nada promissora. Mas, pelo menos por enquanto, a chuva estava contida, e Violet não desperdiçaria uma tarde decente.

Observou os pés se moverem com firmeza sobre o terreno de cascalhos até assumirem um ritmo uniforme. Ela se percebeu perdida na música enquanto corria, inspirando e expirando de acordo com a cadência das passadas.

Não estava surpresa por não conseguir ver a montanha; as nuvens baixas obscureciam qualquer traço que pudesse existir, e manchavam completamente a imagem do céu. Abaixou-se sob o toldo de árvores, seguindo o rastro que já percorrera tantas vezes, e curtindo a sensação da umidade ameaçadora do ar contra sua pele.

Então alguma coisa de repente invadiu sua sensação de calma. Ela parou a música e escutou.

Era estranho quando um eco vinha até ela, principalmente quando não era um eco audível, como agora. Não que não pudesse *ouvi-lo*, podia… de alguma forma. Mas era menos um ruído que uma sensação. Um grito agudo quase ao alcance de seus ouvidos… mais como uma ressonância, uma vibração sombria, que um barulho de fato.

De qualquer forma, estava ali. E era claro e forte. E definitivamente estava perto.

Seu primeiro pensamento foi o de que haveria um corpo por perto. A intensidade não lhe explicava tanto *o que* era, mas sim *quando* poderia ter sido deixado para trás. Tirou os fones do ouvido e desacelerou, em seguida parou enquanto decidia qual seria a melhor maneira de lidar com aquilo. Pensou em

tentar localizar o eco, ali, naquele instante, mas a possibilidade de descobrir mais um corpo — outra menina, talvez até Mackenzie —, sozinha, era um pouco mais que alarmante para Violet. Suas reações prévias não tinham sido bons indícios de como poderia lidar com aquilo.

Por outro lado, conhecia aquela trilha de cor e poderia facilmente retornar, se quisesse ajuda. Olhou ao redor, para certificar-se de que sabia exatamente onde estava, e decidiu voltar.

Virou e começou a correr novamente, dessa vez mais devagar, com os sentidos aguçados, e esforçando-se para se manter em contato com o chiado estridente, quase inaudível.

Isso se provou mais fácil do que imaginava.

Aquilo a seguia.

Seu peito apertou e os batimentos cardíacos duplicaram quando Violet olhou em volta. Correu um pouco mais rapidamente, concentrando-se no eco, mais que nunca.

Estava se movendo, definitivamente, aproximando-se dela, mesmo enquanto deveria estar se afastando.

Então percebeu. Não era um eco. Era uma marca. O que significava que não era um corpo que estava sentindo. Era um predador.

Seu primeiro pensamento, além do de chegar a sua casa mais rápido, foi de que se tratasse de algum animal. Coiote ou lobo… talvez até um urso que tivesse capturado seu cheiro quando ela entrou na floresta. Mas, o que quer que fosse, aproximava-se com rapidez, e Violet estava desesperadamente assustada com a possibilidade de não sair viva do bosque. Encontrava-se muito longe de casa.

Precisava encurtar a distância, apesar de isso significar deixar a trilha. Mas estava sendo caçada agora, sabia disso com uma certeza que não poderia explicar, e não tinha muita escolha. O espaço entre ela e o predador desaparecia rapidamente.

Virou levemente para a direita, saindo da trilha claramente demarcada e entrando em um mar de samambaias verdes e moitas que pareciam crescer a cada centímetro do chão. Urtigas pontudas espetavam a base de sua calça com os espinhos cortantes, e ela teve de levantar os pés mais alto, buscando fugir dos obstáculos no caminho. Mas a adrenalina a envolvera, juntamente com o reflexo de lutar para sobreviver. Sentia-se como se suas vias respiratórias estivessem mais limpas e amplas, e seus passos se tornaram mais fáceis, ao invés de mais difíceis.

O que quer que a seguisse naquele bosque, vinha logo atrás.

Violet podia ouvir a própria respiração ofegante, forte a cada passada,

enquanto se concentrava em achar o caminho. Olhou para trás, rapidamente, mas não viu nada. Mas sabia que não deveria confiar somente nos olhos. Estava lá. Não tinha nenhuma dúvida de que a coisa a seguia.

Então tropeçou, não completamente, não caiu no chão, mas se desequilibrou… muito. Ao atingir o chão com o joelho, no mesmo instante em que abriu as mãos para se apoiar, em caso de queda, virou a cabeça, levemente para a direita… e foi então que viu a coisa. Ou melhor, *ele*.

Recuperou o equilíbrio mais rapidamente do que imaginava ser possível, e, antes que pudesse pensar no que fazer, virou instintivamente para a esquerda e correu o mais depressa que pôde. O problema era que agora ela estava correndo para *longe* de casa. Mas, naquele instante, não importava; a única coisa que importava era escapar do homem que a perseguia… *caçando-a.*

Tentou não se prender muito a detalhes, concentrando-se em aonde deveria ir e em como escaparia. Mas a imagem do homem, perseguindo-a naquele instante, era assombrosa. Estava vestido com roupa camuflada, que para Violet mais se parecia com uniforme militar que de caçador. Até o rosto estava pintado de verde-exército e havia tinta preta ao redor dos olhos. Mas a parte mais perturbadora, e mais alarmante, era a marca que trazia em si.

Era um assassino. E estava atrás de Violet.

Ouviu os passos apressados no chão logo atrás de si, enquanto ele desistia de ser discreto e reservado. Soavam como trovão. Ela correu o mais rápido possível pelo solo emaranhado, sob a coberta de árvores altas.

Ouviu o rio e sabia que se aproximava de seu curso. Mas isso era ruim… muito, muito ruim. Significava que ia para o lado errado, e o rio, na melhor das hipóteses, seria a pior espécie de bloqueio, prendendo-a entre a água e o homem que a perseguia.

Ao longe, outro som penetrava seu estado de terror. Tentou escutar, mas desapareceu rápido demais, antes que tivesse chance de identificá-lo.

Passou pelos galhos que a atacavam, chicoteando-a no rosto e nos braços. Sentia-se grata pelos pés encontrarem lugares firmes que pisar, apavorada de que a qualquer momento pudesse tropeçar novamente e perder qualquer vantagem que tivesse adquirido fugindo do homem que tentava alcançá-la. Mas estava começando a ficar cansada e sem ar, e o pânico tornava cada vez mais difícil pensar com clareza.

O som estava ali outra vez, agora mais alto. Era notoriamente diferente do chiado estridente irradiado pelo predador, mas, mesmo assim, não conseguia decifrá-lo.

Desviou para evitar o cedro enorme em seu caminho, e ouviu os passos

pesados, quase ensurdecedores, do homem que vinha logo em seguida. Virou-se novamente, torcendo para que pudesse utilizar a árvore entre eles para despistá-lo.

Dessa vez, quando ouviu novamente, sabia o que era. Uma voz soou pelo bosque denso. Sentiu uma ponta de esperança, apesar de ainda estar longe demais para que ela entendesse as palavras, ou para identificar quem gritava.

Sem pensar, gritou de volta, o mais alto que podia com o peito se contraindo muito, praticamente apertando a garganta e a bloqueando em razão do pânico.

— *SOCORRO! SOCORRO!* — gritou o mais alto que pôde, mas o som saiu rouco e desarticulado. Não poderia ficar esperando para ver se alguém tinha ouvido.

O dedão do pé atingiu alguma saliência no chão, e Violet se machucou, mas não o bastante para que perdesse velocidade. Não sabia por quanto tempo mais poderia seguir naquele ritmo, ou mesmo se seria o suficiente para mantê-lo afastado. Seus pulmões queimavam com a ardência do esforço, e a dor na lateral do corpo se intensificava.

A voz veio novamente. Mais alta, bem mais alta, agora. Podia ouvir as palavras… e reconheceu de quem era.

— *Vi-o-let!* — ouviu a voz de Jay chamando-a. — *Vi!*

Queria chorar de alívio, sem nem sequer saber ao certo se deveria *estar* aliviada por ouvi-lo. Talvez a presença dele só significasse que o assassino em sua cola fosse carregar do bosque mais duas marcas naquele dia. Mas não pôde deixar de saborear um instante de puro deleite ao ouvir o som daquela voz.

— *Aqui!* — ela gritou. — *Estou aqui!*

Um grupo de árvores se encontrava no caminho. Violet desviou entre elas, até sentir o ombro bater com força em um dos troncos enraizados. O que praticamente lhe arrancou o ar. E dessa vez tropeçou, perdendo muita velocidade. Tentou recuperar a velocidade, sem olhar para onde ia ao atravessar um conjunto de árvores e arbustos, e, ao perceber que tinha chegado à borda de uma costa íngreme que levava ao rio, era tarde demais.

A queda foi longa, e dura, e tão rápida, que Violet só enxergou o borrão verde, marrom e cinza em um dos lados, e as águas geladas e distorcidas do rio no outro. Sentiu o tornozelo torcer ao atingir o chão. Atingiu-o com uma batida surpreendentemente alta que forçou cada partícula de ar para fora de seu corpo. Sua cabeça doía, apesar de não saber se a tinha batido ou não. Sentia seu corpo exaurido e derrotado.

Abriu os olhos, brevemente, esperando ver o homem camuflado que a perseguia, tirando vantagem de sua incapacidade para finalmente alcançá-la e matá-la. Olhou para o lugar de onde tinha caído e não viu ninguém.

A marca desaparecera.

Quando as pálpebras se tornaram pesadas demais para que ela as mantivesse abertas, permitiu que se fechassem novamente.

E sonhou.

Com Jay.



CAPÍTULO 22

Quando acordou, Violet estava confusa, desorientada, com a estranha sensação de acordar em uma cama que não era a sua e ter de se esforçar para lembrar onde havia dormido.

Só então teve certeza de não ter dormido na parte de trás de uma ambulância.

Os detalhes de como tinha chegado lá eram difíceis de ser compreendidos por ela e pareciam fragmentos de um sonho — ou alucinação — montado em partes incompletas.

Lembrava-se de ter corrido…

E de ter sido perseguida.

E de uma voz que chamava por ela.

Tentou se sentar, apenas para descobrir que estava presa em uma maca, com o pescoço imobilizado por um aparelho imenso a seu redor.

Lembrava-se de ter caído, uma lembrança mais evidente pela dor no tornozelo. Ela garantiu ao paramédico que a acompanhava que o pescoço estava bem, mas ele insistiu em que ela ficasse parada, e em que ela podia implorar quanto quisesse, que nada poderia fazê-lo mudar de ideia.

— Como vocês me encontraram? — Violet finalmente perguntou, desistindo da ideia de que ele fosse soltá-la.

— Um garoto ligou, disse que era seu namorado. Vem vindo logo atrás. — Ele acenou com a prancheta para as portas traseiras do veículo, como se Violet pudesse enxergar alguma coisa além delas. Claro que não podia; estava presa a uma maca. — Acho que ele pensa que as sirenes são para ele também.

Violet fechou os olhos. *Jay* tinha *estado lá, não havia sido um sonho, afinal. Tinha ido à procura dela*. Não se permitiu pensar no que poderia ter acontecido se não fosse por ele.

O alívio tomou conta dela, insulando-a na certeza de que estava segura

agora. Manteve os olhos fechados e se concentrou no som das sirenes, para tentar se esquecer da dor latejante no tornozelo.

Sentiu-se envergonhada por toda a atenção que atraiu quando a ambulância chegou à emergência do hospital. Jay a encontrou do lado de dentro, e não saiu de perto de Violet, segurando-a pela mão em silêncio — de modo consolador — durante todo o processo de triagem, em que foi liberada dos cintos que a prendiam. E quando finalmente foi levada para um quarto no qual havia longas cortinas penduradas que separavam um leito do outro, Jay puxou uma cadeira para perto.

Pegou sua mão com as dele e tocou os lábios nas pontas dos dedos de Violet.

— Você está bem? — ele perguntou finalmente, parecendo respirar pela primeira vez desde que Violet o vira.

Sentiu-se culpada por deixá-lo tão atordoado.

— Estou bem, de verdade. Acho que só torci o tornozelo um pouco. Não é nada. Assim que meus pais chegarem, podemos ir para casa.

Detestava estar no hospital. Já sentia diversas marcas pairando a seu redor. Duvidava que aqueles que as carregavam fossem assassinos, exatamente, mas Violet tinha certeza de que ecos também se prendiam àqueles que administravam doses letais de analgésicos… mesmo quando isso era feito para permitir aos condenados uma morte mais pacífica.

A mãe de Jay era enfermeira e carregava uma marca desbotada. Violet jamais tinha perguntado a Jay nada sobre aquilo, mas quando contou para a própria mãe, ela lhe disse que às vezes era difícil demais ver alguém sofrendo na hora da morte.

— O que você fazia tão longe da trilha, Vi? — Jay continuou a acariciá-la ternamente.

Não respondeu. Não era uma pergunta que quisesse discutir ainda — principalmente com Jay. Fez a ele uma pergunta.

— Achei que sua mãe precisasse de você. Por que você voltou?

Não contou a ele quão agradecida se sentia por ele ter voltado. Nem por quê.

Foi distração suficiente para mantê-lo ocupado por um instante.

— Ela só precisava que eu abrisse o carro. Tinha trancado as chaves do lado de dentro, e a cópia estava comigo. Mas quando voltei para sua casa, sua mãe disse que você tinha ido correr. Eu fui tentar encontrá-la, para voltar andando com você, talvez segui-la por trás dos arbustos por alguns minutos. — Ele sorriu para ela antes de ficar sério outra vez. — Depois eu a ouvi gritar, pedindo ajuda… e, droga, Violet, isso me assustou um bocado. Como foi que você caiu? O que você estava fazendo perto do rio?

Então Violet ouviu os pais, antes de vê-los, e a chegada caótica dos dois a salvou de ter de responder às perguntas de Jay. Podia ouvi-los no posto de enfermagem do lado de fora da porta, indagando sobre o estado da filha, ainda questionando uma das enfermeiras ao arrastarem-na para dentro do quarto com eles.

Violet garantiu aos pais — assim como tinha feito com Jay — que estava bem. Que tinha sido só uma queda, alguns hematomas e arranhões, nada com que se preocupar. E mesmo assim ninguém parecia acreditar.

Após uma bateria de exames e uma tentativa humilhante e malsucedida de se levantar sozinha foi enviada para a radiologia, para que fizessem uma radiografia de seu tornozelo direito. Quando o tio Stephen chegou com a tia Kat, Violet já estava pronta para fugir. Mas duvidava de que pudesse chegar longe.

Por outro lado, o tio era *exatamente* a pessoa que queria ver naquele momento. Estava ganhando tempo, até poder contar a ele o que realmente tinha acontecido. Mas, agora que ele estava ali, não sabia ao certo como começar. Então esperou pelo momento certo.

Ele afagou o cabelo da sobrinha ao entrar, todo tio e nada policial. Violet gostava muito mais do tio que do chefe de polícia; ele tinha herdado o senso de humor da família, enquanto o pai tinha sido premiado com as entradas no cabelo e as habilidades incríveis com números.

— Nossa, Vi, você não precisava quebrar a própria perna para fugir de ter de ir à festa com o Grady Spencer! Um simples “não” teria bastado, tenho certeza.

Aparentemente ninguém tinha percebido que Jay mal tinha soltado sua mão por um instante que fosse. Seu polegar agora alisava sua palma, e ele respondeu ao comentário provocante sem tirar os olhos de Violet por nenhum segundo.

— Ela não vai à festa com o Grady — anunciou, dando um sorriso travesso para ela, e por um instante Violet se esqueceu de como se respirava. Torceu para que jamais se acostumasse com a capacidade que um simples olhar de Jay tinha de transformá-la em uma completa idiota.

— Sério? — perguntou a tia Kat, estreitando os olhos ao olhar de Violet para Jay, depois para as mãos entrelaçadas. Claramente não iria permitir que o comentário passasse ileso. — Por quê? — perguntou, e sua voz estava cheia de significados ocultos.

Stephen Ambrose olhou curioso para a mulher, um pouco lento na percepção, o que era triste, na verdade, considerando que fazia parte de seu ofício procurar pistas e resolver mistérios.

Jay respondeu a Kat, sem hesitar.

— Porque ela vai comigo. — Ele deu uma piscadela para Violet, cujas

bochechas tinham adquirido um tom escarlate brilhante. Ela não tinha certeza de estar pronta para aquilo.

Violet viu a mãe e a tia Kat trocarem olhares significativos.

Sabiam, ela percebeu. E agora o tio também.

Tio Stephen lançou a Jay o melhor olhar *estou-de-olho-em-você*, mas um rápido "hum" foi o único ruído que emitiu.

A quanto constrangimento uma pessoa poderia sobreviver?

Fez-se um instante de silêncio desconfortável, tornado ainda mais desconfortável devido à recusa de Jay de olhar para qualquer coisa que não fosse Violet. Ele esticou a mão e passou o dedo na bochecha da garota. Violet quase se esqueceu de se importar com o fato de que todos no quarto estavam olhando para eles.

O tio Stephen limpou a garganta, e Violet se sobressaltou.

— Então, o que foi exatamente que aconteceu, Vi? — de repente o chefe de polícia estava de volta ao quarto com eles.

Violet contraiu os lábios. Não sabia exatamente por onde começar, mas sabia que precisava ser dito.

— Bem — ela começou —, eu saí para correr. — Pausou para morder o lábio, tentando organizar as palavras. — Então, pensei, sabe, *ter ouvido* uma coisa. Um eco.

— Jura? — perguntou o tio. — Você acha que era um corpo… uma *pessoa*? Você parou?

Violet balançou a cabeça.

— Não, não era isso, exatamente. — Repreendeu-se por ser tão covarde, mas tinha medo de como todos reagiriam se soubessem que ela havia sido perseguida — e quase capturada — por um homem que obviamente estava atrás dela. — Eu… não era um corpo. — *Diga logo de uma vez!* — Era um homem.

As palavras não tiveram o impacto que esperava, e percebeu pelos olhares perdidos de todos que teria de explicar.

— Alguém estava me seguindo — começou e finalmente conseguiu a completa atenção de todos. Antes que pudessem bombardeá-la com perguntas, prosseguiu. — Era um homem, e ele carregava uma marca. Foi assim que descobri sua presença. Estava escondido, com roupas camufladas, para que eu não pudesse enxergá-lo, e ele… me seguia enquanto eu corria. — Ela parou para respirar, sentindo-se um pouco tonta agora que estava no meio da explicação. — Quando notou que eu o tinha visto, começou a me perseguir. Soube que precisava sair da trilha para voltar mais rápido para casa, mas acabei tendo de

me virar e correr em direção ao rio. — Olhou com gratidão para Jay, com lágrimas se formando nos olhos. — Foi quando ouvi você me chamar.

Violet levantou o olhar. Todos observavam seu tio, que andava de um lado para o outro. Parecia imerso em pensamentos. Não era exatamente a reação que ela esperava dele.

— O que foi? — o pai de Violet perguntou ao irmão.

Stephen não hesitou.

— Sabia que estava faltando alguma coisa — foi a única explicação que deu.

— Faltando *o quê*? — a mãe de Violet cercou o cunhado como uma mãe ursa protetora. — Se você sabe de alguma coisa, conte-nos… agora! — exigiu.

O tio parecia dividido, mas a obrigação familiar acabou vencendo.

— Ouça, Maggie, eu nem deveria falar sobre isso. Estamos no meio de uma *investigação de assassinato*, e as coisas que descobrimos são confidenciais. Poderia comprometer o caso simplesmente por discuti-lo com vocês. — Ele suspirou, depois que disse isso, e prosseguiu. — Mas estamos seguindo uma pista baseada em uma prova que encontramos na casa do suspeito. — Violet achava estranho que ele fosse chamado de "suspeito" quando ela sabia exatamente o que tinha feito, o que ele tinha *confessado* ter feito, com aquelas meninas. Até onde sabia, ele era o *assassino*, não o suspeito.

O tio prosseguiu:

— Estava torcendo para que estivéssemos errados, mas parece que pode ser verdade, afinal. — Balançou a cabeça, como se ele mesmo tivesse dificuldades de acreditar. — Estávamos começando a desconfiar de que ele não agia sozinho, que podia ter um parceiro. — Levantou a mão quando o pai de Violet estava prestes a interrompê-lo. — Já sei o que você vai dizer, mas até agora era mais especulação que fato. Não fazíamos ideia de quem pudesse ser esse cúmplice, ou mesmo se *havia* de fato algum cúmplice. Meus detetives estão investigando registros telefônicos e seguindo todas as pistas que aparecem, mas a maioria não deu em nada. Convocamos a equipe forense do FBI para examinar o computador do suspeito. Mas até agora, nada.

— Até agora — desafiou Jay.

— Até agora — concordou, ignorando a acusação nas palavras de Jay. — Sinto muito, Violet. Se houvesse alguma possibilidade, *qualquer possibilidade* de que eu achasse que alguém pudesse ir atrás de você, jamais teria guardado essas suspeitas para mim. Apenas alguns homens estão trabalhando nessa vertente do caso.

— Então, por que a Violet? Como essa… *pessoa*… saberia que Violet estava envolvida? — Agora era Kathryn Ambrose quem criticava o marido.

Ele deu de ombros.

— A questão é essa… não faço ideia. Poderia ser apenas uma coincidência, mas duvido. E, se não for, se de algum jeito ele sabe sobre Violet, então precisamos encontrá-lo. Depressa. — Parecia decidido.

Quando o médico entrou com a alta de Violet, explicou que uma torção grave como a dela poderia levar semanas, talvez meses para se curar adequadamente, e que ela precisaria poupar o pé o máximo possível. Uma das enfermeiras envolveu a atadura até o ponto em que Violet achou que os dedos dos pés podiam não estar recebendo circulação de sangue o suficiente. Seus pais receberam uma receita médica para alguns analgésicos e para um anti-inflamatório extraforte para o inchaço. E Violet foi medida para receber muletas adequadas, que sempre soam divertidas quando se é criança, mas que na verdade machucam as axilas e fazem seus músculos queimarem devido ao esforço constante.

O tio estava ao telefone, ordenando que houvesse vigilância permanente na casa de Violet. E Violet podia sentir as paredes se fecharem a seu redor, entre a presente inabilidade de andar sozinha e a sufocante vigília, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana… *e não só pela polícia*, pensou, ao ver os rostos preocupados dos pais já superprotetores, ela podia sentir que seu mundo se encolheria. Tinha acabado de escapar de uma quase prisão, e agora estaria em confinamento solitário, num presídio de segurança máxima.

Jay sorriu de forma a encorajá-la, absorvendo o olhar de horror no rosto de Violet, e ela quase podia ler sua mente, enquanto ele imaginava os dois trancados juntos até que o maníaco que a caçara no bosque finalmente fosse capturado.

Ela concluiu que, se tivesse que ficar isolada, o isolamento com Jay talvez não fosse tão ruim assim.



CAPÍTULO 23

Apesar de ouvir as palavras reconfortantes repetidas pelos pais, pelo tio, e até por Jay, Violet sentia dificuldades de acreditar que estava segura. Tentaram lhe garantir que não havia meios de o sujeito do bosque saber que ela participara da localização de suas vítimas — ou da captura de seu parceiro. Que ele tinha chegado a ela como o fizera com as outras meninas, de forma simples e aleatória. E que ela só estivera no lugar errado, na hora errada.

As medidas extras de segurança eram simplesmente para evitar que ele voltasse.

Então ela se convenceu de que tinham razão, principalmente porque desse jeito era mais fácil sobreviver aos dias. Ter Jay por perto também ajudou.

O fim de semana passou em paz, e depois de tudo o que acontecera, Violet apreciou a calmaria.

O dia após o incidente no bosque foi uma sexta-feira, e Violet ficou em casa, mantendo o tornozelo para cima, com gelo. Jay foi para a escola relutante, mas só porque a mãe o obrigou, e Violet ficou sozinha. Bem, sozinha com a mãe e um policial armado que patrulhava a frente da casa.

Sua intenção era usar o tempo livre para ler. Tinha vários livros que queria ler, mas, em vez disso, ficou esparramada no sofá, cercada por travesseiros e cobertas, e passou horas trocando os canais, assistiu a *Judge Judy, The People's Court, Maury* e *Jerry Springer*, e encerrou a tarde com *Dr. Phil* e *Oprah*. No geral, o dia foi um desperdício completo. Até a aula acabar.

Jay apareceu depois da escola com um buquê de flores e um monte de DVDs Violet não ligou a mínima para ambos… *ele* era tudo o que ela queria. Não conseguiu conter a animação quando ele entrou, dando um sorriso tolo, como se não a visse há semanas, e não horas. Ele a levantou do sofá e a colocou no colo enquanto se sentava onde ela estivera até há poucos instantes. Teve o cuidado de colocar o tornozelo dela na pilha de travesseiros ao lado.

Ele se recusou teimosamente a conter o afeto por ela, e se Violet não o conhecesse, poderia jurar que ele não estava medindo esforços para deixá-la constrangida na própria casa. Felizmente os pais de Violet estavam dando espaço para eles, pelo menos por enquanto, e ficavam sozinhos quase o tempo todo.

— Sentiu saudades de mim? — ele perguntou insolentemente enquanto tocava de forma gentil os lábios dela com os dele, sem se incomodar em esperar por uma resposta.

Ela sorriu enquanto retribuía o beijo, adorando a sensação no estômago que sempre sentia quando ele estava tão perto dela. Ela pôs o braço em volta do pescoço dele, esquecendo-se de que estavam no meio da sala, e não na privacidade do quarto.

Ele se afastou dela, sério, de repente.

— Sabe, não conseguimos passar muito tempo sozinhos ontem. E não consegui dizer…

Violet estava estarrecida com o timbre grosso da voz de Jay. Mal ouviu as palavras, estava concentrada na leve masculinidade do tom.

— Acho que esperei demais para finalmente ter você, e ontem… quando… — ele parou, aparentemente perdido, e em seguida tentou uma abordagem diferente. Sua mão acariciou a bochecha de Violet, despertando uma reação dentro dela. — Não consigo imaginar uma vida sem você — ele disse, beijando-a carinhosamente na testa, acariciando-a com seu hálito caloroso. Hesitou pensativamente por um instante, antes de falar outra vez. — Eu amo você, Violet. Mais do que um dia eu pudesse imaginar. E não quero perdê-la… não *posso* perdê-la.

Foi a vez dela de parecer insolente ao olhar para ele.

— Eu sei — falou convencida, dando de ombros.

Ele a sacudiu de brincadeira, mas a segurou para que ela não escapulisse.

— Como assim, “eu sei”? Que tipo de resposta é essa? — sua indignação beirava o cômico. Ele a puxou para os braços, de modo que seu rosto estava muito próximo do dela. — Diga! — ordenou.

Ela balançou a cabeça, fingindo não entendê-lo.

— O quê? O que você quer que eu diga? — mas depois ela riu e arruinou o blefe.

Ele a provocou com a boca, inclinando-se para beijá-la, e depois desistindo antes de alcançar seus lábios. Ele chegava perto, mas recuava quando ela correspondia. Ela envolveu o pescoço de Jay com os braços, tentando puxá-lo para perto, frustrada pela armadilha de sentidos.

— Diga — ele sussurrou, o hálito morno no pescoço de Violet.

Ela suspirou, querendo que ele a liberasse do sofrimento.

— Eu também amo você — soltou enquanto se agarrava a ele. — Eu o amo tanto…

Sua boca se aproximou da dela em um beijo exaustivo que deixou ambos sem ar, e querendo mais do que podiam ter. Violet cedeu aos braços dele, tentando começar a pensar claramente e torcendo para que, tão cedo, ninguém entrasse e os visse daquele jeito.

* * *

O fim de semana progrediu mais ou menos da mesma forma. Chelsea foi lá uma vez, para ver como Violet estava, o que foi bastante legal. Às vezes era mais fácil estar com Chelsea fora da escola, quando não havia plateia. Ela trouxe algumas revistas para Violet, tirinhas de carne seca e dois pacotes de chiclete, tudo dentro de um saco de papel… coisas que comprou em uma loja de conveniência no caminho. Era sua versão de um buquê de flores.

Durante o restante do tempo os pais de Violet estavam por perto, mas nunca tão *perto*, deixando Violet e Jay sozinhos quase sempre. Quando ficava tarde, Jay a ajudava a subir para o quarto, para que ela pudesse se deitar; depois voltava para casa, apenas para estar de volta logo cedo. Os pais de Violet concordaram em deixá-lo usar o carro da filha, para que ele pudesse ir e vir sem precisar do carro da mãe.

A única novidade do tio Stephen era que não havia novidade. Não tinha ocorrido nenhum avanço na descoberta do homem misterioso que seguira Violet na floresta. E ela se sentia mal por não poder ajudar a polícia a identificá-lo, pois ele estava com maquiagem camuflada durante a perseguição, e a única informação que podia dar era a de que ele era alto.

Na segunda-feira, Violet não podia mais evitar o mundo real, e era hora de encarar o colégio novamente. Basicamente todo o mundo na escola tinha ouvido falar no que acontecera com ela, apesar de nenhum dos detalhes estar correto, mas Violet não se incomodou em corrigi-los.

Era a Semana das Boas-vindas, o que também significava a *Spirit Week*, a semana mais importante do bimestre de outono. E a fuga perigosa de Violet, que escapara de um agressor desconhecido, perdeu-se nos eventos e nos preparativos do Evento de Boas-vindas, junto com o anúncio embaraçoso da Corte de Boas-vindas e a ansiedade pelo jogo e pela festa no fim de semana seguinte.

Violet teve dificuldades em se manter animada, sabendo que não poderia participar de nenhuma das atividades externas. Não teria permissão para ir ao jogo, e, mesmo que pudesse convencer os pais a deixá-la ir no sábado à noite, não tinha por quê. De muletas, só o que poderia fazer seria se sentar em um canto e assistir a tudo.

Uma pena, porque seu vestido era incrível… e gostaria de ter visto Jay de terno.

Tentou não ficar muito desapontada, o que ficou mais fácil quando a Corte de Boas-vindas foi anunciada e Lissie Adams foi nomeada Rainha, após receber a maioria dos votos do corpo estudantil. Diversas de suas alegres companheiras inseparáveis foram nomeadas "princesinhas de Lissie". Foi o bastante para Violet se sentir mal, e ao mesmo tempo melhor por não poder ir ao jogo, no qual Lissie seria coroada durante o intervalo, nem à festa, em que seria o centro das atenções.

Jay ajudou muito no colégio, e carregava a mochila de Violet enquanto ela mancava do carro para o primeiro tempo de aula. Se ela tivesse permitido, ele provavelmente a teria levado no colo. Nessa situação, ele conseguiu permissão da coordenação para sair mais cedo das aulas, para que pudesse ajudar Violet a se locomover.

No fim do primeiro dia os braços de Violet estavam doendo, e Jay insistiu em fazê-la esperar no meio-fio enquanto ele pegava o carro. A Rainha Lissie surpreendeu Violet ao aparecer do nada assim que Jay desapareceu de vista.

— Oi, Violet — ela disse, e olhou para o tornozelo enfaixado e para as muletas com uma superioridade desdenhosa. — Tem andado muito?

As duas louras de farmácia que estavam com ela riram após a tentativa idiota de fazer graça com o machucado de Violet.

Ela queria limpar o sorriso de superioridade do rosto de Lissie. Mas não conseguia pensar em uma resposta inteligente, então finalmente resmungou:

— Você não deveria estar polindo sua coroa, ou coisa do tipo?

Lissie sorriu docilmente olhando para trás de Violet, acenando com os dedos para Jay enquanto ele encostava o carro próximo ao meio-fio. Seu rosto era o retrato da serenidade, como se não tivesse provocado Violet enquanto ele não estava por perto, mas soltou mais uma provocação baixinho:

— Está com ciúme? — Mas era um pouco difícil se ofender quando passava tão longe da verdade.

Violet não se incomodou em responder, e Jay saltou do carro para ajudá-la a entrar.

Lançou um rápido olhar a Lissie, mal cumprimentando-a ao ajudar Violet

gentilmente a entrar no carro. Só para concluir, e Violet tinha certeza de que foi premeditado, ele lhe deu um beijo longo e doce antes de fechar a porta.

Violet se surpreendeu pela rapidez com que respondeu a seu toque, mesmo que soubesse que tinha sido mais por Lissie que por ela. Mas teve de conter um sorriso triunfante quando viu rapidamente a expressão de ódio da outra, antes de Jay mudar a marcha e deixar Lissie lá, olhando de boca aberta para os dois.

— Desculpe-me — ele disse, enquanto se concentrava em manobrar pelo estacionamento cheio. — Eu fiquei tão preocupado com homens estranhos a perseguindo por aí, que me esqueci de como Rainhas de Boas-vindas podem ser perigosas.

Violet sorriu para ele.

— Tudo bem. Aquele beijo foi um belo toque, aliás. Genial.

— É, pensei na hora — ele riu.

— Talvez você possa me mostrar outra vez… mais tarde — falou brincando.

Ele esticou a mão e apertou a perna de Violet, sem tirar os olhos da rua.

— Gosto de como você pensa, amiguinha.

— Então agora é assim, voltamos ao *status* de *apenas amigos?* — perguntou Violet, erguendo a sobrancelha de forma desafiadora. — Vou me lembrar disso da próxima vez que formos "fazer o dever".

Jay ficou sério de repente, e o tom de sua voz era determinado quando disse:

— Nunca mais seremos apenas amigos outra vez, não se depender de mim. — E depois acrescentou com convicção: — Eu a amo demais para voltar atrás, Vi.

Ainda era esquisito ouvi-lo falar assim. As palavras soavam estranhas a seu ouvido, mas o coração respondia, batendo errante, como se tivesse passado a vida inteira à espera de escutá-las.

* * *

Passaram a noite assistindo a um dos filmes que Jay tinha alugado, abraçados no sofá, enquanto a mãe de Violet preparava uma lasanha congelada para o jantar. Obviamente.

Comeram juntos à mesa, ela, Jay e os pais. Conversaram cuidadosamente, evitando o assunto que pairava assustadoramente sobre todos: a falta de pistas para encontrar o homem que perseguira Violet, que, na verdade preferia assim: *não* conversar a respeito daquilo, quase como se não falar as palavras em voz alta pudesse apagar o que tinha acontecido… ao menos de alguma forma. Ela

sabia que era um pensamento tolo e tentou ignorar o fato de que carregava o dia inteiro uma recordação macabra de quão real tinha sido, enquanto mancava de um lado para o outro.

Tinha medo de organizar as pequenas preocupações em uma inquietação real e articulada. Mas ignorar o problema não o fazia desaparecer, e Violet não podia deixar de imaginar se *ele* ainda estava atrás dela. Era uma pergunta que começara a atormentar seus pensamentos com mais frequência, uma vez que a polícia e até a equipe forense do FBI pareciam não chegar a nenhuma conclusão sobre quem ela vira no bosque naquele dia.

Quando Jay foi embora, Violet desabou na cama em um estado de apreensão exaustiva, tentando se convencer de que suas preocupações não tinham fundamento, de que provavelmente fora uma vítima por estar no lugar errado, na hora errada. Exatamente como todas as outras meninas.

Então, por que Violet não conseguia espantar aqueles pensamentos persistentes, os que pairavam por sua consciência, informando-a de que a presença do homem naquele dia não tinha sido acidental? Por que não conseguia afastar a sensação de que era *ela* o motivo de ele estar sob a escuridão da floresta? De que estava esperando por ela?

Ela se levantou e conferiu a janela, certificando-se de que estava trancada, e olhou para baixo, para ver o policial no carro, encostado no assento, ajeitando-se para seu turno. Ela pulou em um pé só de volta para a cama, depois de tentar fazer um pouco de pressão sobre o pé, apenas para se decepcionar e constatar que ainda não suportava seu peso sem que uma onda de dor fosse enviada pela perna outra vez. Quase caiu em consequência da dolorosa tentativa de ficar de pé.

Ajeitou-se, lutando para sufocar os pensamentos perturbadores que corriam por sua mente, até que finalmente dormiu, e então o tormento passou a dominar seus sonhos. Neles ela era perseguida por um homem tão perigoso, e tão misterioso, que nem o subconsciente conseguia lhe atribuir uma face. A imagem não revelada a perseguiu com vigor implacável, encontrando-a onde quer que se escondesse, enquanto lutava para escapar. A determinação dele não tinha limites.

Violet acordou no meio da noite, com a sensação de que seu peito tinha sido esmagado sob o pânico que a dominava. Ela se convenceu, após checar a janela novamente e constatar que o policial ainda estava acordado do lado de fora, que tinha sido apenas um sonho. Que o perseguidor sem face não poderia ficar assim para sempre, que em breve ele seria pego.

Mas, até que isso acontecesse, Violet sabia que teria medo de fechar os olhos por muito tempo.

* * *

Os dias que se seguiram foram difíceis para Violet. Sentia-se como se estivesse sonâmbula pela escola, e lutando contra o sono a cada noite. Era impossível esconder de Jay seu cansaço, e ele se tornara cada vez mais atencioso, reconhecendo o que a incomodava antes mesmo que ela conseguisse contar.

— Você sabe que vão encontrá-lo, não sabe? — disse certa tarde, finalmente.

— Sei — respondeu, mas mesmo ela sabia que a voz estava animada demais, e a resposta tinha sido rápida demais, para que tivesse sido sincera.

A voz de Jay soou séria quando perguntou:

— Sabe mesmo, Vi? Acho que a está incomodando mais do que você quer admitir. Acho que você está assustada.

Ficou aborrecida por ele ter percebido com tanta facilidade. Achava que estivesse mantendo bem as aparências, apenas para descobrir que vinha sendo completamente transparente. Imaginou se os pais seriam tão perceptivos quanto Jay a respeito de seus medos.

— Eu sei — disse novamente. Dessa vez com a voz carregada de derrota. — Mas não consigo parar de pensar nisso, *nele*. Tive tanto medo, Jay. E se você não tivesse ido me procurar… — ela se interrompeu, sem nem mesmo conseguir imaginar o que teria acontecido lá… sozinha com o predador, à sombra das árvores.

A mandíbula de Jay se contraiu, como se a imagem fosse demais até para ele, mas a voz saiu razoável.

— Eu sei que você está com medo. Mas eles *vão* pegá-lo, e, até lá, eu não vou deixar que você saia de perto de mim. Ninguém vai deixar que nada de mal aconteça a você. — Ele não disse, mas Violet podia ouvir o *outra vez* por trás das palavras dele.

Mas ainda assim se sentia melhor em ouvir as palavras tranquilizadoras de Jay, como se não estivesse sozinha.

— Estou bem. Acho que todo esse isolamento e todas as medidas extras de segurança estão começando a me deixar esgotada. Estou começando a enlouquecer, vigiada o tempo todo. — Tentou explicar seu ânimo sombrio. — Principalmente com o Evento de Boas-vindas. A ideia de ficar sentada aqui, enquanto todo o mundo está lá fora, se divertindo, é um saco.

Ele não reagiu como ela esperava. Tinha esperado um pouco mais de solidariedade, talvez até alguns comentários sugestivos sobre ficarem juntos a sós. O que Violet não esperava era que ele sorrisse. Aquele sorriso lateral, que

lhe dizia que ele sabia alguma coisa que ela não sabia.

— O quê? — perguntou inflexível.

Ele sorriu. Definitivamente estava guardando algum segredo.

— Conte! — ela insistiu, encarando-o.

— Não sei… — provocou. — Não tenho certeza de que você merece.

Ela deu um soco no braço de Jay, por fazê-la implorar.

— Por favor, conte.

Jay riu dela.

— Tudo bem. Eu desisto. Encrenqueira. — Ele fingiu esfregar o braço onde ela o tinha atingido. — E se eu dissesse que… — ele fez uma pausa, e Violet se inclinou mais para perto, ansiosa, enquanto o sorriso torto de Jay iluminava seu rosto — … nós vamos à festa mesmo assim?

Violet ficou sem palavras. Não era nada do que ela esperava que ele dissesse.

— É, sei — respondeu de forma cínica. — Meus pais mal me deixam ir à escola, quanto mais à festa.

— Tem razão, eles não queriam que você fosse, mas conversamos a respeito, e até seu tio Stephen ajudou. O jogo definitivamente está fora de questão; são pessoas demais circulando, e não há restrições à entrada. Mas a festa é na escola, no ginásio. Só os alunos e seus acompanhantes podem entrar, e seu tio disse que já está planejando colocar segurança extra lá. Então, contanto que eu prometa ficar de olho em você… o que farei — a voz sugeriu que a última parte não tinha nenhuma relação com mantê-la em segurança, e Violet sentiu as bochechas ruborizarem em resposta —, seus pais concordaram com sua ida.

Ela olhou para o tornozelo, cheio de ataduras e completamente inútil.

— Mas não posso dançar. — Ficou cabisbaixa.

Ele deslizou o dedo por baixo do queixo de Violet e o levantou, de modo que ela olhasse em seus olhos.

— Não me importo se vamos dançar ou não. Só quero levar minha *namorada* — a ênfase na palavra a deixou arrepiada, e ela sorriu — à Festa de Boas-vindas.

Ficaram daquele jeito, olhando nos olhos um do outro, com significados ocultos passando entre eles, por muitos e eletrizantes minutos. Violet foi a primeira a quebrar o feitiço.

— A Lissie vai estar lá — falou com uma voz sem qualquer ciúme.

Jay balançou a cabeça, ainda olhando intensamente para ela.

— Nem vou notá-la. Não vou conseguir tirar os olhos de você.

Violet ficou feliz por já estar sentada, pois as palavras de Jay a deixaram

fraca e inquieta. O canto de sua boca se ergueu com satisfação.

— Não, se depender de mim, não vai mesmo — ela respondeu.



CAPÍTULO 24

Violet não demorou muito para se acostumar à ideia de ir à festa. Na verdade, mal podia esperar pela noite de sábado.

A sexta-feira passou em um borrão de atividades. Houve uma grande assembleia na escola, que tomou metade da tarde. Todo o time de futebol foi apresentado, com muita vibração e gritos dos estudantes, que assistiam das arquibancadas. Violet desejou mais que nunca que não precisasse perder o jogo, mas entendia muito bem por que não poderia ir. Mesmo assim, era fácil demais se envolver no fervor do espírito escolar.

Quando a Corte de Boas-vindas foi anunciada, Violet sentiu um instante de insegurança. Lissie entrou graciosamente no ginásio, como se tivesse nascido para desempenhar aquele papel. Violet olhou sem sutileza para Jay, imaginando por que ele a teria escolhido, em vez de uma beldade como Lissie Adams.

Mas ele não estava olhando para Lissie. Toda a sua atenção estava focada em Violet, e ele capturou o olhar que ela lhe direcionou.

— Ela não chega nem a seus pés — ele garantiu, em resposta às suas dúvidas silenciosas.

Ela o cutucou levemente com o ombro.

— Cale a boca. — Mas não conseguia conter o sorriso ao dizer isso.

— Parem com isso, vocês. Arrumem um quarto, pelo amor de Deus! — ganiu Chelsea por cima do grito da multidão na arquibancada.

Quando a assembleia acabou, Jay se tornou uma barreira humana entre Violet, que se equilibrava nas muletas, e a multidão de alunos que saía em massa do colégio. No estacionamento buzinas soavam alto e vidros eram abertos, apesar do clima frio de outono, e o ar foi preenchido com berros e gritos de guerra. O jogo daquela noite seria aniquilador.

Jay a levou para casa, onde ela achou que ele fosse ficar até a noite, então Violet se surpreendeu quando, ao chegarem, viu a mãe de Jay, que esperava por

ele na entrada.

— Aonde você vai? — perguntou, tentando não soar chateada demais por ele estar indo embora.

Ele deu de ombros de maneira esquiva, e Violet teve a impressão de que estava sendo evasivo de propósito.

— Preciso fazer algumas coisas. Vejo você amanhã, tudo bem?

Violet tentou esconder a decepção enquanto ele a ajudava a entrar, carregando a mochila sobre um ombro, e mantendo uma mão protetora na lombar dela, caso perdesse o equilíbrio.

Ele se despediu com um beijo, beijou-a outra vez, e mais uma vez. Logo cinco minutos haviam se passado, e a mãe de Jay buzinou.

— Tchau, Violet — ele sussurrou contra sua bochecha, e o desejo fazia sua voz soar mais grossa. — Amo você.

Ainda se sentindo cambalear pelo poder dos beijos de Jay, ela o viu sair.

* * *

A noite sem Jay não tinha sido um desperdício… exceto pela solidão devastadora… e o desejo arrasador de estar no Jogo de Boas-vindas com todos os amigos… e o tédio total.

Iniciou a leitura de um livro que estava planejando ler. Parou. Tentou outro. Desistiu desse também. E finalmente desceu as escadas para ficar com os pais. Quando eles foram dormir, mal passava das dez, e Violet ficou sozinha outra vez.

Deu trabalho, mas finalmente conseguiu arrumar uma vasilha de pipoca de micro-ondas e chegar à sala de estar, desistindo das muletas em algum momento e pulando em um pé só — cuidadosamente — de um cômodo para o outro. Ao chegar novamente ao sofá, estava exausta. Então, quando as batidas começaram, tão fracas que não sabia ao certo se as tinha ouvido, tentou se convencer de que não era nada.

Mas não sumiram. Aliás, tornaram-se mais sonoras, e logo Violet soube que não podia simplesmente ignorá-las. Vinham da porta da frente.

Ficou com um pouco de medo, apesar de ter dito a si mesma que não havia razão. Havia um policial do lado de fora, de frente para a entrada. E seus pais estavam no andar de cima; tudo que tinha que fazer era gritar, e eles viriam correndo.

Finalmente levantou-se, o que não era pouca coisa, e decidiu ao menos olhar

pelo olho mágico antes de decidir se atenderia ou não. Não se moveu com rapidez, por razões óbvias, e as batidas continuaram, em ondas intermitentes, não se tornando mais altas, mas mantendo-se constantes.

Apesar de se tranquilizar, estava com o coração acelerado e a boca completamente seca. Tentou se concentrar em sentir qualquer coisa anormal vindo do outro lado da porta.

Quando finalmente chegou até ela, inclinou-se para a frente e espiou pelo olho mágico.

Jay sorria para ela do outro lado.

Seu coração saltou por um motivo totalmente diferente.

Largou as muletas e rapidamente destrancou a porta.

— Por que demorou tanto?

Ela estava com o joelho dobrado e o tornozelo levantado. Apoiava-se na ombreira da porta.

— Por que você acha, bobão? — respondeu, mantendo a voz baixa para não alertar os pais. — Você quase me matou de susto, aliás. Meus pais já foram se deitar, e eu estava sozinha aqui.

— Ótimo! — exclamou ao entrar e agarrá-la pela cintura, puxando-a para perto, e envolvendo-a com os braços.

Violet riu enquanto ele a segurava, e saboreou cada sensação que o corpo de Jay encostado no dela propiciava.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que não fôssemos nos ver até amanhã.

— Queria lhe mostrar uma coisa! — ele se agitou e acabou contagiando Violet com seu entusiasmo. Ela não podia deixar de sorrir animada, em retribuição.

— O quê? — perguntou sem fôlego.

Ele não a soltou; apenas se virou, ainda segurando-a gentilmente nos braços, de modo que ela pudesse ver o caminho que levava à entrada da casa. A primeira coisa que notou foi o policial na viatura, agora alerta, enquanto mantinha os olhos nos dois. Violet percebeu que era tarde, já passava das onze, e pela expressão no rosto do policial, imaginou que ele estivesse esperando por uma noite quieta, sem grandes emoções.

Então viu o carro. Lindo e lustroso, preto brilhante, e mesmo no escuro refletia a luz como um espelho polido. Violet reconheceu o símbolo do Acura no capô, e, apesar de perceber que o carro não era novo em folha, parecia muito bem-cuidado.

— De quem é? — perguntou admirando-o. Era *muito* melhor que o Honda.

Jay sorriu novamente, e seu rosto brilhava de entusiasmo.

— É meu. Comprei hoje. Por isso tive de sair. Minha mãe teve folga, e eu queria pegar antes… — ele sorriu para Violet. — Não queria ter de pegar seu carro emprestado para ir à festa.

— Sério? — suspirou. — Como…? Eu nem sabia que você estava… — Não conseguia encontrar as palavras certas; sentia inveja e animação por ele, tudo ao mesmo tempo.

— Eu sei, não é? — respondeu, como se ela realmente tivesse feito perguntas coerentes. — Estou economizando desde… *desde sempre*, na verdade. O que você acha?

Violet sorriu para Jay, pensando que ele era perfeito demais para ela.

— Acho lindo — disse com mais sinceridade do que ele entendia. Depois olhou novamente para o carro. — Não fazia ideia de que você estava comprando um carro. Amei, Jay — insistiu, passando os braços no pescoço dele, enquanto ele a levantava, segurando-a como um bebê.

— Ofereceria para levá-la em um *test-drive*, mas acho que o supertira provavelmente me daria um choque com a arma. Então, você vai ter de esperar até amanhã — ele disse, e sem esperar um convite, carregou-a para dentro, fechando a porta.

Ele se sentou no sofá, onde ela estivera sozinha até pouco tempo antes, sem soltá-la. Estava passando um filme na televisão, mas nenhum dos dois prestou a menor atenção na história enquanto Jay se reclinava, esticando-se e envolvendo-a com os braços. Passaram o restante da noite assim, abraçados, com os corpos perfeitamente encaixados, enquanto se beijavam, sussurravam e riam quietos na escuridão.

Em algum momento Violet percebeu que estava caindo no sono, quando seus pensamentos, como sonhos, tornavam-se desconexos, confusos e difíceis de manter. Não lutou contra; curtiu a sensação preguiçosa e arrastada, junto com o calor criado pelo casulo do corpo de Jay, que a envolvia protetoramente.

Estava se sentindo mais segura do que se sentia há dias… talvez semanas…

E pela primeira vez desde que tinha sido perseguida pelo homem no bosque, seus sonhos não foram repletos de monstros.



CAPÍTULO 25

O dia da festa foi como um sonho.

Violet acordou sozinha. Concluiu que Jay provavelmente tinha ido embora em algum momento durante a noite, e ela ficou onde estava, encolhida satisfeita no sofá, deleitando-se no calor deixado por ele.

Ao se esticar e finalmente clarear os pensamentos nebulosos, se lembrou do carro novo de Jay. Ficou animada por ele outra vez, ao trazer de volta facilmente a imagem à memória, o entusiasmo infantil no seu rosto ao exibir o brinquedo novo. Sorriu para si mesma com a lembrança. Mal podia esperar para andar nele, com Jay ao volante.

Mal podia esperar para ir à festa.

Passou boa parte do dia trocando mensagens com as amigas… e forçando-se a *não* ligar para Jay, permitindo que a expectativa se desenvolvesse e crescesse, e o suspense preenchesse seus sentidos de forma tão inebriante quanto um narcótico. Já estava completamente ansiosa quando foi colocar o vestido.

Sua mãe fez diversas aparições, com a câmera na mão, para tirar fotos da filha se aprontando. Parecia ser exatamente o de que precisavam como família: algo que desviasse a mente de todos os eventos trágicos e assustadores das últimas semanas. Até seu pai, que ainda tinha reservas quanto à ida de Violet à festa, não conseguia parar de dizer como ela estava linda quando a mãe o arrastou para vê-la arrumada.

O vestido era bastante simples: um tecido macio e flutuante preto com cintura alta e decote em V. As alças cruzadas nas costas seguravam um tecido que caía em uma onda suave, expondo uma porção generosa de pele desde os ombros até o meio das costas. Prendia-se ao corpo de Violet nos lugares certos, e a bainha quase cobria as sandálias de tira, e por isso Violet sentia-se grata, sabendo que também cobriria a bota feia e inevitável que seria forçada a usar por causa do tornozelo.

O efeito era não só elegante como também dramático.

Violet se sentia uma princesa.

Não uma das do bando de princesas falsificadas de Lissie, mas uma princesa de verdade. De um conto de fadas.

Um conto de fadas muito, *muito* sexy.

A mãe ajudou Violet a prender o cabelo, deixando que alguns cachos pendessem estrategicamente, emoldurando com perfeição o rosto delicado como porcelana. E provavelmente pela primeira vez em toda a sua vida, Violet sentiu-se agradecida por não ter o mesmo cabelo liso de todas as outras meninas. Seus olhos estavam lindos, com um delineador preto e uma camada de rímel que aumentava os cílios e realçava o verde-esmeralda. A cor nas bochechas tinha pouco a ver com a maquiagem, pois estava ruborizada com a animação.

O pai espiou enquanto a mãe estava agachada para ajudá-la a fechar a fivela da sandália, o toque final.

Ele assobiou em sinal de aprovação.

— Estou começando a me arrepender outra vez. Não sei se deveria deixá-la sair de casa assim. — Ele sorriu, mas seus olhos lacrimejavam um pouco, e Violet sabia que o pai a estava comparando com a garotinha que um dia tinha sido.

Seus próprios olhos começaram a queimar, e ela abanou as mãos à sua frente.

— Pare com isso, pai! Você vai me fazer chorar também.

Greg Ambrose respirou fundo e se recompôs antes de anunciar:

— Jay está lá embaixo, esperando.

Com o pai de um lado e o corrimão do outro, Violet desceu as escadas como se flutuasse. Jay estava na base, assistindo, congelado como uma estátua.

O terno preto parecia feito sob medida. O paletó se encaixava perfeitamente em seus ombros fortes, até a cintura. A camisa de linho branco se destacava, em contraste com a lã escura. Ele sorriu, apreciando-a, enquanto a via aproximar-se, e Violet sentiu falta de ar diante da imagem de perfeição que ele representava.

— Você… está tão *linda* — ele sussurrou ao caminhar em direção a Violet, assumindo o lugar de Greg ao lado da filha.

Ela sorriu tímida para ele.

— Você também.

A mãe de Violet insistiu em tirar não menos que cem fotos dos dois, juntos e sozinhos, até que a filha sentisse que os olhos tinham sido permanentemente danificados pela luz do *flash*. Finalmente o pai chamou a mãe, arrastando-a para a cozinha, de modo que Violet e Jay pudessem ter um instante a sós.

— De verdade — ele disse. — Você está maravilhosa.

Ela balançou a cabeça, sem certeza do que dizer, um pouco tímida com o elogio.

— Trouxe uma coisa para você — ele disse enquanto alcançava alguma coisa no paletó. — Espero que não se importe, não é uma flor.

Violet não dava a mínima para ter flores para prender no vestido, mas *estava* curiosa quanto ao que ele trouxera. Observou enquanto ele prolongava o instante muito além do necessário, demorando a revelar a surpresa.

— Trouxe isto no lugar. — Ele puxou uma caixa preta de veludo, daquelas de guardar joias. Era longa e estreita.

Ela engasgou ao vê-lo levantar a tampa.

Dentro havia uma corrente delicada de prata, e, nela, o contorno de um coração prateado, que corria pela corrente.

Violet esticou a mão para tocá-la com a ponta dos dedos.

— É linda — suspirou.

Ele levantou o colar e o exibiu à frente dela.

— Posso? — perguntou.

Violet fez que sim com a cabeça, com os olhos acesos de excitação enquanto Jay colocava a corrente de prata em seu pescoço.

— Obrigada — suspirou Violet, entrelaçando os dedos nos dele e pressionando-os.

Usou as muletas relutantemente para se dirigir ao carro, já que não havia corrimãos nos quais se apoiar. Achava que estavam arruinando o efeito desejado.

O carro de Jay era tão bonito por dentro quanto por fora. O interior era rico, de couro cinzento que parecia manteiga suave. Não fossem alguns pequenos defeitos, poderia ter passado por novo. O motor ronronou e ganhou vida quando ele girou a chave na ignição, coisa que seu carro nunca tinha feito. Rugir, talvez; ronronar, nunca.

Sentiu-se aliviada porque o tio não ordenou uma escolta policial para os dois até a festa. Quase esperara ver uma procissão de viaturas policiais, luzes giratórias e sirenes ligadas na traseira do Acura reluzente de Jay.

Apesar de estar sentado ao volante do carro novo, Jay mal conseguia tirar os olhos de Violet. Seu olhar admirado a encontrava o tempo todo, enquanto ele mal se concentrava na estrada à frente. Felizmente, não precisavam ir longe.

Até o estacionamento da escola tinha uma impressão totalmente diferente enquanto o véu da noite começava a cair em uma cortina escura, permitindo que o brilho distante das estrelas penetrasse na penumbra do céu. Violet podia ouvir

a música que migrava das portas abertas do ginásio enquanto casais desfilavam em direção à festa.

Jay pacientemente conduziu Violet para dentro, mostrando sua carteira de estudante, e ajudando Violet com a dela, para os dois professores que cuidavam da porta e verificavam os documentos. Lá dentro, Violet se surpreendeu. Esperava que seus olhos hipercríticos devorassem tudo e mentalmente rasgassem tudo em pedaços, desde a decoração brega, até o DJ nerd que tentava parecer antenado com o que os jovens gostavam. Até a detestável e desagradável Rainha Lissie.

Deixou Jay conduzi-la até o fotógrafo, um homem de terno barato com um penteado seboso. Tiraram uma foto na frente de um fundo de tule em tons de rosa e vermelho, ladeado por pilares brancos — provavelmente de isopor — que tinham a intenção de parecer gregos e tragicamente românticos. Em vez disso, pareciam tragicamente gastos, como se pudessem sucumbir a qualquer instante pelos anos de uso excessivo. Mas Violet não se importava com nada; mal conseguia respirar cada vez que olhava para o lado, para seu par incrivelmente belo.

Quando acabaram, viram Chelsea e Claire. Na verdade, as duas meninas excessivamente ansiosas vieram correndo para Violet, gritando com a animação em vê-la. Como se não a vissem todos os dias.

— Ai… *meu*… Deus, Violet! Você está *linda*! — disse Claire, e Violet tentou não se ofender com a insinuação de que era difícil que ela ficasse bonita.

Então Jules apareceu com seu par, um menino do último ano de outro colégio, e Violet quase não reconheceu a torre alta, de pernas longas, e avassaladora à sua frente. Jules estava com um vestido preto quase pecaminoso, com uma parte de cima que deixava pouco por conta da imaginação e espaço zero para qualquer tipo de sutiã. Até então, Violet nunca tinha percebido que Jules *tinha* peitos, quanto mais como aqueles.

— Uau! — suspirou Claire, sem conseguir dizer mais nada além daquela única palavra. E, de repente, Violet não se sentiu tão ofendida, pois a transformação de Jules tinha conseguido deixar Claire, a menina que sempre tinha o que dizer, completamente sem palavras.

A música estava alta, e o grave, alto demais, fazendo tudo, do chão ao teto, vibrar. Tinham de levantar as vozes apenas para ouvir uns aos outros.

— É, Jules! — Chelsea disse com a voz carregada de inveja. — Vá embora, você está nos deixando mal. — Ela deu uma piscadela para o par de Jules. — Aposto que você a quer todinha, não quer?

Ele encarou Chelsea espantado e olhou para Jules, pedindo ajuda.

— Ignore — Jules explicou acima do som. — Ela não sai muito.

Chelsea tentou parecer ofendida com as palavras de Jules, mas não conseguiu.

— Só estou falando, Jules, é melhor ele ficar atento hoje, ou eu posso tentar tirá-la dele. — Chelsea adorava jogar a carta potencialmente *bi*, apesar de todo o mundo saber que ela gostava demais de meninos para jogar no outro time.

— Eca! — gritou Claire, que não estava fingindo nem um pouco. Ela detestava quando a conversa desviava demais do caminho hétero e limitado dela. A palavra-chave sendo *hétero*.

— Não se preocupe, Claire fofa — disse Chelsea de forma condescendente. — Não vou tentar ficar com a Jules. — Ela envolveu Claire pela cintura e falou sugestivamente ao ouvido da amiga — É mais fácil eu dar em cima de você.

— *Aiiii*! — ganiu Claire, empurrando Chelsea. — Saia de perto!

— Deixe a Claire em paz, Chels — interrompeu Jules. — Ou vai fazê-la começar com aquele discurso de que era Adão e Eva, e não Adão e Steve. E, sinto muito, Claire, mas nenhuma de nós quer ouvir.

Jay puxou Violet para perto enquanto ouvia as provocações brincalhonas de sempre. Ele colocou o braço na cintura da namorada e deixou seus lábios tocarem na orelha de Violet, provocantes, enquanto ninguém prestava atenção nos dois. Violet queria virar ali mesmo, nos braços dele, e se esquecer de toda aquela *coisa de festa*.

— Ei! — a voz de Chelsea os interrompeu, e Violet deu um salto, percebendo que estavam todos olhando para os dois. — Você me ouviu?

Violet se inclinou para a frente nas muletas, e para longe de Jay, ainda satisfeita com o contato íntimo e próximo.

— O quê? — ela perguntou, tentando focar no que tinha sido dito.

— Eu disse “preciso fazer xixi”. Vamos ao banheiro — repetiu Chelsea, como se Violet fosse alguma espécie de imbecil, incapaz de entender um discurso humano normal.

— Continue assim, Chels, e nenhuma de nós vai dar mole para você — Violet garantiu, brincando.

Chelsea sorriu para Violet.

— Gosto da maneira como você pensa, Violet Ambrose. Talvez você seja minha sortuda eleita da noite. — Em seguida, voltou-se para Jay. — Não se preocupe, eu assumo as rédeas daqui — anunciou Chelsea. Jules e Claire foram atrás.

Violet riu e olhou para ele.

— Já volto.

Jay lançou a Violet um olhar cético, que mais ninguém teria notado, enquanto avaliava as três meninas que estariam prestando assistência a ela. Em seguida, finalmente assentiu.

— Tudo bem, vou mostrar meu carro para esses caras. — Ele estava radiante outra vez. — Vou ali fora, mas não demoro.

Violet fez o melhor que podia para acompanhar o trio à sua frente, mas era difícil, com um salto alto e duas muletas. Finalmente, gritou exasperada para as amigas:

— Se vocês não me esperarem, eu não vou!

As três pararam e se viraram de costas.

Chelsea bateu o pé com a sandália prateada impacientemente.

— Apresse-se, Violet, ou terei de *tirá-la* da minha lista!



À VISTA

Foi fácil encontrá-la, a menina, a sobrinha do chefe Ambrose. Ela era a única menina de muletas na festa.

Estava bonita. Linda, até, pensou desejoso enquanto a examinava. Tinha o ar de uma menina que não fazia ideia de quão sedutora era aos homens deste mundo. Ele gostava disso… da inocência da garota.

Ele a estava observando desde que chegara, mantendo-se distante, caso ela o reconhecesse daquele dia no bosque, quando a perseguira. Ainda não tinha conseguido entender como *ela soubera que ele estava lá. Tinha sido tão cuidadoso, escondendo-se com cautela atrás dela; então, de algum jeito, de alguma forma, ela soube e correu. Mas, mesmo assim, quase conseguiu pegá-la.*

Pelo menos até o namorado aparecer.

Ele sabia, é claro, que ela não tinha visto seu rosto na ocasião. Sabia que ela não tinha a menor chance de conseguir identificá-lo. Se pudesse, já o teria feito. Mas não havia razões para se arriscar… não quando estava tão perto.

Tinha sido difícil esperar, frustrante. Tinha sido forçado a aguardar até que aqueles que a vigiavam cometessem um erro, baixassem a guarda o suficiente para lhe dar uma chance de avançar discretamente.

E lá estava ele. Finalmente.

A festa estava se mostrando mais divertida do que imaginava. Sentia-se como uma criança em uma loja de doces, enquanto meninas adoráveis passavam por ele em tons coloridos de seda e tafetá. Pareciam confeitos de dar água na boca. Só que não poderia ter nenhuma delas.

Só podia ter uma *delas. Bastava ser paciente… e esperar até que ela estivesse sozinha.*

Ninguém ao menos pareceu notá-lo ali, na festa, mal olhando-o uma vez, quanto mais duas. Camuflou-se no fundo, uma figura comum, que mal merecia ser notada.

Era o disfarce perfeito. Fantasiado de si mesmo.

Manteve o olhar fixo nela, em Violet, *na* sua Violet, *tentando não desviar a atenção para outras garotas que desabrochavam, vestidas em corpos de mulher. Podia sentir o cheiro da essência jovial, e aquilo distraía.*

Observou sua garota interagindo com as amigas, brincalhona e despreocupada. Observou o namorado puxando-a para perto, beijando-a no pescoço.

Em seguida a viu sair. Não sozinha, mas ao menos o namorado não estava junto.

Sentiu uma onda de energia passar por ele, e se afastou da parede.

Seguiu na direção das garotas, mas foi cuidadoso o suficiente para manter uma boa distância entre eles.

Mentalmente, se preparou para o que estava prestes a fazer.



CAPÍTULO 26

O banheiro feminino, o mais próximo do ginásio, era um ponto central da atividade festiva, e assim que entrara, Chelsea mudara de ideia quanto a precisar estar lá.

— Vamos. Sei que é mais longe, mas vamos para o que fica próximo aos armários. Provavelmente não tem ninguém lá. — Ela olhou expressivamente para algumas meninas do último ano usando as coroas plásticas de princesas e diminuiu o tom de voz. — A rainha não pode estar muito longe de onde as operárias estão. — E Violet não pôde deixar de rir da analogia tola a abelhas que Chelsea fez, enquanto imaginava Lissie Adams zumbindo com um ferrão na bunda.

Todas concordaram, mesmo sabendo que levariam horas para chegar lá, visto que teriam que esperar por Violet. Mas dessa vez ninguém reclamou.

Chelsea estava certa. O banheiro estava vazio. Mas, mesmo lá, ainda podiam sentir o chão vibrando com a força do grave que vinha do ginásio. Era agradável poderem conversar, apenas elas quatro, principalmente considerando que o *assunto* sobre o qual realmente queriam conversar era o restante das meninas na festa. Assim não precisavam se preocupar com quem estava dentro das cabines, ou quem poderia estar prestando atenção à conversa.

Chelsea, é claro, foi a primeira a se manifestar.

— Muito bem, eu fui a única a reparar em como o vestido da Mimi Nichols a deixa com a bunda *enorme*? Claro que é quase impossível notar, já que aqueles peitos imensos que ela tem estão praticamente pendurados na parte de cima. — Chelsea olhou para Jules e sorriu. — Sem ofensa, é claro — disse, erguendo as sobrancelhas para o peito da amiga.

Claire riu e Jules franziu o rosto em sinal de desgosto pelo comentário provocativo de Chelsea.

— Você só está com inveja — retorquiu, olhando para o peito de Chelsea em

resposta.

— *Touché*, Jules. *Touché*! — admitiu Chelsea.

Claire queria tanto entrar na conversa, mas não tinha talento nenhum para encontrar defeitos nos outros… ao menos não intencionalmente. Mesmo assim, tentou como podia.

— E a Jennifer Cummings? — perguntou em tom de acusação, tentando imitar um dos olhares de Chelsea.

Olharam uma para a outra, imaginando o que não estariam entendendo. Chelsea foi a única suficientemente corajosa para perguntar:

— O que tem ela, Claire?

— Ela não está nem um pouco bonita! — declarou Claire, e seu rosto era uma máscara de horror.

Todos olharam para ela, sem saber ao certo o que dizer.

Em seguida, mais uma vez, é claro, foi Chelsea quem quebrou o silêncio.

— Juro, Claire fofa, vou ligar para sua mãe e dizer que você está precisando andar no ônibus da escola. Você realmente precisa começar a praticar seus comentários maldosos. O que você vai fazer quando não estivermos presentes para salvá-la?

Claire revirou os olhos, desligada demais para se sentir insultada, razão pela qual era a amiga perfeita para Chelsea, que insultava demais para ser desligada.

— Nossa, Chels, eu nem ando de ônibus.

Jules não conseguiu se conter; apesar dos melhores esforços para manter a compostura, começou a rir. E logo todas estavam rindo, até Claire, que ainda não tinha percebido qual era a graça.

— Vocês são tão malvadas! — Violet disparou em tom de acusação. — Será que não podem só se divertir, sem criticar todo o mundo?

Chelsea parecia descontente.

— Você virou boazinha, não virou? Jay a deixou boazinha!

Violet revirou os olhos, sorrindo apesar dos esforços para o contrário.

— Que seja. *Todo o mundo* é bonzinho, em comparação com você.

— Ai! — Chelsea fingiu estar ferida. Mas, novamente, não conseguiu.

Passaram algum tempo se arrumando na frente do espelho, ajeitando o cabelo e retocando o gloss. Violet olhou para o pé enfaixado e tentou mexer os dedos, que pareciam estar presos de forma firme demais. Sua mãe obviamente apertara muito.

Ela se sentou em um banco de madeira preso ao chão… *no caso de algum vândalo colegial como ela resolver fugir com ele*, imaginou. Repousou as

muletas, apoiando-as contra a parede, enquanto cuidava do pé latejante. Imaginou rapidamente se as ataduras poderiam cortar sua circulação. Meio brincando, torceu para que os dedos não caíssem.

— Prontas? — Chelsea perguntou após usar o banheiro, como se agora que tinha acabado, todas devessem ter feito o mesmo.

— Hum… ainda não — disse Violet, abaixada para soltar a faixa do tornozelo. Levantou o olhar para as três melhores amigas, que estavam lindas com seus vestidos maravilhosos, e se sentiu culpada por prendê-las longe da festa por mais tempo. — Podem ir na frente. Vou só ajeitar isso aqui e já vou.

Chelsea não parecia muito certa quanto a deixar Violet para trás, o primeiro traço de humanidade que demonstrava desde o início da noite.

— Não sei…

— Podem ir, só vou levar alguns minutos — garantiu Violet.

— Tem certeza? — perguntou Jules.

— Sério. Estou logo atrás de vocês — falou de maneira convincente.

Violet observou-as saindo antes de voltar a concentrar-se no pé. Desenrolou as ataduras cuidadosamente, respirando mais facilmente ao sentir o sangue circular com mais liberdade. Suspirou alto quando sentiu a última volta da atadura soltar e liberar o tornozelo inchado. Podia ver a marca da faixa na pele. Inclinou-se para trás, permitindo-se apenas um instante para saborear o alívio, deixando que o pé respirasse um pouco.

Ela sabia que precisava ir em frente, antes que Jay ficasse impaciente e decidisse vir atrás dela.

Abaixou-se, de repente grata por não estar presa em um vestido apertado, estilo espartilho, como o que Jules estava vestindo. Honestamente, não achava que conseguiria respirar com aquilo, quanto mais se curvar. Começou a enrolar o tecido elástico, dessa vez dando ao pé um pouco mais de espaço. O banco em que estava começou a vibrar mais intensamente, quando uma mudança de música trouxe mais do grave insuportável, fazendo Violet cerrar os dentes enquanto lutava para se concentrar no que fazia.

Ouviu a porta, mas já estava quase terminando, o último pedaço de atadura já quase onde deveria. Distraidamente alcançou um dos fechos prateados endentados que manteriam o curativo no lugar. Quando a porta abriu, a música se tornou mais alta, assim como os ruídos profundos das caixas de som. Violet presumiu que mais alguém tivesse tido a ideia de Chelsea, de evitar a multidão dos banheiros mais próximos à festa. Não levantou os olhos para ver de quem se tratava.

Mexeu no primeiro fecho, finalmente ajeitando-o, depois esticou o braço

para pegar o segundo, onde o tinha deixado, no banco a seu lado. Seus dedos tatearam, mas não encontraram nada.

Olhou para o banco, mexendo somente os olhos, a cabeça inerte, mas antes que pudesse encontrar o fecho, se distraiu. Uma mão se esticou à sua frente e lhe entregou o fecho.

— Obrigada — ela disse, e ao esticar o braço para pegá-lo seus dedos tocaram momentaneamente a pele quente.

Violet congelou: sua mão pareceu escaldar-se com o breve contato. Mais uma vez, olhou para cima sem mover a cabeça, e engasgou, instintivamente recuando a mão e segurando-a contra o peito.

— Não precisa mais? — a voz masculina grossa perguntou casualmente, como se fosse perfeitamente normal o fato de ele estar com ela no banheiro das meninas.

Violet se levantou, ignorando a pergunta, e o examinou, da cabeça aos pés, absorvendo cada detalhe da roupa… *do uniforme*. Deveria ter se sentido melhor, segura com a presença dele, mas não conseguia… não quando sabia o que sabia; não depois de ter tocado na mão dele e *sentido* o que sentiu.

As vibrações chiadas. As que não tinham nenhuma relação com a batida pulsada que vinha da festa. A mesma ressonância que sentira anteriormente… no bosque onde caíra. No dia da perseguição.

E o reconheceu, não apenas pela marca familiar que carregava, mas também pelo rosto. Apesar de não ser pelo dia em que ele a perseguira, caçando-a como a um animal ferido entre as árvores. Reconhecia-o de outra ocasião, do dia em que ela, com todos os demais moradores da cidade, vasculharam o bosque à procura de Mackenzie Sherwin.

Violet o encontrara naquele dia, pouco antes de localizar o assassino, quando seguia os sinos de Brooke. Era o policial com quem tinha colidido.

Ele ergueu as sobrancelhas enquanto via tudo isso passar pelo rosto da menina. Cada um examinava minuciosamente o outro… ela tentava entender como ele podia ser o assassino, um dos oficiais do tio… e ele tentava entender como ela sabia.

Ele falou primeiro, vencido pela própria curiosidade.

— Como soube? Quando mais ninguém conseguiu, como *você* descobriu?

A boca de Violet ficou completamente seca, enquanto a mente passava por uma dúzia de opções, algumas das quais descartou imediatamente. Correr seria impossível. Gritar seria inútil dali, principalmente com o DJ esforçando-se para estourar tímpanos. O celular estava na bolsa, que estava com Jay, pois era muito difícil carregá-la. Chorar… implorar… suplicar. Todas saídas viáveis.

Então decidiu. *Mentir*.

Fez o possível para parecer confusa, rezando para que ele não soubesse tanto quanto parecia saber.

— Do que você está falando? — estava com a voz trêmula. — Algum problema, oficial?

Ele hesitou pensativo, parecendo considerar as perguntas. Era alto, gigantesco, na verdade, tinha ombros largos como troncos, que faziam parecer que o espaço do banheiro tivesse encolhido. Seu uniforme se esticava sobre o peito. Ele sorriu para ela, exibindo rapidamente os dentes brancos, mas permaneceu em silêncio.

O coração de Violet bateu violentamente. Decidiu tentar um novo ataque, caso ele não soubesse quem ela era.

— Meu tio o mandou aqui? — tentou, nervosa. — O chefe Ambrose?

Ele deu um passo mais para perto de Violet, como se isso fosse possível àquela altura.

— Pode acabar com o teatro. — Ele parou um instante e, em seguida, acrescentou: — *Violet*. — Ele disse o nome de um jeito que sugeria que jamais tivesse tido alguma dúvida; sabia *exatamente* quem ela era. Logo sua voz mudou, sem deixar espaço para nada, enquanto dava ordens severamente. — Pare de brincar comigo. Quem pergunta aqui sou eu. Entendido?

Violet deu um salto. Sentiu-se tonta e começou a tremer, sem conseguir conter o medo que circulava pelo corpo. Assentiu, e estava apreensiva, com os olhos arregalados.

— Pesquisei por aí — ele explicou, afinal, com a voz estranhamente composta novamente. — Você esteve presente o tempo todo. Não sei nem onde nossa história começa. — Chegou para trás de maneira informal, com o corpo relaxando enquanto se explicava. — Não percebi de imediato. Aliás, talvez nunca tivesse percebido, se não a visse agindo com meus próprios olhos. — Varreu-a com os olhos enquanto ela se sentava, hipnotizada, ouvindo, horrorizada, o tom ameaçador daquela voz profunda.

Ela estava com dificuldades de se concentrar, de separar as palavras e a voz das reverberações que ele carregava, agudas e chiadas. Mal podia acreditar que não tinha notado antes, que não tinha reconhecido o som mais cedo, quando estava tão próximo. Como podia ter deixado passar? Mesmo que fosse surda, deveria ter notado a sensação.

Era impossível ignorar, agora. Ele, é claro, não fazia ideia.

— Jamais teria desconfiado de você, se você não tivesse estado lá naquele dia, na casa de meu parceiro, quando seu tio a levou para procurar… o quê?

Pistas? Corpos? Claro, a essa altura você já deve saber que eu tinha um parceiro. Duvido de que tenha achado que se tratava de uma coincidência o fato de eu estar na floresta quando você sofreu seu… — ele se deteve — seu acidente.

Violet achava ridículo ele chamar o ocorrido de alguma coisa além do que tinha sido. Ele tentara atacá-la e, se Jay não tivesse aparecido, era o que teria feito.

— Não foi um acidente — ouviu-se dizendo, e em sua voz havia mais convicção do que podia imaginar que teria, dadas as circunstâncias.

Ele riu de Violet.

— Foi sim, na verdade. Não foi *daquele* jeito que planejei que as coisas acabariam. Para você foi simplesmente casual que seu namorado tenha surgido naquela hora. — Em seguida acrescentou, como se estivesse se gabando: — Poderia ter matado os dois ali, mas não tinha planejado usar uma arma… — ele sorriu para ela. — E não queria testemunhas do que eu estava prestes a fazer, mesmo uma que não fosse sobreviver para contar depois. Então resolvi esperar. Queria você só para mim.

— Por quê? — Violet perguntou, apesar de já saber a resposta. Porque ela sabia demais, e ele não poderia correr o risco.

Ele não se incomodou em responder. Em vez disso, continuou a falar.

— Depois que a vi na casa de meu parceiro, apontando lugares que mais tarde seu tio mandou exumar, percebi que, de algum jeito, você sabia onde os corpos estavam enterrados. Mesmo aqueles que não eram humanos. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Sabia disso? Que encontramos animais enterrados naqueles lugares? — Ele deu de ombros. — Provavelmente já sabia — ele disse, mais para si mesmo que para ela.

E continuou:

— Fiquei curioso a seu respeito, então comecei a revirar os arquivos do caso. Descobri uma coisa interessante. Seu nome só apareceu em um lugar. *Um lugar* — ele anunciou, aparentemente espantado pela única ligação, como se esperasse mais. — Você encontrou minha pobre menina no lago. Mas sabe… — acrescentou, franzindo os olhos com a ansiedade de um caçador que mirasse a presa. E travou-os nela. — … Ela não foi a primeira das *minhas garotas* que você encontrou.

A notícia não foi uma grande surpresa; sabia sobre a menina do bosque, a que encontrara aos oito anos, e o tio já tinha dito que o outro homem confessara o assassinato. Mas, de alguma forma, imaginar que aqueles dois lunáticos caçavam juntos há tanto tempo, que aqueles assassinos psicopatas tinham se encontrado e ficado juntos por mais de oito anos, era espantoso.

A cabeça de Violet rodava.

Que loucura!, disse a si mesma.

Ele não esperou por uma resposta, e ela não respondeu. Parecia gostar de exibir a loucura. Além disso, que diferença faria se ela soubesse? Violet duvidava de que ele tivesse planejado deixá-la escapar.

— Isso mesmo — ele disse, gostando do jogo. — A garotinha que encontrou a garotinha. Claro, na época não fazia ideia de que você estivesse envolvida, e, de acordo com os registros policiais, não estava. Mas o nome registrado no caso era próximo o bastante. Um Ambrose é um Ambrose, e o nome de seu pai era um indício de que o seu deveria estar lá. — Ele se inclinou para perto de Violet como se contasse um segredo, apesar de estarem completamente sozinhos. — Eu me pergunto por que foi que ele sentiu necessidade de deixar seu nome de fora.

Violet não respondeu. Não precisava; ele não estava fazendo uma pergunta. Mas a proximidade a deixou nervosa, e ela se viu recuando para se afastar do homem.

Ele se recompôs, e sua voz assumiu novamente uma característica manipuladora.

— Eu não as matei de fato, sabe? — ele a observou, esperando pela reação.

Não tinha certeza se deveria morder a isca, mas as explicações enigmáticas estavam se esgotando. E a curiosidade era uma emoção poderosa. Ele não tinha como saber que ela podia reconhecer as mentiras que contava.

— Não acredito em você — disse secamente.

— É verdade. Ou, pelo menos, *era* verdade. Era *ele* que matava — disse, referindo-se novamente ao parceiro. — Eu encontrava e levava até ele. Era a parte que eu amava, a caça. Era a parte que *me bastava*. Depois disso, pelo menos até a hora de se livrar dos corpos, eram problema *dele*. — Ele disse, como se as garotas fossem insignificantes. E nisso Violet acreditava: para ele, pelo menos, elas eram. Suas vidas não significavam nada para aquele homem; eram meras caças, inúteis depois de capturadas.

De repente tudo fez sentido para ela, o motivo de o outro homem carregar tantos ecos, como se formassem uma colcha de retalhos que o cobria. Não parara antes para ponderar, mas se ela tivesse tido tempo de processar, pensar a respeito, teria percebido. Que aquele homem, o policial à sua frente, carregava apenas um eco chiado.

Então, de quem era o eco?

Era uma pergunta que não podia fazer.

Mas não precisou; ele respondeu assim mesmo.

— Nunca vão encontrá-la, sabe, a menina que estavam procurando na floresta. — Ele sorriu outra vez, ligeiramente, e Violet se arrepiou enquanto o examinava. — Sempre tomei muito cuidado, descartava-as em lugares diferentes, de maneiras diferentes. Nunca o mesmo local. Mas não daquela vez, não *ela*. Foi meu primeiro assassinato, e não vão pensar em procurá-la no mesmo lugar em que acharam meu parceiro, montando guarda sobre a menina McDonald. — Seu sorriso se abriu, revelando um flash de dentes brancos e brilhantes. — E também nunca vão encontrá-la, Violet.



CAPÍTULO 27

Jay estava na ponta da pista de dança, ainda segurando a bolsa de Violet, e examinando o ginásio escuro à procura da namorada. Tentou ignorar o pânico que nascia dentro dele. Alguma coisa estava errada.

E quando viu Chelsea, dançando com seu par, não conseguiu mais se conter.

Interrompeu os dois na pista. Não pareceu perceber que provocava uma pequena cena.

— Cadê a Violet? — perguntou, ignorando a expressão de choque no rosto de Chelsea.

— O que… Jay? *O que você está fazendo?* — ela perguntou, arregalando os olhos devido ao ataque súbito.

Mas Jay estava determinado demais.

— Chelsea… *cadê ela?*

Chelsea parou, momentaneamente assustada com a voz sobressaltada dele.

— Relaxa! Ela está no banheiro, ajeitando a atadura. Já vem.

Jay levantou o olhar, na direção dos banheiros, e se percebeu relaxando ao ver a quantidade de meninas que entrava e saía em grupos. Chelsea observou a reação.

— Não naquele. — Ela corrigiu a suposição de que Violet estava com a multidão. — Nós fomos naquele depois dos armários, para ficarmos a sós.

Jay sentiu o sangue congelar e dedos frios agarrarem seu coração com um pavor gelado.

— Vocês a deixaram lá? *Sozinha*?

Chelsea deu de ombros, olhando grosseiramente para o casal ao lado, que os encarava. Desviaram os olhares, envergonhados por serem pegos por Chelsea.

— E daí? — olhou novamente para Jay. — Ela já volta. Vá pegar um pouco de ponche, ou talvez algo mais forte, se for ajudá-lo a relaxar.

Jay procurou pelo local, avistando um dos policiais sem uniforme parado perto da entrada. Sua irritação com Chelsea se transformou em insistência, ao gritar-lhe ordens:

— Vá dizer àquele policial que busque ajuda. Diga onde a Violet está, e peça para chamarem o tio dela!

Chelsea ficou confusa, mas alguma coisa nos comandos enigmáticos de Jay a atingiu, deixando-a em pânico sem que soubesse por quê. Não o questionou novamente: simplesmente ignorou o par, que continuava ali parado, espantado com a conversa que acabara de testemunhar, e correu para as portas — em direção ao policial —, para pedir ajuda para a amiga.

Jay já corria na outra direção.

* * *

O homem gigantesco esticou o braço e segurou um cacho do cabelo solto de Violet, esfregando-o entre o polegar e o indicador, de forma pensativa. Em seguida, levantou os olhos, como se lamentasse genuinamente.

— Adoraria me sentar aqui e conversar com você, acredite; estou me divertindo. Mas precisamos ir. — Ele falou sombriamente, com pesar. — Está na hora.

Violet balançou a cabeça.

— Vou gritar — insistiu, sem saber ao certo o que esperava conseguir com aquela ameaça vazia.

Ele pareceu autenticamente desapontado.

— Eu quebraria seu pescoço antes que qualquer pessoa tivesse chance de reagir. Além disso, Violet — ouvir o próprio nome dito por aquela boca vil a fez se contrair visivelmente —, ninguém vai ouvir. E, mesmo que ouvissem, estou armado. — Olhou para a arma. — Tenho de me livrar de você, ou perco tudo. É tarde demais para voltar, certo?

Violet pensou nos colegas… nas amigas… em *Jay*. Como poderia permitir que alguém se machucasse, ao atrair atenção para sua… situação infeliz? *Queria* gritar, pedir ajuda, mas não poderia. Não o faria.

Levantou-se, alcançando as muletas, já se sentindo morta. Não tinha escolha.

Ele foi na frente, segurando a porta para Violet, enquanto ela passava, sem jeito. Ele estava perturbadoramente educado… e calmo. Não era mais o caçador, apenas um executor anônimo, que levava a prisioneira para a forca. Não havia perseguição, nenhuma excitação em capturá-la, pelo menos não daquela vez. Ela

tornara as coisas simples demais para ele.



CAPÍTULO 28

Os braços de Violet estavam doloridos devido ao esforço de tentar acompanhá-lo, mas se recusou a reclamar, ou a desacelerar. A mão forte e calejada do policial estava firme em sua nuca, um aviso do quanto ela era frágil, e de como seria fácil acabar com a sua vida, caso ela tentasse escapar em algum momento. Violet tinha dificuldades em imaginar como ele achava que ela poderia escapar, dado que mal podia andar, quanto mais ser mais ágil do que ele. Mas guardou para si as opiniões.

Estavam sozinhos ali, no longo corredor deserto, indo em direção às portas que levavam ao estacionamento dos professores. Ainda podia ouvir a música distante, que parecia mais longe e desaparecia rapidamente no meio dos pensamentos perturbados.

Estava preocupada, não com *se* morreria, o que parecia mais do que certo a este ponto. E apesar de Violet nunca ter tido medo da morte em si, preocupava-se com *como* iria acontecer. Rezou para que ele agisse rápido, sem fazê-la sofrer demais.

O outro pensamento que a atormentava nestes instantes finais de vida, o que incomodava mais do que morrer, era a ideia de que este monstro, este louco, iria carregar sua marca pelo resto da vida. Talvez até mais.

A mera ideia a deixava fisicamente doente, enquanto imaginava compartilhar qualquer parte da essência da própria vida com ele.

Primeiro achou que tivesse imaginado a voz que ouviu vindo da outra ponta do corredor, bem atrás deles. Mas era real demais, linda demais, para ser imaginação. Assim que seu nome foi pronunciado, e ela reconheceu quem o dissera, seus olhos começaram a lacrimejar dolorosamente.

Não pode ser ele!, pensou Violet. *Qualquer pessoa, menos ele!*

— Violet? — a voz familiar estava inteiramente confusa enquanto chamava por ela.

A mão no pescoço apertou, e Violet seguiu a dica tátil e parou. A garra em si era uma ameaça. Viraram ao mesmo tempo, os dedos insuportavelmente fortes jamais deixaram a pele macia, e já machucada, do pescoço.

Olhar para Jay era muito para ela agora. Sentiu o frágil coração partindo em milhões de cacos sem vida.

Ele disse seu nome outra vez.

— Vi? — Olhou curioso para o homem que a escoltava e visivelmente relaxou um pouco. — O que está acontecendo? Fiquei tão preocupado… Pensei que pudesse ter acontecido alguma coisa. — Esperou para que um dos dois falasse, em seguida perguntou o óbvio. — Aonde você está indo?

O silêncio permaneceu — o tipo que preenchia o vazio até que se tornasse praticamente impenetrável.

Violet queria construir uma ponte sobre a quietude, mas não achava as palavras. Pareciam alojadas sob o nó dolorido na garganta. Lutou consigo mesma para não chorar.

De repente a presença do policial não era o bastante para fazer Jay se sentir seguro. Sua postura enrijeceu, e ele deu um passo ameaçador para a frente, com a boca firme formando uma linha.

— O que está acontecendo? — soou exigente desta vez.

Violet sentiu a garra de ferro apertando-a com mais força ainda e soube o que era esperado dela. Sua mente acelerou, ao tentar pensar em alguma coisa — *qualquer coisa* — que fizesse Jay ir embora agora.

— Nós… Nós só… — detestava a maneira como estava gaguejando, ordenou a si mesma que se recompusesse. Não estava se salvando ali… estava tentando salvar Jay. Começou outra vez. — Pedi ao policial — olhou suplicante para o homem robusto ao seu lado — para me levar até a viatura, para ligar para o meu tio. Meu pai disse que me mataria se eu não desse notícias pelo menos uma vez.

Jay se manteve firme. Sabia que ela estava mentindo, e Violet queria gritar para que ele saísse de lá.

— Aqui — ele desafiou, levantando a bolsa para ela e olhando para a mão do policial na nuca da namorada. — Pode usar o seu celular.

Ela balançou a cabeça, o que não era pouco com a garra que a apertava.

— Não, tenho que usar o telefone *dele*. — Sua voz tinha assumido uma característica suplicante, e implorou com o olhar para que acreditasse no que estava dizendo. Estava perdendo a tentativa de controlar a situação e não queria que Jay se machucasse. — Por favor, Jay, volte para a festa. Eu já vou. — Suas palavras falharam, e sentiu que estava lutando para manter a compostura. Não

era hora de sucumbir.

Jay deu mais um passo calculado para a frente, e os dedos que castigavam a pele de Violet apertaram-na ainda mais. Ela franziu o rosto. Não teve a intenção, mas a dor era tão forte que foi instintivo. Não havia nada que pudesse ter feito para se conter.

Bastou isso. Aquela contração quase imperceptível da parte de Violet, e Jay avançou.

— Tire as mãos dela! — gritou, com a voz cheia de ódio.

Violet não conseguia se mover. Não conseguia respirar. Não queria isso; simplesmente queria desaparecer na noite, com este homem que sabia que poderia matá-la, e sumir silenciosamente. Para sempre.

Assim ninguém mais se machucaria.

Sentiu o pescoço indo para a frente enquanto a mão gigantesca a soltava, empurrando-a para longe. Se não fosse pelo apoio das muletas, teria caído.

Jay já estava sacudindo o punho, atingindo o homem que a prendera. O punho atingiu em cheio a mandíbula do sujeito, e a cabeça do policial foi violentamente para o lado em consequência do impacto. Violet sentiu um fio de esperança desabrochar.

E em seguida ser incinerado em chama quente.

O policial se manteve de pé, de forma quase insultante, como se nem tivesse sido atingido. Olhou com desprezo para Jay, o rosto horrivelmente encoberto com ódio pelo jovem.

— Seu babaca! Não podia deixar quieto, podia? — aproximou-se de Jay agora.

Violet sabia o que ele ia fazer. Sabia que agora, assim como ela, Jay não tinha a menor chance de sair com vida dali.

Reagiu sem pensar.

Violet viu o arco da muleta metálica movendo-se violentamente antes de bater com um estrondo na lateral da cabeça do policial. Uma ponta metálica, com um parafuso que parecia um pino, atingiu a têmpora, golpeando-o profundamente. Foi pego completamente de surpresa, e a força do golpe veio com mais peso do que ela imaginava ser possível, e observou enquanto ele cambaleava para o lado.

Viu-o atingir o chão. Tudo pareceu acontecer tão depressa, e tão lentamente, ao mesmo tempo. O olhar em seu rosto era de surpresa completa enquanto lutava para processar o que tinha acabado de acontecer a ele. O tornozelo de Violet latejava pelo esforço empregado para atingi-lo com a muleta, mas de alguma

forma ela ignorou a dor.

Não conseguiu pensar rápido o suficiente, mas Jay já a agarrava pelo braço, arrastando-a pelo corredor, em direção à festa. Mas estavam muito longe, e, a cada vez que o pé de Violet tocava o chão, uma dor horrível ia do tornozelo até o quadril, quase a incapacitando. Ele fez o melhor que podia para segurá-la, puxando-a junto consigo, com o braço amparando-a pela cintura, mas ela estava se arrastando agora… retardando-o.

Não olharam para trás.

E não chegaram muito longe antes que a dor fosse maior do que ela pudesse suportar. Ela despencou sobre ele.

— Jay, vá buscar ajuda — sussurrou, entristecida. — Você vai chegar lá muito mais depressa sem mim.

— De jeito nenhum. — Ele a levantou outra vez, arrastando-a para os braços, para poder carregá-la.

— Não, Jay — insistiu, chorando agora, e lutando para que ele a largasse. — Comigo você não vai escapar nunca. Por favor… vá!

Mas não havia resposta a ser dada… pois nenhum dos dois ia a lugar algum.

Violet sentiu um golpe potente atingir Jay por trás, e em seguida estava caindo… quase voando, pelo ar. Aterrissou com uma batida alta na cerâmica industrial do corredor vazio da escola. Os sons que ouvia ecoando das paredes ao redor eram aqueles de derrota.

Ela olhou para cima, tentando ignorar a dor horrível da perna. Mexeu-se para se virar, apesar do próprio desconforto físico, para ver o que estava acontecendo atrás.

Ouviu antes que pudesse ver.

O clique suave. O som ameaçadoramente quieto que fez sua garganta se fechar dolorosamente.

Jay, que estava deitado de bruços, também ouviu, e lentamente, cuidadosamente, rolou para cima das costas… cauteloso, para não fazer nenhum movimento brusco. Levantou as mãos cuidadosamente, com as palmas exibidas e os dedos abertos, avisando ao gigante sobre ele que estava se rendendo. Derrotado.

A arma era a única coisa que Violet conseguia enxergar agora. Era preta, e da posição em que se encontrava, parecia até um brinquedo de plástico. Mas Violet sabia. Não era um brinquedo que ele manejava com maestria. E estava apontada diretamente para Jay.

O homem que a segurava estava sangrando; fios de sangue corriam pela

lateral do rosto. Parecia sem equilíbrio e cambaleava um pouco, provavelmente em função do golpe na cabeça… mas a mira parecia perfeita. *Mortal*.

Violet só podia choramingar enquanto assistia.

— Não! *Por favor, Deus, não!* — então estava chorando. — Você não precisa dele. Ele não pode machucá-lo. Por favor… — arrastou-se para a frente, querendo bloquear Jay, mas estava se movendo devagar demais. Sentia como se estivesse progredindo em câmera lenta, como em um pesadelo em que seus pés eram pesados demais para avançar. Olhou para o sujeito e, quando viu a expressão nos olhos, percebeu que era tarde demais.

O som da arma foi como um estalo ensurdecedor, e Violet se contraiu instintivamente, fechando os olhos, cobrindo os ouvidos com as mãos ao mesmo tempo em que começava a gritar. Ouviu um segundo tiro seguir de imediato o primeiro.

Abriu os olhos por tempo o suficiente para ver sangue. Por todos os lados… sangue. E os fechou com força, sem conseguir olhar. Sabia que ainda estava gritando, mas não conseguia ouvir nada além do chiado que parecia preencher sua mente.

Mas a boca de repente se encheu com a sensação mais estranha… o gosto de dente-de-leão. Era o gosto amargamente familiar da infância, de catar ervas daninhas para fazer um buquê amarelo, e mais tarde, ao colocar o dedo na boca, sentir o gosto cáustico do leite de dente-de-leão na pele. Encolheu a língua.

Violet percebeu, enquanto era levantada do chão por mãos fortes, que o gosto não tinha nenhuma relação com flores.

Era um eco.

Um eco novo em folha.



EPÍLOGO

Violet olhou pela janela na primeira nevada da estação. Os flocos densos e fofos caíam atravessando a escuridão, e projetavam uma luz brilhante que irradiava pelo céu noturno.

Havia uma delicadeza muito reanimadora na neve recente. Era como um renascimento.

E significava que não haveria aula no dia seguinte.

Ela voltou novamente para o quarto, enquanto esticava o braço até a nuca para abrir a corrente fina que Jay lhe dera na noite da Festa de Boas-vindas. Alisou a superfície lustrosa do coração antes de guardá-la gentilmente na caixa de veludo preta em que viera, enquanto tentava, como fazia todas as noites, conter as lágrimas quentes que começavam a queimar seus olhos.

A noite da festa…

Já fazia quase dois meses, mas só de pensar Violet tremia, apesar do calor de seu quarto. Enlaçou-se num abraço e esfregou as mãos sobre a pele arrepiada.

Se fechasse os olhos, ainda veria as imagens vívidas, que para sempre ficariam em sua lembrança. Mas chegava a ser fisicamente doloroso pensar demais.

Estava segura agora, tinha que lembrar constantemente, e havia algo catártico em se lembrar daquilo a que tinha sobrevivido.

Lembrava-se com facilidade dos ruídos de armas disparando, e depois tudo parecia um borrão.

Foi o tio que a encontrou e a levantou do chão. Quando ela se conscientizou das circunstâncias, o inferno havia se instaurado.

Lembrou-se do tio explicando como tinham finalmente entendido, quase tarde demais, que um de seus oficiais era o responsável pelas mortes das meninas — e quase pela de Violet.

Encontraram um recibo no meio das provas recolhidas na casa do parceiro de crime. O recibo era de um celular pré-pago; aparentemente era assim que se comunicavam. Quando rastrearam o aparelho, ele levou diretamente ao homem que trabalhava com e para o tio de Violet havia dez anos. O GPS da viatura dele confirmou sua presença em diversas cenas de crimes… muitos dos quais desconheciam.

Mais tarde, depois que o tio disparou o tiro que matou o policial no corredor da escola, voltaram ao bosque em que tinham encontrado Hailey McDonald e descobriram Mackenzie Sherwin enterrada exatamente onde Violet disse que estaria.

Estava com o pescoço quebrado.

Mas Violet sobrevivera. Seu tio a salvara. E agora carregava em si uma nova aura, *uma nova marca*, que perturbava Violet ao ficar por perto… o gosto amargo de dente-de-leão. Mas mesmo isso estava enfraquecendo, quase mais depressa do que deveria, e Violet já conseguia ficar perto dele por períodos curtos.

Bateram à porta de seu quarto antes de abrirem-na.

Violet virou a tempo de ver Jay entrando. Seu sorriso era arteiro e imoral ao mesmo tempo. Ela praticamente pulou nos braços dele enquanto ele fechava a porta.

Ele riu por sobre a cabeça dela.

— Também senti saudades.

Ela levantou o rosto, e ele a beijou, puxando-a para perto.

— Só vim para desejar boa noite — ele disse entre beijos famintos.

— Então diga.

Ele beijou Violet novamente, e mais uma vez, mas não dizia boa noite… nem tchau.

— Boa noite — ela sussurrou, afinal, quando os lábios de Jay deixaram os seus.

Violet agradecia todos os dias o fato de aquele primeiro tiro ter atingindo Jay apenas de raspão. Agradecia que o policial ferido no corredor — o assassino — estivesse tonto demais e não tivesse conseguido atirar com precisão. E agradecia ainda mais a chegada do tio a tempo de disparar o segundo tiro… o fatal.

Jay observou Violet, e leu os pensamentos que transpareciam em seu rosto. Em seguida, sorriu e a levantou nos braços, beijando-a suavemente na testa, nas bochechas e no nariz.

— Talvez eu possa ficar um pouco mais — ele sussurrou, ao finalmente

encontrar seus lábios.

Violet sabia que tudo ficaria bem.

Jay estava a salvo. O assassino estava morto.

Ela se aninhou em Jay quando ele a recostou em seu ombro.

Tudo estava mais que bem — estava perfeito.

AGRADECIMENTOS

A meus amigos John McDonald e Bryan Jeter, por me auxiliarem com assuntos de polícia, bombeiros e resgates… Obrigada por me emprestarem alguma credibilidade. Homens de uniforme são o máximo!

A Laura Rennert, minha superincrível agente, por se arriscar comigo, apesar de eu, nervosa, ter confundido as palavras “urbano” e “rural” durante nosso primeiro encontro (de três minutos de duração).

A toda a equipe da HarperCollins, inclusive a meus incrivelmente fabulosos editores, Gretchen Hirsch e Farrin Jacobs, por me ajudarem a aprimorar o *The Body Finder* e a transformá-lo em algo que brilha. Não sou capaz de dizer quanto agradeço a sutileza *e* a paciência de vocês.

Também tenho de agradecer à minha mãe, Peggy, por sempre me dizer que eu poderia ser o que quisesse ser (você é tão mãe!).

A meu marido, por me encorajar a saltar sem uma rede de proteção. Nada disso teria acontecido sem seu incentivo sem fim. Obrigada, obrigada, obrigada…

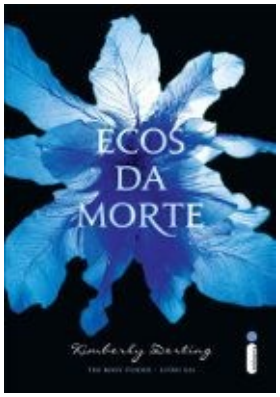
E a Amanda, Connor e Abigail… *vocês realmente podem ser o que quiserem!*

Sobre a autora



Kimberly Derting vive em Washington, nos Estados Unidos, com o marido e os três filhos. *Ecos da morte*, primeiro livro da série THE BODY FINDER, foi sua estreia literária.

Conheça os livros da autora



Ecos da morte



Desejos dos mortos